



Cultura e Extensão na USP *Reflexões e Impactos*

MARLI QUADROS LEITE (org.)



publicações
BBM



Cultura e Extensão na USP

REFLEXÕES E IMPACTOS



UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Reitor Carlos Gilberto Carlotti Junior

Vice-reitora Maria Arminda do Nascimento Arruda



PRÓ-REITORIA DE CULTURA E EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

Pró-reitora Marli Quadros Leite

Pró-reitor Adjunto Hussam El Dine Zaher



FUNDAÇÃO DE APOIO À UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Diretor Executivo Marcilio Alves

Diretora Financeira Silvia Pereira de Castro Casa Nova

Diretora Adjunta Anna Sara Shafferman



BIBLIOTECA BRASILIANA GUITA E JOSÉ MINDLIN

Diretor Alexandre Macchione Saes

Vice-diretor Hélio de Seixas Guimarães

Divulgação Eliete Viana

Assistentes de Divulgação Elena Souza e Julia Forner



PUBLICAÇÕES BBM

Editor Plinio Martins Filho

Editoras Assistentes Graciele Carnevale e Isabella Ferreira

Cultura e Extensão na USP

REFLEXÕES E IMPACTOS

ORGANIZAÇÃO

Marli Quadros Leite

publicações
BBM

Copyright © 2025 by Autores

Direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610 de 19.2.1998.

É proibida a reprodução total ou parcial sem autorização, por escrito, da editora.

Ficha catalográfica elaborada pelo Serviço de Biblioteca e Documentação da
Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin (BBM/USP)

Cultura e Extensão na USP: Reflexões e Impactos / Marli Quadros Leite
(org.). – São Paulo: Publicações BBM, 2025.

320 p. : il. ; 18 × 25,5 cm

Vários autores.

ISBN 978-65-87936-38-3

1. Universidade de São Paulo. Pró-Reitoria de Cultura e Extensão Universi-
tária. 2. Cultura – Ensino Superior – São Paulo. 3. Extensão universitária – São
Paulo. 4. Universidades públicas – Brasil. I. Leite, Marli Quadros. II. Título.

CDD 378.1

Bibliotecária: Jeanne B. Lopez, CRB-8/7268

Direitos reservados a

BBM

BIBLIOTECA BRASILIANA GUITA E JOSÉ MINDLIN

Rua da Biblioteca, 21 – CEP 05508-065

Cidade Universitária, São Paulo, SP, Brasil

E-mail: publicacoesbbm@usp.br

Tel: (11) 2648-0320 / 2648- 0852

Printed in Brazil 2025

Foi feito o depósito legal

Sumário

PREFÁCIO	7
<i>Carlos Gilberto Carlotti Junior</i>	
INTRODUÇÃO	9
<i>Marli Quadros Leite</i>	

Parte I. PRCEU: Reflexão e Impacto

1. PERFIL HISTÓRICO DA PRCEU: Aspectos (1989-2025)	19
<i>Marli Quadros Leite</i>	
2. Uma Jornada de Transformação e Impacto na Cultura e Extensão da USP	27
<i>Marli Quadros Leite</i>	

Parte II. Cultura e Formação Artística

3. CORALUSP: Um Legado Musical e Cultural da Universidade de São Paulo	89
<i>Marcia Hentschel; Elisabeth Amin; Christiane Pereira de Souza; Luciene Eliza Gallo</i>	
4. OSUSP 50 Anos: Trajetória e Papel na Universidade de São Paulo	107
<i>Cássia Carrascoza Bomfim e Fábio Cury</i>	
5. TUSP: Em Busca de um Teatro Universitário Relevante	133
<i>Luiz Fernando Ramos</i>	

Parte III. Memória, Patrimônio e Identidade

6. CPC – CASA DE DONA YAYÁ: Memória e Patrimônio 155
Flávia Brito do Nascimento e Joana Mello de Carvalho e Silva
7. BBM: Preservação, Acervo e Acesso ao Conhecimento..... 179
Alexandre Macchione Saes e Hélio de Seixas Guimarães
8. RESJE – RUÍNAS ENGENHO SÃO JORGE DOS ERASMOS: Educação Patrimonial e Reconstrução Histórica. 209
Yuri Tavares Rocha e Olga Maurício Mendonça

Parte IV. Linguagens Contemporâneas e Crítica Social

9. CINUSP PAULO EMÍLIO: Cinema, Crítica Social e Formação do Olhar . . 233
Eduardo Morettin
10. CEUMA – CENTRO UNIVERSITÁRIO MARIA ANTONIA: Arte, Cultura Crítica e Pensamento Democrático 253
Ana Claudia Veiga de Castro, Ivo Giroto e José Tavares Correia de Lira

Parte V. Difusão Científica e Tecnológica

11. PARQUE CIENTEC: Educação, Ciência e Sustentabilidade..... 279
Suzana Ursi
12. ESTAÇÃO CIÊNCIA: Educação Científica e Reativação Social..... 305
Astolfo Gomes de Mello Araujo, Mercedes Okumura e Patrícia Mourad

ENFIM... 314

Órgãos de Cultura e Extensão 315

Programas de Cultura e Extensão 317

Agradecimentos 319

Prefácio

CARLOS GILBERTO CARLOTTI JUNIOR¹

A Universidade de São Paulo tem afirmado, ao longo de sua trajetória, o compromisso com uma formação acadêmica de excelência, aliada à responsabilidade social, à inovação e à internacionalização. Entre as missões centrais que expressam esse compromisso estão a cultura e a extensão universitária – dimensões que ampliam o alcance do conhecimento produzido na Universidade e fortalecem seu papel como agente transformador da sociedade.

Este livro propõe-se não apenas a registrar as atividades da Pró-Reitoria de Cultura e Extensão Universitária (PRCEU), mas a apresentar uma análise histórica e crítica do papel que a cultura e a extensão, pela gestão da PRCEU, desempenham no plano estratégico da USP. A obra reúne reflexões conceituais, experiências práticas e trajetórias institucionais que mostram como, ao longo de mais de três décadas, a PRCEU deixou de ser apenas uma instância administrativa para consolidar-se como espaço de formulação de políticas acadêmicas e culturais. Essa trajetória, construída por diferentes gestões e equipes, foi marcada por avanços e desafios que refletem a complexidade e a riqueza de integrar o saber acadêmico às demandas culturais, sociais e educacionais da sociedade.

A atual gestão da PRCEU (2022–2025), conduzida pela Professora Marli Quadros Leite, ampliou e aprofundou essa missão. Em consonância com as diretrizes do programa *USP Viva*, as ações desenvolvidas têm priorizado a inclusão e a inovação social, o que corresponde à responsabilidade social que é dever da USP como uni-

1. Professor do Departamento de Neurologia da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FM/USP), Diretor da Divisão de Neurocirurgia do Hospital das Clínicas da FM/USP e Reitor da Universidade de São Paulo.

versidade pública que é. No campo conceitual, a gestão reafirmou a cultura como conhecimento de origens diversas – científico, artístico e comum/popular – superando visões restritas e elitistas que marcaram períodos passados. No campo prático, reposicionou tanto os órgãos de perfil marcadamente culturais (Osusp, Tusp, Coralusp, Cinusp, Ceuma, BBM, CPC e Engenho dos Erasmos) quanto os mais extensionistas (Parque CienTec e Estação Ciência), valorizando suas atividades-fim e promovendo a modernização administrativa e artística. Destacam-se, entre as ações culturais, a revitalização da Osusp, com novo modelo de financiamento, e o fortalecimento do Coralusp, cuja equipe completa – diretores, regentes, servidores e cantores – recebeu reconhecimento e apoio institucionais. A leitura deste livro mostra, vale destacar, que todos os órgãos referidos receberam da PRCEU diretrizes que os conduziram a atender da melhor maneira as demandas da sociedade.

Na extensão universitária, a gestão implementou plenamente a curricularização, incorporando práticas acadêmicas que articulam a formação universitária ao impacto social. Criou o Escritório de Valorização da Extensão (EVEX), como estratégia para aprimorar e agilizar a tramitação de cursos e residências, e recriou e operacionalizou a plataforma USPex, ambiente digital que sistematiza, divulga e gere as atividades de extensão. Cumpriu também a meta estratégica de oferecer ensino de inglês gratuito e de alta qualidade por meio do projeto English@USP, ampliando o acesso à língua inglesa para estudantes, docentes e servidores.

Os programas institucionais foram fortalecidos e ampliados: o USP 60+ alcançou grande repercussão social e visibilidade nacional; o Programa Nascente celebrou três décadas de existência com significativa participação da comunidade universitária; o USP Escola e o Encontro USP Escola foram plenamente integrados à PRCEU, ampliando as ações de formação continuada para professores do ensino público; a Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares (ITCP) consolidou-se como espaço de inovação social; e o Giro Cultural expandiu suas atividades de difusão do patrimônio científico, artístico e cultural da USP. No âmbito da internacionalização, além do English@USP, a gestão lançou a série audiovisual *Viva USP*, que teatraliza a vida universitária e introduz aspectos do português brasileiro e da cultura acadêmica, com potencial de difusão internacional.

A trajetória da PRCEU, retratada neste livro, evidencia não apenas um legado histórico, mas também a capacidade da Universidade de São Paulo de renovar seu compromisso público e de responder, com criatividade e responsabilidade, aos desafios educacionais e sociais de nosso tempo. Este trabalho coletivo é expressão da dedicação de docentes, servidores, estudantes e gestores que, ao longo do tempo, contribuíram para fazer da cultura e da extensão universitária vetores dinâmicos de formação, inovação e impacto social.

Introdução

MARLI QUADROS LEITE¹

A cultura e a extensão universitária, na Universidade de São Paulo, não constituem áreas isoladas ou complementares, mas dimensões indissociáveis de um mesmo projeto público de produção e circulação do conhecimento. Compreendidas em sua radicalidade, cultura é conhecimento – científico, artístico e comum – e extensão é o modo como esse conhecimento se torna partilhado, transformador e socialmente situado. Na USP, essa compreensão tem-se materializado por meio de órgãos que não apenas difundem saberes, mas os colocam em diálogo com a sociedade, instaurando redes vivas de escuta, criação, memória e crítica.

No âmbito da Pró-Reitoria de Cultura e Extensão Universitária (PRCEU), essa indissociabilidade se concretiza em práticas que entrelaçam arte, ciência, educação e experiência cotidiana. Quando cultura (como conteúdo) e extensão (como prática de comunicação e transformação desse conteúdo) atuam de forma integrada, os efeitos são múltiplos: ampliação de direitos, fortalecimento da cidadania e construção de sentido público para o conhecimento universitário.

Este livro, portanto, não é relatório de gestão, mera apresentação de resultados de atividades realizadas, mas é exercício coletivo de reflexão e análise crítica do gerir e fazer cultura na USP. Os textos que o compõem foram escritos pela Pró-Reitora e por diretoras e diretores dos dez órgãos vinculados à PRCEU, cada qual oferecendo leitura qualificada de sua atuação recente, com base em sua história, práticas e projeções futuras. Ao apresentar essas contribuições, este volume testemunha não apenas a diversidade de formas pelas quais a cultura e a extensão se

1. Professora do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas (DLCV) da Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH/USP) e Pró-Reitora de Cultura e Extensão Universitária.

realizam na USP mas também sua convergência em torno de princípios, tais como: direitos e deveres sociais, sustentabilidade, compromisso com a transformação social, comunicação, e consequente produção de impacto social pelo compartilhamento mútuo de conhecimento com a sociedade.

A organização dos capítulos que compõem esta obra oferece-se como uma narrativa, para que o leitor externo, ou mesmo o uspiano que não tem familiaridade com o que se apresenta, possa entender aos poucos a multiplicidade da PRCEU. Além disso, essa ordem reforça os conceitos de cultura e extensão como “redes de ação e reflexão”.

A seguir, passo a comentar, brevemente, a ideia que preside ao livro, primeiro por esclarecimentos acerca da sua divisão por partes e, depois, por breve resumo de cada um dos capítulos, com esperança de provocar no leitor a vontade de conhecer cada um deles.

A primeira parte, REFLEXÃO E IMPACTO, traz dois textos: no primeiro, Perfil Histórico da PRCEU: Aspectos (1989-2025), traço a trajetória da PRCEU ao longo dos anos, a fim de contextualizar o leitor com o tema sobre o qual o livro versa e, também, para homenagear todos os que passaram pela PRCEU e contribuíram para o seu contínuo aprimoramento. Ao longo de sua trajetória, iniciada em 1989 com a criação do CoCEX (Conselho de Cultura e Extensão Universitária), a Pró-Reitoria de Cultura e Extensão Universitária transformou-se em um dos principais vetores de inovação acadêmica e impacto social da Universidade. Suas gestões sucessivas estruturaram políticas culturais, fortaleceram a extensão universitária e culminaram com importantes avanços como a curricularização da extensão e a redefinição da cultura como conhecimento articulado às demais missões universitárias.

No segundo texto, Uma Jornada de Transformação e Impacto na Cultura e Extensão da USP, encontra-se uma análise densa e crítica da cultura e da extensão universitária, tal como ela se configurou na USP, com dimensões indissociáveis da missão pública da Universidade, desde antes da criação da Pró-Reitoria de Cultura e Extensão Universitária, em 1989. As primeiras atitudes tomadas frente à PRCEU foram estabelecer e comunicar aos interessados a diretriz de gestão baseada na ideia de equilíbrio entre cultura (como conteúdo) e extensão (como vetor), articuladas pelo conceito de conhecimento.

Esse capítulo, portanto, propõe uma leitura conceitual e histórica da cultura e da extensão universitária na USP, com ênfase na formulação de diretrizes institucionais que articulem essas dimensões sob o eixo do conhecimento. Examina-se o papel da PRCEU como estrutura responsável pela promoção do impacto social da Universidade, por meio de programas, órgãos vinculados, cursos e ações arti-

culadas em torno da formação cidadã. Destaca-se, com base em dados e normas, o avanço e os desafios do processo de curricularização da extensão, ressaltando a necessidade de consolidar práticas acadêmicas transformadoras. O texto também discute o financiamento, a avaliação e os indicadores de impacto social, propondo a cultura e seu vetor, a extensão, como eixo estruturante da USP como universidade pública contemporânea.

A segunda parte, *CULTURA E FORMAÇÃO ARTÍSTICA*, visa a revelar de que maneira a cultura como forma de conhecimento manifesta-se de modo singular nas artes. Nesse bloco, encontramos com instituições que fazem da criação artística – em sua multiplicidade sonora, cênica e coletiva – uma prática pedagógica e cidadã. Os três textos que a integram tratam de órgãos que trabalham a formação estética como parte da formação humana, transformando a Universidade em um espaço vivo de convivência, experimentação e escuta. Por tais textos, vemos como o fazer artístico e o fazer universitário se encontram, dando corpo à extensão como presença pública. Passemos, então, a apresentá-los.

No terceiro capítulo, *Coralusp: Um Legado Musical e Cultural da Universidade de São Paulo*, afirma-se a ideia de cultura como prática compartilhada – corpo sonoro da Universidade e expressão viva de sua missão pública. O texto de Marcia Hentschel, Elisabeth Amin, Christiane Pereira de Souza e Luciene Eliza Gallo abre essa parte com a força simbólica de uma prática artística que, há quase seis décadas, faz da voz coletiva um instrumento de formação, convivência e expressão social. Criado em 1967, o Coral da Universidade de São Paulo é um dos maiores do país e uma das mais longevas experiências de prática coral universitária em atividade contínua. O capítulo destaca a pluralidade de sua atuação, que articula excelência musical, inclusão e experimentação. O *Coralusp* promove o acesso democrático à música e proporciona experiência artística integradora, acolhendo estudantes, docentes, servidores e pessoas da comunidade externa. Sua pedagogia vocal alia técnica, escuta, disciplina coletiva e liberdade criativa, formando não apenas intérpretes, mas sujeitos sensíveis e colaborativos. O texto também evidencia o papel do *Coralusp* na renovação do repertório coral brasileiro e na valorização de diferentes tradições musicais, atuando como mediador entre a Universidade e a diversidade cultural da sociedade.

Em seguida, lemos o texto *Osusp 50 Anos: Trajetória e Papel na Universidade de São Paulo*, de Cássia Carrascoza Bomfim e Fábio Cury, que apresenta a *Osusp* como um dos pilares da presença artístico-musical da USP na sociedade. Com cinco décadas de trajetória, a Orquestra se consolidou como um organismo artístico-profissional vinculado à Universidade, comprometido com a excelência musical, a inovação estética e a inclusão social. O capítulo percorre a história da

Osusp desde sua fundação por Camargo Guarnieri, passando por marcos como a ampliação de seu quadro artístico, os prêmios recebidos, os ciclos de concertos interdisciplinares, a atuação durante a pandemia e as ações voltadas à diversidade e à formação de público. A Osusp é tratada como espaço de experimentação crítica e diálogo, e não como mera reprodutora de repertórios clássicos. Suas práticas combinam tradição e inovação, abrindo caminhos para o futuro da música de concerto na universidade pública. O texto é exemplar na articulação entre memória, política cultural e visão estratégica.

O capítulo dedicado ao Tusp, *Em Busca de um Teatro Universitário Relevante*, de autoria de Luiz Fernando Ramos, revela a potência do teatro universitário como linguagem crítica e forma de presença pública. O autor destaca o papel do Tusp como centro de criação, pesquisa e experimentação em artes cênicas, reafirmando sua vocação como espaço de resistência simbólica, formação artística e mobilização afetiva. Sob a atual gestão, o Tusp tem ampliado seu impacto na formação de estudantes, promovendo processos pedagógicos que articulam estética, política e subjetividade. As ações desenvolvidas fortalecem o diálogo entre universidade e sociedade por meio da circulação territorial: espetáculos, oficinas, residências e debates alcançam comunidades diversas, transformando o Tusp em um agente cultural de capilaridade e escuta. O texto evidencia como o Teatro opera na intersecção entre criação cênica e formação cidadã, mantendo vivo o compromisso da Universidade com a arte como pensamento encarnado – capaz de refletir, tensionar e reinventar o mundo.

A terceira parte do livro, *MEMÓRIA, PATRIMÔNIO E IDENTIDADE*, é constituída por textos referentes aos órgãos cuja área de atuação é o legado. A memória é também cultura, porque projeta o passado sobre o presente e exige diálogo entre tempos, saberes e formas de ocupação do espaço. Os órgãos reunidos nesse bloco lidam com acervos, edificações históricas e paisagens simbólicas, preservando não apenas objetos e documentos, mas sentidos sociais de pertencimento. São lugares de reflexão sobre a identidade institucional da USP, sobre o patrimônio cultural paulista e sobre a responsabilidade da Universidade em sua conservação e interpretação pública.

Abrindo essa seção, o capítulo dedicado ao Centro de Preservação Cultural (CPC) – Casa de Dona Yayá destaca sua atuação como espaço de investigação, preservação e mediação cultural. Sob a gestão de Flávia Brito do Nascimento, o CPC ampliou sua presença institucional e pública ao tratar o patrimônio cultural da USP não apenas como objeto de conservação, mas como campo de escuta, interpretação e ativação crítica. O texto *CPC – Casa de Dona Yayá: Memória e Patrimônio* mostra como o CPC articula pesquisa acadêmica e práticas de educação patrimonial,

promovendo exposições, concursos, ações formativas e projetos de valorização da memória institucional e dos bens culturais materiais e imateriais. Ao instaurar um diálogo entre o passado e as urgências do presente, o CPC reafirma o compromisso da USP com a preservação ativa e socialmente situada de seu patrimônio.

O capítulo BBM: Preservação, Acervo e Acesso ao Conhecimento, assinado por Alexandre Macchione Saes e Hélio de Seixas Guimarães, apresenta a Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin (BBM) como uma instituição singular no cenário universitário e cultural brasileiro, combinando excelência acadêmica, preservação patrimonial e acesso público ao conhecimento. Mais do que um acervo monumental, a BBM afirma-se como espaço de ativação da memória cultural brasileira, promovendo exposições, cursos, ações educativas e projetos editoriais que tensionam a relação entre passado e presente. O texto destaca a função da Biblioteca como mediadora entre o patrimônio bibliográfico e os desafios contemporâneos da formação cidadã e da difusão do saber. A reflexão proposta no capítulo sublinha que preservar a memória não é um gesto passivo, mas um ato cultural e político de resistência e construção coletiva. Ao tornar acessível um acervo raro e de valor inestimável – e ao articular-se com pesquisadores, professores, estudantes e o público em geral – a BBM amplia a missão da Universidade como guardiã e promotora do conhecimento em suas múltiplas formas. O texto reafirma, assim, o papel da BBM como lugar de encontro entre tempos e linguagens, uma biblioteca que lê o passado com olhos voltados para o futuro. Para lembrar José Mindlin, tudo feito com alegria!

Yuri Tavares Rocha e Olga Maurício Mendonça escreveram o texto Engenho dos Erasmos: Educação Patrimonial e Reconstrução Histórica. O capítulo situa esse importante sítio arqueológico como lugar de memória e ação educativa, articulando patrimônio material e imaterial em sua missão institucional. Localizado em Santos, o Engenho é um dos mais antigos testemunhos da arquitetura industrial colonial no Brasil, e sua preservação é um marco do compromisso da USP com a valorização do patrimônio histórico brasileiro. O texto destaca a função do Engenho como espaço de mediação cultural, onde práticas educativas e ações extensionistas promovem o diálogo entre diferentes formas de saber: acadêmicos, históricos, comunitários e territoriais. A atuação no local extrapola a conservação do sítio arqueológico e assume uma perspectiva transdisciplinar que envolve escolas, pesquisadores, moradores do entorno e visitantes.

A quarta parte do livro, LINGUAGENS CONTEMPORÂNEAS E CRÍTICA SOCIAL, revela que as linguagens do nosso tempo pedem escuta atenta, abertura ao dissenso e sensibilidade para o novo. Nesse bloco, a cultura e a extensão aparecem como formas de crítica social, ativando debates contemporâneos por meio do ci-

nema, da arte, da história e da política. São instituições que se posicionam como espaços de mediação entre universidade e sociedade, promovendo ações voltadas à reflexão, ao engajamento e à transformação do olhar.

O capítulo de autoria de Eduardo Morettin, *Cinusp: Cinema, Crítica Social e Formação do Olhar*, apresenta o Cinusp como um núcleo pulsante de pensamento audiovisual dentro da universidade pública. O cinema, aqui, é mais do que objeto de exibição: é linguagem crítica, campo de experimentação e instrumento de reflexão social. As mostras temáticas, organizadas em diálogo com questões urgentes da cultura e da sociedade, são construídas por meio de uma curadoria que articula pesquisa, pedagogia e debate público. O envolvimento de estudantes, docentes e servidores com a programação revela um modelo de extensão universitária que rompe com formatos unidirecionais de transmissão de saber, instaurando uma pedagogia do olhar e da escuta. O texto evidencia a maneira na qual o Cinusp opera como um laboratório de formação estética e política, promovendo acesso gratuito e qualificado à produção cinematográfica de diferentes contextos e épocas. Trata-se de uma ação cultural que, pela extensão, aproxima universidade e sociedade por meio da imagem em movimento – uma forma de conhecimento sensível, capaz de mobilizar afetos, produzir memória e estimular a crítica. Ao valorizar a cultura audiovisual como campo legítimo de conhecimento e intervenção, o Cinusp reafirma o papel da Universidade como espaço de liberdade criativa e pensamento comprometido com a diversidade de vozes e narrativas.

Os professores Ana Castro, Ivo Giroto e José Lira apresentam o Centro Universitário Maria Antonia (Ceuma) como um espaço de produção cultural e pensamento crítico que atua na confluência entre arte, educação e cidadania. Sua programação – composta por exposições, debates, oficinas e ações educativas – transforma o Centro em um território de experimentação intelectual e artística, voltado à escuta das urgências do presente. O texto *Arte, Cultura Crítica e Pensamento Democrático* destaca o papel do Maria Antonia como elo entre a Universidade e a vida pública, promovendo a reflexão sobre temas contemporâneos a partir de curadoria que integra saberes acadêmicos e práticas culturais diversas. Sua atuação reafirma o compromisso da USP com a formação de pensamento plural, democrático e sensível às desigualdades sociais e culturais do país. O Ceuma emerge, assim, como espaço de encontro e mediação simbólica, pelo qual a Universidade se abre ao diálogo com a sociedade por meio de múltiplas linguagens – visuais, discursivas, performativas – que desestabilizam consensos e abrem caminho para novos modos de convivência, crítica e imaginação política.

Para encerrar, o livro traz o tema da DIFUSÃO CIENTÍFICA E TECNOLÓGICA. Nesse bloco, a cultura científica aparece como linguagem de mediação entre uni-

versidade e sociedade, capaz de gerar pertencimento, despertar a curiosidade e ampliar o horizonte de direitos. A popularização da ciência, aqui, não significa simplificação, mas tradução generosa de um saber que pertence a todos. A ciência precisa estar nas ruas, nas escolas, nas conversas do dia a dia. Precisa ser compreendida como construção coletiva e como parte da vida social.

O capítulo Parque CienTec: Educação, Ciência e Sustentabilidade, de autoria de Suzana Ursi, narra um processo exemplar de revitalização institucional, que recolocou esse espaço no centro das ações de difusão científica e educação ambiental da USP. O texto destaca a potência do Parque como ambiente de formação cidadã, onde ciência e sustentabilidade se articulam de maneira prática, sensível e acessível. Por meio de atividades interativas, feiras temáticas, visitas escolares e oficinas, o CienTec oferece experiência de aprendizagem que alia experimentação e encantamento – com especial atenção aos públicos historicamente afastados da Universidade. A presença contínua de escolas públicas, o acolhimento a pessoas de diferentes faixas etárias e o estímulo à curiosidade fazem do Parque um território estratégico para a extensão universitária voltada à infância, à juventude e à formação de professores. O texto também evidencia o compromisso da atual gestão com práticas sustentáveis, a valorização da biodiversidade local e a criação de espaços que estimulam a reflexão crítica sobre as relações entre ciência, meio ambiente e sociedade. O CienTec afirma-se, assim, como uma plataforma de educação pública transformadora, onde cultura acadêmica se reencontra com a vida cotidiana.

Para finalizar, o capítulo Estação Ciência: Educação Científica e Reativação Social, de Astolfo Gomes de Mello Araújo, Mercedes Okumura e Patrícia Mourad, celebra o retorno de uma das iniciativas mais emblemáticas da USP no campo da educação científica e da popularização do conhecimento. Fechada por quase uma década, sua reabertura recente representa não apenas a recuperação de um espaço físico, mas a reafirmação de um compromisso institucional com a ciência como prática social e com a infância e juventude como sujeitos prioritários da extensão universitária. O texto destaca a reconstrução da Estação como projeto pedagógico, cultural e tecnológico, ancorado na interatividade, na acessibilidade e no estímulo à descoberta. Reintegra-se, embora em sede provisória, à USP como centro vivo de ciência, pulsante e em permanente diálogo com as escolas, famílias, comunidades e pesquisadores. A Estação Ciência retoma sua trajetória com novos recursos e novas linguagens, mas mantém sua missão original: democratizar o acesso ao conhecimento e fomentar a curiosidade científica, especialmente sobre o conhecimento da evolução humana. Encerrar o livro com esse capítulo é, portanto, um gesto de esperança – a ciência como convite à imaginação, à inves-

tigação e à transformação. A Universidade, assim, abre suas portas para o futuro, por meio da PRCEU e de seus órgãos vinculados.

Para além da descrição das atividades realizadas, os textos aqui reunidos compartilham um tom deliberadamente avaliativo e crítico. Cada diretora e diretor, ao escrever sobre seu respectivo órgão, propôs uma leitura que não apenas celebra conquistas, mas enfrenta desafios, reconhece limites e vislumbra possibilidades. Essa postura reflexiva faz do livro uma ferramenta estratégica: ele documenta um ciclo de gestão, mas, sobretudo, lança questões e propostas que podem orientar os rumos futuros da Pró-Reitoria de Cultura e Extensão Universitária. Ao assumir a cultura e a extensão como campos de disputa, invenção e responsabilidade pública, este volume afirma que o pensamento crítico é também uma forma de planejamento.

É importante reconhecer que o fazer cultural e extensionista na Universidade de São Paulo não se restringe à atuação PRCEU. A principal fonte de produção de cultura e de ações extensionistas está nas Unidades de Ensino, nos Museus, nos Institutos Especializados e nos Centros de Pesquisa, que, de forma autônoma e conectada a suas áreas de conhecimento, desenvolvem projetos que articulam ciência, arte, saberes comuns e responsabilidade social. À PRCEU cabe a função de coordenar esse sistema complexo por meio da definição de diretrizes, da interlocução com os presidentes das Comissões de Cultura e Extensão, da organização de programas integradores, da promoção de eventos de grande alcance e do fomento a atividades por meio de chamadas e editais. A atuação da Pró-Reitoria, portanto, tem caráter articulador, indutor e estratégico, assegurando que a extensão universitária e a cultura estejam no centro da missão pública da USP.

Reunidos, esses capítulos não apenas revelam as ações realizadas pelos órgãos da PRCEU, mas nos convidam a repensar o que é, afinal, a cultura, a extensão e a missão da universidade pública. Em tempos de incerteza, defender a cultura e a extensão como funções indissociáveis da formação acadêmica é também afirmar a Universidade como lugar de diálogo e transformação da sociedade. Que este livro contribua para a continuidade crítica do trabalho coletivo aqui apresentado, fortalecendo os laços entre cultura e sua prática social.

PARTE I

PRCEU: Reflexão e Impacto

CAPÍTULO 1

Perfil Histórico da PRCEU: Aspectos (1989-2025)

MARLI QUADROS LEITE

A criação da Pró-Reitoria de Cultura e Extensão Universitária da Universidade de São Paulo (PRCEU), formalizada no dia 4 de abril de 1989, marcou um ponto de inflexão na história da instituição. A ata inaugural do Conselho de Cultura e Extensão Universitária (CoCEX) foi presidida por Ruy Laurenti – primeiro Pró-Reitor de Cultura e Extensão Universitária e contou com a presença do magnífico Reitor José Goldemberg. A solenidade registrou a transição da antiga Coordenadoria de Atividades Culturais para o estatuto de Pró-Reitoria, que passou a ter atuação institucional ampla e transversal.

Ficou, então, constituído o Conselho de Cultura e Extensão Universitária (CoCEX), marco inaugural da atual Pró-Reitoria de Cultura e Extensão Universitária (PRCEU). A sessão reuniu representantes de todas as Unidades de Ensino e de diversos institutos e faculdades, que passaram a integrar o novo Conselho.

Na ocasião, enfatizou-se a importância da cultura e da extensão como dimensões estratégicas para a Universidade, reforçando a necessidade de estrutura autônoma para coordenar, registrar, articular e avaliar essas atividades. Foi apontada a dispersão até então existente na condução dessas ações, motivando a criação de um órgão centralizado que representasse todas as Unidades e instituições especiais. Debates destacaram o papel do CoCEX não apenas como instância administrativa, mas também como espaço de formulação de políticas públicas e de fortalecimento do vínculo entre universidade e sociedade.

A ata também registra que o Conselho se dedicaria inicialmente ao mapeamento e à organização das atividades de extensão já em curso, visando à construção de um catálogo unificado e à elaboração de política institucional sistemática.

Foi proposto, ainda, o desenvolvimento de um regimento interno e de diretrizes comuns, a serem futuramente submetidas ao Conselho Universitário. A criação da PRCEU foi considerada um dos marcos estatutários mais relevantes da época, sinalizando a ampliação da missão universitária para além do ensino e da pesquisa.

Desde sua origem, a PRCEU foi concebida como instância articuladora entre a Universidade e a sociedade, pelo cumprimento da missão de difundir o conhecimento produzido pela USP, bem como de produzir atividades culturais e gerir as atividades de cultura e extensão universitária, em suas múltiplas formas de inserção social e diálogo com a sociedade.

Essa concepção foi reiterada em sucessivas gestões, ainda que com ênfases distintas. Sob a liderança do Professor Doutor Ruy Laurenti (1989-1990), a PRCEU assumiu seu papel fundacional. Seu sucessor, Professor João Alexandre Costa Barbosa (1990-1993), aprofundou a regulamentação das ações extensionistas. A gestão do Professor Jacques Marcovitch (1993-1997) foi decisiva na consolidação da visão da cultura como vetor estratégico da Universidade, vinculado à presença social.

Com o tempo, a PRCEU tornou-se guardiã de órgãos culturais relevantes, que hoje contam dez – Cinusp, Tusp, Coralusp, Osusp, BBM, Ceuma, CPC, Estação Ciência, Parque CienTec, Ruínas Engenho São Jorge dos Erasmos –, consolidando-se como catalisadora da produção cultural e como promotora de políticas de extensão.

O texto da Professora Maria Arminda do Nascimento Arruda, publicado no relatório de atividades realizadas quando de sua gestão à frente da PRCEU, por duas vezes, entre 2010 e 2015, oferece leitura densa e reflexiva dessa trajetória. Nele, observa-se a compreensão da cultura e da extensão como “pares unidos, harmônicos e indissociáveis”, ainda que marcados por tensão estrutural: enquanto a cultura evoca sentido e identidade, a extensão exige ação, agilidade e articulação para atender a demandas sociais concretas.

A partir dessa perspectiva, a PRCEU afirma-se como responsável por sustentar uma política institucional capaz de resistir à mercantilização da cultura e de oferecer à sociedade acesso efetivo aos saberes produzidos pela Universidade e de se beneficiar de troca transformadora com a sociedade. Nas palavras da autora, cabe à PRCEU “instalar na USP a cultura política do repensar permanente e sistemático dos grandes temas nacionais”.

Essa vocação crítica e propositiva atingiu novo fôlego nos anos recentes. A nossa gestão, iniciada em 2022, reafirma o compromisso com a cultura como conhecimento em sentido amplo – científico, artístico e comum – e teve o desafio de projetar e implantar a *curricularização da extensão*, de valorizar os órgãos vinculados e de reafirmar e manter vivos e ativos os laços entre a USP e a sociedade.

Ao longo de suas mais de três décadas de existência, a PRCEU consolidou-se como uma instância estratégica que articula os saberes acadêmicos com as demandas e os desafios sociais e culturais contemporâneos. Longe de limitar-se à gestão de atividades culturais e de extensão, sua trajetória refletiu o amadurecimento do entendimento institucional de que a cultura e a extensão não são complementos ao ensino e à pesquisa, mas dimensões essenciais de uma universidade pública comprometida com a formação crítica e com o serviço à sociedade. Essa construção histórica, marcada por concepções diversas e pela adaptação a contextos políticos, educacionais e culturais em constante transformação, permitiu que a PRCEU não apenas administrasse programas e projetos, mas também formulasse princípios, orientações e práticas que ampliaram o alcance e a relevância social da USP. A seguir, apresenta-se o percurso das gestões que, em sua diversidade de enfoques e prioridades, contribuíram para consolidar essa missão ampliada da Pró-Reitoria de Cultura e Extensão Universitária.

PRÓ-REITORES DE CULTURA E EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA DA USP – BREVE RESUMO DE GESTÃO (1989–2025)

Professor Ruy Laurenti (março de 1989 a janeiro de 1990)

Durante sua gestão inaugural, o Professor Ruy Laurenti estruturou as bases institucionais da recém-criada Pró-Reitoria de Cultura e Extensão Universitária. Atuando em condições precárias, com pouca estrutura física e funcional, organizou o primeiro Conselho de Cultura e Extensão Universitária (CoCEX) e iniciou a sistematização das atividades extensionistas na USP. Defendeu a integração entre cultura, extensão, ensino e pesquisa, buscando dar visibilidade e reconhecimento acadêmico às ações culturais e de extensão.

Professor João Alexandre Costa Barbosa (março de 1990 a agosto de 1993)

Durante sua gestão, o Professor João Alexandre Costa Barbosa consolidou políticas inovadoras que articularam cultura, extensão e inclusão social. Criou o programa Nascente, destinado a identificar e premiar talentos artísticos da comunidade uspiana, e instituiu a Universidade Aberta à Terceira Idade, projeto pioneiro que ampliou o acesso da população idosa à USP. Fortaleceu os órgãos culturais da PRCEU, promoveu a interdisciplinaridade e a participação ativa de estudantes e docentes.

Professor Sebastião Timo Iaria (agosto a dezembro de 1993)

O Professor Sebastião Timo Iaria aprofundou a concepção da extensão universitária como prática educativa transformadora. Fortaleceu as atividades culturais e ampliou a presença da extensão nos cursos de graduação, promovendo ações que anteciparam os princípios da curricularização da extensão. Incentivou projetos de inclusão social e estreitou os laços entre universidade e sociedade.

Professor Jacques Marcovitch (dezembro de 1993 a novembro de 1997)

O Professor Jacques Marcovitch desenvolveu uma gestão marcada pela institucionalização e conceituação estratégica da cultura e extensão universitária. Estabeleceu uma base conceitual sólida, promoveu a descentralização das práticas extensionistas e criou a Semana dos Museus e a Semana de Arte e Cultura. Institucionalizou o Fundo de Cultura e Extensão Universitária, regulamentou a Coordenação dos Museus e reforçou a integração entre cultura, extensão, ensino e pesquisa.

Professor Moacyr da Silva (novembro a dezembro de 1997)

Com forte atuação extensionista desde seus tempos de estudante e docente, o Professor Moacyr da Silva assumiu a PRCEU em caráter *pro tempore* após a saída do Professor Jacques Marcovitch para a Reitoria. Mesmo em curtíssimo período, deu continuidade ao processo de valorização da extensão e defendeu sua inclusão nos critérios de progressão docente. Reforçou a importância da visibilidade institucional das ações de cultura e extensão e manteve interlocução ativa com órgãos públicos e acadêmicos.

Professor Adilson Avansi de Abreu (dezembro de 1997 a novembro 2005)

Em duas gestões consecutivas, o Professor Adilson Avansi de Abreu estruturou jurídica e administrativamente a cultura e extensão na USP. Regulamentou o primeiro Regimento Geral de Cultura e Extensão, informatizou a gestão com o sistema Apolo e fortaleceu os órgãos culturais e científicos. Criou o Centro de Preservação Cultural e institucionalizou novos órgãos, além de consolidar programas como a Universidade Aberta à Terceira Idade e o Projeto Nascente.

Professor Sedi Hirano (dezembro de 2005 a dezembro de 2007)

O Professor Sedi Hirano defendeu a democratização do conhecimento e integrou ciência e cultura como patrimônio público. Estruturou regimentos para a Osusp, Tusp e Coralusp, propôs a revisão estatutária para reconhecimento formal da extensão como atividade acadêmica e promoveu debates acadêmicos e científicos. Ampliou o fomento a projetos e reforçou a comunicação institucional da PRCEU.

Professor Ruy Alberto Corrêa Altafim (dezembro de 2007 a dezembro de 2009)

A gestão do Professor Ruy Alberto Corrêa Altafim foi marcada pela modernização da gestão cultural e extensionista, com informatização de processos e criação do programa Selene. Implantou o projeto Caminhos da Cultura, criou o programa Aprender com Cultura e Extensão e fortaleceu a integração dos órgãos da PRCEU. Valorizou a inclusão social, a sustentabilidade e a comunicação institucional, ampliando o alcance e a relevância da extensão universitária.

Professora Maria Arminda do Nascimento Arruda (fevereiro de 2010 a fevereiro de 2016)

A gestão da Professora Maria Arminda do Nascimento Arruda foi marcada pelo fortalecimento da integração entre cultura, extensão, ensino e pesquisa, com ênfase na democratização do conhecimento e na promoção da diversidade cultural. Consolidou programas existentes, incentivou novas iniciativas voltadas à inclusão social e defendeu a extensão universitária como prática formativa e transformadora. Posteriormente, exerceu a direção da FFLCH e, desde 2022, é Vice-Reitora da USP.

Professor Marcelo de Andrade Roméro (março de 2016 a janeiro de 2018)

O Professor Marcelo de Andrade Roméro promoveu iniciativas que integraram cultura, meio ambiente e tecnologia, incentivando projetos interdisciplinares e ampliando o alcance social das atividades extensionistas. Valorizou práticas sustentáveis e propôs ações que dialogassem com as transformações contemporâneas no campo cultural e acadêmico.

Professora Maria Aparecida de Andrade Moreira Machado (janeiro de 2018 a janeiro de 2022)

A Professora Maria Aparecida de Andrade Moreira Machado priorizou a interiorização das ações extensionistas e o fortalecimento da presença da universidade nos diferentes *campi* da USP. Sua gestão ampliou as atividades na área da saúde e apoiou a implementação do curso de Medicina em Bauru, promovendo uma extensão com forte compromisso social e impacto acadêmico.

Professora Marli Quadros Leite (fevereiro de 2022 até a atualidade)

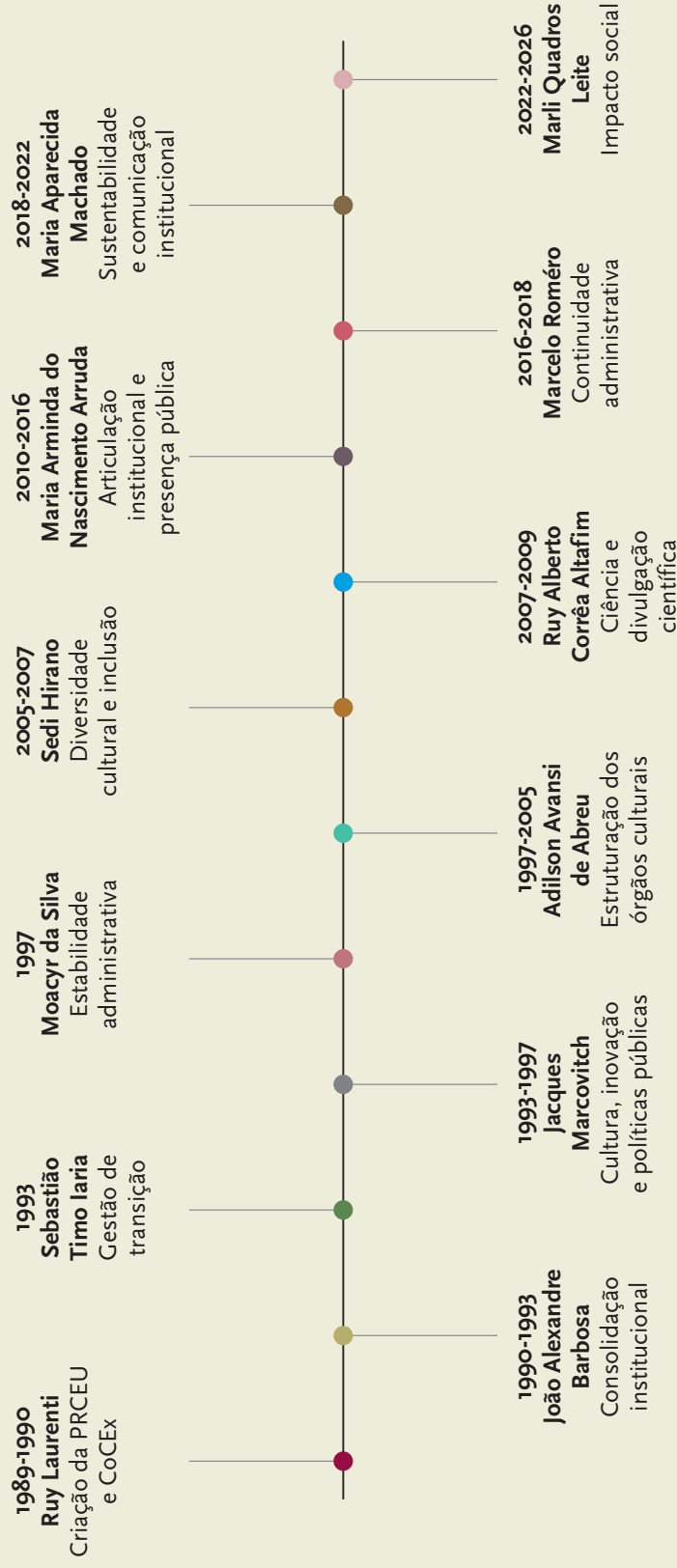
A gestão da Professora Marli Quadros Leite (2022 - 2025) caracterizou-se pelo aprofundamento conceitual do papel da cultura e da extensão universitária na USP, compreendidas como instrumentos estratégicos para responder a demandas sociais e gerar benefícios de impacto acadêmico e público. Um dos principais mar-

cos foi a implementação plena da curricularização da extensão, acompanhada da criação do Escritório de Valorização da Extensão (Evex), que reestruturou e dinamizou os processos de aprovação de cursos e residências. Sua gestão também desenvolveu o curso English@USP, idealizado como uma meta institucional de oferecer ensino de inglês gratuito e de alta qualidade para estudantes, docentes e servidores, em parceria com o Professor Daniel Ferraz (FFLCH/DLM). Outro destaque foi a execução da plataforma USPEX, concebida em gestão anterior, mas plenamente implementada e operacionalizada entre 2022 e 2025.

No campo cultural, reposicionou os órgãos vinculados para fortalecerem suas atividades-fim, com destaque para a modernização administrativa da Osusp, a reestruturação do CPC e a consolidação do papel artístico e social do Coralusp, cuja equipe recebeu atenção especial. Os programas tradicionais também foram fortalecidos, como o USP 60+, que alcançou grande visibilidade nacional com um episódio do *Globo Repórter*, o programa Nascente, que celebrou seus trinta anos em 2023 com a participação especial da Professora Ana Mae Barbosa e sua família, e o USP Escola, integrado à PRCEU em 2023, promovendo formação continuada para professores do ensino público. A gestão priorizou ainda a modernização da comunicação institucional e o fortalecimento das políticas de fomento, consolidando a PRCEU como um vetor de inovação, inclusão social e valorização da cultura em múltiplas dimensões.

A história da Pró-Reitoria de Cultura e Extensão Universitária da USP demonstra que seu papel ultrapassou, desde cedo, as funções administrativas tradicionais atribuídas às estruturas de gestão universitária. A PRCEU constituiu-se como um espaço institucional de formulação de políticas que promovem a circulação e o intercâmbio de saberes acadêmicos, artísticos e populares, a mediação entre a Universidade e múltiplos públicos, e a valorização da inovação pedagógica como meio de ampliar o impacto formativo e social da Universidade. Por meio de seus programas, órgãos culturais e ações extensionistas, tornou-se responsável por incluir segmentos sociais historicamente afastados dos espaços acadêmicos, por atender a demandas emergentes da sociedade e por oferecer oportunidades de formação que extrapolam as fronteiras disciplinares. Ao reconhecer e fomentar a diversidade de saberes e de públicos, a PRCEU contribuiu para que a USP expandisse sua função social, não apenas transmitindo conhecimentos, mas também participando ativamente da construção de soluções para os desafios educacionais, culturais e sociais do país. Sua trajetória atesta a importância da cultura e da extensão universitária como componentes dinâmicos do projeto acadêmico, capazes de renovar sua missão pública e reforçar sua responsabilidade social em contextos nacionais e internacionais cada vez mais complexos.

Linha do Tempo – Gestões da PRCEU (1989-2025)



Este perfil histórico da Pró-Reitoria de Cultura e Extensão Universitária da USP não seria completo sem o reconhecimento de todas as pessoas que, ao longo de mais de três décadas, contribuíram para a consolidação e o fortalecimento da cultura e da extensão universitária como dimensões centrais da missão pública da Universidade. Pró-Reitores, Suplentes e, mais tarde, Pró-Reitores Adjuntos, servidores técnico-administrativos, docentes, estudantes e colaboradores externos dedicaram-se, cada qual a seu modo, à complexa tarefa de articular os saberes acadêmicos às demandas da sociedade. Independentemente de suas visões pessoais, desafios enfrentados ou contextos políticos, todos compartilharam a disposição de colocar o interesse público acima de interesses individuais e de trabalhar pelo ideal de uma universidade pública aberta, crítica e socialmente comprometida. A PRCEU é, em grande medida, o resultado desse esforço coletivo, que ultrapassa gestões e ciclos administrativos e que deixa, em cada etapa, marcas permanentes no percurso da Universidade de São Paulo.

CAPÍTULO 2

Uma Jornada de Transformação e Impacto na Cultura e Extensão da USP

MARLI QUADROS LEITE

As pessoas atualmente pensam que os cientistas existem para instruí-las e os poetas, músicos etc. para lhes dar prazer. A ideia de que estes últimos têm algo para lhes ensinar não lhes ocorre.

LUDWIG WITTGENSTEIN (1940)

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A epígrafe posta neste texto é a mesma constante no Plano de Gestão 2022-2026, para ser desenvolvido durante nossa gestão frente à Pró-Reitoria de Cultura e Extensão Universitária da Universidade de São Paulo. O aforismo de Wittgenstein resume a diretriz adotada e praticada pela atual gestão, o que implicou considerar cultura um termo que envelopa o sentido de conhecimento como aquele proveniente de diversa origem: científica, artística e comum (dita popular). No senso comum, como é de praxe, a palavra conhecimento tem fonte quase exclusiva na ciência, e tudo o que se produz fora da pesquisa científica é referido, simplesmente, como cultura. Nesse caso, o que cabe no bojo do que se admite como cultura é a arte, os costumes sociais, especialmente de grupos sociais especificamente qualificados, tais como: cultura brasileira, cultura indígena, cultura popular etc. O que pensamos, todavia, para o caso específico da condução da Pró-Reitoria não se resume a tal conceito.

Tínhamos, portanto, um problema a ser equacionado: qual seria o domínio de objetos com os quais operaríamos? Com que sistema *de objetos*¹ operaríamos, estando como gestores de instituição cujo escopo era, já, bipartido? De um lado, “cultura” e, de outro, “extensão” – que, em sua definição comum, se apresentavam como campos distintos ou até divergentes. À primeira vista, assim entendidos, parecia que deveríamos conduzir duas instituições separadas, pois seus fundamentos não seriam compatíveis. A equação não foi difícil de ser resolvida, pois logo encontramos a variável que equilibra os dois termos: conhecimento. Assim, entre os dois, cultura e extensão, o termo comum é conhecimento, o que pode ser assim representado:

$$\text{CULTURA (conteúdo)} + \text{EXTENSÃO (disseminação de conteúdo e experiências)} \\ = \text{IMPACTO NA SOCIEDADE (transformação e troca de saberes).}$$

Desdobrando os termos da equação, diríamos que a cultura é o núcleo que agrega conhecimento científico, artístico e comum. É ela que dá forma, significado e substância ao que será compartilhado. A extensão, por si só, é um vetor vazio – ela exige conteúdo. É a cultura que fornece esse conteúdo, seja ele científico, artístico ou popular. Assim, toda extensão pressupõe a disseminação ou troca de algum tipo de cultura.

Conceitualmente, a extensão é o meio pelo qual a cultura se expande. Sem a cultura, ela não tem substância; é um vetor que precisa de um conteúdo para ganhar propósito. É por meio da extensão que o conhecimento cultural chega à sociedade, ultrapassando os limites da Universidade e gerando impacto na sociedade como resultado das ações por meio dela desenvolvidas, razão pela qual vem qualificada como “extensão universitária”. Quando a cultura e a extensão estão equilibradas, o resultado é a transformação social. Isso pode acontecer com práticas educativas, projetos artísticos, ações de conscientização e outras formas de troca de saberes.

Para que nosso discurso, pregado ao longo dessa gestão, seja definitivamente compreendido, mostraremos como representar o referido equilíbrio. Para que a equação funcione, cultura e extensão precisam estar em harmonia: I. a cultura deve ser sólida e diversa, para que aquilo que for objeto da disseminação por troca seja significativo; II. a extensão deve ser bem estruturada e ativa, para que o conhecimento cultural atinja a quem é destinado, o público, a sociedade. Se pensarmos em uma fórmula mais específica, tudo isso poderá ser assim representado:

1. No sentido como Auroux os define, ou seja, como “uma *representação* construída a partir de um domínio de objetos” (Sylvain Auroux, *A Questão da Origem das Línguas Seguido de A Historicidade das Ciências*, trad. Mariângela Joanelho, Campinas, SP, RG, 2008, grifo nosso).

$$\text{CULTURA (Ciência + Arte + Saberes Comuns)} \times \text{EXTENSÃO} \\ (\text{Ação + Comunicação}) = \text{TRANSFORMAÇÃO SOCIAL.}$$

Note-se que o sinal de multiplicação utilizado na equação sinaliza que a extensão potencializa a cultura e que o resultado disso é a transformação social proporcional ao equilíbrio entre os dois fatores.

Princípios, Diretrizes e Objetivos da PRCEU

Durante esses anos de gestão, partimos do princípio mais geral para nos guiar, qual seja, que a cultura e sua contraparte, a extensão, são atributos da educação e, como tais, são direitos sociais, conforme prevê o art. 6º da Constituição da República Federativa do Brasil, de 1988. Assim, outros princípios podem ser citados, dentre os quais:

- Equilíbrio entre cultura e extensão, eixo central de integração, sendo a cultura entendida como conhecimento em suas dimensões artística, científica e comum, e sua disseminação e troca com entes sociais.
- Promoção de práticas que incentivem e fortaleçam o respeito por todas as formas de diversidade cultural.
- Estímulo à interdisciplinaridade, ao intercâmbio de saberes entre diferentes áreas do conhecimento e à colaboração com a sociedade.
- Impacto social baseado na inovação e transformação do conhecimento, por meio de ações concretas que beneficiem a população.
- Criação de estratégias de divulgação para aprimorar a comunicação das ações de cultura e extensão universitária.
- Valorização das atividades de extensão universitária na progressão de carreira de docentes e servidores técnico-administrativos.
- Alinhamento das ações aos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), promovendo impacto social e ambiental positivo.

As diretrizes seguidas pela PRCEU são as seguintes:

- Sintonia com o projeto da gestão reitoral, de modo a expandi-lo adequadamente, no sentido de atender às demandas internas à Universidade e, na medida das possibilidades da PRCEU, também às externas.
- Propostas de atividades que permitam aplicar os conhecimentos teóricos e práticos gerados na USP – em todas as áreas do saber – em diálogo direto

com a sociedade. Nosso objetivo é, ao mesmo tempo, promover bem-estar social e criar condições reais de transformação positiva na vida das pessoas.

- Promoção de atividades e cursos que capacitem e ampliem as competências de profissionais especializados.
- Orientação das ações de cultura e extensão em consonância com os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável.
- Preparação de feiras (como a Feira das Profissões anualmente realizada – primeiro no modelo presencial, depois, no virtual) e pelas quais a sociedade interaja com docentes, estudantes e servidores das universidades, a fim de estabelecer troca profícua com todos os intercomunicadores.
- Desenvolvimento de projetos e programas em parceria com outras instituições e agentes sociais.

Partindo desses princípios e guiados por tais diretrizes, os objetivos essenciais da PRCEU podem ser assim resumidos:

- Compartilhar com a sociedade o conhecimento produzido pela USP nas suas diversas áreas do saber.
- Promover o acesso à cultura (arte e ciência), à comunidade interna e externa, por meio de atividades realizadas em todos os seus *campi*.
- Desenvolver atividades de formação continuada, como cursos, oficinas, palestras e eventos.
- Estabelecer parcerias com instituições públicas, privadas e a sociedade organizada.
- Estimular a participação ativa de alunos, docentes e servidores técnico-administrativos em projetos culturais de extensão.
- Implementar, consolidar e avaliar a curricularização das atividades de extensão universitária (AEX) em todas as Unidades de Ensino e Órgãos vinculados à PRCEU, assim como os de integração, tais como Institutos Especializados da Universidade.
- Adotar estratégias de comunicação e divulgação para ampliar o impacto das atividades culturais de extensão junto à sociedade.
- Alinhar as atividades de cultura e extensão aos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS).
- Monitorar e avaliar o impacto social das atividades culturais de extensão.
- Promover a interação de egressos da USP em projetos integrados de cultura, extensão e pesquisa.

- Propor às instâncias competentes meios e métodos para proceder-se à valorização das atividades de extensão nas carreiras de docentes e servidores.
- Atender às demandas dos programas extensionistas.
- Oferecer as melhores condições para funcionamento dos órgãos vinculados da Pró-Reitoria.

Esse conjunto (de princípios, diretrizes e objetivos), organiza um modelo abrangente, moderno e integrado de cultura e extensão universitária, alinhado às melhores práticas nacionais e internacionais. Ao promover a interação entre a Universidade e a sociedade, incentivar a interdisciplinaridade e valorizar a diversidade cultural, a PRCEU fortalece o papel da Universidade como promotora de desenvolvimento social, cultural e científico. Tais diretrizes e objetivos exigem engajamento contínuo de toda a comunidade universitária e da colaboração com parceiros externos, para que se possa alcançar a meta de construirmos, a longo prazo, uma sociedade mais justa e equitativa.

APRESENTAÇÃO DA PRÓ-REITORIA DE CULTURA E EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA (PRCEU)

Quando, em fevereiro de 2022, assumimos a gestão da Pró-Reitoria de Cultura e Extensão Universitária (PRCEU) da Universidade de São Paulo, encontramos-nos diante de um cenário singular. O contexto de pandemia da Covid-19 não apenas redesenhava o cotidiano acadêmico e social, como também impunha obstáculos concretos à transmissão de informações, à continuidade de projetos e à integração da nova equipe gestora com a estrutura então vigente.

Diante desse quadro, o conhecimento da organização administrativa e operacional da PRCEU se deu de forma gradual, em meio a enormes desafios. Era necessário compreender, ao mesmo tempo, o funcionamento interno, as rotinas de trabalho dos servidores, a rede de programas e projetos em andamento, bem como o papel estratégico da PRCEU na promoção da cultura, da extensão universitária e do diálogo com a sociedade.

Desde sua criação, a PRCEU é responsável por articular duas dimensões centrais da missão pública da USP: cultura e extensão. Cultura compreende a produção, preservação e circulação dos saberes científicos, artísticos e comuns. Extensão é entendida como prática acadêmica transformadora, que constrói pontes entre o conhecimento universitário e as necessidades sociais.

Nessa perspectiva, a PRCEU atua como “Fábrica USP de Cultura”, conceito que evoca não apenas a produção, mas também a disseminação e a recriação contínua do conhecimento. Cada ação, programa ou atividade promovida pela PRCEU reafirma o compromisso de utilizar o conhecimento como instrumento de transformação social e de construção de cidadania.

Estrutura e Abrangência da PRCEU

A complexidade administrativa da Pró-Reitoria reflete a amplitude de sua missão. A PRCEU é composta pelas seguintes instâncias:

- Conselho de Cultura e Extensão (CoCEX).
- Pró-Reitoria, integrada pela pró-reitora e pelo pró-reitor adjunto, nesta gestão.
- Gabinete, que abriga quatro divisões: Divisão Acadêmica, Divisão de Ação Cultural, Divisão Financeira e Divisão de Comunicação Institucional.
- Câmaras Assessoras organizadas em três frentes: Câmara de Cursos, Câmara de Ação Cultural e Câmara de Formação Profissional.

Sob sua administração central estão ainda dez órgãos de cultura e extensão, cada qual com sua equipe gestora, mas todos integrados à política geral da Pró-Reitoria. Esses órgãos configuram uma verdadeira rede cultural e científica que se estende por diversos pontos da capital paulista e, em um caso especial, até o litoral, na cidade de Santos.

Além dessa estrutura permanente, a PRCEU coordena importantes programas universitários voltados para públicos diversos: USP 60+, Encontro Escola, Feira USP e as Profissões, USP Aproxima Escola, USP.comvc, Giro Cultural USP, entre outros.

Em todos esses programas, a meta é tornar o conhecimento universitário mais acessível, promover a formação cidadã e estimular a interação transformadora entre a USP e a sociedade.

Vale, ainda, ressaltar que fica sob a responsabilidade da Pró-Reitoria estimular, fomentar e fazer gestão administrativo-burocrática da cultura e extensão da USP, praticada em todos os seus *campi*.

Diretrizes da Gestão aos Órgãos de Cultura/Arte na Gestão 2022–2026

Em consonância com a concepção ampliada de cultura adotada pela atual gestão da Pró-Reitoria de Cultura e Extensão Universitária (PRCEU) – que articula

ciência, arte e saber comum –, especial atenção foi dada ao fortalecimento dos órgãos voltados à cultura artística. Entre eles, merece destaque a revitalização da Orquestra Sinfônica da Universidade de São Paulo (Osusp), projeto que simboliza a integração entre arte, ciência e formação cidadã. Passo, em seguida, a tecer breves comentários sobre as diretrizes que demos aos gestores diretos desses órgãos vinculados à PRCEU.

BBM – Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin

Durante a gestão atual, a Pró-Reitoria de Cultura e Extensão Universitária da USP orientou a Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin a ampliar sua integração com os estudantes da Universidade, promovendo programação especial de visitas guiadas às obras raras e aos espaços emblemáticos do edifício, hoje oferecida de forma regular. A BBM também ampliou sua atuação junto ao público externo. Promoveu eventos voltados à divulgação de seu acervo e incentivou debates acadêmicos nas áreas de literatura, história e temas correlatos. Entre as inovações, destaca-se a série de encontros com escritores contemporâneos, que, além de apresentarem suas obras, estabelecem diálogo direto com o público sobre literatura e criação artística. A série BBM no Vestibular, voltada a estudantes do ensino médio, tornou-se um sucesso. Com atividades presenciais e transmissões *on-line*, ampliou o alcance da Biblioteca e reafirmou seu papel como espaço de cultura, formação e democratização do conhecimento.

CPC – Centro de Preservação Cultural – Casa de Dona Yayá

Logo no início da gestão, a Pró-Reitoria orientou a equipe do CPC a colocar como eixo central o fortalecimento da atividade-fim do órgão: a preservação do patrimônio cultural da USP. Nesse contexto, foram intensificadas ações como a produção de roteiros sobre o patrimônio arquitetônico da USP, hoje disponíveis nas redes sociais. Também se avançou na valorização do patrimônio imaterial, com a elaboração de um dossiê de registro em fase de consulta pública. Assim, o CPC reafirmou sua vocação como referência em preservação e difusão do patrimônio universitário.

Ceuma – Centro Universitário Maria Antonia

A gestão atual reforçou a vocação histórica do Centro Universitário Maria Antonia como espaço de resistência cultural e política. Paralelamente, promoveu sua abertura a novos públicos, ampliando o alcance e a diversidade de sua atuação. Orientado a se aproximar de grupos e comunidades de cultura popular, o Ceuma diversificou sua programação, integrando expressões artísticas tradicionais e contemporâneas. Esse movimento, que amplia o perfil do público atendido, não su-

primiu, mas complementou a marca identitária do Maria Antonia como local de reflexão crítica e liberdade de expressão. Merece destaque, também, a seleção de atividades do Ceuma para integrar oficialmente as comemorações do Ano do Brasil na França, em ação que projetou internacionalmente o trabalho cultural desenvolvido sob a orientação da Pró-Reitoria.

Cinusp – Cinema da USP

Durante a gestão atual, a Pró-Reitoria de Cultura e Extensão Universitária da USP fortaleceu o papel do Cinema da USP como espaço de formação cultural, crítica e acadêmica da comunidade universitária. Buscou-se incentivar mostras cinematográficas instigantes, com ênfase especial no envolvimento dos estudantes. Bolsistas do Programa Unificado de Bolsas (PUB) e estagiários passaram a atuar ativamente na curadoria das mostras do Cinusp. Essa prática consolidou uma metodologia inovadora, que atrai, anualmente, mais de duzentos candidatos às vagas de formação oferecidas. Além da curadoria compartilhada, o cinema intensificou a promoção de debates que articulam arte e ciência, estimulando a reflexão interdisciplinar a partir da linguagem cinematográfica. Dessa forma, o Cinusp se afirmou como um polo dinâmico de difusão cultural e de formação crítica na Universidade.

Coralusp – Coral da USP

Durante a gestão atual, a Pró-Reitoria de Cultura e Extensão Universitária da USP conferiu atenção especial ao Coral da USP, estimulando sua atuação em apresentações inovadoras tanto dentro quanto fora da Universidade. Internamente, merecem destaque iniciativas como a apresentação surpresa em forma de *flash mob* realizada no Conselho Temático da PRCEU, que contribuiu para animar e motivar atividades acadêmicas. O Coralusp reafirmou seu papel como elemento de identidade cultural da Universidade, participando de eventos administrativos e acadêmicos com sua marca artística singular. O Coralusp expandiu sua presença no espaço urbano paulistano. Destacaram-se ações com forte valor político e cultural, como sua apresentação na Faculdade de Direito em defesa da democracia, e atividades inclusivas realizadas em espaços públicos, voltadas a populações em situação de vulnerabilidade. Assim, o Coralusp consolidou sua função de articulação entre cultura, cidadania e vida universitária.

Engenho São Jorge dos Erasmos

Durante a gestão atual, a Pró-Reitoria de Cultura e Extensão Universitária da USP fortaleceu o caráter educativo e vivencial do Engenho São Jorge dos Erasmos, promovendo a recepção qualificada de estudantes do ensino básico. No sítio ar-

queológico, os visitantes têm a oportunidade de percorrer os vestígios históricos e vivenciar de maneira concreta a história da formação do Brasil no período colonial, logo após a chegada dos portugueses. A dimensão ambiental também ganhou destaque, uma vez que o Engenho se situa em área de preservação ecológica, proporcionando aos estudantes reflexão integrada sobre cultura, história e meio ambiente. O êxito dessas ações deve-se também à colaboração ativa das Secretarias Municipais de Educação e de Meio Ambiente, que contribuem para a difusão e fortalecimento das atividades educativas e ambientais realizadas no local. Como reforço pedagógico, foi estruturada uma exposição fixa, que amplia a imersão dos visitantes, combinando elementos históricos, arqueológicos e ambientais. Assim, o Engenho consolidou-se como espaço de experiência histórica, educação patrimonial e sensibilização ambiental viva.

Estação Ciência

A Estação Ciência perdeu sua sede em 2014, em razão de complicações relacionadas à locação do prédio que ocupava na rua Guaicurus, o que resultou na dispersão de seu patrimônio por diversos espaços da USP, com parte do acervo sendo encaminhada ao Parque de Ciência e Tecnologia (Parque CienTec). Durante a atual gestão, a Pró-Reitoria de Cultura e Extensão Universitária trabalhou intensamente para viabilizar a recriação da Estação Ciência no Parque CienTec. Como havia recursos reservados pela Reitoria, foi realizado um primeiro estudo para sua instalação, porém, o tombamento do local impôs restrições que não puderam ser superadas. Mesmo diante dessas dificuldades, a PRCEU assegurou a continuidade da Estação Ciência, inicialmente abrigando sua estrutura no próprio gabinete e, posteriormente, realocando-a para salas no *campus* Butantã. Nesse período, a Estação também manteve suas atividades externas, realizando ações de divulgação científica em diferentes locais da cidade de São Paulo e seus arredores. Ainda neste ano, está prevista a realização de uma exposição temática sobre “evolução”, marcando a retomada das atividades presenciais e reafirmando o compromisso da Estação Ciência com a formação educacional e a difusão do conhecimento.

Osusp – Orquestra Sinfônica da USP

Quando assumimos a gestão, em 2022, a Orquestra Sinfônica da Universidade de São Paulo (Osusp) encontrava-se desestruturada, com número reduzido de concertos, público esvaziado e ausência de incentivo administrativo. Em resposta a esse cenário, convidamos o professor e maestro Gil Jardim para assumir a direção artística e executiva da Osusp, em companhia da professora Eliane Tokeshi como vice-diretora. A ação articulada da dupla, em diálogo constante e qualificado com

a Pró-Reitoria de Cultura e Extensão Universitária, possibilitou reorganizar a Orquestra e reanimar seu corpo artístico.

No plano artístico, houve ampliação e diversificação do repertório, com a inclusão criteriosa de peças de música contemporânea e popular brasileira, ao lado de grandes obras do repertório erudito. Em consonância com a concepção universitária da cultura, foi criada a série Torre do Relógio, na qual a arte musical se articula a saberes científicos: a cada concerto, uma unidade da USP é convidada a apresentar conexões entre a música executada e seu campo de conhecimento, iniciativa que se consolidou como sucesso dentro da Universidade.

Outra inovação relevante foi a criação da Semana Camargo Guarnieri, em homenagem ao fundador da Osusp, estruturada como festival que reúne eventos acadêmicos, seminários, *masterclasses* e concertos abertos. Destaca-se também o programa Naípe da Hora, idealizado pela professora Eliane Tokeshi, voltado a estudantes de escolas públicas, que têm a oportunidade de conhecer diretamente a formação de uma orquestra e seus naipes, contribuindo para sua formação musical. A professora Cássia Carrascoza Bonfim e a musicista Mayra Moraes assumiram a direção da Osusp após a gestão de Gil Jardim e Eliane Tokeshi. Ambas têm trajetória consolidada na área e vêm mantendo o entusiasmo e a qualidade artística da fase anterior. Conta agora também com o maestro Tobias Volkmann na direção artística, profissional inicialmente convidado por Gil Jardim para reger alguns concertos e posteriormente recomendado para sucedê-lo. A fidelização do público, o fortalecimento interno da Orquestra e a aprovação de um projeto pela Lei Rouanet, no valor de seis milhões de reais – destinado especialmente às comemorações dos cinquenta anos da Osusp –, atestam o sucesso da estratégia de recuperação. A trajetória da Osusp nos últimos anos evidencia que o investimento na cultura artística universitária é parte indissociável do projeto de transformação e impacto social da Universidade de São Paulo.

Foram reestruturadas funções essenciais, com a contratação de equipe especializada, trazida pelo maestro Gil (produtora, arquivista, programadora e comunicador), fundamental para a qualificação das atividades orquestrais. Com apoio da Reitoria, obtivemos também a concessão de duas novas vagas para músicos, dois trompistas, o que significou avanço importante para o órgão, considerando que a carreira de músico havia sido retirada do organograma funcional da Universidade.

Parque CienTec – Parque de Ciência e Tecnologia da USP

Durante a gestão atual, a Pró-Reitoria de Cultura e Extensão Universitária da USP trabalhou para preservar e dinamizar o Parque de Ciência e Tecnologia (Parque CienTec), reforçando sua vocação como espaço de educação científica, ambiental

e cultural. As atividades educativas voltadas para estudantes da rede pública foram intensificadas com a oferta de visitas orientadas, oficinas e eventos que articulam ciência, meio ambiente e cultura. O próprio ambiente do Parque, com sua natureza exuberante e arquitetura histórica, manteve-se como um atrativo cultural e inspirador. Entre as ações artísticas de destaque, realizou-se a exposição *Tramas da Vida – Arte e Botânica* (2022-2023), da ceramista Débora Amaral, inspirada na vegetação do parque, cuja doação de obras originou uma exposição permanente disponível à visitação em uma das salas do prédio principal. Esse edifício, tombado como patrimônio histórico, é uma obra de arte em si, tendo como um de seus principais atrativos o vitral da deusa Urânia, símbolo da união entre ciência e arte. Apesar das restrições que impediram a instalação da Estação Ciência no local e da impossibilidade de realizar reformas estruturais, o Parque CienTec consolidou-se como um polo de divulgação científica, formação educacional e valorização cultural aberto à sociedade.

Tusp – Teatro da USP

Durante a gestão atual, a Pró-Reitoria de Cultura e Extensão Universitária da USP impulsionou uma renovação metodológica no Tusp, que passou a articular o teatro engajado em lutas político-sociais com a apresentação de obras consagradas da dramaturgia. Essa pluralidade de enfoques foi acompanhada da implementação de editais que estimularam a participação de grupos teatrais paulistas, ampliando o diálogo entre o Tusp e a cena cultural externa. Além das apresentações, passaram a ser realizadas oficinas, seminários e discussões sobre a arte cênica, fortalecendo o caráter formativo das atividades. Como resultado dessa nova dinâmica, o público do Tusp cresceu significativamente, saindo da casa das centenas para atingir a casa dos milhares no cômputo anual. Assim, o Teatro reafirmou seu papel como espaço de experimentação, formação crítica e promoção da diversidade artística na Universidade.

Órgãos Vinculados: Atividades-Fim

Cada órgão vinculado à PRCEU cumpre um papel singular na difusão do conhecimento, no contato direto e transformador com a sociedade, na preservação cultural e no estímulo à criação artística e científica. Para rápido panorama, oferecemos breve resumo do papel de cada um dos referidos órgãos:

- Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin (BBM): guarda um dos maiores acervos de brasileira do país, reunindo obras fundamentais para o conhecimento da história e da cultura brasileira.

- Cinema da USP “Paulo Emílio” (Cinusp): difunde a cultura cinematográfica com programação gratuita e curadoria realizada principalmente por estudantes, sendo um dos principais espaços universitários dedicados ao cinema.
- Centro de Preservação Cultural (CPC – Casa de Dona Yayá): atua na preservação e na reflexão crítica sobre o patrimônio cultural, material e imaterial, da USP.
- Centro Universitário Maria Antonia (Ceuma): espaço de memória histórica e criação cultural, com forte vocação para a preservação da democracia e dos direitos humanos.
- Coral da USP (Coralusp): promove a prática coral inclusiva e artística, articulando a formação musical com a convivência social e a diversidade cultural.
- Estação Ciência: centro de educação científica que aproxima crianças, jovens e adultos da ciência por meio de exposições e atividades práticas.
- Orquestra Sinfônica da USP (Osusp): fomenta a excelência musical e o diálogo entre arte e conhecimento, sendo um dos patrimônios culturais da Universidade.
- Parque de Ciência e Tecnologia (Parque CienTec): espaço de divulgação científica e educação sustentável, instalado em área de proteção ambiental e histórica.
- Ruínas Engenho São Jorge dos Erasmos (Resje): sítio arqueológico tombado, que promove educação patrimonial e preservação da memória colonial.
- Teatro da USP (Tusp): referência nacional no teatro universitário e experimental, promove a criação artística e o intercâmbio de experiências cênicas.

Programas PRCEU

USP 60+

O programa USP 60+ promove atividades diversas e gratuitas para pessoas idosas. Permite sua participação em disciplinas curriculares, ações culturais e esportivas. Ao favorecer a integração social, o aprofundamento de conhecimentos e o exercício da cidadania do idoso, contribui para que tenha vida mais ativa, autônoma e com melhor qualidade. Ao longo dos últimos anos expandimos a presença do programa na sociedade, extrapolando os muros da USP, objetivando levar conhecimento e, conseqüentemente, oportunidades para envelhecimento mais saudável e ativo para todos. Dentro deste panorama, enfatizamos a participação da USP 60+ como parceira da Longevidade Expo + Fórum, maior evento sobre longevi-

dade da América Latina, que conta com participação de várias entidades, profissionais da área e interessados no tema do envelhecimento. O Prêmio Arte e Literatura USP 60+ recebe inscrições de artistas, escritores e jornalistas, profissionais ou amadores. Os trabalhos selecionados por jurados são exibidos no Centro Maria Antonia e divulgados na Internet, promovendo o talento e a expressão cultural do público sênior.

USP e as Profissões

O programa USP e as Profissões promove ações que oferecem subsídios aos estudantes de ensino médio e cursinhos pré-vestibular para auxiliá-los na escolha de sua carreira profissional, informando-os sobre os cursos de graduação da Universidade, as formas de ingresso e os auxílios de permanência. O Programa é formado por quatro ações articuladas. As visitas monitoradas permitem o contato direto com as unidades da USP. O Eu na USP, de Volta à Escola leva calouros a seus antigos colégios para compartilharem suas experiências. A Feira USP e as Profissões apresenta cursos e atividades da Universidade em ambiente virtual. Já o Um dia na USP abre as portas dos *campi* para visitas imersivas em toda a instituição.

ITCP

O Programa Incubadora Tecnológica USP de Cooperativas Populares (ITCP/USP), criado pela Resolução CoCEX n. 6058, de 10 de fevereiro de 2012, operacionaliza conceitos e práticas da economia solidária; apoia o desenvolvimento de empreendimentos solidários e promove ações que estimulem o desenvolvimento local de comunidades periféricas. Na ITCP/USP, os ciclos de trabalho têm a duração de um ano, conforme o Programa Unificado de Bolsas (PUB), que visa a financiar projetos de ensino, pesquisa e extensão na Universidade.

Ao longo de 27 anos, a ITCP/USP acompanhou empreendimentos em diversas áreas: alimentação, costura, agricultura urbana, produtos de higiene, serviços, informática e finanças solidárias. Além da ação prática, a incubadora promove a reflexão teórica sobre temas como trabalho, renda, pobreza, desigualdade e transformação social, fortalecendo o elo entre extensão e produção de conhecimento. Além disso, é essencial à extensão universitária a discussão teórica e a produção de conhecimento em torno das temáticas presentes nos campos (trabalho e renda, pobreza e desigualdade, política e transformação etc.) Atividades (ações) desenvolvidas pela ITCP: 1. Apoio a Empreendimentos Econômicos Solidários (EES). 2. Apresentação de artigos. 3. Formação em economia solidária para trabalhadores, estudantes, profissionais e professores. 4. Organização de eventos. 5. Participação em eventos. 6. Projetos de incubação.

Destaques desta gestão: quatro bolsas PUB – Economia solidária como alternativa a contextos de aprisionamento: sensibilização e articulação de experiências na Cooperativa Libertas e no Ponto de Economia Solidária do Butantã. Quatro bolsas PUB – Economia Solidária e autogestão: ciclos formativos para (seis) empreendimentos econômicos solidários (continuação). A ITCP/USP também está presente no Movimento de Economia Solidária, participando ativamente do Fórum Municipal e Estadual de Economia Solidária. Nesses espaços a ITCP/USP contribui nas discussões, formações e na construção da relação do Movimento de Economia Solidária com o Poder Público.

Giro Cultural

O programa Giro Cultural USP, criado pela Resolução CoCEEx n. 6342, de 5 de setembro de 2012, contribui para a formação cultural da comunidade USP e das pessoas em geral, por meio de visitas guiadas e monitoradas aos diversos equipamentos culturais internos e externos à Universidade. O Giro Cultural USP foi criado em resposta à grande demanda de estudantes interessados em conhecer a Universidade. Atende também à necessidade de ampliar a visibilidade dos espaços culturais e de refletir sobre o papel do *campus* como espaço de convivência e troca com a sociedade. O Giro Cultural USP oferece quatro opções de roteiros. No *campus* Butantã: Vista Panorâmica, Acervo Cultural e Acervo Científico. E desde 2018, criou-se o quarto roteiro, intitulado USP Conhecendo a USP, com duração de sete horas e público formado por estudantes, funcionários e professores dos *campi* do interior. Em todos os roteiros, o percurso é realizado por ônibus, acompanhado ao menos por dois mediadores bolsistas, alunos da própria Universidade de São Paulo. Os passeios são gratuitos e abertos para toda população. Os roteiros para a Cidade Universitária podem ser agendados por grupos fechados de até quarenta pessoas, de terça a sexta-feira, em duas opções de horário: para as 10 horas ou para as 14 horas. Atualmente, o público atendido pelo programa está em torno de 65 mil pessoas por ano.

USP Aproxima Escola

O programa USP Aproxima Escola estimula o intercâmbio de conhecimentos entre a Universidade de São Paulo e os professores e estudantes do ensino básico e superior de escolas paulistas, particularmente as públicas. Dois projetos fazem parte desse programa: 1. Encontro USP Escola: Por meio dessa iniciativa, encontros semestrais na Universidade de São Paulo são realizados com o intuito de promover a integração entre docentes da USP e professores da rede pública do Estado de São Paulo e de outros estados. No evento, docentes da USP atuantes em diversas

áreas de conhecimento difundem suas pesquisas e conhecimentos. Os professores da rede pública trazem a prática da sala de aula e discutem questões do contexto escolar, produzindo novos conhecimentos e aperfeiçoando seus processos didático-pedagógicos. São dezenas de atividades disponibilizadas a centenas de professores da rede pública, incluindo cursos de trinta horas, minicursos, palestras, rodas de conversa e oficinas.

USP.comvc

Trata-se de um programa que promove atividades gratuitas realizadas por docentes da Universidade, direcionadas a escolas de educação básica, instituições de ensino superior e demais organizações de caráter educacional. O objetivo é oferecer palestras, oficinas, atividades práticas, experimentos e outras formas de interação com o público interessado. O diferencial didático-pedagógico do projeto consiste em disponibilizar conteúdos que não são, necessariamente, contemplados nos currículos escolares, proporcionando às instituições de ensino atividades que incentivam o aprofundamento dos conhecimentos adquiridos em sala de aula ou em outros contextos formativos. Dessa forma, são disseminados temas vinculados às áreas de atuação dos docentes da USP, tornando o conhecimento mais acessível à sociedade.

Nascente

O programa foi criado em 1990 pela Pró-Reitoria de Cultura e Extensão Universitária da USP, sob a liderança do Professor Doutor João Alexandre Barbosa, em resposta a uma provocação de um estudante sobre a ausência de apoio institucional à produção artística discente. Com o objetivo de reconhecer e estimular a criação artística entre os alunos da Universidade, o programa teve sua primeira edição em 1991, premiando talentos emergentes em diversas áreas, como artes visuais, artes cênicas, audiovisual, *design*, música erudita, música popular e literatura. Ao longo dos anos, o Nascente revelou artistas que alcançaram destaque nacional, consolidando-se como iniciativa fundamental para a valorização da arte universitária e para o fortalecimento do papel da Universidade como promotora da cultura e da criatividade.

Missão, Visão e Valores da PRCEU

A PRCEU orienta suas ações por uma missão clara: *transformar a sociedade por intermédio da cultura, que equivale ao conhecimento científico, artístico e comum.*

Nossa visão é ser referência nacional na promoção da cultura e da extensão universitária como pilares da formação cidadã e da inovação social.

Entre nossos valores fundamentais destacam-se: integração, empatia, responsabilidade social, excelência, inovação, colaboração, transparência e impacto.

Ao longo de nossa gestão, reafirmamos o compromisso de fortalecer a cultura e a extensão na USP, com foco na inclusão social, no impacto cultural e na relevância acadêmica. Nosso objetivo é consolidar a PRCEU como espaço de transformação contínua, onde a cultura e o conhecimento, em suas diversas expressões, tornam-se instrumento de mudança e de esperança para a sociedade.

Presença da Extensão na Evolução do Conceito de Universidade: Aspectos Históricos

A história da universidade está profundamente ligada à história da extensão. A universidade nunca existiu isoladamente: sua vocação, desde a origem, sempre foi social. Passemos em revista o panorama da criação de algumas universidades do mundo para mostrar os rastros do que se foi consolidando como extensão.

A Universidade de al-Qarawiyyin data do ano 859². Foi fundada por uma mulher, Fátima al-Fihri, na cidade de Fez, no Marrocos. Seu foco inicial foram os estudos islâmicos, gramática árabe, matemática, astronomia, medicina. Essa instituição foi considerada pela Unesco e pelo Guinness World Records como a mais antiga universidade ainda em funcionamento. No que toca a nosso tema, cultura e extensão, sabe-se que, desde então, a transmissão de conhecimento era feita também a não pertencentes à elite religiosa e política, e muitos debates filosóficos e científicos ocorriam com ampla participação comunitária. O papel cultural da universidade era forte, mas essa era uma característica inerente à instituição e, portanto, não havia uma institucionalização da “extensão” tal como a conhecemos.

Outra importante e histórica instituição no contexto mundial é a Universidade de Bolonha, fundada em 1088, reconhecida como primeira universidade europeia autônoma, com estrutura organizada, por integrar e ter definidos tanto o corpo docente quanto o discente, e cujo foco era o estudo do direito romano e canônico. O sucesso dessa instituição também é explicado por sua história de envolvimento com a sociedade. A universidade era centro de vida intelectual urbana, o que influenciava as práticas jurídicas e administrativas de toda a Europa. A cultura estava centrada na tradição clássica e havia forte interação com a sociedade civil e os poderes públicos. A instituição extrapolava seus limites.

2. “Qarawiyyin”, *Encyclopedia Britannica*, 28 dez. 2010. Disponível em: <https://www.britannica.com/topic/Qarawiyyin>. Acesso em 18 abr. 2025.

A Universidade de Oxford, criada oito anos após a de Bolonha, em 1096, embora formalmente reconhecida apenas em 1249, centrava-se nas áreas de teologia, artes liberais e direito. O diferencial dessa universidade foi seu cultivo do saber pelo livro, pela ciência e, também, por sua abertura à sociedade externa, pois impulsionava contato com comunidades eclesiásticas e políticas, e seus colégios e bibliotecas recebiam estudiosos estrangeiros. O saber expandia-se para além dos muros que cercavam a instituição.

Outra importante universidade europeia, a Universidade de Salamanca, fundada em 1218, na cidade de Salamanca (Espanha), foi a primeira a receber o título oficial de “universidade”, por decreto do rei Afonso IX³. O destaque que podemos dar a essa universidade diz respeito à sua relevância no debate sobre os direitos dos indígenas na colonização das Américas. Professores da universidade participaram das disputas teológicas e éticas sobre a escravidão e a evangelização, o que se configurou claramente como atuação pública, podendo ser denominado, ainda que anacronicamente, como “extensão ético-intelectual”.

Não podemos deixar de citar a Universidade de Paris (Sorbonne), fundada no século XII. Seu foco era o debate sobre teologia e filosofia escolástica, o que a consagrou como centro vital do pensamento medieval europeu. Embora elitista, a Sorbonne influenciava profundamente a vida urbana, os sermões públicos e a formação de pregadores e diplomatas. A universidade era um polo de produção cultural, com disputas filosóficas abertas e de grande relevância para fora dos muros acadêmicos.

Apesar de o termo “extensão universitária” surgir tardiamente, no século XIX, as citadas e, também, muitas outras universidades já atuavam como núcleos culturais das cidades, oferecendo: I. acesso de pessoas da sociedade externa a debates públicos; II. produção de manuscritos e divulgação de saberes; III. formação de funcionários eclesiásticos e de governo; IV. influência nas práticas jurídicas e religiosas locais. Todos esses temas e práticas eram importantes para a sociedade da época⁴.

3. Antes essas instituições tinham as seguintes denominações: *Studium Generale*, na baixa Idade Média; *Scolae*, ligadas a catedrais (*scholae cathedrales*) ou a mosteiros (*scholae monasticae*), dedicadas ao ensino do *trivium* e *quadrivium*; *Studium Particulare*, escola de menor alcance, regional, sem os privilégios do *Studium Generale*; *Universitas*, instituição que se organizou por grupos de mestres e estudantes e, com o tempo, estruturou-se formalmente em comunidades acadêmicas com objetivos comuns.
4. Sob outro ponto de vista, Adilson Avansi de Abreu trata da criação da universidade contemporânea no mundo ocidental no século XIX, no capítulo “A USP e a Sociedade – Legislação, Doutrina e Prática”, do livro *Universidade, Formação e Transformação*. O livro, de 2005, foi organizado por Marcelo Rollemberg e coordenado pela antiga Coordenadoria Executiva de Cooperação Universitária e de Atividades Especiais (Cecae). O objetivo do autor é tratar da extensão sob os pontos de vista legal, conceitual e aplicado.

O conceito moderno de extensão, aproximado ao que conhecemos hoje, tem origem em atividades universitárias do século XIX, no exterior. Primeiro, talvez, no Reino Unido, na década de 1870, quando surge à luz o University Extension Movement, iniciado pela Universidade de Cambridge e depois por Oxford, pela ministração de cursos e conferências públicas em cidades do interior. Depois, na América Latina, na Argentina, quando a Reforma de Córdoba (1918) ganhou força, pela defesa da função social da universidade, o que já incluía a coesão entre o ensino, a pesquisa e a extensão.

A evolução dos conceitos de extensão universitária reflete mudanças nas perspectivas sobre o papel da universidade na sociedade e nas formas de engajamento mútuo. Vale a pena analisar os principais conceitos de extensão que marcaram seu percurso em cada época, para que se compreenda a base sobre a qual operamos hoje.

Inicialmente, a extensão universitária era compreendida como via de transmissão unidirecional do conhecimento da universidade para a sociedade, pois, para a instituição, o saber lhe era inerente, o que construiu seu perfil elitista do passado. Entendia-se, então, que o conhecimento era de propriedade da universidade. O debate de ideias existia entre pares, não com o corpo social indiferenciado; esse apenas o recebia por difusão.

Somente em meados do século XX, a difusão cultural e científica, ocorrida por meio de palestras, cursos e programas educativos, foi aberta a público em geral, iletrado ou não. Mesmo assim, nesse período, a universidade não promovia amplo e direto diálogo com a sociedade externa, embora, já no final dos anos 1960, por ação de Paulo Freire, nas Universidades Federais de Pernambuco e da Paraíba, houvesse uma abertura para o movimento de comunicação direta com a sociedade. Ela era, então, principalmente receptora de informações.

Para melhor configurar o que acabamos de mencionar, é imprescindível dizer que uma voz brasileira se levantou em meados do século XX para organizar esse quadro, foi a do já citado Paulo Freire, que deixou marcada sua importante posição quanto à mudança de atitude a respeito do que se vinha concebendo como “extensão”. Na obra de 1969, *Extensão ou Comunicação?*, título cristalino pelo qual seu autor externou sua posição sobre a extensão que se fazia então: simples apresentação de conteúdos a pessoas, inclusive do meio rural, que não tinham, na maioria das vezes, condições nem de compreender o que ouviam. Paulo Freire foi contundente: “Não há extensão no sentido de estender coisas ou ideias, mas comunicação”. Afirmava que o educador deve escutar e propor, e não impor. Para ele, “A extensão é invasão; a comunicação é libertação”.

Essa lição do mestre demorou muito a ser efetivamente compreendida e posta em prática. Fica evidente que a ideia anterior de que a extensão simplesmente é a “difusão ou divulgação do conhecimento” não move a sociedade. Divulgar ou difundir não é o mesmo que comunicar. Para que haja entendimento efetivo entre partes interlocutoras é preciso haver ao menos uma “ação comum”: a troca de ideias, alguém que fala e o outro que escuta, em um movimento em que os papéis de falante e ouvinte se trocam continuamente, por meio de relação social horizontal.

Esse conceito de extensão/comunicação ganhou substância e ecoou aqui e alhures, mas demorou muito para que o reconhecimento da teoria freiriana fosse efetivo no Brasil. O entendimento de sua lição não foi nem rápido, nem imediato, nem uniforme. No Brasil, a regulamentação da curricularização da extensão só se consolidou em 2018. Foi nesse ano que o Conselho Nacional de Educação, por meio da Câmara de Educação Superior, publicou a Resolução CNE/CES n. 7, marco normativo para a integração da extensão aos currículos.

As três universidades públicas paulistas, talvez, tenham sido as últimas do país a implantar esse modelo de extensão, por meio do projeto de curricularização da extensão. Com certeza a USP foi a última das três paulistas estaduais a implementá-lo. Embora as três instituições já tivessem importantes projetos extensionistas, essa prática nunca foi sistemática. A pergunta que resta, então, é: o que foi e o que é extensão?

A EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA EM PERSPECTIVA INTERNACIONAL

Nos Estados Unidos, a extensão universitária tem origens históricas ligadas ao Morrill Act (1862), que criou os Land-Grant Colleges para promover o acesso à educação superior em áreas rurais. Esse processo foi consolidado pelo Smith-Lever Act (1914), que instituiu o Cooperative Extension Service, articulando universidades públicas, governos estaduais e o Departamento de Agricultura (USDA).

A extensão nos EUA é fortemente institucionalizada e descentralizada. Universidades como Cornell, Michigan State e California (Davis) mantêm centros de extensão espalhados pelos condados. Esses centros oferecem capacitação técnica, programas comunitários e projetos voltados à sustentabilidade, juventude e cidadania. A participação estudantil em atividades extensionistas ocorre por meio de programas como *service-learning*, estágios comunitários e laboratórios sociais vinculados ao currículo, ainda que não exista obrigatoriedade nacional de curricularização.

Na Alemanha, a extensão universitária se consolida como prática de *Weiterbildung* (educação continuada), especialmente voltada à formação cidadã, qualificação profissional e atualização científica. Embora não exista uma legislação nacional que tenha instituído a curricularização da extensão, as universidades públicas alemãs têm como missão o compromisso com o desenvolvimento social e regional.

A Universidade de Heidelberg, a Humboldt-Universität zu Berlin e a Universidade Técnica de Munique (TUM) são exemplos de instituições que articulam extensão, ciência cidadã e inovação social. Além de programas de formação ao longo da vida, essas universidades promovem exposições públicas, debates científicos abertos, projetos com escolas e intercâmbio entre saberes acadêmicos e populares. A extensão é valorizada como expressão da responsabilidade social universitária, ainda que operada com forte autonomia institucional. Na Alemanha há grande ênfase em *educação continuada, pesquisa aplicada e responsabilidade social*. Universidades antes citadas, como Heidelberg e Humboldt, integram ciência e cultura em atividades públicas, e a TUM destaca-se pelo desenvolvimento de projetos de voluntariado e inovação social em parceria com ONGs e empresas.

Na França, a extensão universitária está diretamente relacionada à missão pública das universidades, consagrada pela Lei n. 2013-660, de 22 de julho de 2013, que define a *diffusion des savoirs* (difusão dos saberes) como uma das funções do ensino superior. A atuação extensionista francesa combina educação cultural, participação cidadã e mediação científica. Instituições como as Maisons des Sciences de l'Homme e os Espaces Culturels Universitaires promovem exposições, concertos, conferências públicas, oficinas artísticas e diálogos sobre pesquisas científicas e outros temas com a sociedade. Universidades como Paris-Sorbonne, Lyon e Toulouse promovem ações em escolas, museus, associações comunitárias e comissões parlamentares, consolidando a presença universitária nos territórios.

Em suma, a França valoriza fortemente a cultura e as ciências humanas, enquanto a Alemanha foca na formação profissional e científica com aplicação social. Ambas possuem modelos de extensão articulados com a missão pública da universidade.

Embora a extensão não esteja curricularizada de forma obrigatória nos citados países, há forte incentivo à integração entre pesquisa aplicada, inovação pedagógica e engajamento com os desafios sociais contemporâneos.

As universidades europeias e americanas abordam a extensão universitária de maneiras diversas, mas com pontos de convergência, dentre os quais destacam-se:

ENVOLVIMENTO COM A COMUNIDADE LOCAL: com programas de serviço comunitário, parcerias intersetoriais e pesquisa com impacto local.

ÊNFASE NA APRENDIZAGEM EXPERIENCIAL: por meio de estágios, projetos de campo, voluntariado, *service-learning*.

CURRICULARIZAÇÃO DA EXTENSÃO: tendência de integrar atividades extensionistas como parte do currículo acadêmico, com atribuição de créditos.

PROMOÇÃO DA CIDADANIA GLOBAL: por meio de iniciativas de cooperação internacional, direitos humanos, justiça social e desenvolvimento sustentável.

PARCERIAS E REDES INSTITUCIONAIS: articulação com governos locais, ONGs, setor privado e organismos internacionais.

Tudo isso é lição para a USP, pois a instituição dessa visão moderna da extensão – o que poderia aparecer por meio do programa de curricularização –, encontra ainda forte resistência por parte de gestores e docentes. Comentaremos mais adiante a situação da curricularização na USP.

Apesar das especificidades históricas e institucionais de cada país, os modelos internacionais analisados – Estados Unidos, Alemanha e França – compartilham uma característica estrutural: a extensão universitária está fortemente integrada à missão pública das universidades, seja por meio de educação continuada, projetos comunitários, mediação científica ou engajamento cultural. Em todos os casos, há sistemas articulados de financiamento, valorização institucional e visibilidade das ações. Nesse contexto, o contraste com a realidade da USP torna-se evidente: embora a universidade disponha de arcabouço normativo avançado e ampla tradição extensionista, a extensão ainda enfrenta entraves operacionais, limitações orçamentárias e resistências culturais que dificultam sua consolidação como dimensão estruturante da formação acadêmica. Assim, mais do que uma comparação, o estudo dos modelos internacionais serve como espelho crítico e horizonte mobilizador para o aprimoramento das políticas extensionistas na USP.

EVOLUÇÃO HISTÓRICA DOS CONCEITOS DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA NO BRASIL

Em breve síntese, podemos examinar a evolução dos conceitos de extensão universitária ao longo do tempo para mostrar como, por essa via, constatamos mudanças de perspectiva do papel da universidade na sociedade e nas formas de engajamento com as comunidades.

Se partirmos da análise do sentido de extensão no contexto do século XIX, vemos imediatamente que a extensão universitária era compreendida como uma via de transmissão unidirecional do conhecimento da universidade para a sociedade. Enfatizava-se a difusão cultural e científica por meio de palestras, cur-

sos e programas educativos, sem necessariamente promover o diálogo com os saberes populares ou comunitários. Sob esse conceito a USP, desde sua criação, se estruturou.

Já no início do século xx, a universidade passa a ser vista também como instituição prestadora de serviços à comunidade. A extensão se torna um meio de aplicar o conhecimento científico para atender a demandas práticas da sociedade, fortalecendo o papel da universidade como agente de desenvolvimento regional.

Com os processos de democratização do ensino e o surgimento de movimentos sociais (décadas de 1960-1970) no Brasil, a extensão se reconfigura como espaço de participação ativa. O conhecimento passa a ser produzido em colaboração com as comunidades, e a universidade reconhece a legitimidade dos saberes não acadêmicos, promovendo intercâmbio entre os diferentes atores sociais. As ideias de Paulo Freire começam a ser conhecidas a partir dessa época, ainda que de modo incipiente.

Na esteira dos debates sobre desigualdade e justiça social, nas décadas de 1980 a 1990, a extensão assume papel de transformação da realidade. Os projetos passam a visar à superação de problemas estruturais, ao “empoderamento” de populações marginalizadas e à formação crítica dos estudantes. As ideias de Paulo Freire, que já circulavam muito no Nordeste do Brasil, como antes comentado, foram fundamentais quando da criação do Fórum de Pró-Reitores de Extensão (FORPROEX), em 1987. Desse momento para a frente, no Brasil, houve uma virada de página no que concerne ao conceito e à prática da extensão. As Universidades Federais começaram a fazer extensão sob o conceito de “transformação social”, o que, paulatinamente, foi mudando a face da extensão universitária do Brasil.

No século XXI, no contexto das mudanças climáticas e da agenda global de sustentabilidade, por exemplo, a extensão universitária é convocada a contribuir para a construção de comunidades resilientes, práticas sustentáveis e soluções inovadoras sobre problemas complexos. A curricularização da extensão emerge como estratégia para institucionalizar esse compromisso e tantos outros que constam da pauta social do Brasil.

A INVENÇÃO E OSCILAÇÃO DA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA NA USP: ENTRE A OBRA SOCIAL E A AÇÃO ACADÊMICA

A história da extensão universitária na Universidade de São Paulo revela, ao longo de quase um século, um percurso marcado por tensões conceituais, avanços institucionais e permanências simbólicas. Desde sua fundação, em 1934, a USP assumiu,

ainda que de forma embrionária, a responsabilidade de dialogar com a sociedade por meio da difusão de saberes, conforme se lê no Decreto Estadual n. 6.283, que define como uma das finalidades da universidade “realizar a obra social de vulgarização das ciências, das letras e das artes”. Essa referência inaugural à extensão, associada à ideia de “obra social”, já a colocava num campo liminar entre atividade acadêmica e compromisso público.

Contudo, a trajetória subsequente dessa dimensão sofreu reconfigurações significativas. O Decreto n. 40.346, de 1962, suprimiu a menção direta à “obra social”, substituindo-a por finalidades mais amplas de formação e divulgação da cultura e da pesquisa. Paradoxalmente, nesse mesmo texto, a criação do Departamento de Extensão Universitária, ligado à Reitoria, e a sua atribuição sobre orquestra e teatro universitários denotam uma tentativa de organizar institucionalmente a extensão, ainda que sua definição e papel permanecessem difusos.

Essa ambiguidade conceitual se intensifica nas décadas seguintes. O Decreto n. 52.906, de 1972, institui a Comissão de Extensão de Serviços à Comunidade (Coesco), conferindo à extensão uma estrutura normativa robusta, mas ainda profundamente marcada por uma lógica assistencialista. Expressões como “elevar os padrões culturais da comunidade” e “assistência material e intelectual” revelam uma concepção verticalizada da relação universidade-sociedade, centrada na noção de carência do outro e na unilateralidade da transmissão de saberes.

Mesmo assim, esse marco traz uma contribuição fundamental: reconhece a necessidade de financiamento público da extensão, ainda que hipoteticamente, ao prever a possibilidade de dotações orçamentárias específicas para as ações de cultura e extensão na universidade. Esse gesto, ainda que condicionado pelo uso do verbo modal “poderá”, insere a extensão no planejamento institucional e a torna visível como prática que demanda estrutura e investimento.

A persistência da expressão “extensão de serviços” – presente inclusive na Resolução n. 3.461, de 1988 – mostra como a USP demorou a incorporar plenamente a extensão como dimensão acadêmica indissociável do ensino e da pesquisa. Em vez disso, manteve-se a ambivalência entre uma extensão compreendida como projeção de serviços e uma extensão concebida como troca dialógica de saberes. Essa duplicidade linguística e institucional revela não apenas uma indefinição conceitual, mas também disputas internas sobre o lugar da extensão no projeto universitário.

A própria vinculação da extensão à avaliação docente, como uma das dimensões obrigatórias na reavaliação quinquenal, não parece ter alterado substancialmente sua condição subordinada. Quando mencionada nos regimentos, a “extensão universitária” aparece concorrendo semanticamente com “extensão de

serviços”, sem que se estabeleçam com clareza seu escopo, seus princípios ou suas finalidades pedagógicas e sociais.

Esse percurso, marcado por fragmentação e oscilações, revela uma particularidade da USP. A extensão foi institucionalizada antes de ser plenamente compreendida como uma ação transformadora e produtora de conhecimento. A ausência de uma consolidação conceitual sólida – que só começa a ser enfrentada no século XXI – explica em parte os desafios da atual fase de curricularização da extensão, determinada pela antes referida Resolução CNE/CES n. 7/2018 e incorporada gradualmente à realidade das universidades públicas brasileiras.

O desafio da USP, hoje, é recuperar essa história não como falha, mas como chave interpretativa para uma transformação necessária. Reconhecer a hesitação institucional no tratamento da extensão permite compreender os entraves atuais e desenhar caminhos mais sólidos rumo à sua integração plena ao projeto acadêmico, agora sob o imperativo da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão – não como retórica, mas como prática curricular, pedagógica e política.

Se buscamos apoio na Filosofia, na Filologia, na História das Ideias Linguísticas e na Historiografia da Linguística para compreender as transformações conceituais pelas quais passou a extensão universitária, talvez consigamos interpretar com mais profundidade a complexidade dessa trajetória. Um ponto de partida é a obra de Thomas Kuhn (1922-1996) *A Estrutura das Revoluções Científicas* (1962), em que o autor propõe que o progresso científico não ocorre de forma linear e acumulativa, mas sim por meio de rupturas fundamentais, denominadas “mudanças de paradigma”. Quando os modelos existentes já não explicam satisfatoriamente a realidade, uma nova matriz conceitual se impõe, redefinindo os termos e os objetivos da investigação.

Essa perspectiva foi amplamente aplicada a diversos campos do conhecimento, inclusive na Historiografia da Linguística, especialmente nos trabalhos de E. F. K. Koerner (1939-2022), que se dedicou a compreender as mudanças teóricas nas áreas da Linguística e da Filologia. Koerner usou a expressão “clima de opinião” para descrever o conjunto de pressupostos teóricos e ideológicos que predominam em determinada época e condicionam as escolhas dos cientistas (em alemão, *zeitgeist*, espírito de época). Para ele, a adesão a paradigmas vigentes se dá menos por escolhas racionais individuais do que pela imersão intelectual no espírito do tempo.

Já o filósofo da linguagem Sylvain Auroux oferece outra chave interpretativa: a noção de “horizonte de retrospectção”. Esse conceito diz respeito ao conjunto de conhecimentos acumulados – conscientes ou não – que moldam a visão de mundo e o repertório conceitual dos sujeitos. O “horizonte” delimita o que é pensável e

admissível pelos sujeitos, em determinada época, porém, cada um com sua bagagem e recursos intelectuais, fato demonstrado por meio de seus discursos (orais e escritos), de maneira explícita ou implícita, e que pode exercer papel estruturante nas mudanças teóricas e institucionais.

Essas contribuições podem lançar luz sobre a história da extensão universitária no Brasil. Podemos reconhecer uma mudança de paradigma quando a extensão deixou de ser vista unicamente como instrumento de difusão do conhecimento universitário e passou a ser interpretada como prestação de serviços à sociedade, numa perspectiva frequentemente assistencialista. Essa inflexão, visível nas normativas da USP a partir da década de 1970, consolidou uma concepção de extensão como ação de apoio social, ainda distante da dimensão crítica e transformadora que viria a ser defendida posteriormente.

Foi também nos anos 1970 que outro conceito de extensão começou a ganhar espaço no Brasil, fortemente influenciado pela obra de Paulo Freire, que concebia a extensão como um processo dialógico, de mão dupla, em que universidade e sociedade aprendem mutuamente. A lição de Paulo Freire, contudo, era muito direcionada às áreas rurais, como a extensão americana do século XIX e início do XX. A mudança que se afigurava, entretanto, não moveu as concepções tradicionais – ora difusionistas, ora assistencialistas – que se mostraram resilientes à mudança, até o século XXI.

Mais recentemente, um novo paradigma vem-se firmando, não apenas no plano ideal e das ideias, agora, porém, amparado por legislação nacional: trata-se da curricularização da extensão. Como visto, as bases desse conceito existiram no Brasil desde 1969, mas somente em 2018, pela citada Resolução n. 7 do CNE/CES, houve ação efetiva para torná-lo realidade. Nesse novo horizonte, a extensão se afirma como dimensão acadêmica obrigatória, integrada à formação dos estudantes, e não mais como atividade periférica ou acessória.

Esse percurso conceitual da extensão universitária, compreendido à luz das teorias da mudança paradigmática ou da mudança paulatina das ideias e conceitos, revela que as transformações institucionais não ocorrem de modo abrupto ou sem resistência. Elas implicam disputas de sentidos, permanências culturais e reinterpretações críticas que coexistem em camadas, compondo o que poderíamos chamar, com Aurox, de palimpsesto teórico da extensão no Brasil.

A CURRICULARIZAÇÃO: NORMATIVAS E FOMENTO À CURRICULARIZAÇÃO DA EXTENSÃO

A análise da implantação da curricularização da extensão na Universidade de São Paulo revela avanços importantes, mas também desafios estruturais significativos para o pleno cumprimento dos princípios estabelecidos pela Resolução CoCEX e COG n. 8711, de 18 de outubro de 2024. O processo é coordenado tecnicamente pela Pró-Reitoria de Cultura e Extensão Universitária (PRCEU), que desenvolve ações sistemáticas de indução, formação e avaliação, por meio de encontros, editais, oficinas e materiais de orientação pedagógica.

A curricularização da extensão foi regulamentada pela Pró-Reitoria de Cultura e Extensão Universitária, em parceria com a Pró-Reitoria de Graduação. A Resolução CoCEX e COG n. 8711, de 18 de outubro de 2024, estabelece os princípios e critérios para a incorporação das Atividades de Extensão (AEX) nos Projetos Pedagógicos dos Cursos (PPCs), conforme diretrizes da Resolução CNE/CES n. 7/2018.

Segundo a normativa, a USP deve assegurar que, a partir das turmas ingressantes de 2023, todos os cursos de graduação incluam, no mínimo, 10% da carga horária em AEX. A resolução define AEX como atividades que envolvam diretamente a comunidade externa à Universidade, baseadas em processos educativos, culturais, científicos e tecnológicos, com impacto social e articulação com o ensino e a pesquisa.

A implementação ocorre de forma descentralizada, respeitando a autonomia das unidades e a diversidade dos currículos. A PRCEU tem desempenhado papel estratégico na coordenação técnica do processo, promovendo encontros de formação, escutas regionais e suporte às Comissões de Extensão das Unidades (CCEX). Além disso, tem elaborado diretrizes interpretativas e materiais de apoio para orientar a concepção, registro e avaliação das AEX.

A referida Resolução enfatiza que as atividades devem garantir:

1. Articulação entre conhecimento acadêmico e demandas sociais reais.
2. Participação ativa dos estudantes em processos coletivos.
3. Interdisciplinaridade e vínculo com territórios e populações vulnerabilizadas.
4. Registros sistemáticos de objetivos, metodologia, carga horária e resultados esperados.

A PRCEU, em parceria com a Superintendência de Tecnologia da Informação (STI), também atualizou o sistema institucional – Apolo – para possibilitar o registro formal das AEX. A curricularização opera em dois formatos principais. O

primeiro é a integração parcial da extensão a disciplinas, ainda que essa não seja a estratégia ideal para o desenvolvimento pleno do programa. O segundo é por meio de Atividades Extensionistas (AEX), registradas de forma autônoma no sistema institucional. A PRCEU e a Pró-Reitoria de Graduação, contudo, acordaram que a “disciplinarização” seria um método emergencial para iniciar-se o programa que já entrava em operação muito tardiamente. Portanto, as disciplinas que já tivessem em suas ementas uma *parte estruturante* de extensão e que atendessem aos critérios exigidos pelo programa de curricularização, poderiam ser consideradas como curricularizáveis. Tanto as AEX quanto a parte curricularizável das disciplinas têm de ser avaliadas, porém, a parte incluída em disciplinas não o é, pois se encontra em outro sistema digital de controle de dados, inacessível à PRCEU. Fica assim, atualmente, a maior parte do programa sem acompanhamento.

Depois que esses primeiros esforços foram efetivados, verificou-se essa distorção imensa no projeto. A parte extensionista das disciplinas, salvo exceções, não segue os princípios do projeto de curricularização. Agora, a PRCEU começa a desenvolver esforços para, aos poucos, substituir a parte disciplinarizada por Atividades Extensionistas (AEX), para que a curricularização, enfim, retome seu rumo.

É preciso reconhecer que a curricularização é uma “novidade” que mexe com a ordem acadêmica estabelecida e que, momentaneamente, algum esforço extraordinário é exigido dos docentes e dos estudantes, até que a nova ordem se transforme e seja sentida como normal. Entre os desafios apontados pelas unidades para a implementação dos projetos há sempre referência a estes pontos:

1. Dificuldade de reorganização curricular e a resistência à inclusão de atividades com forte componente social.
2. Escassez de apoio técnico e pedagógico para docentes que desejam desenvolver propostas interdisciplinares.
3. Limitação de tempo e recursos para viabilizar experiências com engajamento comunitário real.

Em resposta a tais questões, a PRCEU vem promovendo agenda contínua de suporte institucional, disseminação de boas práticas e incentivo à experimentação didática. A curricularização da extensão na USP está em fase de consolidação, e representa, além de uma adequação normativa, uma oportunidade de reconfigurar a formação universitária em consonância com as inovações do século XXI.

Entretanto, uma análise crítica baseada nos dados do sistema Apolo e nas diretrizes normativas revela esse problema estrutural de visibilidade e avaliação do projeto de curricularização. A maior parte das atividades indicadas como “exten-

são”, está no sistema Júpiter, está registrada de forma agregada, sem distinção clara entre aquelas vinculadas a disciplinas obrigatórias, optativas ou organizadas como ações autônomas de extensão. Esse fato impede uma avaliação objetiva e efetiva do cumprimento da carga horária mínima de 10% exigida pela legislação nacional, bem como dos critérios qualitativos que definem a curricularização como uma prática pedagógica transformadora.

A ausência de interoperabilidade entre os sistemas Júpiter (acadêmico) e Apolo (de extensão) impede que a PRCEU acompanhe de forma eficaz a incorporação das AEX nos Projetos Pedagógicos dos Cursos (PPC). Muitas unidades/cursos realizam a inserção de extensão dentro de disciplinas formais sem registrá-las como AEX no Apolo, o que resulta em invisibilidade institucional dessas práticas e inviabiliza seu acompanhamento, sistematização e avaliação crítica.

Essa fragilidade compromete o princípio da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão. Quando a extensão é absorvida silenciosamente pelo currículo disciplinar, sem registro de objetivos sociais, metodologias dialógicas ou indicadores de impacto, ela corre o risco de se tornar um item burocrático de cumprimento formal de carga horária, esvaziando seu potencial como prática transformadora e crítica da universidade pública.

A situação exige uma resposta institucional articulada. A curricularização da extensão só pode ser consolidada como política universitária se forem estabelecidos mecanismos que garantam o registro formal e a visibilidade das AEX. Isso implica tornar obrigatório o registro no Apolo de toda atividade extensionista curricularizada, seja como componente autônomo ou integrada a disciplinas.

A implementação de mecanismos de interoperabilidade entre os sistemas acadêmicos permitirá que a PRCEU e demais instâncias possam monitorar e avaliar a implementação da política em tempo real. Além disso, propõe-se a criação de indicadores próprios de avaliação da curricularização, que levem em conta a complexidade das experiências, a intensidade do diálogo com a sociedade, a interdisciplinaridade e o potencial de transformação social das ações registradas.

Assim, a curricularização da extensão na USP só poderá cumprir plenamente seu papel se for compreendida não como mero processo de adequação normativa, mas como reestruturação profunda da função social da Universidade. Essa reestruturação exige clareza conceitual, rigor na implementação e tenacidade institucional para afirmar a extensão como campo legítimo de produção de conhecimento, formação cidadã e transformação da realidade.

A Figura 1 mostra o percurso temporal das ações realizadas pela PRCEU para chegar-se à implementação do projeto de curricularização.

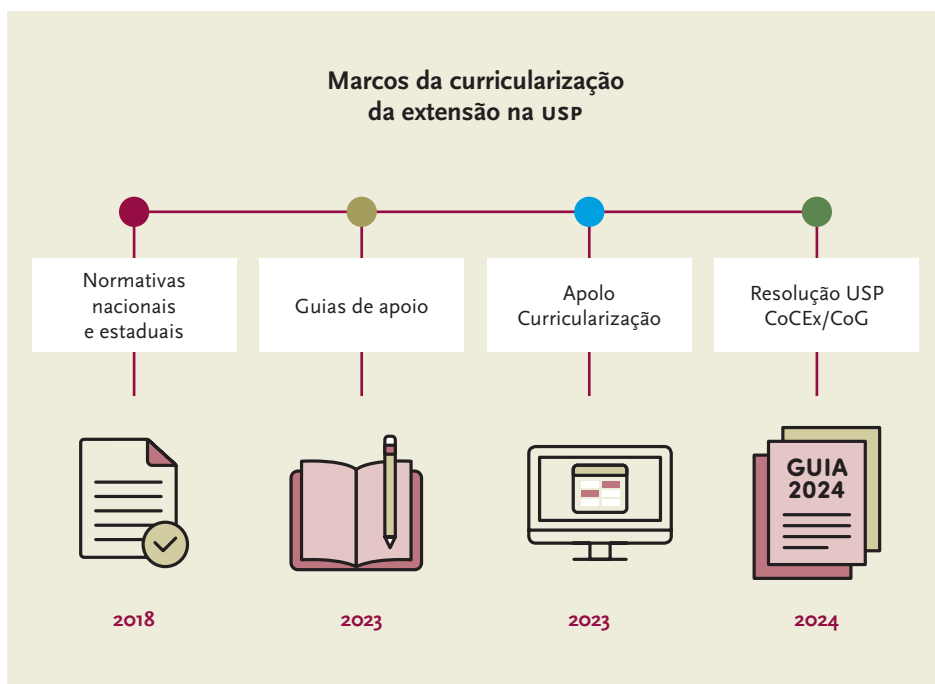


Figura 1. Linha do tempo dos marcos normativos que estruturam a curricularização da extensão na USP, da Resolução CNE/CES n. 7/2018 à Resolução USP n. 8711/2024, passando por deliberações estaduais e instrumentos pedagógicos da PRCEU.

A CURRICULARIZAÇÃO DA EXTENSÃO NA USP: ENTRE A NORMATIZAÇÃO ROBUSTA E A PRÁTICA SEGMENTADA

A Resolução n. 8711/2024, aprovada conjuntamente pelos Conselhos de Cultura e Extensão (CoCEx) e de Graduação (CoG), constitui um marco regulatório fundamental no processo de curricularização da extensão na Universidade de São Paulo. Ela consolida os princípios, os critérios operacionais e as diretrizes institucionais que já vinham sendo difundidos desde 2018, e os alinha às normativas nacionais (CNE/CES n. 7/2018) e estaduais (Deliberação CEE 216/2023). Mais do que um texto normativo, a Resolução estabelece a espinha dorsal do modelo pedagógico da extensão na USP, afirmando a formação crítica, cidadã e humanista como horizonte formativo.

No entanto, quando os fundamentos conceituais e os dispositivos operacionais da Resolução são confrontados com os dados concretos da implantação até 2024, observam-se importantes assimetrias entre o que se pretende e o que se realiza.

1. Convergência Normativa: Um Arcabouço Consistente

A Resolução CoCEX/COG n. 8711 ratifica os cinco princípios da curricularização, segundo o FORPROEX (os “5 i’s”: interação dialógica, indissociabilidade, impacto formativo, interdisciplinaridade e impacto social) como norteadores das ações curricularizadas. Define com clareza os dois formatos válidos de creditação: I. disciplinas regulares com fração extensionista e II. Atividades Extensionistas Curriculares (AEX), a serem registradas no histórico escolar. Também reafirma o princípio da não ampliação da carga horária total dos cursos e explicita que apenas 30% das atividades de estágio obrigatório podem ser aproveitadas como extensão, desde que tenham perfil adequado ao projeto da curricularização.

A resolução reforça ainda a necessidade de diversificação das ofertas, fomento à transversalidade interunidades e revisão dos Projetos Pedagógicos dos Cursos (PPC), com base nos princípios extensionistas. Ao prever que a avaliação das AEX seja realizada também pelo grupo social participante, a norma reforça o caráter ético e dialógico da extensão – coerente com o legado freiriano.

2. Discrepância Prática: Dados que Revelam Distorções

Apesar da robustez normativa, os dados colhidos entre 2023 e 2024 revelam que a implementação se deu de forma heterogênea e frequentemente incongruente com o marco conceitual.

Dos 261 cursos analisados⁵, 116 (45,1%) cumprem a carga horária de extensão exclusivamente por meio de disciplinas obrigatórias ou optativas, sem qualquer AEX registrada. Esse padrão evidencia uma lógica de adequação formal, que atende aos percentuais legais, mas não necessariamente promove interdisciplinaridade, articulação com outras unidades ou impacto social significativo. Já 121 cursos (47,1%) adotam modelo híbrido, incorporando tanto disciplinas quanto AEX – o que representa avanço na diversificação de estratégias, mas ainda demanda atenção quanto à qualidade, abrangência e transversalidade das ofertas. Apenas 17 cursos (6,6%) adotaram exclusivamente AEX, formato mais alinhado com os princípios da curricularização. Ainda assim, essas AEX estão concentradas em poucas unidades (ICB e IQSC), o que compromete a equidade institucional.

O gráfico evidencia que alguns cursos de extensão da USP (5,4%) concentram carga horária de extensão exclusivamente em disciplinas obrigatórias, o que mostra falta de adesão ao modelo atual de extensão por sua inserção no currículo. Esse

5. Planilha fornecida pela Pró-Reitoria de Graduação com dados consolidados referentes ao ano de 2024.

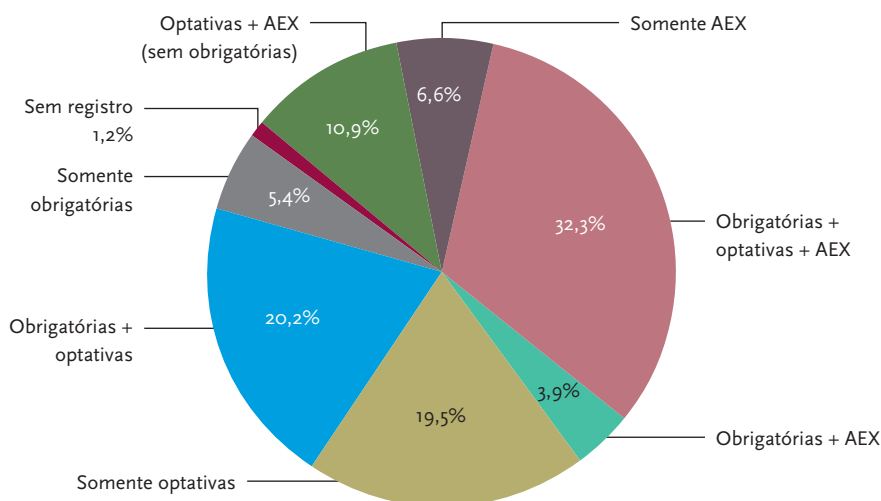


Gráfico 1. Modelos de curricularização na USP. Distribuição percentual dos modelos de curricularização adotados por 267 cursos de graduação da USP no 1º semestre de 2025. Observa-se predominância do modelo híbrido (disciplinas + AEX), seguido por formatos exclusivamente disciplinares. O modelo apenas com AEX, mais alinhado aos princípios extensionistas, ainda é minoritário e concentrado em poucas unidades.

padrão é especialmente presente em Unidades com muitos cursos como, por exemplo, em que tanto há cursos híbridos quanto somente com obrigatórias ou com AEX. Por outro lado, apenas 6,6% dos cursos utilizam exclusivamente Atividades de Extensão (AEX) como estratégia de curricularização – modelo observado em menor escala, mas com destaque em unidades como o ICB e o IQSQ. Já o modelo misto (disciplinas obrigatórias combinadas com AEX) representa cerca de 20% das ofertas, sugerindo um movimento de transição e diversificação do modelo apresentado na USP, pela PRCEU. A presença de 1,2% de cursos sem nenhum registro de extensão indica, contudo, que o processo de implementação ainda requer ações estruturadas de acompanhamento e integração institucional.

Outro dado que desperta atenção é que, das 127 atividades cadastradas e abertas como AEX, no início deste ano, em março, mais de 50% dos estudantes delas participantes eram de apenas dezesseis cursos, o que evidencia igualmente baixa diversidade de origem acadêmica. Ademais, apenas 18% realizaram atividades extensionistas em Unidades diferentes da sua, contrariando a diretriz estabelecida no artigo 4º da Resolução, que determina “parte da carga horária extensionista [deve ser] cumprida em atividades de outras Unidades ou órgãos da USP”. Essa baixa mobilidade interunidades reforça a necessidade de políticas ativas de estímulo que levem os gestores, os docentes e os estudantes a entenderem a impor-

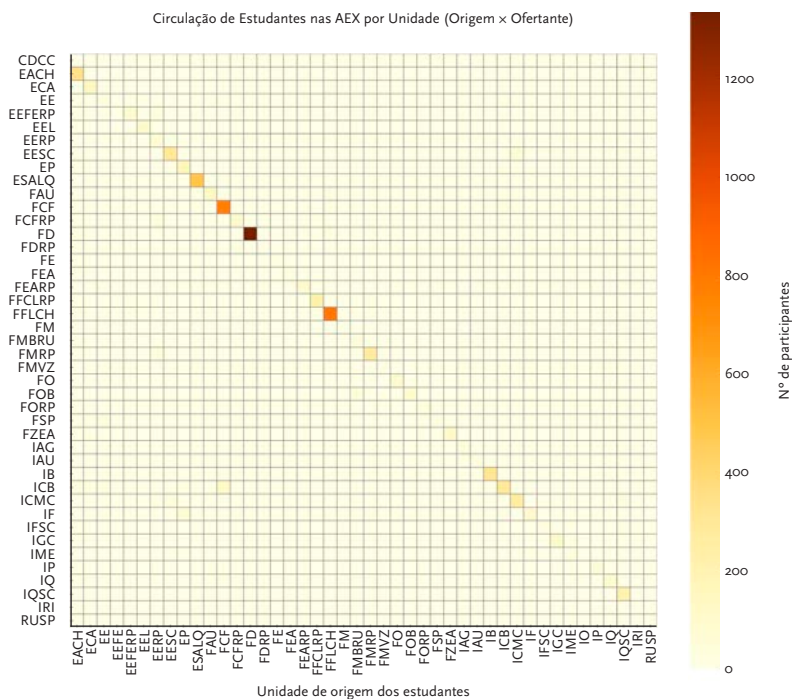


Gráfico 2. Mapa de calor | Unidade da AEX x Unidade dos participantes. Representação da origem institucional dos estudantes participantes em AEX, com base no cruzamento entre a unidade responsável pela atividade e a unidade de matrícula dos alunos.

tância de criar condições favoráveis a que os estudantes possam circular por diversos cursos da Universidade.

O Gráfico 2 apresenta, em forma de mapa de calor, o cruzamento entre a unidade responsável pela oferta da AEX e a unidade de origem dos estudantes participantes. A predominância de tons mais intensos na diagonal principal evidencia a baixa circulação interunidades, sugerindo a permanência de lógicas localizadas e pouco integradas entre os cursos da USP.

Isso permite visualizar, de forma sintética e impactante, o grau de circulação institucional no conjunto das Atividades Extensionistas Curriculares (AEX) ofertadas na USP. Observa-se que, em grande parte dos casos, as AEX concentram participantes oriundos da própria unidade que as promove, o que revela uma prática ainda marcadamente intramuros. Poucas unidades conseguem atrair estudantes de outras origens acadêmicas, o que reforça a segmentação temática e a baixa articulação entre áreas do conhecimento. Embora o art. 4º da Resolução n. 8711/2024 recomende que parte da carga horária extensionista seja cumprida em atividades ofertadas por outras unidades ou órgãos da Universidade, os dados indicam que tal orientação ainda encontra dificuldade para se efetivar em larga escala. A análise

do mapa de calor permite, portanto, não apenas dimensionar a circulação existente, mas também evidenciar o desafio de consolidar uma cultura extensionista de caráter transversal, interunidades e transdisciplinar.

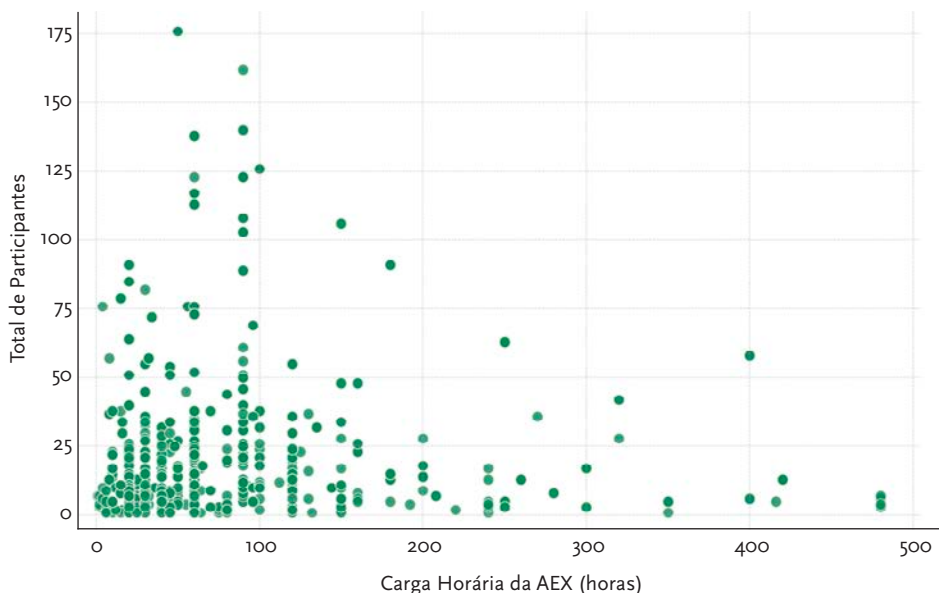


Gráfico 3. Carga Horária das AEX $\times$ nº de Participantes. Dispersão das AEX ofertadas na USP em 2024 segundo sua carga horária e número de estudantes participantes. O gráfico revela que atividades com maior duração nem sempre têm maior adesão discente, enquanto algumas AEX mais curtas conseguem reunir públicos expressivos. A visualização aponta para a importância de alinhar planejamento, tema e viabilidade institucional das ações.

A relação entre a carga horária prevista nas Atividades Extensionistas Curriculares (AEX) e a adesão dos estudantes oferece um indicativo importante sobre a efetividade das ações extensionistas. O Gráfico 3 analisa essa correspondência, a partir das AEX formalmente oferecidas e aprovadas pelas Comissões de Cultura e Extensão Universitária (CCEX).

O Gráfico 3 apresenta a relação entre a carga horária e o número de participantes nas Atividades Extensionistas Curriculares (AEX) efetivamente ofertadas a estudantes da graduação. Todas as AEX representadas foram avaliadas e aprovadas pelas Comissões de Cultura e Extensão Universitária (CCEX) das unidades, o que garante sua legitimidade institucional e seu enquadramento nos princípios extensionistas da USP. A análise evidencia um descompasso relevante: diversas AEX com carga horária elevada registram baixa adesão discente, o que pode sinalizar falhas de planejamento, desalinhamento temático ou dificuldades de mobilização. Por

outro lado, algumas atividades de menor duração concentram maior número de estudantes, sugerindo maior adequação ao perfil e interesse do público-alvo. Esses dados apontam para a necessidade de qualificar não apenas o volume das ofertas, mas também sua pertinência, acessibilidade e impacto real sobre a formação discente e o vínculo com a sociedade. O Gráfico 4 apresenta o número de atividades formalmente ofertadas por cada unidade.

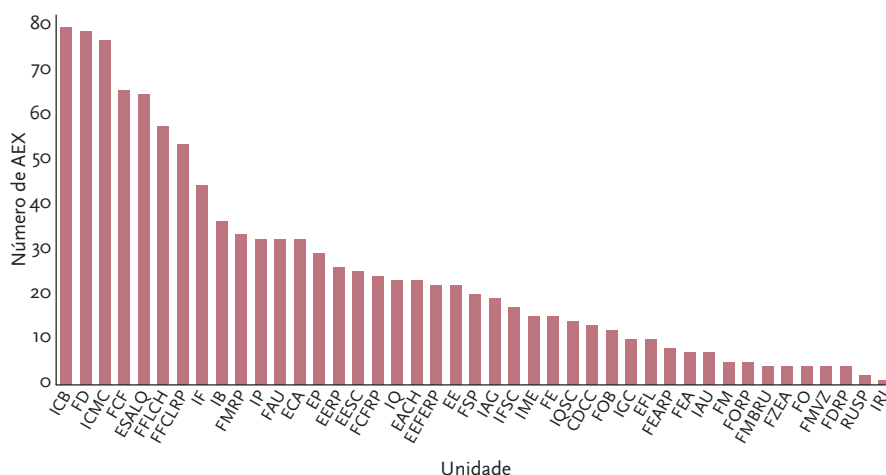


Gráfico 4. Número de AEX Ofertadas por unidade. Número total de Atividades Extensionistas Curriculares (AEX) registradas por unidade da USP no período analisado. A visualização evidencia a concentração da produção extensionista em algumas unidades e a necessidade de fomentar a institucionalização da extensão em setores com baixa ou nenhuma oferta formalizada.

Os dados do Gráfico 4 evidenciam uma expressiva assimetria na oferta de AEX entre as unidades da USP. Enquanto algumas apresentam produção extensionista regular e diversificada, outras ainda oferecem poucas atividades formalizadas. Esse desnível não pode ser atribuído apenas à estrutura administrativa ou à carga didática: ele reflete, sobretudo, uma resistência cultural persistente. Muitos docentes ainda não conhecem os fundamentos do projeto de curricularização da extensão ou, quando conhecem, permanecem céticos quanto à sua efetiva valorização institucional. Há uma percepção recorrente – e historicamente construída – de que a extensão ocupa um lugar secundário entre as missões universitárias, inferior à pesquisa e ao ensino em prestígio acadêmico. Essa visão compromete a adesão plena ao processo de curricularização e exige, por parte da Universidade, não apenas normativas e diretrizes, mas também políticas ativas de formação docente, reconhecimento institucional e incentivo concreto à integração entre conhecimento e compromisso social.

Embora o volume de AEX não seja, por si só, um indicador de qualidade, ele sinaliza a capacidade da unidade de articular ações extensionistas de forma sistemática e regular. O fortalecimento da curricularização da extensão exigirá, portanto, estratégias diferenciadas de acompanhamento, capacitação e fomento, de modo a garantir maior equidade institucional na implantação do projeto.

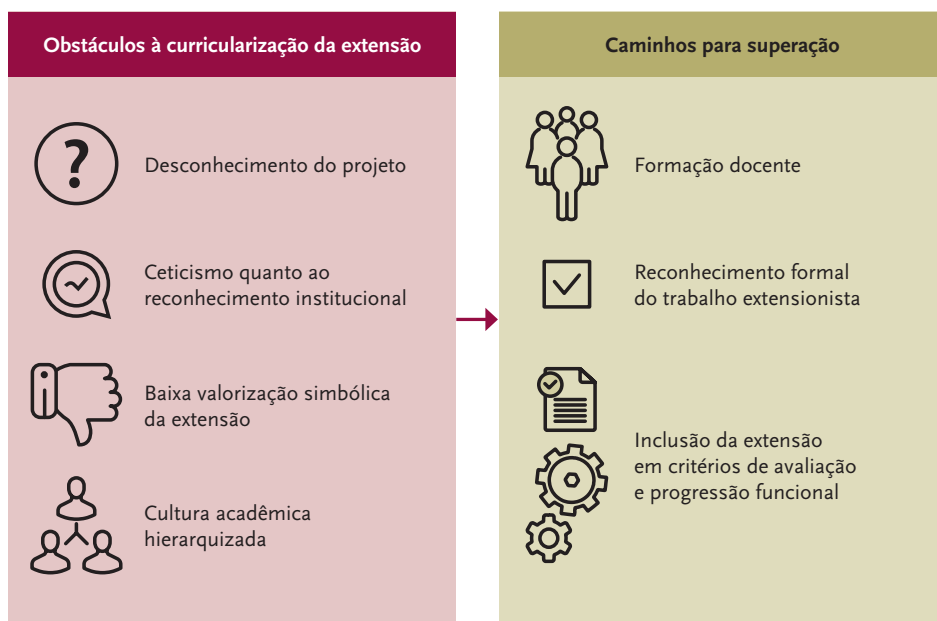


Figura 2. Obstáculos x Caminhos de superação. Infográfico-síntese dos principais pontos discutidos no capítulo. Organizado em quatro blocos, apresenta os marcos normativos que orientam a curricularização na USP, os principais dados e distorções observadas na implementação prática e, por fim, um conjunto de propostas para o aperfeiçoamento institucional da política de extensão universitária.

Esses dados revelam que, apesar da clareza dos marcos legais e operacionais, a prática institucional tem reproduzido lógicas disciplinares, setoriais e administrativas pouco compatíveis com a ambição pedagógica da curricularização. Como mostra a Figura 2, cabe à PRCEU identificar os obstáculos que impedem a plena implantação do projeto e encontrar os caminhos para superá-los.

3. Fragilidade Estrutural e Limitação Indutiva

Embora o Guia da Curricularização e a própria Resolução n. 8711 mencionem financiamento institucional e possibilidade de captação de recursos externos, a reali-

dade demonstra que a maior parte das unidades carece de estrutura para formular, coordenar e avaliar AEX em escala suficiente. A ausência de mecanismos robustos de fomento, incentivo docente e suporte técnico, associada à não obrigatoriedade de reinvestimento dos recursos de cursos pagos em ações extensionistas, agrava a desigualdade entre unidades.

Também há fragilidade no processo avaliativo. A exigência de avaliação da AEX pelo grupo social atendido é positiva, mas, até o momento, não há evidências de sistematização dessa avaliação nos registros institucionais, nem mecanismos de retorno qualitativo que possam retroalimentar o planejamento pedagógico.

CURRICULARIZAÇÃO DA EXTENSÃO NA USP: ENTRE A NORMA ROBUSTA E A PRÁTICA FRAGMENTADA

A PRCEU estruturou, com rigor e coerência, uma política normativa avançada de curricularização da extensão.

A Resolução n. 8711/2024 representa a consolidação desse esforço, ao regulamentar com precisão as atribuições, os formatos e os critérios de avaliação.

Contudo, permanece o desafio de transitar do modelo de conformidade normativa para um paradigma de transformação institucional. Para isso, é preciso:

- *Ampliar a oferta de AEX*, com estímulo à criação de atividades transversais, interunidades e de relevância social comprovada.
- *Reduzir a dependência exclusiva em disciplinas*, estabelecendo metas para reequilibrar os formatos.
- *Instituir mecanismos de financiamento*, reconhecimento docente e apoio técnico permanentes.
- *Estabelecer uma cultura avaliativa efetiva*, com base em critérios de impacto social, formação discente e participação cidadã.

A curricularização da extensão não deve ser apenas uma resposta a exigências legais, mas uma oportunidade de reinvenção do projeto universitário. A USP, ao liderar esse processo em nível nacional, tem a responsabilidade de dar o passo seguinte: transformar a letra da norma em experiência formativa viva, crítica e inclusiva.

Um aspecto adicional que merece destaque crítico diz respeito, como antes referido, à opção predominante pela inserção da extensão em disciplinas regulares. Esse modelo, ainda que viável do ponto de vista normativo, apresenta fragilidades estruturais relevantes. Em geral, tais disciplinas incorporam uma fração teórica e

outra considerada “extensionista”, mas essa porção extensionista não passa pelo crivo das Comissões de Cultura e Extensão Universitária (CCEX) das unidades. Ou seja, não é avaliada nem se configura efetivamente como atividade de extensão, o que compromete sua legitimidade. Ademais, não há previsão de que venha a ser avaliada, uma vez que as Comissões de Graduação, responsáveis por essas disciplinas, não dispõem de meios técnicos, humanos ou metodológicos para aferir o impacto social, o envolvimento comunitário e os critérios extensionistas exigidos. Diante disso, a situação precisa ser urgentemente reavaliada. Ela enfraquece a proposta de formação crítica e cidadã dos estudantes e compromete a coerência entre o discurso institucional da curricularização e sua prática pedagógica. A solução mais promissora será a de promover o desmembramento dessas duas partes, de forma que o conteúdo teórico permaneça na disciplina regular, registrada no sistema Júpiter, e a parte extensionista seja migrada para o sistema Apolo, como Atividade Extensionista Curricular (AEX), a fim de haver avaliação adequada e registro efetivo da parte extensionista da disciplina no histórico escolar do estudante.

FINANCIAMENTO DA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA: TRAJETÓRIA NORMATIVA E DESAFIOS CONTEMPORÂNEOS

A Universidade de São Paulo construiu, ao longo das últimas décadas, um conjunto de normas destinadas a conferir racionalidade, equidade e transparência à distribuição de seus recursos orçamentários. A meta sempre foi garantir que o financiamento institucional beneficiasse, de forma equilibrada, as atividades de ensino, pesquisa e extensão. No campo da Cultura e Extensão Universitária, esse esforço normativo teve início com a Resolução n. 4259/1996, que faz referência à distribuição de recursos entre o Fundo de Pesquisa e o Fundo de Cultura e Extensão.

Entretanto, foi somente com a Resolução n. 5427/2007 que se formalizou a criação do Fundo Único de Promoção à Pesquisa, à Educação, à Cultura e à Extensão Universitária (FUPPECEU/USP), cujo nome já sinalizava a intenção de atender de forma integrada às quatro Pró-Reitorias da Universidade. Apesar desse espírito inicial, mudanças normativas comprometeram o alcance equitativo dessa proposta.

A lógica de retenção institucional estabelecida desde então previa a aplicação de uma taxa de 10% sobre a receita bruta obtida com convênios, cursos e assessorias. A ideia era que esse valor fosse redistribuído entre a Reitoria, as Pró-Reitorias e as unidades. Contudo, a Resolução n. 7290/2016, ao substituir a anterior, alterou radicalmente esse modelo. Embora mantivesse o percentual de retenção, ela rompeu com a diretriz de distribuição para as Pró-Reitorias, instituindo uma

divisão fixa: 50% para as unidades executoras e 50% para a Reitoria. Desde então, a PRCEU deixou de ser destinatária direta desses recursos.

A situação se agravou com a Resolução n. 7905/2019, que, embora reafirme o percentual de arrecadação, consolida a exclusão da PRCEU como beneficiária. A norma não prevê, tampouco, qualquer obrigatoriedade de reinvestimento dos recursos pelas unidades em ações de cultura e extensão. O fundo, embora mantenha o nome promissor, tornou-se um instrumento predominantemente contábil, sem garantias de aplicação vinculada às finalidades originais.

Esse cenário tem provocado distorções relevantes. Por um lado, a PRCEU, responsável pela formulação de diretrizes, coordenação de programas e articulação de ações institucionais de alto impacto social, opera com orçamento restrito e desproporcional à sua missão. Sua capacidade de indução de políticas transversais, que integrem extensão com ensino e pesquisa, encontra-se seriamente limitada pela ausência de um financiamento próprio e estável.

Por outro lado, o modelo atual favorece apenas as unidades que ofertam extensão remunerada em larga escala, o que cria uma desigualdade estrutural entre aquelas que arrecadam e aquelas que atuam com projetos gratuitos ou comunitários, frequentemente de alta relevância social. O mais preocupante, no entanto, é que não há exigência de que os recursos obtidos com atividades extensionistas sejam reinvestidos em cultura e extensão, o que compromete o princípio de finalidade pública dessas ações.

Diante disso, impõe-se com urgência a revisão do modelo de alocação orçamentária do FUPPECEU. É imprescindível restabelecer o vínculo entre os recursos arrecadados por atividades de extensão e a aplicação efetiva de parte deles na promoção da cultura, da educação e da transformação social. A consolidação da extensão como função acadêmica essencial depende, além do reconhecimento normativo, da criação de condições institucionais concretas que sustentem sua realização.

CURSOS DE EXTENSÃO: BREVE ANÁLISE CRÍTICA

A Universidade, por meio da PRCEU, lida com as *distintas formas de extensão praticadas em diferentes áreas do conhecimento* (por exemplo, cursos da área da saúde ou do direito, que já envolvem atendimento ao público) e deve buscar meios para atendê-las adequadamente. O professor Jacques Marcovitch⁶, por exemplo, dese-

6. Reitor da USP no período de 1997 a 2001 e pró-reitor de Cultura de Extensão de 1993 a 1997. Reproduzo aqui

nha com muita clareza um quadro amplo de categorias de tipos de extensão praticados na Universidade. Resumo-o a seguir:

A extensão relacionada ao trabalho tem por foco o desenvolvimento de competências técnicas e profissionais, respondendo às demandas de setores governamentais, sociais, empresariais e sindicais. Abrange áreas como agronomia e engenharias, cuja aplicação é fundamental para a solução de problemas econômicos e sociais, bem como para a formação das novas gerações. Exemplos emblemáticos dessa modalidade incluem as residências médicas e os serviços de assistência jurídica.

A extensão com dimensão social dedica-se à promoção do bem-estar humano e da preservação ambiental, orientando-se pelos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS 2030). Suas ações procuram articular a sustentabilidade social, econômica e ambiental, numa perspectiva integradora e transformadora.

A extensão associada à ciência busca tornar o conhecimento científico acessível a públicos diversos, especialmente àqueles que não têm familiaridade com suas linguagens e métodos. Por meio de experimentos simples e atividades interativas, muitas vezes promovidas por museus e acervos universitários, são abordadas áreas como astronomia, microscopia, genômica, eletricidade e meteorologia.

Por sua vez, *a extensão vinculada à cultura* tem como objetivo contribuir para a formação integral de sujeitos críticos, sensíveis e participativos. Desenvolvida de forma ampla em unidades como Letras, Ciências Sociais, FAU, ECA, Educação e Museus, essa modalidade valoriza a criação artística, a reflexão intelectual e o diálogo entre saberes acadêmicos e práticas culturais.

A extensão universitária pode ser analisada, assim, a partir de grandes categorias temáticas – como trabalho, cultura, ciência e dimensão social – que refletem seus principais eixos de atuação. Essas categorias agrupam ações voltadas ao desenvolvimento técnico e profissional, à formação cidadã, à popularização científica e à sustentabilidade socioambiental. No entanto, para fins práticos e institucionais, é igualmente necessário considerar os tipos de extensão que se concretizam em modalidades específicas de atividade, como cursos de educação continuada, projetos comunitários, produções culturais, ações de inovação e práticas de educação popular, entre outros. É dentro dessas formas organizativas que se planejam e executam as Atividades de Extensão (AEX), inclusive aquelas passíveis de curricularização.

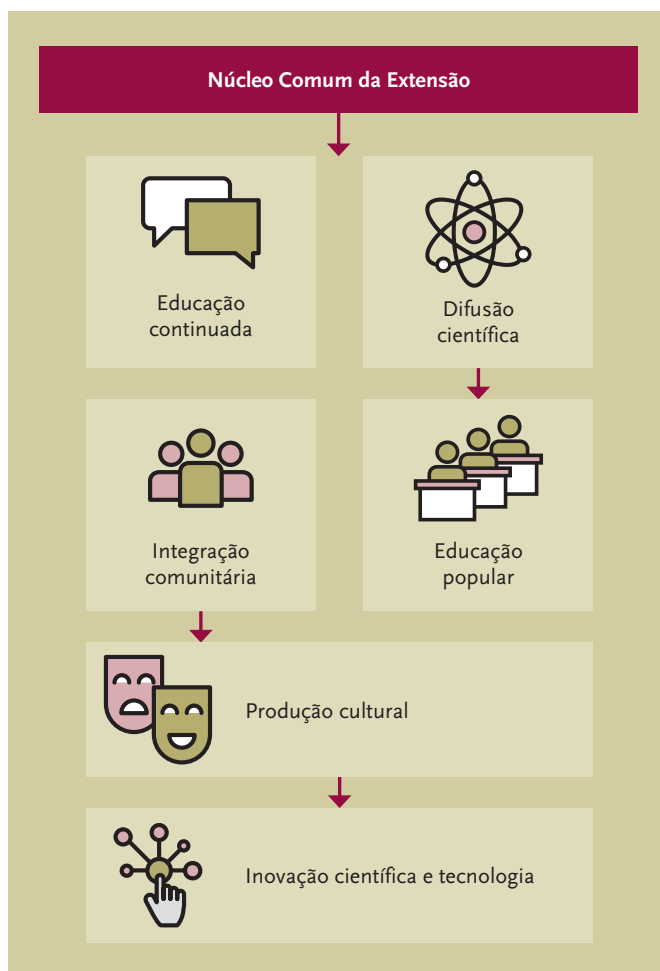
o conteúdo da longa conversa que tive com o Professor Jacques sobre questões relacionadas à extensão universitária.

Outros tipos de extensão existem e são legítimos. Extensão universitária é um conceito muito mais amplo do que apenas o de curricularização, sobre o que acabamos de falar, ou o de educação continuada, sobre o qual passaremos a falar. É preciso, no entanto, passarmos em revista outros tipos de extensão para que se tenha clareza a respeito do que vimos discutindo até aqui.

São, portanto, vários tipos e conceitos de extensão, e quase todos eles podem dar origem a Atividades de Extensão (AEX), a depender de seus objetivos e planejamentos. Vejamos breve resumo sobre alguns deles, já que a lista não é exaustiva:

1. Extensão como Educação Continuada: cursos de atualização, aperfeiçoamento, especialização, difusão, residências, por exemplo. Esses são voltados ao público em geral ou a profissionais formados, para aquisição, alinhamento ou atualização de saberes. Todos são muito comuns nas Universidades, porém, esse tipo não esgota o conceito de extensão.
2. Extensão como Integração Comunitária/Social: projetos que visam a atender a demandas sociais determinadas, especialmente em comunidades vulneráveis. Exemplos: projetos de saúde comunitária, assessoria jurídica gratuita, alfabetização de adultos, hortas urbanas, empreendedorismo popular. Muitos desses podem constituir atividades extensionistas curricularizáveis.
3. Extensão como Produção Cultural: ações que divulgam e produzem cultura: teatro, música, exposições, cinema, literatura. Esse tipo inclui atividades artísticas dentro e fora da Universidade. A depender do objetivo estabelecido, se envolver ativamente estudantes e sociedade, pode constituir atividade extensionista curricularizável.
4. Extensão como Inovação Tecnológica e Científica: transferência de tecnologia, projetos de inovação social, patentes, incubadoras de empresas. Esse é um tipo de extensão mais ligado à pesquisa aplicada e pode, igualmente, constituir atividade extensionista curricularizável.
5. Extensão como Educação Popular (pode ser curricularizada): projetos baseados na pedagogia crítica (Paulo Freire, por exemplo). A ideia é aprender com a comunidade, em um processo dialógico e horizontal de troca de saberes, e não apenas de ensinar. Totalmente curricularizável.
6. Extensão como Difusão Científica: popularização da ciência – eventos de divulgação científica, feiras de profissões, cursos para o público leigo. Tornar o conhecimento acadêmico acessível para toda a sociedade. Pode constituir atividade extensionista curricularizável.

Figura 3. Dimensões estratégicas do núcleo comum da extensão. Representação dos principais campos de atuação que compõem o núcleo comum da extensão universitária na USP, a partir de suas funções formativas e sociais: educação continuada, difusão científica, integração comunitária, educação popular, produção cultural e inovação científica e tecnológica. O diagrama indica relações de complementaridade e progressão entre esses campos, evidenciando a articulação entre conhecimento acadêmico e impacto social.



Uma representação gráfica de tais ideias pode ser vista na Figura 3.

Vamos, a seguir, tratar de “educação continuada”, que é um tipo de extensão tradicional da PRCEU e sobre o qual temos larga experiência. A PRCEU oferece centenas de cursos de extensão e acolhe centenas de milhares de estudantes do Brasil e do exterior, como passaremos a mostrar.

Entre os anos de 2013 e 2025, a Universidade de São Paulo consolidou robusto sistema de oferta de cursos de extensão universitária, abarcando diferentes naturezas formativas – Difusão, Atualização, Aperfeiçoamento e Especialização⁷. O Quadro 1 mostra a carga horária mínima para cada uma das naturezas desses cursos.

7. Não trataremos das residências médicas e multiprofissionais, por dois motivos: i. todas têm características muito específicas de seus cursos; ii. por questão de espaço.

Quadro 1. Carga Horária Mínima por Natureza de Curso de Extensão

Natureza	Carga Horária Mínima
Difusão	4 horas
Atualização	8 horas
Aperfeiçoamento	180 horas
Especialização	360 horas
Prática Profissionalizante	30 horas
Programa de Atualização	Composição modular variável

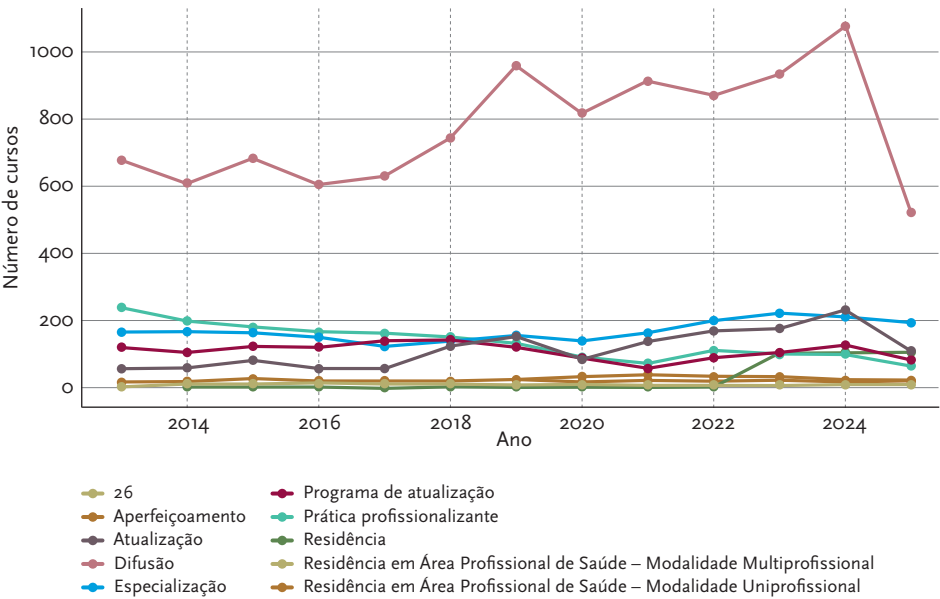


Gráfico 5. Evolução da Oferta e Ocupação – Cursos de Difusão. Apresentação do nível de oferta de cursos de extensão por natureza, no período de 2013 a 2025. Destacam-se os cursos de Difusão, seguidos por Atualização, Aperfeiçoamento e Especialização.

A análise crítica dos dados consolidados ao longo desse período revela avanços significativos, desafios persistentes e importantes oportunidades de aprimoramento no âmbito das atividades extensionistas da Universidade.

O estudo da oferta e da ocupação dos cursos de Difusão entre 2022 e 2024 revela um quadro expressivo de produção extensionista, mas com sinal de alerta quanto à eficiência do sistema. Apesar do elevado número de cursos ofertados, as taxas

de ocupação indicam que nem sempre há correspondência entre o que é disponibilizado e o interesse efetivo do público. Essa disparidade pode decorrer tanto de falhas na divulgação quanto de inadequações no desenho curricular, exigindo ações mais estratégicas das unidades e coordenações envolvidas.

Um dos pontos de maior destaque é a expressiva capilaridade da oferta de cursos, com ênfase nos cursos de Difusão, que lideram com ampla margem o número de cursos realizados anualmente. Trata-se, portanto, da principal via de entrada da sociedade nos cursos de extensão da USP. Em diversos anos, essa categoria de curso ultrapassou a marca de seiscentos por ano, o que evidencia não apenas a vitalidade da extensão mas também o seu potencial de conexão com públicos diversos, especialmente externos à comunidade acadêmica. A ampla participação desse público nos cursos reafirma o papel da extensão como ponte entre o conhecimento produzido na Universidade e as demandas da sociedade.

Embora os cursos de Difusão sejam reconhecidamente os mais numerosos dentro do universo da extensão universitária da USP, o critério de análise adotado neste relatório prioriza não o volume absoluto, mas a eficiência da oferta. Por isso, apresenta-se aqui a evolução da taxa de ocupação, ou seja, o percentual de vagas efetivamente preenchidas por cursos e por natureza. A Difusão, nesse sentido, mostra aderência notável ao longo de toda a série histórica: mesmo com mais de seiscentos cursos ofertados por ano em média, manteve uma taxa de ocupação geralmente superior a 80%, o que revela alto interesse social, boa aderência temática e capacidade das unidades em dimensionar corretamente suas ofertas. A partir de 2022, contudo, observa-se uma discreta tendência de declínio – ainda com patamares elevados, mas que podem indicar um início de saturação, especialmente diante da expansão acelerada das ofertas. Optar por analisar a taxa de ocupação em lugar do número bruto de cursos permite captar com mais precisão o equilíbrio entre planejamento institucional e demanda real, dando à gestão elementos mais confiáveis para decisões futuras.

As taxas de reprovação nos cursos de Difusão mantêm-se elevadas ao longo dos anos, situando-se frequentemente entre 20% e 30%. Esses índices sugerem a necessidade de revisão das metodologias utilizadas, da estrutura pedagógica e do processo de acompanhamento dos participantes. A elevada reprovação, especialmente em cursos com função introdutória ou de disseminação ampla de conhecimento, representa um desafio tanto formativo quanto institucional, indicando a urgência de avaliações por parte das Comissões de Cultura e Extensão.

Apesar da amplitude da oferta, essa expressividade em volume contrasta com a alta taxa de reprovação, que oscila entre 20% e 30% em diversos anos. Tal índice pode refletir fragilidades metodológicas, ausência de mecanismos de acompanha-

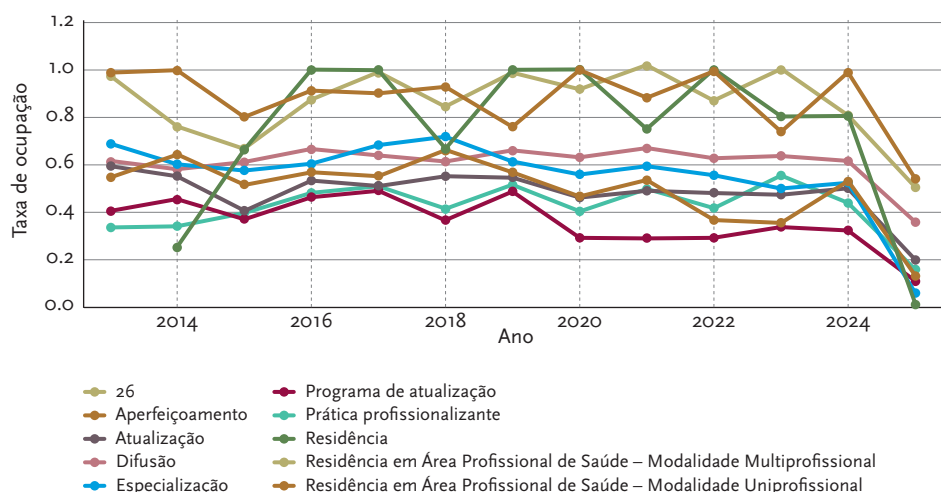


Gráfico 6. Desempenho nos Cursos de Difusão. Desempenho nos cursos de extensão por natureza (Taxa de Ocupação 2013-2025). Observa-se desempenho irregular, com taxas frequentemente abaixo de 70%, sobretudo nas modalidades de Especialização e Residência. Os cursos de Difusão apresentam ocupação mais estável, ainda que associada a taxas elevadas de reprovação. Os dados apontam para desafios de alinhamento entre oferta, demanda e perfil dos participantes.

mento eficazes ou ainda descompasso entre o perfil do público e os requisitos dos cursos. Apesar disso, a presença significativa de estrangeiros nos cursos de Difusão revela o seu potencial de internacionalização e de impacto externo.

Outro ponto relevante a ser destacado no que tange aos cursos de extensão refere-se à densidade formativa dos cursos de Especialização, que, segundo as normas vigentes da PRCEU (Resoluções 5940, 7867 e 6629)⁸, devem contar com carga horária mínima de 360 horas. Embora essa natureza de curso não lidere em número de ofertas, apresenta uma média de 39 254 horas por curso no período 2022-2024, valor significativamente superior ao observado em cursos de Difusão (1 626 horas) ou Atualização (4 451 horas), cujas exigências mínimas são de apenas quatro e oito horas, respectivamente. Essa diferença reflete funções distintas: enquanto a Difusão visa a alcançar amplos públicos em ações pontuais, a Especialização está voltada à formação aprofundada de profissionais, exigindo planejamento pedagógico estruturado, corpo docente qualificado e mecanismos avaliativos consistentes. Ainda assim, a Especialização enfrenta desafios importantes: as taxas de

8. Todas as três Resoluções estão em fase de modernização e perderão validade ainda neste ano, porém, o que aqui se afirma não está em desconformidade com os textos legais, que já se encontram em fase de análise jurídica visando à sua atualização.

ocupação são, em muitos casos, inferiores a 50% (Gráfico 6) e a taxa de aprovação apresenta variações expressivas entre os anos (Gráfico 8), o que pode indicar instabilidade na estruturação dos cursos ou descompasso entre oferta e perfil do público. Mesmo com tais desafios, a manutenção de oferta representativa de cursos de Especialização sinaliza o compromisso institucional com processos de formação continuada voltados a públicos específicos e qualificados.

Além da análise das taxas de ocupação, é fundamental considerar outros indicadores de qualidade e eficiência dos cursos ofertados. A taxa de aprovação e o *feedback* dos participantes são elementos essenciais para a compreensão do impacto dos cursos de extensão. Através desses dados, podemos identificar áreas de melhoria e potencializar as estratégias de ensino e aprendizagem.



Gráfico 7. Perfil dos Cursos de Atualização. Evolução de matriculados e aprovados nos cursos de Atualização (2013-2025).

Os cursos de Atualização demonstram relativa estabilidade nos indicadores de matrícula e aprovação, com desempenho satisfatório e ocupação razoável das vagas. Este comportamento indica uma boa sintonia entre a natureza desses cursos – voltados a profissionais que buscam capacitação pontual – e o público atendido. Ainda assim, os dados reforçam a importância de manter uma escuta ativa junto aos egressos e uma articulação consistente com o setor produtivo para garantir atualização de conteúdos e formatos (Gráfico 7).

Os cursos de Atualização da USP têm desempenhado um papel consistente na política de extensão universitária ao longo da última década. Os dados referentes ao período de 2013 a 2025 revelam um volume expressivo e relativamente estável de matrículas, o que confirma o interesse contínuo da comunidade externa por esse tipo de oferta, voltado à capacitação pontual e de curta duração.

Apesar da boa adesão, os números indicam certa distância entre os matriculados e os aprovados, com taxas médias de aprovação que raramente ultrapassam 60%. Essa lacuna, visível em todos os anos da série, evidencia que o desafio não está apenas em atrair participantes, mas também em garantir sua permanência e conclusão. Em anos como 2022 e 2023, por exemplo, observa-se um volume muito alto de matrículas, seguido de uma taxa de aprovação proporcionalmente baixa – o que pode apontar para dificuldades no acompanhamento, desistência ou inadequação de parte do público às exigências pedagógicas do curso.

A partir de 2024, os números indicam uma retração geral, compatível com o movimento de reestruturação da oferta de extensão na USP, e 2025 aparece, por ora, com dados parciais. Mesmo com essas flutuações, os cursos de Atualização continuam representando uma das principais portas de entrada da sociedade nas ações da Universidade.

Esses resultados reafirmam a relevância estratégica dessa natureza de curso, mas também reforçam a necessidade de qualificação constante – tanto no planejamento pedagógico quanto nos mecanismos de acolhimento e acompanhamento dos participantes. O desafio institucional não está apenas em oferecer vagas, mas em garantir percursos formativos que sejam viáveis, adequados e realmente transformadores para os públicos atendidos.

O Gráfico 8 apresenta a evolução da taxa de aprovação nos cursos de extensão da USP, por natureza, entre 2013 e 2025. Observa-se uma relativa estabilidade até 2019, seguida por um declínio acentuado e contínuo a partir de 2020, com valores mínimos registrados nos anos de 2022 e 2025. A taxa de aprovação nos cursos de Difusão, por exemplo, caiu de 72% em 2019 para menos de 5% em 2022. Essa queda generalizada não se restringe a uma modalidade específica, mas afeta diversas naturezas – como Especialização, Atualização e até mesmo as Residências em Saúde – indicando uma possível fragilidade sistêmica que merece atenção institucional.

Cursos de Difusão e Especialização, que concentram os maiores volumes de oferta, revelam oscilações acentuadas e, em certos anos, taxas próximas de nulidade, o que compromete a efetividade dessas ações. Mesmo naturezas tradicionalmente mais estáveis, como Atualização e Aperfeiçoamento, apresentam tendência de queda, ainda que em menor intensidade. A persistência desse padrão nos dados longitudinais aponta para um fenômeno estrutural que deve ser enfrentado com base em evidências.

A situação exige respostas articuladas em três frentes: (1) revisão dos critérios de aprovação e das rotinas de registro nos sistemas acadêmicos, para verificar se parte do declínio decorre de falhas operacionais; (2) fortalecimento das estratégias pedagógicas, especialmente nos cursos de maior alcance, cuja escala pode

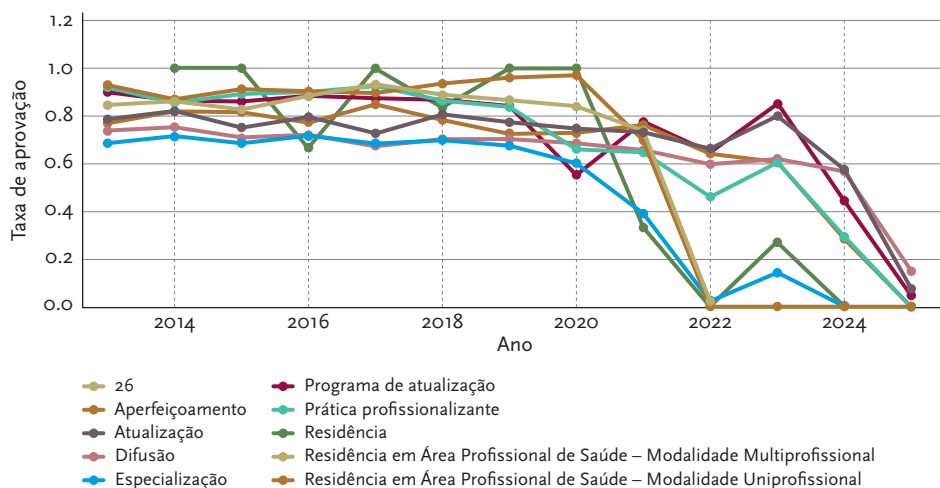


Gráfico 8. Análise Geral da Taxa de Aprovação, por natureza (2023-2025).

ter comprometido a qualidade formativa; e (3) cruzamento da taxa de aprovação com outros indicadores – como evasão, ocupação de vagas e perfil dos participantes – de modo a embasar políticas de extensão mais eficazes e com impacto comprovado na formação.

No plano da internacionalização (Gráfico 9), observa-se uma tendência consistente de crescimento na presença de participantes estrangeiros nos cursos de extensão da USP, com destaque evidente para a natureza Difusão, que concentra a ampla maioria desses registros. A partir de 2018, esse crescimento torna-se mais expressivo, culminando em valores absolutos elevados em 2023 e 2024, quando os cursos de Difusão superaram, em conjunto, mais de sete mil estrangeiros por ano. Em seguida, a Atualização aparece como segunda mais internacionalizada, embora com números bastante inferiores, o que condiz com sua natureza de formação mais técnica e segmentada.

Essa predominância indica que os cursos de curta duração e conteúdo focado têm maior apelo junto a públicos estrangeiros, seja por sua flexibilidade, seja pela possibilidade de acesso remoto ou pelas temáticas de interesse global. Apesar da concentração, também se observa participação crescente em cursos de Especialização e, em menor escala, nas modalidades de Programa de Atualização e Prática Profissionalizante. Esses dados sinalizam uma oportunidade estratégica para a USP ampliar sua internacionalização por meio da extensão, consolidando uma política linguística, tecnológica e acadêmica de abertura global. O salto recente, contudo, exige análise cuidadosa sobre fatores contextuais que o influenciaram –

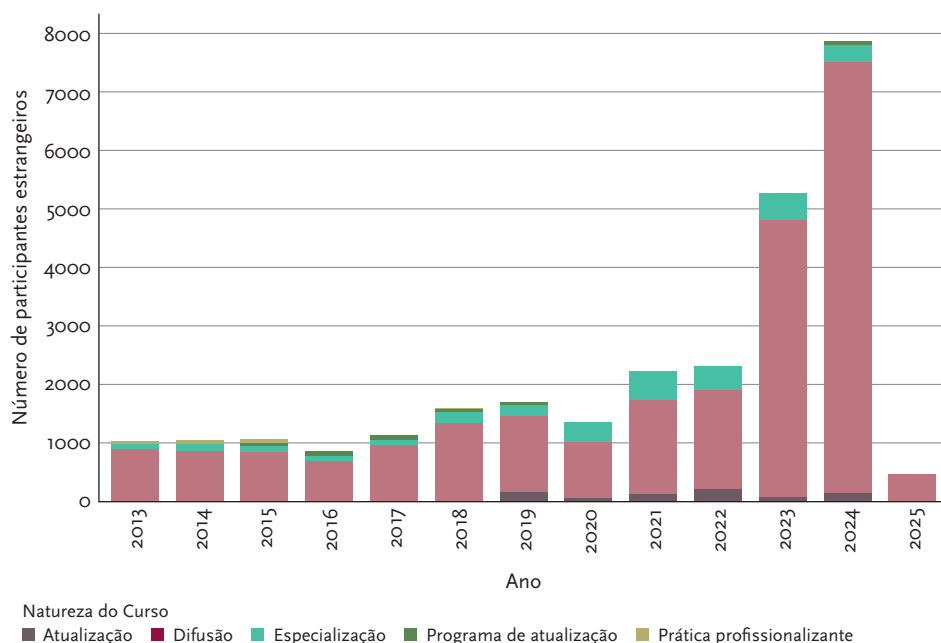


Gráfico 9. Participação de Estrangeiros nos Cursos de Extensão, por Natureza. Observa-se crescimento contínuo da presença de estrangeiros na USP a partir de 2018, com pico em 2023 e 2024, concentrado principalmente na natureza Difusão. Essa modalidade revela alto apelo internacional, com participação também crescente em Especialização e outras naturezas. Os dados indicam oportunidade estratégica para a ampliação da política de internacionalização da USP por meio da extensão.

como a criação da plataforma USPEX, a reformulação da estrutura dos cursos, o aumento da inserção digital e ações institucionais pontuais.

A presença marcante de estrangeiros nos cursos de Difusão reforça o papel estratégico dessa modalidade como ponte entre a Universidade e os saberes em circulação global, sendo frequentemente procurada por brasileiros residentes no exterior, falantes de língua portuguesa em países lusófonos e profissionais de diversas áreas culturais e acadêmicas. O fenômeno revela o potencial da USP como polo formativo de alcance internacional, ao mesmo tempo que abre possibilidades concretas de articulação com redes de cooperação acadêmica, projetos multilíngues e ações de diplomacia científica e cultural. A aderência entre proposta pedagógica e perfil do público também se expressa nas altas taxas médias de aprovação observadas especialmente nos cursos de Difusão e Especialização, que superam os 80% em diversos anos, sinalizando consistência metodológica e sintonia com as expectativas dos participantes.

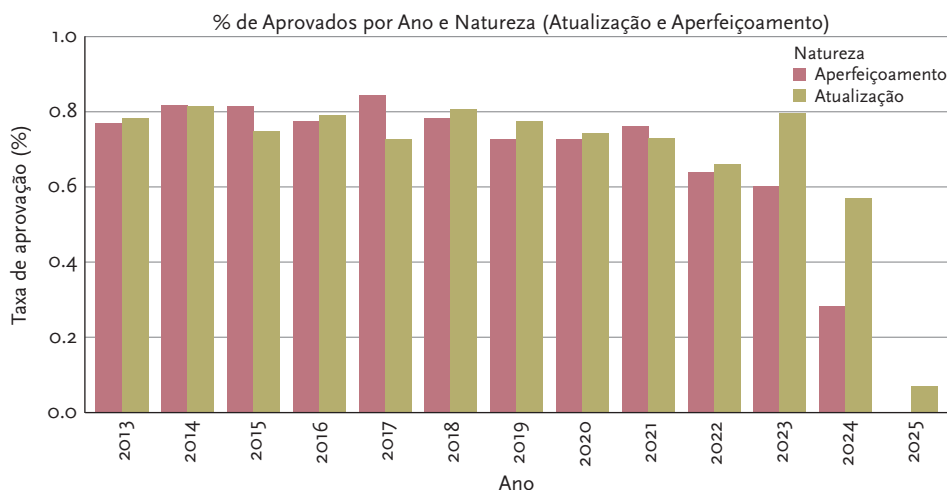


Gráfico 10. Desempenho e Volatilidade – Cursos de Especialização. As duas modalidades apresentaram taxas superiores a 80% até 2017, seguidas por uma tendência de queda contínua a partir de 2018. Em 2024, ambas registraram aprovação inferior a 45%, indicando possíveis fragilidades metodológicas ou mudanças no perfil dos participantes. O dado sugere a necessidade de reavaliação das estratégias pedagógicas voltadas à formação técnica continuada.

A qualidade da aderência entre proposta pedagógica e público interessado historicamente se refletiu nas altas taxas médias de aprovação registradas nos cursos de Atualização e Aperfeiçoamento, que superaram os 80% entre 2014 e 2017 (Gráfico 10). Esse resultado sugeria, naquele momento, uma boa sintonia entre os objetivos formativos e as expectativas dos participantes. No entanto, a partir de 2018, observa-se uma tendência consistente de queda nas taxas de aprovação, com valores abaixo de 70% nos anos recentes e, em 2024, índices inferiores a 45% em ambas as modalidades. Essa mudança pode indicar fragilidades metodológicas acumuladas, dificuldades de acompanhamento pedagógico ou transformações no perfil dos participantes. O dado, por si, aponta para a necessidade de reavaliação das estratégias pedagógicas adotadas por essas modalidades, tradicionalmente associadas à atualização técnica e contínua de profissionais em atividade.

Os cursos de Aperfeiçoamento, em particular, também apresentam histórico de boas taxas de aprovação, o que sugere coerência entre conteúdo, metodologia e público-alvo. No entanto, compartilham com os cursos de Especialização o desafio da baixa taxa de ocupação, frequentemente inferior a 50%, conforme observado no Gráfico 6. Essa ociosidade pode refletir tanto um desalinhamento entre a oferta e a demanda quanto limitações na divulgação, na estrutura ou no formato dos cursos. Apesar do bom desempenho entre os concluintes, os cursos de Aperfeiçoamento

não se destacam em volume nem em presença estrangeira, o que indica um papel mais restrito – embora qualificado – no conjunto da política extensionista da USP.

Quanto aos cursos de Difusão, embora sejam altamente expressivos em volume, observam-se taxas de reprovação elevadas, variando entre 20% e 30% em diversos anos. Tal dado sugere problemas de natureza metodológica, de acompanhamento pedagógico ou mesmo de inadequação entre o perfil do público e as exigências dos cursos. Tal investigação deve ser feita pelos coordenadores, provocados pelas Comissões de Extensão de cada unidade proponente. Avaliação que a PRCEU deverá conduzir em futuro próximo.

Entre os principais desafios enfrentados pelos cursos de extensão da USP, destaca-se a alta taxa de reprovação em várias naturezas formativas, que oscila entre 20% e 30% em diversos anos. Esse índice pode refletir fragilidades metodológicas, ausência de mecanismos de acompanhamento eficazes ou ainda um descompasso entre o perfil do público e os requisitos pedagógicos das ofertas. É crucial, nesse contexto, desenvolver metodologias que promovam maior aderência dos participantes aos objetivos de aprendizagem, ajustando os cursos às expectativas e realidades dos estudantes.

O Gráfico 11, que apresenta a evolução da taxa de reprovação nos cursos de extensão da USP entre 2013 e 2025, revela um panorama de desigualdade e instabilidade nos resultados, com variações relevantes de acordo com o tipo de curso, o ano de oferta e possivelmente a unidade responsável. Embora parte significativa dos cursos registre bons índices de aprovação – superiores a 80% –, observa-se, em diversos períodos, oscilações preocupantes, com taxas de reprovação que ultrapassam os 20% e, em certos casos, se aproximam de 35%.

Os cursos de Especialização se destacam nesse contexto por apresentarem as maiores flutuações, o que pode estar associado ao seu maior grau de complexidade. Ainda assim, há casos de taxas elevadas de reprovação também em cursos de Atualização e Aperfeiçoamento, especialmente quando oferecidos em larga escala ou em formato remoto, sugerindo que o problema não é exclusivo de uma modalidade, mas estrutural.

Entre os fatores que podem explicar esse comportamento estão: fragilidades nos projetos pedagógicos, ausência de acompanhamento processual, variações nos critérios de avaliação entre unidades e insuficiência de suporte ao estudante. A heterogeneidade dos públicos atendidos – que vão de estudantes de graduação a profissionais já estabelecidos no mercado – exige atenção redobrada quanto à clareza dos objetivos, à adequação das metodologias e à compatibilidade entre conteúdo, carga horária e avaliação.



Gráfico 11. Taxa Geral de Reprovação por Ano nos Cursos de Extensão. Número absoluto de reprovados nos cursos de extensão (2013-2025). As variações, que chegam a 35% em alguns anos, indicam fragilidades metodológicas e descompasso entre perfil do público e exigências pedagógicas.

A diferença persistente entre matriculados e concluintes também sugere a necessidade de se desenvolverem estratégias institucionais voltadas ao fortalecimento do vínculo formativo nos cursos de extensão. Ainda que a maioria dessas atividades seja de curta duração e muitas ocorram a distância, o volume de evasão aponta para oportunidades de aprimoramento na comunicação dos objetivos, clareza dos critérios de avaliação, adequação da carga horária e metodologias mais envolventes. Em uma universidade pública de referência como a USP, é preciso zelar não apenas pela quantidade de inscrições, mas também pela efetividade das ações educativas iniciadas. A criação do Escritório de Valorização da Extensão (Evex) tem também o objetivo de sinalizar para as Unidades de Ensino todas as questões a respeito do que se observa sobre os cursos de extensão.

Portanto, os dados do gráfico reforçam a necessidade de se adotar políticas transversais de qualificação da oferta, com foco em planejamento pedagógico, critérios avaliativos claros, formação de docentes para essa modalidade de ensino e sistemas de acompanhamento ativo – de modo a garantir que a extensão cumpra plenamente sua missão de formação continuada, impacto social e democratização do saber. Outro ponto crítico diz respeito ao descompasso entre a quantidade de cursos e o impacto que causam na sociedade. A elevada quantidade de cursos oferecidos nem sempre se traduz em taxas robustas de engajamento ou de conclusão, indicando que, em alguns casos, o volume de inscritos não corresponde à sua efetiva participação e aproveitamento nas aulas. O que deve, igualmente, ser

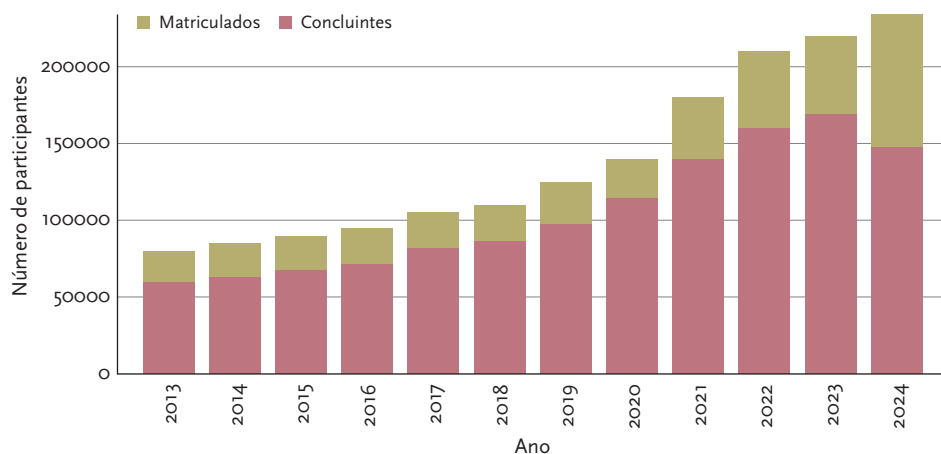


Gráfico 12. Matrículas x Concluintes por Ano. O crescimento expressivo das matrículas, especialmente após 2020, não é acompanhado por igual aumento no número de concluintes. Esse descompasso aponta para desafios de evasão, adesão impulsiva e fragilidades metodológicas em parte das ofertas. A consolidação da plataforma USPEx impulsionou a expansão, mas evidencia a necessidade de estratégias de retenção e qualificação do vínculo formativo.

avaliado. Contudo, há evidências, como as apresentadas adiante, que mostram que os cursos de extensão da USP têm causado impacto positivo na sociedade.

O Gráfico 12, que compara o número de matrículas e de concluintes por ano, evidencia um descompasso entre o acesso e a efetiva finalização dos cursos. Mesmo em anos de forte crescimento nas matrículas, como 2020 a 2024, a taxa de conclusão não acompanha o mesmo ritmo. Este fenômeno aponta para causas como evasão, desinteresse ou dificuldades operacionais não monitoradas, o que compromete a efetividade das ações extensionistas e reforça a necessidade de políticas de acompanhamento mais ativas.

A diferença de parte das colunas amarelas (matriculados) e laranjas (concluintes) se mantém constante durante o período de 2013 a 2024, ainda que ambos os indicadores revelem uma trajetória de crescimento. O conhecimento interno e profundo da PRCEU já revelou que esse descompasso dá-se também pelo excesso de oferta de vagas em muitos cursos.

Com um modelo de oferta contínua ao longo do ano, os cursos de extensão da USP superaram a marca de 230 mil matrículas em 2024, número que reflete o dinamismo e a escala abrangente da atuação extensionista da Universidade. Ainda assim, o número de concluintes permanece significativamente inferior, abaixo de 150 mil, o que representa uma taxa de evasão ou abandono que se aproxima de 25%. Esse padrão se repete ao longo de toda a série histórica, com destaque para

2020, quando a ampliação das ofertas remotas levou a um aumento abrupto nas matrículas, mas sem crescimento proporcional no número de concluintes – reflexo dos desafios impostos pela pandemia e pela transição emergencial para o ensino a distância.

As causas desse descompasso podem estar associadas a fatores diversos, tais como adesão impulsiva a cursos gratuitos, falta de clareza quanto às exigências de participação e avaliação, sobrecarga de atividades por parte dos estudantes e fragilidades na condução pedagógica e comunicacional de algumas ofertas.

A criação e consolidação da plataforma USP de Extensão (USPEX) foi um passo decisivo para esse processo de expansão, conferindo visibilidade pública, centralização das ofertas e maior transparência institucional às atividades de extensão da USP, especialmente os cursos. Ao reunir em um único ambiente digital as atividades extensionistas da Universidade, a plataforma ampliou o acesso da sociedade aos cursos e evidenciou o compromisso da USP com a democratização do conhecimento. O aumento expressivo das matrículas a partir de 2023 está associado, em boa medida, à consolidação da plataforma USPEX, que ampliou a visibilidade pública da oferta, unificou os processos institucionais e facilitou o acesso da sociedade às atividades formativas promovidas pela Universidade.

A diferença persistente entre matriculados e concluintes também sugere a necessidade de estratégias institucionais voltadas ao fortalecimento do vínculo formativo nos cursos de extensão. Ainda que a maioria dessas atividades seja de curta duração e muitas ocorram a distância, o volume de evasão aponta para oportunidades de aprimoramento na comunicação dos objetivos, clareza dos critérios de avaliação, adequação da carga horária e metodologias mais envolventes. Em uma universidade pública de referência como a USP, é preciso zelar não apenas pela quantidade de inscrições, mas também pela efetividade das ações educativas iniciadas.

A situação torna-se ainda mais complexa nos cursos de Especialização, cuja análise revela taxas de aprovação bastante voláteis entre 2013 e 2025. Em alguns anos, a aprovação se aproxima de 80%, enquanto em outros recua para patamares inferiores a 65%, sugerindo, talvez, instabilidade na condução pedagógica, variações na composição do público ou diferenças na aplicação de critérios avaliativos entre as unidades. A isso se soma o fato de que a taxa de ocupação dos cursos de Especialização permanece frequentemente abaixo de 50%, indicando um possível desequilíbrio entre oferta e demanda.

Apesar desses desafios, é importante destacar que os cursos de Especialização cumprem um papel singular no sistema de extensão universitária. Com carga horária mínima normativa de 360 horas (ver Quadro 1), eles representam a natu-

reza de maior densidade formativa entre os cursos regulares da USP. No período de 2022 a 2024, por exemplo, a média de carga horária dos cursos de Especialização foi de 39 254 horas, valor significativamente superior ao de outras naturezas, como Aperfeiçoamento (20 639 horas) ou Atualização (4 451 horas). Essa densidade, por si só, exige planejamento mais cuidadoso, acompanhamento docente mais contínuo e instrumentos de avaliação mais exigentes.

Manter a Especialização como parte do portfólio da extensão da USP, mesmo diante de taxas de ocupação e aprovação menos estáveis, expressa o compromisso institucional com a formação continuada de alta qualidade, voltada a públicos profissionais especializados. Mais do que números, esses cursos traduzem uma opção política da Universidade por oferecer trajetórias formativas consistentes, capazes de produzir impacto duradouro tanto na vida dos participantes quanto nos contextos profissionais em que atuam.

Por fim, os cursos de Especialização apresentam significativa volatilidade nas taxas de aprovação, o que oscila, acentuadamente, de ano para ano. Essa instabilidade pode decorrer de variações no perfil do corpo docente, de estratégias de avaliação ou ainda pela diversidade dos públicos atendidos. Essa situação já foi submetida ao Escritório de Valorização da Extensão (Evex), recém-criado pela PR-CEU para proceder a todas as análises que envolvem questões de extensão.

O conjunto de dados analisado permite uma visualização panorâmica das quatro principais naturezas de cursos de extensão ofertadas pela USP no período de 2022 a 2024 – Difusão, Especialização, Atualização e Aperfeiçoamento. Para cada uma dessas categorias, foram destacados indicadores-chave relativos à oferta, ao desempenho e à composição do público participante, compondo um retrato abrangente da extensão universitária em sua dimensão formativa.

Embora o volume e a visibilidade das ações de extensão sejam notáveis – especialmente nos cursos de Difusão e Especialização –, os dados revelam desafios estruturais importantes. Entre eles, destacam-se: I. a efetividade, comprometida por altas taxas de reprovação e evasão; II. a eficiência, afetada por ocupação irregular das vagas; e III. a consistência institucional, fragilizada por oscilações acentuadas nos resultados entre anos e modalidades. Esses elementos apontam para a urgência de uma reestruturação mais estratégica da política extensionista da USP, capaz de ampliar seu impacto social sem renunciar à qualidade formativa que caracteriza o compromisso da Universidade com a sociedade.

A leitura quantitativa dos cursos de extensão, especialmente daqueles classificados como Especialização, quando articulada às condições institucionais que os sustentam, permite identificar não apenas os desafios, mas também a resiliência e o potencial de aprimoramento da política de formação continuada na USP.

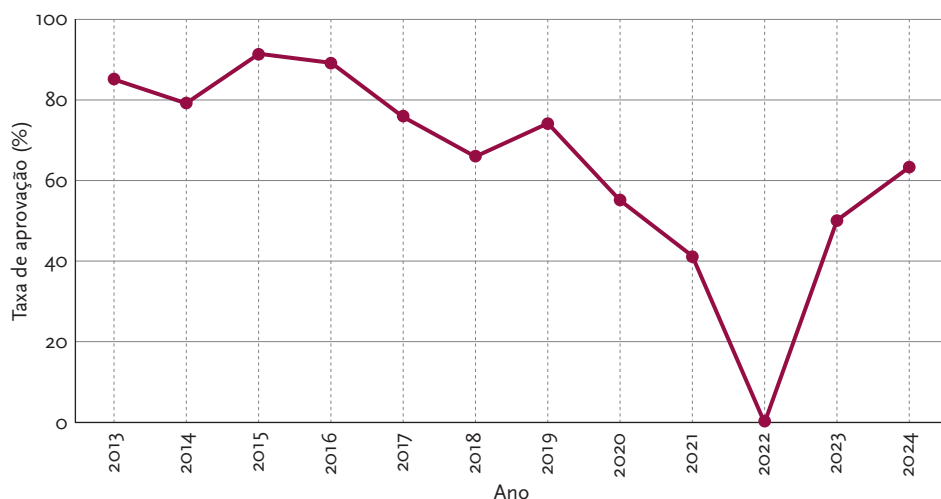


Gráfico 13. Variação na Aprovação – Cursos de Especialização (2013–2022). Após estabilidade acima de 80% entre 2013 e 2016, observa-se queda acentuada até 2022, seguida de rápida recuperação. A oscilação reflete a complexidade dessa modalidade, marcada por alta densidade formativa e exigência acadêmica. Os dados reforçam a importância de diretrizes institucionais de acompanhamento e qualificação contínua dessa oferta.

O Gráfico 13 revela uma trajetória oscilante nas taxas de aprovação nos cursos de Especialização ao longo da última década. Após anos de estabilidade em patamares elevados – acima de 80% entre 2013 e 2016 –, observa-se uma fase de variações, com queda acentuada em 2022, ano ainda fortemente impactado pelos efeitos da pandemia. A rápida recuperação nos anos seguintes, com taxas de 50% em 2023 e 63% em 2024, demonstra a capacidade institucional de reorganização e resposta das unidades responsáveis por essa modalidade.

Essa flutuação, mais do que fragilidade, revela a complexidade inerente a cursos que exigem maior densidade curricular, corpo docente especializado e forte compromisso dos participantes. Ao mesmo tempo, reforça a importância de consolidar diretrizes de planejamento e acompanhamento pedagógico que respeitem a diversidade de públicos atendidos e valorizem a qualidade da formação ofertada.

A existência de cursos com alta exigência acadêmica, como os de Especialização, reafirma o papel da extensão universitária como espaço legítimo de formação avançada, articulada à produção de conhecimento e à transformação profissional. Sua sustentabilidade, garantida por modelos de autofinanciamento, para alguns, não elimina a necessidade de políticas institucionais que assegurem qualidade, articulação entre unidades e coerência com a missão pública da Universidade.

IMPACTO DOS CURSOS DE ESPECIALIZAÇÃO NA TRAJETÓRIA DOS EGRESSOS

A análise quantitativa dos cursos de extensão da USP, especialmente dos cursos de Especialização, revela um panorama de crescimento, diversidade e amadurecimento institucional. No entanto, mais do que os dados numéricos de matrícula, aprovação e conclusão, é fundamental considerar a percepção dos próprios participantes sobre o impacto formativo dessas experiências. Os cursos de Especialização, particularmente os de larga escala e reconhecimento nacional, como os ofertados pela Esalq/USP, oferecem oportunidade valiosa de aferir a qualidade percebida e a relevância social da extensão universitária. Nesse contexto, os relatórios de acompanhamento de egressos tornam-se instrumentos estratégicos para avaliar a efetividade das ações extensionistas sob a ótica de quem viveu o processo.

A análise do Relatório de Egressos da Turma 221 dos cursos de Especialização (MBA USP/Esalq) reforça a relevância e o impacto social dessa modalidade de curso na Universidade de São Paulo. Com mais de seis mil alunos na turma, a pesquisa obteve 989 respondentes, o que representa uma amostra expressiva e estatisticamente significativa (15,79%).

Entre os principais resultados, destaca-se o alto índice de empregabilidade (99,1%) e o perfil sênior dos egressos, com 57,8% atuando em posições de liderança ou responsabilidade técnica. Os dados apontam ainda que 76% dos participantes atribuíram ao curso a conquista de novas habilidades profissionais, e mais de 32% relataram promoções, aumento salarial ou transição de carreira diretamente atribuídas à formação.

A marca institucional também aparece como um diferencial: “Certificação USP” foi o fator mais citado como motivador da escolha pelo curso (73,71% o indicaram entre os três fatores principais). Em termos de satisfação geral, 90,5% dos egressos avaliaram o curso com notas entre 8 e 10.

Além do retorno direto à carreira, a pesquisa revelou forte engajamento com a instituição: 74,7% manifestaram interesse em realizar outro curso, e 76,1% demonstraram disposição para integrar a comunidade de ex-alunos. Isso indica não apenas a efetividade dos cursos, mas também um potencial relevante de fidelização institucional.

Esses dados demonstram que, embora os cursos de Especialização apresentem desafios em termos de estabilidade nas taxas de aprovação, como revelado nos gráficos anteriores, eles também constituem um canal de impacto acadêmico e social relevante. A articulação entre qualidade formativa, reconhecimento de

marca e inserção no mercado torna esses cursos estratégicos para a política extensionista da USP.

A seguir, destacam-se alguns extratos qualificados de egressos, organizados por eixo temático, que ilustram os impactos vividos:

Crescimento profissional e reconhecimento

“Concluir o MBA em Gestão de Projetos foi uma experiência transformadora... me sinto mais preparado e confiante para enfrentar novos desafios”.

“Obtive maior reconhecimento no meu ambiente de trabalho, estando mais presente nas decisões estratégicas, e consegui reconhecimento financeiro” (cf. Relatório Pecege, 2024, pp. 68-70).

Transição de carreira e empregabilidade

“Após o MBA abri meu próprio negócio e venho usando os conhecimentos adquiridos para traçar os melhores caminhos”.

“Fui demitida durante o curso. Após a conclusão, publiquei no LinkedIn minha certificação e fui recontratada pela empresa” (cf. Relatório Pecege, 2024, p. 70).

Ampliação da visão estratégica

“O MBA me proporcionou uma visão mais estruturada e eficiente na gestão de projetos complexos”.

“Hoje tenho uma visão de negócios muito mais ampla. Os conhecimentos adquiridos no curso ampliaram minha capacidade de análise estratégica e tomada de decisão” (cf. Relatório Pecege, 2024, pp. 67-69).

Mudança de mentalidade e desenvolvimento pessoal

“O curso me ensinou a transformar complexidade em clareza. Foi como ganhar novos óculos para ver além do óbvio”.

“Aprendi a fazer gestão de tarefas, de tempo, de sala de aula... o impacto foi grande e para melhor, é claro” (cf. Relatório Pecege, 2024, pp. 66-67)⁹.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A trilha percorrida neste capítulo revela a complexidade e a riqueza que caracterizam a cultura e a extensão universitária na Universidade de São Paulo. Longe de

9. Fonte: Pesquisa de Egressos – Turma 221, MBA USP/Esalq. Pecege, 2024.

concepções simplificadoras, a cultura é aqui compreendida como um campo vasto e multifacetado, que incorpora o conhecimento científico, artístico e popular em suas mais diversas expressões. Da mesma forma, a extensão universitária é desvelada não apenas como instrumento de difusão de saberes, mas como prática transformadora, capaz de construir pontes efetivas entre a universidade e a sociedade.

Essa visão integrada ganha corpo por meio do trabalho articulado dos órgãos vinculados à Pró-Reitoria de Cultura e Extensão Universitária (PRCEU) – centros culturais, bibliotecas, grupos artísticos, teatros e espaços de ciência – que oferecem à comunidade experiências estéticas, educativas e patrimoniais de alto valor simbólico e formativo. A presença constante desses órgãos na vida cultural da Universidade reforça a função da USP como promotora de conhecimento em diálogo com a pluralidade social, histórica e regional do país.

Também se destacam os programas institucionais da PRCEU, como o USP e as Profissões, o USP 60+, o Giro Cultural, a Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares, as ações voltadas à formação continuada de professores e ao fortalecimento das escolas públicas. Esses programas representam a vocação pública da USP em sua forma mais concreta, alcançando públicos diversos e promovendo inclusão, pertencimento e cidadania.

A curricularização da extensão constitui, nesse cenário, uma das mais importantes inovações do período recente, embora ainda com graves questões a serem resolvidas. Sua implementação na USP não se limitou à adaptação normativa, mas implicou mudança profunda de paradigma: ao ser integrada aos currículos dos cursos de graduação, a extensão passou a ser vivida como experiência formadora, multidisciplinar e socialmente engajada, oferecendo aos estudantes a oportunidade de aplicar o conhecimento acadêmico em contextos reais, colaborativos e transformadores.

Parte expressiva desse esforço também se manifesta na ampla e diversificada oferta de cursos de extensão universitária, os quais constituem via privilegiada de interlocução da USP com a sociedade. A análise crítica desses cursos evidenciou avanços importantes – como o crescimento das matrículas, a expansão da formação continuada e a internacionalização das ações –, mas também trouxe à tona desafios, como a melhoria da ocupação de vagas, o fortalecimento da qualidade pedagógica e a ampliação do impacto social.

Além disso, a consolidação de política institucional robusta evidencia que a qualidade e a efetividade da cultura e da extensão universitária dependem tanto de visão estratégica e planejamento estruturado quanto da existência de instrumentos concretos de fomento, avaliação e sustentabilidade.

Reafirma-se, ao final desta jornada analítica, que a cultura, entendida como construção histórica, crítica e coletiva do conhecimento – e não apenas como manifestação artística ou erudita –, constitui o fundamento epistemológico e político das ações extensionistas. É ela que permite à Universidade ampliar seus horizontes, reconhecer saberes diversos e construir práticas transformadoras de dentro para fora.

Se a USP deseja reafirmar seu compromisso com a excelência formativa e com a transformação social, será necessário que esse compromisso seja compartilhado por toda a Universidade – com a consolidação de um plano institucional de cultura e com políticas transversais que integrem a extensão às demais dimensões acadêmicas. A PRCEU avançou significativamente nesse percurso, com diretrizes claras, ações estruturadas e programas consistentes. O desafio que se impõe agora é que esse esforço seja plenamente incorporado pelas instâncias centrais, pelas unidades e pelos colegiados superiores, com o mesmo reconhecimento que historicamente se confere ao ensino e à pesquisa.

Ao longo deste percurso, reafirmamos que a cultura e a extensão não ocupam posições periféricas na vida universitária, mas expressam sua vitalidade e seu compromisso com o bem comum. Que as experiências aqui consolidadas sirvam de base para o fortalecimento do trabalho conjunto entre docentes, estudantes, técnicos, órgãos vinculados e a sociedade, na construção de uma Universidade cada vez mais aberta, criativa, plural e comprometida com a transformação do presente e a responsabilidade com as gerações futuras.

PARTE II

Cultura e Formação Artística

CAPÍTULO 3

CORALUSP: Um Legado Musical e Cultural da Universidade de São Paulo

CHRISTIANE PEREIRA DE SOUZA¹

ELISABETH AMIN²

MARCIA HENTSCHEL³

LUCIENE ELIZA GALLO⁴

HISTÓRICO E CONTEXTO

Desde sua criação, em 1967, pelo maestro Benito Juarez e por José Luiz Visconti, então diretor do Grêmio Politécnico, o Coralusp inovou em relação aos caminhos tradicionais da expressão coral no Brasil. Já em seus primeiros anos, o Coralusp inseriu o canto coral nos mais variados espaços de entretenimento, educação e cultura, criando um estilo próprio ao intercambiar as linguagens do canto erudito e popular, apresentando um repertório diversificado, com destaque para a música popular brasileira, evidenciando assim seu diferencial à época.

No decorrer de sua história, o Coralusp acompanhou tendências contemporâneas, incorporando, por exemplo, elementos cênicos às suas apresentações. Grupos do Coralusp, como o Beijo, serviram de inspiração para muitos grupos vocais que surgiram depois dele. Os grupos que formam seu corpo artístico desenvolvem projetos individuais e se apresentam para públicos variados, tanto em formações *a cappella* quanto acompanhados por instrumentos.

O Coralusp incorporou ao seu projeto artístico um vasto repertório de ensino informal de música, oferecendo aos cantores aulas de técnica vocal, estruturação musical (teoria, percepção e improvisação vocal em grupo), arranjo coral, análise musical, história da música e apreciação musical, regência coral, piano, harmônico e cravo, desenvolvendo, assim, um rico trabalho de educação musical para adultos.

1. Responsável pelo acervo do Coralusp.

2. Professora do Centro de Estudos da Voz, Vice-Diretora e orientadora de técnica vocal do Coralusp.

3. Diretora do Coralusp. Atualmente é regente dos grupos: Tarde e Sestina.

4. Assistente de Direção do Coralusp.



Figura 1.
Maestro
Benito Juarez
e Coralusp em
sua antiga sede
na Reitoria.
Foto: Acervo
Coralusp.

No papel de órgão difusor da cultura musical, o Coralusp vem implementando uma programação de palestras e *workshops* ministrados por seus maestros, orientadores didáticos e também por músicos convidados do Brasil e do exterior. Dirigidos tanto aos coralistas quanto à comunidade uspiana e à comunidade externa, esses eventos abordam os mais variados aspectos do universo musical, tanto na teoria quanto na prática. O Coral também promove uma série de concertos de cravo, que enfocam a obra de Johann Sebastian Bach, realizados na Sala Villalobos, da Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin. Essas apresentações oferecem ao público a oportunidade de vivenciar um universo musical rico e sensível, enfatizando o papel central do Coralusp na promoção de atividades didático-culturais e de extensão da Universidade, refletindo, dessa maneira, a importância que a USP atribui à cultura, à arte e à educação, assim como a sua interação com a comunidade externa.

A Pró-Reitoria de Cultura e Extensão Universitária (PRCEU), que tem a missão de integrar a Universidade à sociedade por meio de atividades de extensão, foi criada para garantir que o conhecimento produzido na Instituição seja compartilhado com a população em geral, além de fomentar a reflexão cultural e o desenvolvimento de práticas que envolvam a arte, a educação e a cidadania. Historicamente, a PRCEU fez e faz parte de um movimento maior de democratização do acesso ao saber universitário e de fortalecimento da USP como centro cultural não apenas para a comunidade interna, como também para a sociedade como um todo.

O Coralusp desempenha um papel estratégico na promoção e difusão das artes e da cultura dentro da USP. Ele contribui para a criação, execução e apoio pro-

gramas culturais e artísticos, bem como para a consolidação de uma importante referência no universo do canto coral no Brasil. Essas atividades abrangem desde concertos de canto coral, recitais de cravo, festivais corais, *workshops*, laboratórios corais, aulas de piano e de percepção musical, oficinas de férias, até a criação de um polo de pesquisa sobre a memória do canto coral no Brasil e o acesso a arranjos de obras corais importantes. É primordial ressaltar que tanto as atividades como o acervo aberto à consulta pública promovem a integração com a comunidade externa, que se beneficia plenamente do espírito da política de extensão do Coralusp no âmbito da PRCEU.

A presença do Coralusp e das ações da PRCEU na USP permitem que a Universidade deixe de ser um ambiente isolado e se torne um agente de transformação social. As atividades culturais e de extensão proporcionam um vínculo direto com diferentes públicos, como escolas, comunidades carentes e organizações culturais, facilitando o acesso a experiências enriquecedoras. Além disso, esse engajamento estreita os laços entre a universidade e a sociedade civil, promovendo a formação de cidadãos críticos e atuantes, além de criar um espaço onde a produção acadêmica e cultural da USP pode ser valorizada e difundida.

A USP sempre teve um compromisso com a cultura e a arte, e o Coralusp, junto com outros órgãos da PRCEU, consolida essa tradição. Desde a criação da Universidade, com ênfase na formação de profissionais qualificados e na geração de conhecimento, sempre houve a preocupação em promover também a educação cultural e o desenvolvimento artístico, sendo a PRCEU um dos pilares dessa estrutura.

Com o tempo, a USP passou a ampliar sua atuação cultural, não só por meio de apresentações e produções internas, mas também contribuindo para a reflexão e a formação de novas linguagens culturais. Assim, o Coralusp tem se estabelecido como um facilitador, apoiando e organizando iniciativas culturais que não apenas motivam o talento artístico entre alunos, funcionários e professores, mas também levam a cultura e a arte à comunidade externa. Por meio de suas iniciativas, o Coral promove uma interatividade essencial tanto para os integrantes da comunidade acadêmica quanto para o fortalecimento dos laços entre a USP e a sociedade, contribuindo assim para a democratização da cultura e para o avanço da extensão universitária.

Atualmente, o órgão está sob a direção da maestra Márcia Hentschel, a vice-direção de Elisabeth Amin e direção artística de Eduardo Fernandes. É composto por treze coros e três oficinas de canto coral. A equipe é formada por sete regentes, seis orientadores de técnica vocal, um pianista e cinco colaboradores na área administrativa, e o corpo de cantores conta com aproximadamente 650 coralistas.

MISSÃO E FINALIDADE

A missão do Coralusp, conforme seu regimento, consolida ações importantes:

- Divulgar a música coral em seus mais variados períodos e estilos, abrangendo desde a música antiga até a contemporânea, da sacra à profana e da música erudita à popular, folclórica e étnica, por meio de concertos e demais atividades desenvolvidas pelo órgão.
- Congregar integrantes da comunidade universitária e da comunidade em geral para o exercício de uma prática musical dirigida e orientada por um corpo técnico-artístico profissional habilitado.
- Desenvolver iniciativas de colaboração mútua por meio de parcerias com os demais órgãos da Pró-Reitoria de Cultura e Extensão, com as unidades e outros órgãos da Universidade de São Paulo.
- Realizar cursos, palestras, encontros de corais e festivais que divulguem a música coral, suas formas e técnicas de aplicação da voz junto à comunidade em geral.
- Apresentar temporadas anuais de concertos destinados aos alunos, funcionários e professores da USP, bem como à comunidade em geral.
- Promover o acesso do público a novos compositores, sejam eles eruditos ou populares, por meio de obras especialmente encomendadas ou escritas para coro, bem como por meio da realização de arranjos específicos.
- Promover o acesso do público às composições e arranjos corais e coral-sinfônico disponíveis em nosso acervo.
- Promover o intercâmbio musical com universidades e demais instituições musicais do Brasil e do exterior.
- Proporcionar estágio em regência coral para monitores de naipe, selecionados pelos regentes assistentes do Coralusp.
- Promover orientação musical aos coralistas e oficineiros do Coralusp nas áreas de teoria, estruturação e percepção musical, técnica vocal, arranjo, contraponto, harmonia e história da música.
- Garantir participação gratuita nas atividades do Coralusp a todos os interessados, sejam eles vinculados ou não à USP, portadores ou não de títulos universitários, do país ou do exterior, desde que aprovados nos testes seletivos realizados pelos regentes do coral.

A missão do Coralusp complementa-se ao promover a integração cultural e a formação musical de seus membros, ao mesmo tempo que contribui para a di-

fusão do canto coral e da música coral – tanto popular quanto erudita – dentro e fora da Universidade. O órgão oferece aos seus membros uma experiência de aprendizado musical e técnico, com troca de conhecimentos entre os integrantes e prática efetiva de regência para os monitores.

Ao abordar diferentes estilos musicais e repertórios variados – que podem incluir música erudita, popular, folclórica e contemporânea –, o Coralusp proporciona uma experiência musical diversificada, atuando como formador de um público crítico. Esse repertório também serve para aproximar diferentes públicos e criar uma conexão cultural entre a Universidade e a sociedade.

Por meio de sua presença em diversos eventos culturais e concertos, este órgão desempenha uma importante função de extensão universitária, levando a música coral para além dos muros da Universidade. As apresentações em escolas, centros culturais, instituições, igrejas e outros espaços constituem uma maneira de alcançar e envolver a sociedade, fazendo com que o trabalho do Coral não se restrinja ao meio acadêmico.

O Coralusp, ao longo de sua vasta história, contribuiu e continua contribuindo enormemente para o fortalecimento da tradição do canto coral no Brasil, destacando-se pela qualidade de suas apresentações e pela interpretação de obras significativas do repertório clássico e contemporâneo. Isso inclui a execução de criações de compositores renomados, além da colaboração com regentes, arranjadores e outros profissionais de destaque no cenário musical.

Sendo assim, outra importante contribuição de extensão é a possibilidade de pesquisa em seu acervo, que conta hoje com mais de quinze mil partituras de canto coral. O acervo do Coralusp, além de manuscritos de Almeida Prado, Ernst Widmer, Ernst Mahle, Gilberto Mendes, entre outros, abriga mais de trezentos arranjos de Damiano Cozzella, que se destacam pela inovação, ousadia e preciosismo. Também contempla obras de uma ampla gama de compositores brasileiros, tais como Heitor Villa-Lobos, Camargo Guarnieri, Osvaldo Lacerda e Carlos Alberto Pinto Fonseca, além do acervo completo de partituras do Padre João Lyrio Tallarico (cedido ao Coralusp e à Cúria Metropolitana de São Paulo) e inúmeros arranjos de Liliana Cangiano, César Alejandro Carrillo, Marcos Leite, bem como de regentes do próprio coral, como Alberto Cunha, Mauro Aulicino, Selma Boragian e Eduardo Fernandes. O acervo estabelece um diálogo permanente com a comunidade, possibilitando uma ampla variedade de ações artísticas e comunitárias.

O Coralusp participa frequentemente de projetos e iniciativas especiais, como festivais de música, gravações e colaborações com outras instituições musicais. Tais projetos ajudam a consolidar seu papel como agente de disseminação da

música coral. Essas ações refletem claramente a missão do órgão de proporcionar um ambiente de aprendizado, desenvolvimento artístico e contribuição cultural, consolidando seu papel como agente ativo na vida cultural universitária e na sociedade como um todo.

Vale ressaltar que desde o início de suas atividades o Coralusp também introduziu uma pedagogia vocal voltada exclusivamente ao canto coral, o que praticamente inexistia antes dele.

RELEVÂNCIA

O Coralusp desempenha um papel fundamental na promoção da cultura e da extensão universitária, tanto dentro quanto fora da USP. Atua como um elo importante entre a Universidade e a comunidade, promovendo a cultura musical por meio de apresentações e projetos que envolvem tanto a comunidade interna quanto o público externo. O quadro de cantores é composto por alunos, funcionários e docentes da USP, além de pessoas oriundas dos mais diversos bairros da cidade – trabalhadores, intelectuais, aposentados e artistas –, que compartilham o anseio de cantar e de se perceber como integrantes de uma engrenagem que valoriza sua capacidade de expressão por meio do canto coral.

A atividade do Coral proporciona uma plataforma de aprendizado e desenvolvimento cultural para os estudantes da USP, permitindo que participem de um processo formativo que vai além das salas de aula. A música coral, além de técnica, é um campo de prática coletiva que reforça o trabalho em equipe, o comprometimento e a expressão artística. Por meio dessa formação, o Coralusp contribui para a extensão universitária, levando a cultura musical a diferentes públicos e fomentando a reflexão sobre temas importantes, como integração social, diversidade e inclusão.

O Coral se apresenta em eventos acadêmicos e culturais dentro da USP, mas também realiza concertos em espaços públicos, escolas, hospitais e outros locais, criando uma conexão direta entre a Universidade e a sociedade. Isso inclui parcerias com escolas, centros culturais e ONGs, onde o Coral realiza performances e promove oficinas que incentivam o desenvolvimento cultural e artístico da população, criando uma troca enriquecedora de saberes. Dessa forma, o Coral não apenas divulga a produção cultural universitária, mas também contribui para a democratização da cultura, apoiando uma Universidade que se compromete com a formação de cidadãos críticos e ativos, além de atuar como agente cultural e social. Ele ajuda a abrir os portões da Universidade para diferentes públicos, proporcio-



Figura 2. Grupo Coralusp x1 de Agosto na Sala Olido, São Paulo. Foto: Julia Montesanti.



Figura 3. Grupo Coralusp 12 em Ponto na Sala Olido, São Paulo. Foto: Julia Montesanti.

nando à sociedade uma vivência cultural que pode contribuir para a transformação social e a valorização de diversos aspectos da cultura brasileira.

A USP, como uma das principais universidades do Brasil, tem uma tradição de excelência acadêmica, e o órgão contribui para isso ao formar músicos e artistas de alta qualidade. Ao mesmo tempo, o Coral consolida-se como um importante ponto de encontro entre diferentes áreas do saber e culturas, reunindo estudantes e docentes de diversas formações para colaborar no desenvolvimento de projetos musicais.

Ele reforça o papel de promoção da inclusão, levando a arte e a música a diversos públicos, especialmente àqueles em situação de vulnerabilidade social, garantindo seu acesso à cultura e à arte. Um ótimo exemplo é o Projeto Oficina Coral: Coralusp Pop Rua 2024, uma parceria com a Secretaria Municipal de Direitos Humanos e Cidadania (SMDHC), em conjunto com a Coordenação de Políticas para a População de Rua da SMDHC, a Rede Rua e o Instituto Claret. Sob a coordenação do regente Mauro Aulicino, as oficinas aconteceram às quintas-feiras, das 14h às 16h, com uma média de dez participantes por ensaio, e contaram com apresentações no evento Dia de Luta – Palco da Praça da Sé e na confraternização de final de ano na Estação Cidadania. Importante salientar que, em 2014, foi realizado um projeto junto à Penitenciária Feminina da capital de São Paulo, no Carandiru – um projeto de ressocialização para mulheres no cárcere por meio da música, coordenado pela professora Carmina Juarez. A ação consolidou-se também após a saída das presas, que formaram o Coral Voz Própria, para perpetuar o canto em liberdade.

O Coralusp é um dos corais mais tradicionais e emblemáticos, com décadas de contribuição para a cultura acadêmica e a sociedade paulista. Ao longo de sua trajetória, o grupo conquistou inúmeros prêmios, incluindo cinco distinções da Associação Paulista de Críticos de Arte (APCA). Além de enriquecer o cenário musical, o Coral desempenha um papel fundamental na democratização do acesso da comunidade externa à USP, promovendo tanto a participação do público quanto, sobretudo, a formação de cantores comprometidos e engajados. Essa relevância histórica e cultural o distingue de outros projetos e iniciativas da Universidade.

Mais que um projeto de canto coral, o Coralusp é uma plataforma multidisciplinar em cujas atividades participam estudantes e professores de diversas áreas da USP, sendo exemplo de colaboração interdepartamental e de engajamento com a Universidade como um todo. Além disso, o Coral promove eventos e projetos que envolvem outras representações culturais, como dança e expressão corporal, enriquecendo ainda mais suas apresentações. Destaca-se também pela constante inovação em suas ações de extensão universitária: além das apresentações tradi-



Figura 4. reinauguração do Centro Cultural Camargo Guarnieri, regência de Marcia Hentschel. Foto: Arquivo Osusp.

cionais, o grupo organiza *workshops*, oficinas e atividades formativas para a comunidade externa, promovendo o ensino e a prática musical e atuando de forma educacional e inclusiva, também por meio do acesso ao seu acervo histórico e de partituras. Isso amplia o impacto do Coral na sociedade ao criar oportunidades para que o público aprenda e vivencie a música de forma ativa.

Este órgão é, portanto, um componente essencial no trabalho de cultura e extensão da PRCEU. Desempenhando seu papel na promoção da cultura, ele contribui para a formação de cidadãos mais críticos e engajados, fortalecendo a presença da Universidade na sociedade. Seus diferenciais – qualidade artística, tradição e diversidade de atuação – o tornam um exemplo de sucesso na integração entre ensino, cultura e extensão universitária.

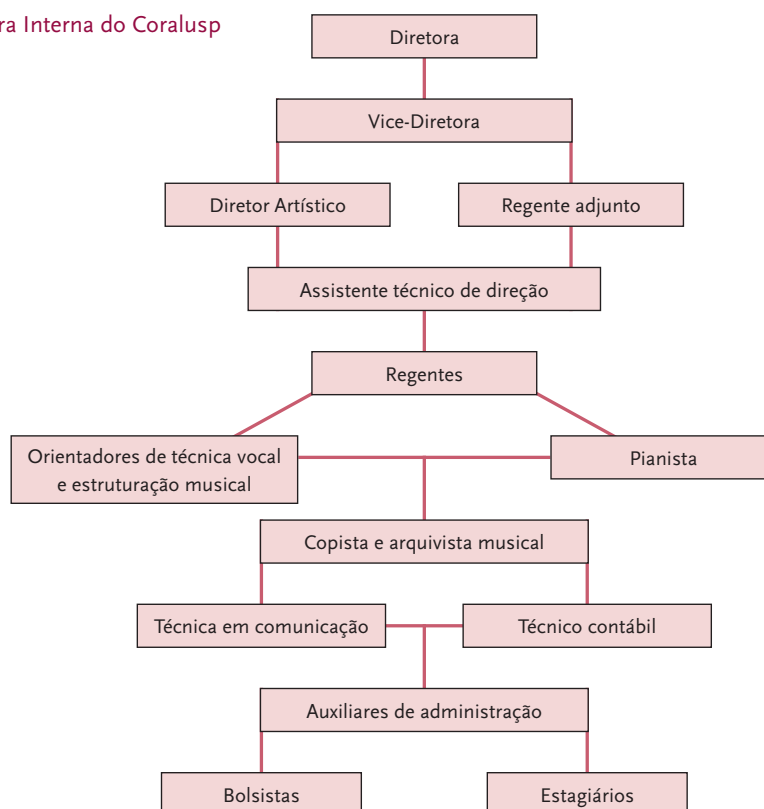
É importante ressaltar que, para além do artístico e didático, o Coralusp, por meio da atividade coral, também promove bem estar e saúde mental. Prova disso foi o trabalho desenvolvido durante a pandemia da Covid-19, em que seus membros puderam continuar cantando durante o duro período de isolamento social, quando as atividades do órgão seguiram a todo vapor, promovendo encontros virtuais imprescindíveis para a manutenção da saúde física e emocional dos seus mais de quinhentos cantores.

ORGANIZAÇÃO INTERNA

A estrutura administrativa de uma instituição é crucial para o sucesso de suas atividades, pois garante o planejamento, a coordenação e a execução das ações culturais de forma eficiente. O Coralusp possui uma estrutura organizacional voltada para o desenvolvimento de suas atividades artísticas e culturais, garantindo a qualidade nas apresentações e nas ações de extensão. Sua administração é regida por diretrizes da PRCEU, mas sua operacionalização e execução dependem de um modelo estrutural bem-definido.

A direção geral e a direção artística, juntamente com a equipe de regentes do Coralusp, são responsáveis pela supervisão de todas as atividades dos grupos: desde a seleção do repertório até a organização de apresentações e ações de extensão. O diretor artístico tem a função de garantir que o trabalho do Coral esteja alinhado com os objetivos da Universidade, promovendo a cultura e a extensão universitária, além de articular o Coralusp com outras entidades, órgãos da USP e parceiros externos.

Estrutura Interna do Coralusp



A equipe artística é composta pelos regentes e orientadores de técnica vocal, que dirigem as atividades musicais e as apresentações do Coral. Os regentes, responsáveis pela escolha do repertório e pela condução dos ensaios e concertos, possuem formação especializada e ampla experiência musical, garantindo a excelência do trabalho artístico. A equipe artística é formada pelos regentes, os orientadores de técnica vocal, um pianista/cravista e músicos convidados que colaboram nos ensaios e apresentações.

A estrutura administrativa do Coralusp conta também com uma equipe técnica e de apoio fundamental para o bom andamento das atividades cotidianas. Essa equipe inclui assistentes administrativos, uma arquivista, uma produtora cultural, além de estagiários e bolsistas, cuja participação fortalece a logística e contribui para o sucesso dos concertos. Essa equipe técnica é responsável pela organização dos eventos, pela comunicação com o público e pela gestão de recursos. A produção é essencial para garantir a qualidade das apresentações.

A divulgação das atividades do Coralusp é fundamental para atrair o público e manter a relevância cultural do órgão. Assim, o setor de comunicação desempenha um papel vital na estrutura administrativa, sendo responsável pela criação de campanhas, manutenção das redes sociais, produção de materiais e relacionamento com a mídia, garantindo que os eventos sejam amplamente divulgados e que a visibilidade da USP como centro cultural seja mantida.

PARCERIAS E COLABORAÇÕES

As parcerias e colaborações são cruciais para ampliar o alcance e fortalecer as atividades do Coralusp. Por meio dessas alianças, o Coral expande suas ações culturais, fortalece sua estrutura e alcança um público mais amplo.

PRCEU – Pró-Reitoria de Cultura e Extensão Universitária

A PRCEU é o principal órgão da USP responsável pela articulação das ações culturais e de extensão, e o Coralusp insere-se diretamente nesse contexto. Ela fornece apoio institucional e recursos, sendo fundamental na definição de diretrizes para as atividades de extensão. Esse relacionamento assegura que o Coralusp esteja alinhado com a missão de promover o acesso à cultura e à educação em diversas comunidades.



Figura 5. Coral Sinfônico: Coralusp e Osusp na Sala São Paulo. Foto: Arquivo Osusp.

Osusp – Orquestra Sinfônica da USP

A parceria entre a Osusp e o Coralusp é um dos exemplos mais importantes de colaboração musical no cenário universitário e artístico de São Paulo. Essa união resulta em concertos coral-sinfônico – eventos de grande magnitude que combinam o poder de uma orquestra com as vozes corais –, integrando músicos, regentes e solistas tanto da comunidade acadêmica quanto de outros setores.

ECA – Escola de Comunicações e Artes

Como a ECA abriga o Departamento de Música da USP, o Coralusp se beneficia de sua proximidade com essa unidade, que oferece uma base sólida de formação teórica e prática para os membros do Coral. A parceria também favorece o intercâmbio entre estudantes de música e coralistas, criando um espaço para a integração de diferentes áreas do conhecimento e enriquecendo a experiência educacional.

MAC – Museu de Arte Contemporânea

O MAC/USP, com seu diversificado acervo artístico e atividades culturais, tem sido um parceiro importante, especialmente em projetos que integram diferentes formas de arte. Apresentações realizadas no MAC ou em eventos conjuntos enriquecem a experiência cultural e ampliam as possibilidades de atuação do Coralusp.

FAU Maranhão – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo

A FAU Maranhão sempre foi um espaço importante para a realização de concertos fora do núcleo do Butantã, na Cidade Universitária, proporcionando uma experiência única de música e cultura, e sua arquitetura complementa a musicalidade do Coral. Esses concertos fortalecem a cultura local, revivem memórias e, claro, proporcionam a apreciação da boa música.

Faculdade de Direito do Largo São Francisco e outras

A parceria com a Faculdade de Direito, que vem de longa data, consolida-se como parte integrante da história do Coralusp, visto que o grupo XI de Agosto leva o nome do Centro Acadêmico da ilustre instituição e ensaia em seu espaço.

Foram realizadas, ainda, parcerias de ensaio ao longo dos anos com a Faculdade de Saúde Pública, o Instituto de Ciências Biomédicas, o Instituto de Psicologia, a Casa da Dona Yayá, o Centro Maria Antonia, a Estação Ciência, bem como parcerias de apresentações com a Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin.

Iniciativas Externas e Parcerias Estratégicas

Além das parcerias internas com outros órgãos da USP, o Coralusp busca estabelecer relações estratégicas com instituições externas, tanto culturais quanto sociais, para ampliar seu impacto e alcançar seus objetivos. Estabelecemos, assim, parcerias com o Sesi, o Sesc, a Casa Museu Ema Klabin, a Associação Cultural Cachuera, a Sala Olido, o Centro Cultural São Paulo (CCSP), a Fundação Maria Luisa e Oscar Americano, os Centros Educacionais Unificados (CEUS), igrejas e o Mercado de São Paulo. Essas parcerias têm impacto significativo na promoção da cultura musical, na formação de cidadãos críticos e na democratização da arte, permitindo que o Coralusp leve seu trabalho a novos apreciadores, e consolidando a imagem do Coral e da USP como um centro de excelência cultural, de forma inclusiva e diversificada.

Como parte da USP, o Coralusp recebe recursos financeiros administrados principalmente pela PRCEU, os quais são fundamentais para cobrir despesas básicas – como materiais (partituras, figurinos, transporte) e a manutenção das atividades regulares (ensaios e apresentações). No entanto, tais recursos nem sempre são suficientes para atender a todas as necessidades, especialmente em tempos de restrições orçamentárias e cortes de verbas nas universidades públicas.

A infraestrutura utilizada pelo órgão abrange os espaços para ensaios e apresentações, além dos recursos tecnológicos e logísticos necessários para suas atividades. O acesso a uma infraestrutura adequada é essencial tanto para a realização das performances quanto para o treinamento contínuo dos membros do coral. Atualmente, o Coralusp tem como sede o Centro Cultural Camargo Guarnieri, um ambiente apropriado para a prática vocal e musical, e conta também com um espaço para a guarda de seu acervo, o Favo 16, além das parcerias já mencionadas, que corroboram para a excelência do seu trabalho.

RECURSOS

Embora o Coralusp tenha acesso a fontes de financiamento e infraestrutura oferecidas pela USP, ainda há desafios quanto à suficiência desses recursos para atingir todas as suas metas. Enquanto os recursos financeiros e a infraestrutura são suficientes para as atividades regulares, a realização de projetos mais ambiciosos – como turnês, festivais internacionais ou produções especiais (por exemplo, gravações de álbuns ou grandes concertos) – pode ser limitada pelas restrições orçamentárias. Nesse sentido, a busca por parcerias externas e novas fontes de financiamento torna-se crucial para expandir as atividades e cumprir as metas de promoção cultural e extensão universitária.

ATIVIDADES REALIZADAS

O Coralusp tem desenvolvido uma série de projetos, programas e eventos voltados à promoção da cultura musical coral e à extensão universitária, contribuindo para a construção de um repertório diferenciado e para a formação de um público ativo, sensível e participativo. As atividades são amplas e diversificadas, atingindo tanto o público interno quanto o externo da Universidade. Tais iniciativas concentram-se em levar a música e a arte a diversos públicos, promover a integração entre diferentes grupos sociais e ampliar o acesso à cultura.

Figura 6. Tutti Coralusp, *flash mob* no Mercado Municipal de São Paulo, regência de André Juarez. Foto: Acervo Coralusp.



Destacam-se concertos como *Missa de Alcaçuz*, de Danilo Guainai, *Misa a Buenos Aires*, *Misa Tango*, de Martin Palmeri, e *Juvenal e o Dragão*, de Nibaldo Aranedo, além de parcerias durante a pandemia com a Osusp (Orquestra Sinfônica da USP), que resultaram em importantes feitos, como *Para Todos*⁵, de Chico Buarque, e *Pai Grande*⁶ – uma homenagem a Milton Nascimento. Ressalta-se ainda a parceria com a Osusp no Concerto de 7 de Setembro no Museu Paulista, em 2017, com uma marca expressiva de público, e a comemoração dos cinquenta anos do Coralusp com a *Cantata Brasileira*. Destaca-se também o belíssimo trabalho no Mercado de São Paulo, com duas apresentações surpresa, conhecidas como *flash mob* – uma delas com a participação de Chico César –, evidenciando a força vital do canto e do público.

O Coralusp organiza regularmente concertos e apresentações musicais em diversos *campi* da USP, promovendo a integração da comunidade acadêmica. Além disso, o grupo realiza concertos para escolas públicas, centros culturais e outras comunidades periféricas, buscando democratizar o acesso à música e contribuindo para a educação cultural de jovens e adultos.

A produção de conhecimento cultural também é um ponto de destaque. Além de ser um centro de atividades culturais, o órgão tem contribuído para a produção de conteúdos acadêmicos e produtos culturais – como relatórios, livros e artigos. Por meio do Edital de Ensaaios Sobre a Universidade de São Paulo, em comemora-

5. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=cHNsOoTJRmE>. Acesso em 22 abr. 2025.

6. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=4nHoa79RIP4>. Acesso em 22 abr. 2025.



Figura 7. Tutti Coralusp, *Cantata Brasileira* no Auditório do Ibirapuera, regência de André Juarez. Foto: Acervo Coralusp.

ção aos seus noventa anos, será publicado um livro sobre a história do Coralusp, realizado pela professora doutora Stella Maris da FFLCH, reforçando a importância da trajetória e das ações do Coral na Universidade e celebrando seus mais de cinquenta anos de atividade na USP. O conhecimento também se reflete no legado deixado a cada coralista, sendo este espaço de aprendizado, comunhão e troca. O canto é uma expressão popular de transformação. Além disso, há uma produção relevante de artigos de colaboradores do Coralusp no espaço da PRCEU, no *Jornal da USP*, bem como entrevistas, artigos individuais, traduções e pesquisas produzidas pela equipe do coral.

O órgão realiza, com frequência, relatórios de suas atividades para documentar as ações de extensão, os impactos sociais e a evolução de suas iniciativas. Esses relatórios são enviados à PRCEU e a outras agências de fomento, além de serem disponibilizados para análise interna, a fim de monitorar e avaliar os resultados.

Embora o foco do Coralusp não seja primordialmente a produção de publicações acadêmicas, o grupo tem registrado suas atividades em gravações de CDs e outros registros audiovisuais que fazem parte de sua produção artística. Esses produtos são utilizados para a disseminação cultural e para documentar o trabalho do grupo, contribuindo para a memória da USP e ampliando a acessibilidade ao seu repertório por meio do Arquivo Coralusp, no qual é possível encontrar arranjos para canto coral que se constituem em produtos de conhecimento disponíveis para estudo e acesso do público.

O Coralusp tem se destacado na promoção da cultura musical e na extensão universitária por meio de projetos, programas e eventos que atendem às demandas da comunidade interna da USP e de comunidades externas. Suas principais

Figura 8.
Coralusp
Feminino
e Coralusp
Tarde, no
Centro Cultural
Camargo
Guarnieri. Foto:
Gabriel Novais.



ações demonstram grande impacto na democratização da cultura, na formação de novos públicos e na integração cultural. O envolvimento em intercâmbios culturais e a produção de conhecimento têm sido fundamentais para solidificar sua posição de destaque no cenário universitário e cultural.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tempo é o tecido da nossa vida, é esse minuto que está passando. Daqui a dez minutos eu estou mais velho, daqui a vinte minutos eu estou mais próximo da morte. Portanto, eu tenho direito a esse tempo. Esse tempo pertence a meus afetos.

ANTONIO CANDIDO (1918-2017)

O Coralusp nasceu com um padrão de excelência técnica e artística impecável e mobilizou o meio artístico desde os anos 1960, promovendo diversas ações culturais. Ao longo de sua história, sempre se destacou a inovação do Coral, sua convergência entre o clássico e o popular, e o ineditismo desse desafio no cenário da música coral brasileira. Seu currículo inclui cinco extensas turnês internacionais (EUA, Europa, África, Argentina e Espanha), cinco premiações da Associação Paulista de Críticos de Arte (APCA) e a excelência de sua equipe artística, que carrega em sua história a vanguarda e a inovação.

A difusão cultural proposta pelo Coralusp fez com que sua atuação alcançasse todas as vozes: sua música chegou a praças, igrejas, hospitais, estádios, teatros e presídios. Cantar no Coral da Universidade de São Paulo e vê-lo atuar está, hoje,



Figura 9. Coral Sinfônico Coralusp e Osusp no Museu Paulista da USP. Foto: Lu Gallo.

ao alcance de todos. O macrocosmo da Universidade e do meio musical atinge, assim, o microcosmo de cada indivíduo que aprecia a arte musical.

Em mais de cinquenta anos, muitas vozes passaram e marcaram a trajetória do Coralusp; elas fazem parte da extensão universitária da USP, que abraça a comunidade e a reconhece como parte importante de sua história. É na compreensão desse legado que se resgata a história – a micro-história, a história dos trabalhadores, aposentados, professores, alunos, vigias e diaristas – que deixaram suas vozes neste espaço universitário.

Para os próximos anos, avançaremos na construção de um legado para novos músicos, continuando a ser uma escola para a formação de novos cantores – amadores ou não – que seguirá a emocionar e a formar um novo público, fazendo jus à extensão universitária tão necessária na Universidade.

O Coralusp tem orgulho de ser um elo fundamental nesse caminho – o caminho da construção de uma cultura de extensão, que sustenta vozes entrelaçadas com a história da própria Universidade de São Paulo e que tece, com afetos, o nosso tempo e o tempo que virá.

CAPÍTULO 4

Osusp 50 Anos: Trajetória e Papel na Universidade de São Paulo

CÁSSIA CARRASCOZA BOMFIM¹

FÁBIO CURY²

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A Orquestra Sinfônica da USP (Osusp), órgão da Pró-Reitoria de Cultura e Extensão Universitária da Universidade de São Paulo (PRCEU/USP), foi fundada em 1975 pelo compositor Camargo Guarnieri. Nesses cinquenta anos, a Osusp desempenha relevante papel no contexto universitário e tem expressiva atuação musical no Estado de São Paulo. Trata-se de um grupo fundamental no cenário das orquestras brasileiras, tanto por sua colaboração histórica com Guarnieri, quanto pelo alto nível de qualidade musical de seus integrantes e por seu vínculo institucional com a Universidade de São Paulo.

A Osusp encontra-se em constante processo de atualização, com o propósito de ir além do papel de espaço de reprodução musical, assumindo também um lugar ativo na construção da cultura. Entre seus principais objetivos estão: a divulgação da música sinfônica e de câmara, a inovação em propostas educacionais e artísticas, o estímulo à formação de público e, sobretudo, manter sua vocação em estabelecer estruturas dialógicas entre a arte, o conhecimento produzido na Universidade de São Paulo e a sociedade.

1. Professora do Departamento de Música da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto (FFCLRP/USP) e diretora da Orquestra Sinfônica da Universidade de São Paulo (OSUSP/USP).
2. Professor do Departamento de Música da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/USP), foi diretor da Orquestra Sinfônica da Universidade de São Paulo (OSUSP/USP) de 2018 a 2022.



Figura 1. Osusp e Tobias Volkman, no palco do Auditório Camargo Guarnieri. Foto: Kelly Layher.

Histórico

Em 1975, em carta ao amigo Alan Fisher, Camargo Guarnieri expressa seu entusiasmo com o recente convite para fundar a Orquestra Sinfônica da USP, a Osusp:

[...] Não sei se lhes contei que agora tenho uma orquestra. Pois, graças ao Arrobas, o Reitor da Universidade de São Paulo me convidou para criar a Orquestra, creio que já lhe escrevi sobre isso! Consegui um conjunto maravilhoso. A Orquestra é formada por músicos de alta categoria, pois todos fizeram concurso³.

3. Camargo Guarnieri, 1975, *apud* Adriano Castro, *Da Orquestra Universitária de Concertos à Osusp: A Música Esquecida da Universidade de São Paulo*, Unesp, 2019, p. 96. (Dissertação de Mestrado)

Edson Leite, em *Memórias Osusp*, relata que, em 1975, ano de fundação da Osusp, a Orquestra “oferecia, então, o melhor salário musical do país”⁴.

O compositor idealizou a criação de uma orquestra sinfônica completa, composta por noventa integrantes. No entanto, durante o período em que esteve à frente da Osusp, não conseguiu implementar a ampliação do conjunto.

Guarnieri era um músico amplamente reconhecido, compositor e regente consagrado dentre os autores brasileiros. Consolidou ideais nacionalistas que foram elaborados por Mário de Andrade, mentor intelectual do movimento modernista na música brasileira.

Ao convidar Guarnieri para formar uma orquestra profissional, a Universidade fazia uma opção por um projeto de alta excelência artística e de forte vínculo com a identidade nacional. De fato, resultados preliminares da pesquisa Osusp em Números⁵, que analisam o repertório da Orquestra até 2019, revelam que mais de 30% das obras executadas no período foram composições de música brasileira.

A Osusp desenvolveu uma trajetória peculiar, seu repertório e sua atuação foram distintos. Entre outros aspectos, isso mostra a importância do surgimento de tal projeto no seio de uma das mais importantes universidades latino-americanas.

A gestão do maestro Ronaldo Bologna, após o falecimento de Guarnieri em 1993, representou a continuação do trabalho até então realizado, uma vez que Bologna já atuava como regente assistente da Osusp. No entanto, Bologna instituiu concursos nacionais e latino-americanos de regência orquestral, piano, violino e composição. Além disso, o maestro gravou à frente da Osusp o primeiro CD da Orquestra com obras de Camargo Guarnieri, em 1996, e levou a sinfônica a uma turnê de concertos na Alemanha, em 2000⁶.

Foi somente na gestão do maestro Carlos Moreno – um dos vencedores do concurso de regência realizados na década anterior – e do Professor Celso Grisi, a partir de 2002, que a Osusp pôde finalmente expandir seu número de integrantes, encaminhando-se para uma formação de orquestra clássica, que em 2024 se consolidou com a contratação do naipe de trompas. Ao mesmo tempo, essa gestão também instituiu o Projeto Academia, que contou com a participação de 29 bolsistas de nível avançado, possibilitando não só uma expansão inédita do contingente da Orquestra (e, consequentemente, a ampliação do seu repertório), mas também

4. Edson Leite, *Memórias Osusp: Orquestra Sinfônica da Universidade de São Paulo*, São Paulo, CD. G Casa de Soluções, 2013.

5. O projeto Osusp em Números iniciou-se em 2021, como uma iniciativa da gestão da Orquestra, e foi retomado em 2024, visando a uma ampliação e aprofundamento dos dados, sendo coordenado pelo Laboratório de Estudos Orquestrais da ECA/USP e pela direção da Osusp.

6. Edson Leite, *Memórias Osusp*.



Figura 2. Osusp e a maestra brasileira Lígia Amadio. Foto: Acervo Osusp.

uma grande difusão da produção da Osusp na sociedade paulista. Tal efeito se deu também em decorrência de uma criativa estratégia de *marketing* dessa gestão. Esses fatores levaram ao reconhecimento da Osusp pela crítica especializada, o que se refletiu na concessão do Prêmio Carlos Gomes de melhor orquestra, em 2006⁷.

Depois da saída de Moreno e de um curto período de retorno do maestro Bologna – antes ainda de sua aposentadoria –, a maestra Lígia Amadio assumiu o cargo de maestra titular⁸ da Osusp entre 2009 e 2012. Amadio foi uma das primeiras regentes a assumir a direção de uma orquestra brasileira⁹, fato que reforça a posição de vanguarda da Osusp.

Segundo Edson Leite, a partir de 2012, “a Osusp passou a um estágio de maturidade que possibilitou dissociar a direção artística da figura de um regente titular da orquestra”¹⁰. Neste período – em que o próprio Leite assumiu a direção do órgão –, a regência esteve dividida entre convidados, com prevalência de dois maestros convidados principais, Ricardo Bologna e Wagner Polistchuk.

O período de Leite frente à Osusp, que se estendeu até 2016, foi marcado pelo início da reforma do Auditório Camargo Guarnieri, pela publicação do livro *Memórias Osusp*, o primeiro a registrar a história do órgão, e pela gravação de cinco álbuns ao vivo na Sala São Paulo, sob a regência de Ricardo Bologna e Wagner Polistchuk. Durante a reforma do Auditório Camargo Guarnieri, a Sala São Paulo

7. *Idem*.

8. Seus antecessores, Guarnieri, Bologna e Moreno, haviam acumulado os cargos de regente e diretor artístico.

9. A maestra teria sido a primeira se não fosse antecedida pela maestra cubana Elena Herrera, que esteve à frente da Orquestra do Teatro Nacional Claudio Santoro, de Brasília, ainda na década de 1990.

10. Edson Leite, *Memórias Osusp*.

passou a abrigar os principais concertos da Osusp, até o final da temporada de 2019. O oferecimento de séries de apresentações na Sala São Paulo, palco sinfônico mais importante do país, propiciou visibilidade à Orquestra.

A partir de 2016, sob a gestão do Reitor Marco Antonio Zago, reuniu-se uma comissão de professores, representantes dos músicos da Osusp e especialistas externos de reconhecido saber na área, para repensar a estrutura da Orquestra e elaborar um novo regimento – o qual foi promulgado somente em 2019, com algumas poucas alterações realizadas pela nova gestão da Pró-Reitoria de Cultura e Extensão, empossada em 2018. Esse documento consolidou a separação entre direção e regência titular, estabelecendo um conselho artístico responsável pela definição da temporada, seu calendário, repertório, convidados, atividades didáticas, além de instituir critérios de avaliação dos músicos. Determinou-se que esse conselho fosse formado pelo diretor, o regente titular e um representante dos músicos estabelecido por seus pares, o que evidencia uma participação dos músicos nas decisões do órgão pouco comum em orquestras brasileiras¹¹.

Em consonância com as discussões promovidas pela Reitoria, decidiu-se, em 2017, que a diretoria da Osusp deveria caber a um(a) especialista da área de gestão de orquestras sinfônicas e não necessariamente a um docente da Universidade. Foi desta maneira que Lucia Carames Sartorelli foi nomeada diretora da Orquestra em 2017, prosseguindo no cargo até maio de 2018.

O Professor Eduardo Monteiro, professor e pianista de grande projeção, que na época era diretor da Escola de Comunicações e Artes, acumulou também o cargo de diretor da Osusp por pouco mais de um ano, entre 2016 e 2017, até que Sartorelli assumisse a direção da Orquestra. Monteiro, entretanto, continuou como curador artístico da série até 2018.

Em 2018, a nova gestão da Pró-Reitoria de Cultura e Extensão entendeu que seria conveniente reconduzir professores da própria Universidade ao cargo de diretor da Osusp, adotando a política de nomear docentes especialistas nas áreas das unidades. Fábio Cury, fagotista e professor do Departamento de Música da Escola de Comunicações e Artes (ECA/USP), foi designado diretor em maio de 2018, permanecendo no cargo por quatro anos, até maio de 2022.

Além desta inovação, pela primeira vez uma musicista da própria Orquestra, Mayra Moraes, foi nomeada vice-diretora do órgão, reforçando as diretrizes de maior participação dos músicos na gestão, já estimuladas na estrutura estabelecida pelo regimento de 2019. Mayra Moraes permaneceu no cargo até 2021, quando foi substituída pela Professora Cássia Carrascoza Bomfim, flautista de ampla expe-

11. Resolução CoCEX n. 7648, de 26 de abril de 2019.



Figura 3a. Arte do programa inaugural da Osusp, 1975.

Figura 3b. Capas dos programas comemorativos da Osusp – 1985, 1995, 2005 e 2015.



riência orquestral e professora do Departamento de Música da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto (FFCLRP/USP).

A gestão de Cury, com Moraes e Bomfim na vice-direção, foi marcada pela ausência de regente titular ou mesmo de regentes convidados principais. Essa gestão privilegiou o repertório brasileiro, a música contemporânea e projetos coordenados por intérpretes do movimento de Performance Historicamente Informada. Além disso, promoveu maior participação de grupos minoritários.

A Orquestra conseguiu se manter em atividade durante o período pandêmico, ampliando sobremaneira sua atividade em suas redes sociais e em seu canal no YouTube. O programa Osusp Debates trouxe a discussão de temas cruciais para as orquestras na atualidade, envolvendo docentes, músicos, gestores de grande projeção e – o que foi de vital importância – integrantes da própria Orquestra. Propi-

ciar o engajamento dos músicos na gestão foi um exercício constante no período e é um dos elementos fortemente preconizados por Peters, Rosu e Bens chop em “The Researching Orchestra: Innovative Collaborations Between Symphonic Orchestras and Knowledge Institutions”¹².

Orquestra Universitária Profissional

Com o objetivo de aprofundar a compreensão sobre o papel das orquestras universitárias profissionais na América Latina – e de conduzir a Osusp de maneira alinhada e comprometida com o atual plano de gestão da PRCEU – foi realizado um levantamento sobre orquestras que compartilham características semelhantes às da Osusp no contexto latino-americano.

Os dados coletados indicam que, assim como a USP, diversas universidades latino-americanas configuraram-se como espaços propícios para a implantação e a consolidação de orquestras profissionais. Essas instituições, de tradição europeia, encontraram nas universidades um terreno fértil para se afirmarem como instrumentos de experimentação estética e de constituição de uma identidade nacional voltada à música de concerto.

Ao observar orquestras universitárias profissionais que seguem padrões semelhantes aos da Orquestra Sinfônica da Universidade de São Paulo, foram identificadas treze orquestras fundadas entre 1929 e 2002, localizadas em países como México, Argentina e Chile. Essas orquestras são integradas por músicos profissionais, possuem sede própria, em teatros que pertencem às universidades, e mantêm uma programação artística ativa e contínua ao longo do ano.

A Orquestra Sinfônica Nacional de Chile¹³ foi fundada em 1941, vinculada à Universidad de Chile, orquestra mais antiga do país. Com um corpo artístico composto por noventa integrantes, é considerada patrimônio nacional. Ao longo de sua trajetória, recebeu maestros de renome internacional, como Leonard Bernstein, Herbert von Karajan e Heitor Villa-Lobos, entre outros. Além da orquestra, nas artes performáticas, a Universidad de Chile mantém ainda o Ballet Nacional, o Coro Sinfônico e a Camerata Vocal.

A Orquestra Sinfônica de la Universidad Nacional de Cuyo¹⁴, fundada em 1948, na cidade de Mendoza, Argentina, é um dos principais corpos artísticos dessa ins-

12. P. Peters, S. Rosu e R. Bens chop, “The Researching Orchestra: Innovative Collaborations Between Symphonic Orchestras and Knowledge Institutions”, em Martin Tröndle (ed.), *Classical Concert Studies: A Companion to Contemporary Research and Performance*, New York, Routledge, 2021.

13. Ver: <https://www.ceacuchile.cl/elencos/orquestra-sinfonica-nacional-de-chile/>.

14. Ver: <https://www.uncuyo.edu.ar/organismos-artisticos-da-uncuyo>.

tuição. Seu quadro permanente conta com aproximadamente 240 artistas, distribuídos entre a orquestra sinfônica, o corpo estável de balé, o coro de câmara, o elenco estável de teatro e o Quinteto de Sopros Aconcágua.

A Orquestra Filarmónica da Universidad Nacional Autónoma de México¹⁵ (Ofunam), fundada em 1936, é uma das mais importantes orquestras do país e realiza três temporadas anuais de concertos.

Embora o papel de preservação de seu patrimônio artístico seja indubitavelmente importante, a orquestra deve estar viva e atuante também em seu próprio tempo. Burkholder¹⁶, ao fazer por esta razão uma analogia, cada vez mais frequente, da orquestra com um museu de arte, também reflete sobre a dificuldade de compositores e orquestras em inserir repertório e práticas que dialoguem com seu público na contemporaneidade. O papel de uma sinfônica universitária deve ser, portanto, o de estimular a reflexão crítica sobre o tema e propor políticas que possam alterar o ambiente da música clássica. Isso inclui não só a validação de sua atividade de perpetuação da performance do repertório sinfônico canônico com excelência artística, como também o fomento da inovação e do experimentalismo, seja por escolhas estéticas no repertório, seja pela promoção de iniciativas de acessibilidade ao público. Weber¹⁷, em *La Gran Transformación en el Gusto Musical*, discute a influência de diversos segmentos da sociedade que concorrem para a formação de uma determinada autoridade musical, que é alterada nos diferentes períodos históricos. A Universidade – de forma geral e não somente como instituição mantenedora de uma orquestra – se apresenta como uma dessas forças atuantes na formação do gosto na atualidade, do que decorre sua grande responsabilidade na condução das políticas culturais.

Diante dos estudos decoloniais, cabe ressaltar a necessidade de se encontrar uma identidade brasileira na orquestra sinfônica que não se limite somente ao repertório, mas também se atenha às formas de espetáculos interdisciplinares, aprimoramento de gestão e locais de apresentação alternativos. Ao mesmo tempo, a Universidade também exerce liderança na área de inclusão e pertencimento, um campo em que as orquestras sinfônicas brasileiras continuam patinando. Nesse sentido, em meio a uma exclusão vergonhosa das minorias no ambiente orquestral, a Osusp tem se destacado em iniciativas que, apesar de ainda tímidas, têm se mantido constantes.

15. Ver: <https://musica.unam.mx/ofunam>.

16. J. Peter Burkholder, “The Twentieth Century and the Orchestra as Museum”, em Joan Peyser (ed.), *Orchestra: Origins and Transformations*, Portland, Charles Scribner’s Sons, 1986.

17. W. Weber, *La Gran Transformación en el Gusto Musical: La Programación de Conciertos de Haydn a Brahms*, Buenos Aires, Fondo de Cultura Económica de Argentina, 2011.

A presença de uma orquestra profissional na Universidade se justifica não apenas por seu valor artístico, mas também por seu potencial formativo, institucional e cultural. A orquestra pode funcionar como um laboratório para estudantes, um polo de pesquisa em performance, composição, regência, e uma plataforma de diálogo entre tradição e inovação. Ao mesmo tempo, diante do esvaziamento simbólico e da diminuição do público da música clássica em diversos contextos – como demonstram Gembris e Menze¹⁸, Tröndle¹⁹, Neuhoﬀ²⁰ e Bomfim²¹ –, a Universidade tem a chance de reposicionar a orquestra como agente de inclusão e transformação. Isso implica repensar o repertório, abrir-se a novas linguagens, dialogar com a comunidade e romper com a lógica excludente que historicamente a distanciou de amplos setores sociais. Ter uma orquestra profissional na Universidade, portanto, não é apenas manter viva uma instituição artística de grande prestígio, mas sobretudo ressignificá-la em consonância com os valores democráticos, pedagógicos e sociais da universidade pública.

Orquestra: Surgimento e Estrutura

O surgimento da orquestra sinfônica é um tema de difícil delimitação, dada a multiplicidade de fatores envolvidos em sua constituição histórica. Spitzer e Zaslaw²² abordam essa complexidade por meio de diferentes critérios analíticos, demonstrando que a origem da orquestra varia conforme o prisma adotado. Um dos enfoques utilizados é o etimológico, segundo o qual a orquestra se consolidaria a partir do momento em que o termo passa a designar inequivocamente um conjunto de músicos – transformação que ocorre apenas a partir do século XVIII. Até então, eram comuns denominações como “consorte”, “capela” ou “banda”.

Além da etimologia, os autores recorrem a outras abordagens, como a taxonomia, a organologia, a orquestração e a história social. Pela taxonomia, busca-se uma definição precisa da orquestra a partir de características estruturais, análoga à classificação científica de espécies. A perspectiva organológica, por sua vez, re-

18. H. Gembris e J. Menze, “Between Audience Decline and Audience Development: Perspectives on the Professional Musician, Music Education, and Cultural Policy”, em Martin Tröndle (ed.), *Classical Concert Studies: A Companion to Contemporary Research and Performance*, New York, Routledge, 2021.

19. Martin Tröndle (ed.), *Nicht-Besucher-forschung: Audience Development für Kultureinrichtungen*, Wiesbaden, Springer vs, 2019.

20. Hans Neuhoﬀ, “Konzertpublika. Sozialstruktur, Mentalitäten, Geschmacksprofile”, em Deutsches Musikinformationszentrum (Hrsg.), *Themenportal Konzerte & Musiktheater*, 2008.

21. C. Bomfim, *A Música Orquestral, a Metrópole e o Mercado de Trabalho: O Declínio das Orquestras Profissionais Subsidiadas por Organismos Públicos na Região Metropolitana de São Paulo de 2000 a 2016*, São Paulo, Universidade do Estado de São Paulo, Instituto de Artes, 2017 (Tese de Doutorado em Música).

22. John Spitzer e Neal Zaslaw, *The Birth of the Orchestra*, Oxford/New York, Oxford University Press, 2004.

laciona o surgimento da orquestra à evolução dos instrumentos que passaram a integrar o conjunto de modo estável, em contraste com aqueles que se tornaram obsoletos. No que tange à orquestração, os autores investigam a maneira como os instrumentos interagem entre si ao longo dos diferentes períodos históricos, revelando transformações nas práticas composicionais e performáticas. Por fim, a análise da história social destaca o papel dos músicos, das dinâmicas de mecenato e patronato e da inserção da orquestra na vida pública. Portanto, seu surgimento é compreendido como um processo de institucionalização que integra aspectos linguísticos, técnicos, artísticos e sociais.

Do ponto de vista da organização interna, a orquestra apresenta características estruturais e normativas que são universais. O membro hierarquicamente mais importante do grupo é o *spalla*, o chefe do naipe dos primeiros violinos. Antes da consolidação da figura do maestro, cabia ao primeiro violinista a liderança de toda a orquestra – prática que ainda persiste na execução de repertórios realizados sem regente.

Cada um dos napes de cordas, primeiros e segundos violinos, violas, violoncelos e contrabaixos, possui também um chefe, denominado *spalla*, e um assistente, o *concertino*, que se posiciona ao lado do *spalla*, na primeira fila do respectivo naipe. Os demais músicos de cordas são classificados como *tutti*. Os outros napes da orquestra incluem os sopros, divididos em madeiras e metais, e a percussão. Todos esses grupos possuem igualmente um chefe, também chamado de principal ou solista, além disso, os segundos instrumentistas de cada naipe, seja sopros ou cordas, são considerados segundos solistas, portanto, estão em uma categoria acima dos instrumentistas de cordas *tutti*.

Ao instrumentista solista são normalmente atribuídas as partes de maior destaque dentro da partitura. Essa hierarquia é estabelecida pela própria escrita musical, uma vez que as obras são concebidas de modo a conferir protagonismo e evidência aos solistas da orquestra.

Normalmente, a organização hierárquica de uma orquestra se reflete em distinções funcionais e salariais, as quais correspondem às diferentes responsabilidades atribuídas aos músicos. No caso da Osusp, em virtude das distinções entre as carreiras técnica e universitária, da natureza dos cargos oferecidos por meio de concurso público – que nem sempre correspondem às atribuições efetivas no âmbito da hierarquia musical – e dos processos de progressão horizontal realizados sem a devida consideração das funções efetivamente exercidas na orquestra sinfônica, observa-se um certo descompasso organizacional. Tal desajuste reflete as dificuldades inerentes à adaptação da gestão orquestral aos modelos de “macrogestão” próprios da estrutura universitária. Por outro lado, os músicos da Osusp,

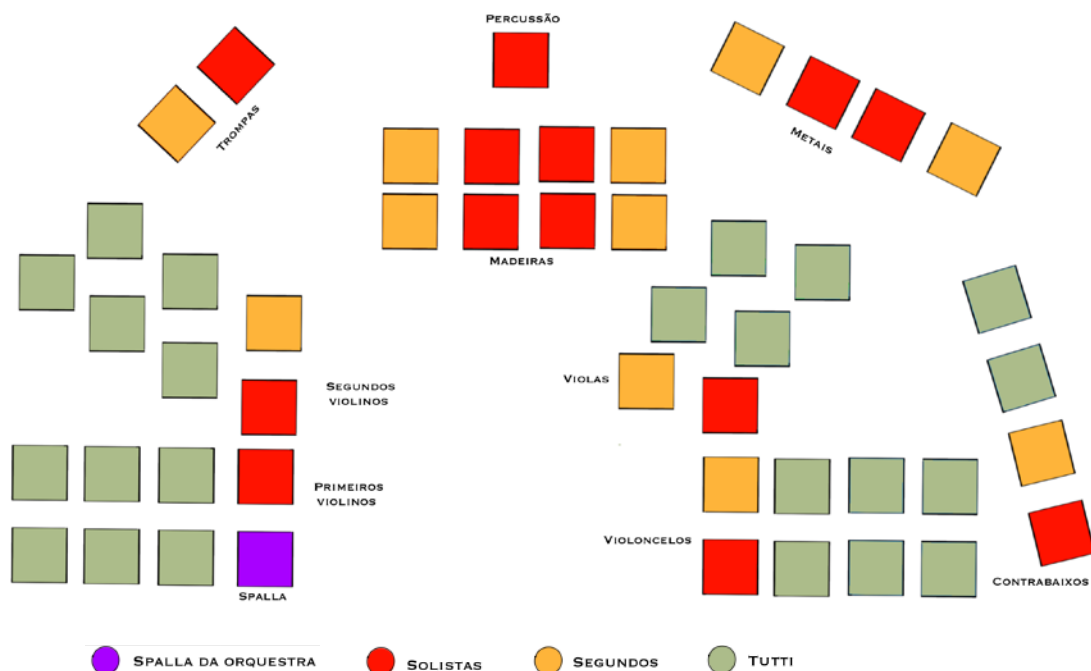


Figura 4. Categorias da orquestra. Elaboração: Clara Ramoska.

enquanto funcionários da Universidade, sempre gozaram de condições estáveis de trabalho e segurança contratual.

Além da segurança no emprego, os músicos da Osusp têm tido participação significativa nas instâncias decisórias da Orquestra, o que é fato raro na realidade brasileira e que assegura à Osusp uma posição moderna e avançada no cenário sinfônico brasileiro. Há um representante dos músicos no conselho deliberativo, e outro compõe o conselho artístico. Este conselho, também integrado pela diretora e pelo regente titular, é responsável pela aprovação do repertório e dos regentes e solistas convidados. Além disso, os músicos são os responsáveis pela apresentação de uma lista tríplice de regentes no momento de escolher o maestro titular da orquestra, cabendo a escolha final ao conselho deliberativo.

Em relação aos músicos, o regimento atual da Osusp, aprovado em 2019, não oferece nenhuma relação específica com número de integrantes por naipe, nem mesmo lista os instrumentos. Da mesma forma, não há indicação de estrutura da equipe técnico-administrativa nem indicação de cargos ou funções que a compõem. O artigo 16 do capítulo IV simplesmente define que esse corpo de colaboradores será composto por funcionários dos “grupos básico, técnico e superior, celetistas ou autárquicos, integrantes deste Órgão”.

Quanto a isso, cabe mencionar que cargos específicos da orquestra sinfônica, como montador, arquivista ou inspetor, têm sido gradualmente extintos, sendo integrados em uma estrutura de funções mais genéricas. Isso confere mais flexibilidade à Universidade, de forma geral, mas engendra problemas graves de substituição de profissionais especializados, já que tais cargos pressupõem uma formação peculiar. Diante de uma situação gravíssima de falta de funcionários, a atual gestão apenas pôde recompor os quadros da Osusp com contratações pela Fundação de Apoio à Universidade de São Paulo (Fusp). Essa ação foi essencial para manter a Orquestra em funcionamento.

Organização Interna

No início da atual gestão da Pró-Reitoria, após o período pandêmico, a Osusp manteve-se até maio sob a direção anterior. Em seguida, a administração foi assumida por Gilmar Jardim (diretor) e Eliane Tokeshi (vice-diretora), ambos professores do Departamento de Música da ECA/USP. Com a aposentadoria do Professor Doutor Gilmar Jardim e o início do estágio de pós-doutoramento da Professora Doutora Eliane Tokeshi, em 2024, uma nova diretoria foi designada para a Osusp, tendo à frente a Professora Doutora Cássia Carraschoa Bomfim como diretora, e a violinista da Osusp, Mayra Moraes, como vice-diretora. O cargo de maestro titular passou a ser ocupado por Tobias Volkmann.

ATIVIDADES REALIZADAS

A transição para o contexto pós-pandêmico foi marcada pela resiliência e pelo empenho da Osusp em retomar suas atividades artísticas, restabelecendo a rotina de concertos e promovendo a reaproximação do público às apresentações no Auditório Camargo Guarnieri. A programação de 2022 foi parcialmente mantida, em consonância com os compromissos assumidos pela gestão anterior, além da implementação de novas iniciativas.

Em 2022, a Osusp realizou a programação com 28 concertos em diversas localidades de São Paulo, abrangendo tanto a capital quanto o interior. Os concertos contaram com a regência de maestras e maestros brasileiros convidados. Destaca-se duas séries de concertos nessa temporada: o Festival Sesc de Música de Câmara, ocasião em que a Osusp percorreu diversas cidades do Estado sob a regência de Luiz de Godoy, contando com a participação do Coro dos Meninos Cantores de Hamburgo e de solistas vocais da Ocupação Cultural Jeholu; e a série dedicada

aos *Concertos de Brandemburgo*, de Johann Sebastian Bach, cuja direção artística e regência ficaram a cargo de Alessandro Santoro.

Em 2023, a Osusp realizou uma programação com 42 concertos, agrupados nos seguintes ciclos: Esculpir o Tempo, Ciclo Tempo – A Diversidade nas Lentes da Música de Câmara, Semana Camargo Guarnieri e Naípe da Hora, Ciclo de Concertos Didáticos.

Em 2024, foram apresentadas 36 apresentações, nas quais a Osusp não só obteve um aumento exponencial em seus índices de público e métricas em redes sociais, como também no recebimento de doações de alimentos. Colaborou significativamente para esse resultado a realização do concerto comemorativo dos noventa anos da USP, quando a Orquestra convidou a cantora Marisa Monte para solista, apresentação que merecerá comentários adicionais neste texto.

As temporadas de 2024 e 2025 foram estruturadas sobre os ciclos definidos em 2023, aos quais se somou o inédito ciclo de concertos didáticos Naípe da Hora. Em 2025, a Osusp passou a colaborar com o Projeto 60+ da PRCEU, com uma série de apresentações especialmente concebida para a comunidade atendida pelo projeto.

Torre do Relógio

Ciclo de concertos idealizado pelo maestro Gil Jardim e coordenado em 2023 pela Professora Eliane Tokeshi, diretor e vice-diretora da Osusp. O ciclo é dedicado a estabelecer um diálogo entre as artes e a ciência produzidas na USP. O título remete ao monumento projetado pelo arquiteto Rino Levi que, em formato retangular, traz doze painéis em alto e baixo-relevo idealizados pela artista Elizabeth Nobiling, representando as áreas das ciências e artes. São seis desenhos de cada lado da torre, alusivos ao Mundo da Realidade e ao Mundo da Fantasia.

Em 2023, foram realizados sete concertos temáticos, nos quais a música foi acompanhada por falas informais de convidados – em sua maioria, docentes da USP especializados nos temas abordados – com mediação da Pró-Reitora de Cultura e Extensão, Professora Doutora Marli Quadros Leite. Abaixo os temas e convidados dos concertos Torre do Relógio em 2023:

- SUSTENTABILIDADE EM FOCO

Regência: Gil Jardim

Solista convidado: Gianluca Littera, gaita

Convidados das conversas: Marcos Buckeridge (IB/USP), Carlos Eduardo Cerri (Esalq/USP) e Marcelo Machado (cineasta).



Figura 5. Programa da Torre do Relógio.

- **OBRAS SOBRE POVOS ORIGINÁRIOS – CÂNDIDO PORTINARI**
Regência: Gil Jardim
Coral convidado: Coral Indígena Ambá Werá da Tekoa Pyau
Convidados das conversas: Danilo Guimarães (IP/USP), Soraia Saura (EEFE/USP)
- **CÂNDIDO PORTINARI 120 ANOS – CULTURA DOS POVOS ORIGINÁRIOS**
Regência: Gil Jardim
Coral convidado: Coralusp, regência Tiago Pinheiro
Cantora convidada: Marlui Miranda
Convidados das conversas: João Candido Portinari (filho de Portinari, professor e escritor), Márcia Almeida Rizzutto (IF/USP).
- **VIAGEM NO TEMPO**
Regência: Gil Jardim
Convidados das conversas: Luiz Eduardo Anelli (IGC/USP, Estação Ciência), Marcelo Zuffo (EP/USP e Inova USP).
- **IMAGEM REFLETIDA: O TEMPO NO ESPELHO**
Maestro Convidado: Tobias Volkmann
Convidados das conversas: Flávio Ulhoa Coelho (IME/USP) e Paulo Artaxo (IF/USP).
- **RESPEITO À DIVERSIDADE**
Maestro Convidado: André Bachur
Cantora convidada: Juçara Marçal
Convidada das conversas: Silvana Nascimento (FFLCH /USP).

- CIVILIZAÇÃO E URBANISMO

Regência: Gil Jardim

Convidados das conversas: Raquel Rolnik (FAU/USP) e Eduardo Goes (MAE/USP).

Em 2024, com Tobias Volkmann como maestro titular da Osusp, foram realizados quatro concertos:

- COSMOGONIAS SONORAS

Regência: Tobias Volkmann

Participação especial: Dr. Terremoto

Palestrantes: Instituto de Astronomia, Geofísica e Ciências Atmosféricas da USP (IAG/USP), Roberto Costa (Astronomia), George Sand (Geofísica), Tercio Ambrizzi (Ciências Atmosféricas)

- NATUREZA EM TRANSFORMAÇÃO

Maestra convidada: Mariana Menezes

Palestrantes: Instituto de Biociências da USP (IB/USP), Cristiane Calixto, Marcos Buckeridge e Ricardo Pinto da Rocha

- NOTAS PARA NOS ENCONTRARMOS

Maestro convidado: Knut Andreas

Solista: Amanda Maria

Palestrantes: Instituto de Psicologia da USP (IP/USP), Christian Dunker, Laura Villares e Luana Alves

- MARÉS CONSONANTES

Regência: Tobias Volkmann

Solista: Mariane Claro, canto

Palestrantes do Instituto Oceanográfico da USP (IO/ USP): Professor Felipe Toledo, Professora June Ferraz Dias e Professor Alexander Turra

Semana Camargo Guarnieri

Em 2023, a Osusp deu início ao projeto Semana Camargo Guarnieri, concebido como um evento anual, cuja terceira edição está prevista para 2025. A iniciativa tem o objetivo de promover o acesso do público à obra do compositor e de seus contemporâneos, além de incentivar o debate e a divulgação da pesquisa musicológica. A curadoria da primeira semana, além da própria diretoria da Osusp, contou com um grupo de profissionais formados pelo maestro e Professor Lutero Rodrigues, da Universidade Estadual Paulista (Unesp), a pesquisadora Flávia Toni,

do Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo (IEB/USP) e do Departamento de Música da ECA/USP, e Tânia Camargo Guarnieri, violinista de carreira internacional e filha do compositor.

Foram realizados dois concertos com a Osusp, o primeiro sob a regência do maestro Lutero Rodrigues e o segundo com a regência do maestro Gil Jardim. Também compuseram o evento: o Quarteto Camargo Guarnieri, recitais de professores e alunos do Departamento de Música da ECA/USP, o recital de Tânia Guarnieri e Max Barros, os concertos do Quarteto São Paulo Chamber Soloists e da Orquestra de Câmara da USP (Ocam).

A programação ainda contou com as mesas-redondas: 1. Performance Musical da Obra de Camargo Guarnieri – Tânia Camargo Guarnieri, Max Barros, Maria José Carrasqueira, Lutero Rodrigues; 2. Pesquisa e Performance em Torno da Obra de Camargo Guarnieri – Flávia Toni (IEB/USP), Paulo de Tarso Salles (CMU/USP), André Egg (Unespar), ambas mediadas pela jornalista Camila Fresca. E também a apresentação do filme *Notas Soltas Sobre um Homem Só*, documentário sobre a vida e obra do compositor Camargo Guarnieri, com a direção de Carlos de Moura Ribeiro Mendes, de 2009.

Em sua segunda edição, a Semana trouxe a exibição do documentário *A Sinfônica de Guarnieri*, sobre o legado do compositor e maestro, dirigido por Ruan Bertuce, estagiário da Osusp. Foram realizados dois concertos da Osusp, sob a regência do maestro Tobias Volkmann, o primeiro no Auditório Camargo Guarnieri e o segundo na Sala São Paulo. Foram apresentados também concertos de câmara com a participação de cantores, do Coralusp e dos professores do Departamento de Música da ECA/USP e da FFCLRP/USP.

Comemoração dos 90 Anos da USP

Em 2024, a Osusp teve uma participação significativa nas comemorações dos 90 anos da USP, contribuindo com quatro apresentações em eventos especiais. O primeiro concerto ocorreu na Sala São Paulo, marcando o início das festividades da instituição. Contudo, o grande evento comemorativo foi o da Praça do Relógio, em São Paulo, com a cantora Marisa Monte, que recebeu um público de 55 mil pessoas. Além disso, a Osusp arrecadou treze toneladas de alimentos e duas mil peças de vestuário em prol das comunidades carentes. As celebrações contaram ainda com a apresentação na Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz da Universidade de São Paulo (Esalq/USP) e o concerto na abertura do museu itinerante da USP na Escola de Engenharia de Lorena da Universidade de São Paulo (EEL/USP).



Figura 6. Osusp convida Marisa Monte. Regência: André Bachur. 90 Anos da USP. Foto: Acervo Osusp.

Concertos no Festival de Inverno de Campos do Jordão

No quadriênio de 2022 a 2025, a Osusp tem sido convidada para se apresentar no principal festival de música do país, o Festival de Inverno de Campos do Jordão. Em 2025, a Orquestra se apresentará sob a regência de seu maestro titular, Tobias Volkmann, e terá como solista convidado o jovem violinista Guido Santana, vencedor de importantes concursos internacionais.

Concertos Institucionais

Entre 2022 e 2024 a Osusp se apresentou em 21 concertos institucionais, levando a sua produção artística para eventos significativos da Universidade. Destacamos algumas das principais apresentações:

- Concerto Institucional: cerimônia de posse do Reitor e Vice-Reitora da USP realizado no Palácio dos Bandeirantes, no dia 26 de janeiro de 2022.
- Concerto Institucional: 60 Anos Fapesp, realizado na Sala São Paulo, no dia 30 de maio de 2022.
- Concerto das Orquestras das Universidades Estaduais Paulistas, programa de integração das Orquestras Sinfônica da Unicamp e Acadêmica da Unesp,



Figura 7. Osusp sob a batuta do maestro Gil Jardim, concerto *Natal Solidário*. Foto: Kelly Layher.

realizado no Auditório Simón Bolívar, Memorial da América Latina, no dia 28 de agosto de 2022.

- Concerto no evento USP Pensa Brasil – Gil Jardim e Virgínia Rosa, realizado no Anfiteatro Camargo Guarnieri, no dia 2 de setembro de 2022.
- Concerto na reabertura do Museu Paulista, no Museu Paulista, no dia 6 de setembro de 2022.
- Concerto no Conselho Universitário Temático, no Auditório Camargo Guarnieri, dia 23 de agosto de 2023.
- Concerto 130 Anos Poli, no Auditório Camargo Guarnieri, dia 24 de agosto de 2023.

Entre 2022 e 2023, vários concertos estiveram sob a regência do maestro Gil Jardim, então diretor da Osusp. Destaca-se o concerto *Natal Solidário*, apresentação de final de ano idealizada pelo maestro, que teve como proposta arrecadar alimentos e brinquedos para comunidades carentes.

Em parceria com a Central Única das Favelas (Cufa), a Osusp lançou uma campanha de mobilização que arrecadou, em 2022, uma tonelada de alimentos e duzentos brinquedos novos. Esse resultado expressivo não apenas demonstrou o poder transformador da arte quando aliada a causas sociais, mas também ressaltou

a importância de ações estratégicas e coordenadas. Ao unir o público, a Orquestra Sinfônica da Universidade de São Paulo e diversas comunidades testemunharam como a música pode transcender suas fronteiras convencionais e se tornar um agente de mudança positiva na sociedade. O *Natal Solidário* se converteu em um evento tradicional que se repete a cada ano na programação da Osusp. Em 2024 e 2025, já sob a regência do maestro Tobias Volkmann, a Osusp convidou a Orquestra de Câmara da USP, sob a regência do maestro Ricardo Bologna, para participação no *Natal Solidário*.

Naipe da Hora, Concertos Didáticos

O projeto de Concertos Didáticos Naipe da Hora foi implementado em 2024 com o foco na contribuição para a formação de novos públicos. Nesses concertos a Osusp realiza atividades que promovem o contato de crianças e adolescentes com a música orquestral. Alunos provenientes de escolas da rede pública e privada assistem aos concertos no Auditório Camargo Guarnieri.

Trata-se de um projeto pedagógico que congrega informações relevantes do universo musical. Ao longo dos concertos, abordam-se os instrumentos que compõem a Orquestra Sinfônica, suas respectivas funções e aspectos perceptivos, com ênfase nos elementos fundamentais do som, como a distinção entre frequências agudas e graves, qualidades tímbricas, intensidade sonora e conceitos de espacialização sonora relacionados à percepção auditiva.

Toda a fundamentação teórica é transposta para o campo empírico por meio de exemplos artísticos, com a execução ao vivo de obras musicais que ilustram as características específicas dos diferentes naipes da Orquestra – cordas, sopros e percussão. Entre os anos de 2024 e 2025 o projeto totalizará dez concertos.

Em 2025, a Osusp iniciou uma parceria com a Fundação Padre Anchieta, para a gravação ao vivo de doze concertos a serem veiculados na Rádio Cultura e na TV Cultura, levando uma amostra significativa da sua programação comemorativa e expandindo, dessa maneira, o alcance de sua produção para o público.

A TV Cultura, no momento da escrita deste capítulo, disponibilizou a média do público de 5 125 telespectadores no programa *Clássicos*, aferida entre janeiro e agosto de 2024.

O programa de rádio *Sala de Concerto* vai ao ar às 16 h aos sábados, e sua audiência é aferida a cada três meses. Os dados do EasyMedia4 da Kantar-Ibope referentes aos meses de janeiro a março de 2025 indicam 12 797 ouvintes da Cultura FM por minuto de ambos os sexos na região da Grande São Paulo.

Masterclasses

Masterclass é uma série de cursos teórico-práticos de pesquisa artística no âmbito da performance musical. A Osusp oferece dentre as suas atividades cursos com nossos convidados, artistas especialistas nacionais e internacionais em áreas que compreendem todos os aspectos do mundo orquestral: instrumentistas solistas, cantores, maestros e compositores. A série Masterclass da Osusp procura congrega os alunos e comunidade externa à USP, abrindo um espaço de discussão também para profissionais da música. Os cursos privilegiam a diversidade de pensamento musical, seja do ponto de vista dos aspectos técnicos específicos de cada área de atuação, seja abrindo espaços para a abordagem de questões musicais, políticas e sociais contemporâneas que tangenciam a Orquestra Sinfônica como estrutura social. Os cursos são parte da vocação da Orquestra Universitária que consiste, dentre outros fatores, em legitimar a transmissão do conhecimento e propiciar reflexões sobre problemas que refletem a multiplicidade de pensamento no fazer musical.

Entre os anos de 2022 e 2024, foram realizadas dez *masterclasses*, e outras dez estão previstas para 2025. Em 2023, de 18 de março a 11 de novembro, a Osusp ofereceu o Curso de Difusão Ciclo da Torre do Relógio, que teve 93 participantes inscritos.

A OSUSP EM NÚMEROS: PÚBLICO E REDES SOCIAIS

As iniciativas realizadas pela Osusp entre 2022 e 2024 contaram com o apoio da PRCEU, bem como de diversas entidades, docentes, institutos e unidades da USP. Destacam-se ainda a dedicação artística dos músicos e o comprometimento da equipe técnico-administrativa da Orquestra, ambos fundamentais para a realização dessas ações.

Durante esse período a Osusp também intensificou sua atuação solidária, com a realização de ações voltadas para comunidades indígenas, comunidades em vulnerabilidade social e com a Cufa (Central Única de Favelas).

Todas as atividades desenvolvidas pela Osusp estão voltadas tanto à comunidade universitária quanto à sociedade em geral, portanto, a divulgação de suas atividades é essencial. No período dessa gestão a Orquestra manteve a presença constante nos principais veículos de comunicação da USP, a Rádio USP e o *Jornal da USP*.

Em dois períodos (2021 e 2023) a Osusp manteve seu próprio programa na Rádio USP, o *Osusp no Ar*. O programa tinha como objetivo oferecer aos ouvintes

uma visão dos bastidores da Orquestra, entrevistas, registros de concertos históricos e apresentações de novidades. Essa iniciativa segue uma tendência internacional contemporânea, adotada pelas principais orquestras do mundo, que buscam, por meio da comunicação, aproximar o público a aspectos do cotidiano da orquestra e com isso fomentar o interesse pela música de concerto e ampliar seu alcance junto à sociedade.

A partir de 2021, o estabelecimento de métricas da Osusp passou a ser uma ação fundamental para o entendimento de estratégias de divulgação e ampliação do alcance da Orquestra para o grande público. A avaliação das métricas tem funcionado como instrumentos de gestão da diretoria da Osusp, permitindo o monitoramento da participação presencial em concertos e eventos.

Paralelamente, as métricas de desempenho nas redes sociais fornecem dados relevantes para análise comparativa do perfil do público, incluindo informações como gênero, faixa etária, percentual de visualizações por faixa etária, entre outros indicadores. Esses dados possibilitam um acompanhamento mais preciso do crescimento do interesse do público pela Orquestra, subsidiando decisões estratégicas voltadas à comunicação, formação de plateia e inclusão.

Constatou-se que a lotação do Auditório Camargo Guarnieri para os concertos da Osusp tem sido uma constante, independentemente da programação.

O Gráfico 1 demonstra um cruzamento de dados entre o número de concertos promovidos pela Osusp em paralelo à quantidade de público total que esteve presente nestes concertos.

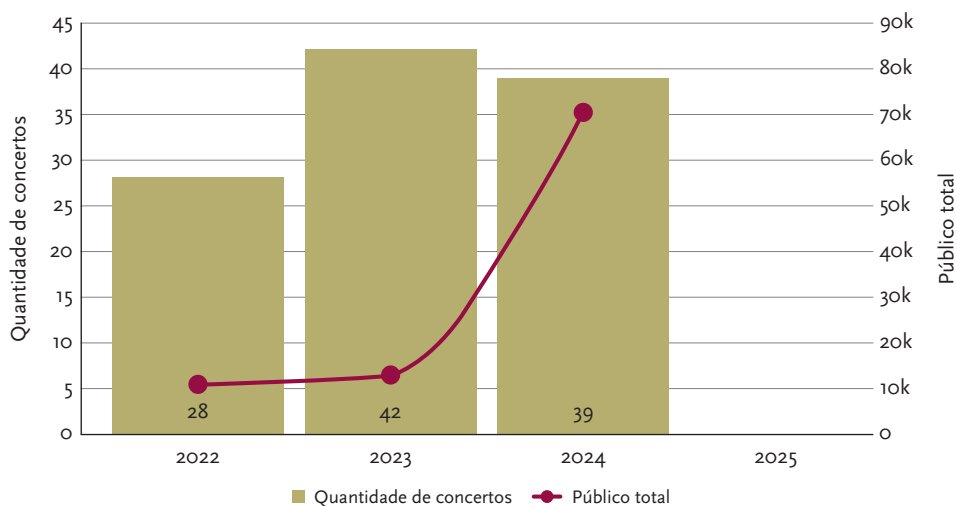


Gráfico 1. Concertos e Público Total – Métricas. Elaboração: Maycon Richard Moraes Costa.

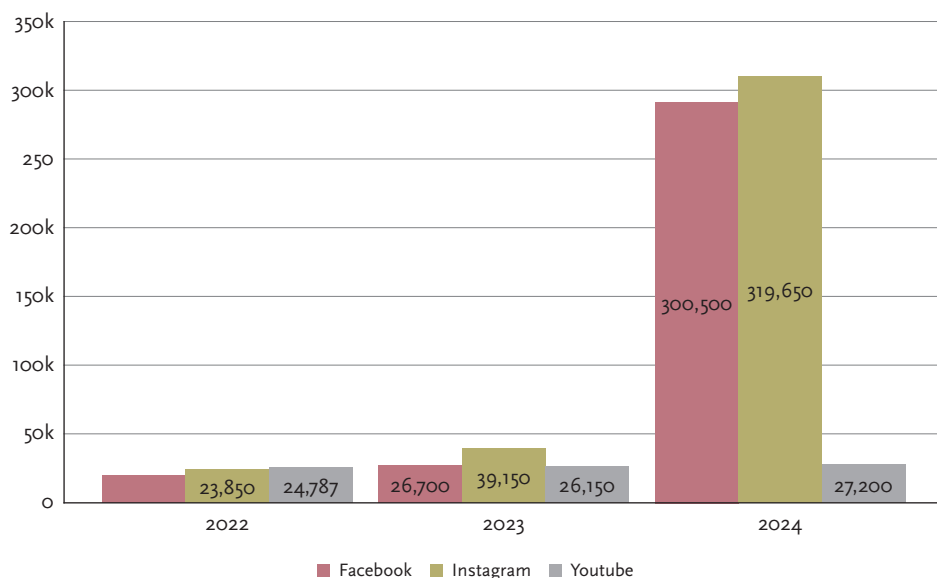


Gráfico 2. Desempenho das Redes Sociais. Elaboração: Maycon Richard Moraes Costa.

No primeiro plano, é possível observar que, de 2022 para 2023, houve um salto expressivo na quantidade de apresentações, esta foi uma das temporadas em que existiu um grande número de concertos (2023). Já no segundo plano, de 2023 para 2024, mesmo com uma queda pequena no número de concertos, o público foi sete vezes maior em comparação ao ano anterior. É preciso notar que esse aumento exponencial se apresenta em função do imenso público que esteve presente na Praça do Relógio, para o concerto no qual a Osusp convidou a cantora Marisa Monte, para a comemoração dos noventa anos da USP. A mesma observação é válida para o Gráfico 2, no que tange ao aumento de visualizações das redes sociais – o evento recebeu na Praça do Relógio 55 mil pessoas, e fica evidente como as postagens em colaboração com as redes sociais da artista geraram um aumento potente nas métricas das redes sociais da Osusp.

Para gerar os dados apresentados acima, realizou-se a soma total de todas as interações/*insights*²³ (exceto número de seguidores) das principais redes sociais da Osusp. Foram, portanto, somados o número de alcance²⁴, número de visitas, nú-

23. *Insights* são todas as interações que uma conta possui em sua rede.

24. Alcance refere-se ao número de contas que viram uma única publicação, é uma métrica interessante para se entender qual o público que está sendo atingido.

mero de curtidas, número de impressões²⁵ e número de compartilhamentos das publicações para chegar nesses resultados.

Projeto de Lei Rouanet – Osusp Temporada 2025-2026

Com o objetivo de inserir a Osusp no circuito de outras orquestras estatais que contam com projetos de fomento à cultura para a ampliação de suas atividades, iniciou-se, em 2023, a elaboração de um projeto comemorativo ao cinquentenário da Osusp, submetido no Programa Nacional de Apoio à Cultura (Pronac) – Lei n. 8.313, de 23 de dezembro de 1991 –, mais conhecido como Lei Rouanet, que se dá em âmbito federal.

Inicialmente, foi elaborado um projeto com foco na complementação orçamentária para os anos de 2024 e 2025. Posteriormente, cadastrado no Ministério Público para o biênio 2025-2026, com o propósito de ampliar a capacidade financeira da Osusp para realização de temporadas expressivas, alcançando inclusive diferentes regiões fora de São Paulo. O projeto contempla a contratação de maestros, músicos extras, viagens, além de equipe de produção especializada, bem como agência de comunicação e assessoria de imprensa.

O projeto foi proposto inicialmente pela gestão da Osusp em 2023, com o apoio da PRCEU, visando a seu desenvolvimento. A Fusp figura como proponente do projeto – sendo a entidade jurídica responsável pelos trâmites legais que envolvem a sua execução – pois já realizou e realiza iniciativas em conjunto com a USP. Sua indicação como proponente do projeto se deu a fim de viabilizar uma execução transparente e pautada pela probidade administrativa, sendo todas as etapas do projeto acompanhadas pela Diretoria da Osusp.

A captação de recursos tem sido liderada diretamente pela Pró-Reitora Professora Doutora Marli Quadros Leite em conjunto com a atual Diretoria da Osusp, com o apoio da equipe responsável pela gestão da comunicação.

Este projeto tem seu valor total previsto de R\$ 5 999 996,81. Atualmente, a Osusp está finalizando a captação dos 20% mínimos exigidos por lei para o início das atividades, conforme estabelecido pela legislação de incentivo fiscal.

A iniciativa tem como finalidade o fortalecimento das atividades artísticas da Orquestra e a complementação dos custos relacionados aos concertos comemorativos de seu cinquentenário. O projeto contempla a realização de quatro concertos em capitais brasileiras, além de diversas apresentações na cidade de São Paulo,

25. Impressões refere-se a métrica da quantidade de vezes que um conteúdo foi exibido para os usuários, é importante para entender o quanto as publicações foram bem aceitas pelo público.

incluindo duas na Sala São Paulo, bem como concertos nos *campi* do interior do Estado. O projeto de lei aprovado prevê a contratação de todos os profissionais necessários para a execução de todas as suas etapas, desde a pré-produção até a pós-produção.

Trata-se de um empreendimento importante para a PRCEU e a Diretoria da Osusp, que conta com apoio incondicional da Reitoria da USP. Entendemos que essa experiência inicial demonstrou o potencial da Osusp, enquanto órgão da USP, em ingressar nos mecanismos de fomento cultural no Brasil. Trata-se de um primeiro passo importante na história da Orquestra. A atual gestão da Osusp entende que a continuidade deste processo, a partir de 2027, deverá se dar por meio da elaboração de um plano bianual na Lei Rouanet, mecanismo de financiamento que, somado à receita da USP, permitirá a instituição desenvolver projetos de longo prazo, expandindo continuamente a sua atuação, mantendo o elevado padrão de qualidade musical que a caracteriza.

AValiação GERAL

Neste ano (2025) em que se comemoram os cinquenta anos da Osusp, a revisão de sua trajetória permite compreender o papel que a Orquestra desempenhou no passado, aquele que representa no presente e qual poderá ser sua contribuição futura para a comunidade universitária. Essa reflexão também evidencia que a Osusp ocupa um lugar fundamental junto à sociedade externa à Universidade de São Paulo, sendo uma das poucas orquestras profissionais em atividade contínua no país e destacando-se por sua excelência artística.

A Osusp encerra o último ano da atual gestão da Pró-Reitoria de Cultura e Extensão Universitária com sua sala de concertos regularmente lotada, evidenciando o reconhecimento e o engajamento do público. A Orquestra vem aprimorando continuamente tanto o conteúdo quanto a forma de suas apresentações, com o objetivo de contemplar a diversidade cultural da música de concerto brasileira em suas múltiplas expressões e gêneros.

No âmbito de sua atuação, a Osusp tem promovido práticas de inclusão de gênero, étnico-racial e social, pautadas em pesquisas sobre repertório e no incentivo à criação de novas obras. Tais iniciativas visam ampliar as representações de grupos historicamente silenciados no campo da música de concerto, contribuindo para a construção de uma programação mais plural, equitativa e representativa.

A presente gestão da Osusp entende que a preservação e continuidade de projetos inovadores, como a série de Concertos Torre do Relógio, são essenciais para

a consolidação de práticas interdisciplinares que devem orientar o futuro da Orquestra. Da mesma forma, entende que a Osusp se encontra artisticamente preparada para integrar o circuito de gravação e publicação de álbuns musicais e audiovisuais vinculados a pesquisas musicológicas, assim como para a produção de obras de música contemporânea brasileira. Além disso, a Orquestra tem potencial para associar-se à produção científica e artística da USP, liderar projetos voltados à inovação no campo da música de concerto, explorando interseções com novas tecnologias, como ambientes imersivos e inteligência artificial.

O potencial da Osusp na geração de cultura e arte deve ser continuamente aprimorado, o que exige a progressiva superação de desafios estruturais, incluindo a reorganização e expansão do corpo orquestral, além da melhoria das condições físicas e da infraestrutura que sustentam suas atividades.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Osusp tem procurado se aprimorar como um corpo artístico atento e sensível às transformações da sociedade brasileira, reconhecendo a necessidade de potencializar sua função artística a partir de dois eixos principais: intensificar os vínculos com o conhecimento produzido na Universidade – por meio de iniciativas como a série Torre do Relógio – e ampliar as discussões sobre a inclusão de sujeitos historicamente excluídos das instituições artísticas no âmbito da música de concerto. Torna-se imprescindível assegurar o funcionamento da Orquestra Universitária conforme os padrões universais de gestão, ao mesmo tempo em que se abrem espaços para a inclusão social e racial de músicos em seus quadros artísticos. Tal medida visa à consolidação e expansão coerente do corpo orquestral, com objetivo de alcançar a dimensão de uma orquestra sinfônica completa. Além disso, é fundamental compreender a continuidade da música sinfônica sob uma perspectiva multidisciplinar, abrindo espaço na Osusp para iniciativas artísticas que estabeleçam interfaces significativas com a pesquisa, a inovação e a inclusão social. Dessa forma, as práticas musicais da Osusp podem acompanhar as transições sociais, as novas linguagens e as tecnologias emergentes, fomentando novas obras sinfônicas interdisciplinares e sua performance. Essas obras devem contemplar uma diversidade de estilos, compositoras e compositores, estando a serviço do público e exercendo seu potencial transformador sobre o ambiente sonoro, para melhorar a qualidade de vida da sociedade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BOMFIM, C. *A Música Orquestral, a Metrópole e o Mercado de Trabalho: O Declínio das Orquestras Profissionais Subsidiadas por Organismos Públicos na Região Metropolitana de São Paulo de 2000 a 2016*. São Paulo, Universidade do Estado de São Paulo, Instituto de Artes, 2017 (Tese de Doutorado em Música).
- BRITO CRUZ, J. & CURY, F. “De Onde Vem essa Música? Um Mapeamento de Programações da Osusp entre 1976-2019”. In: *XXXIII Congresso da ANPPOM*. São João del Rey, ANPPOM, 2023.
- BURKHOLDER, J. Peter. “The Twentieth Century and the Orchestra as Museum”. In: PEYSER, Joan (ed.). *Orchestra: Origins and Transformations*. Portland, Charles Scribner’s Sons, 1986.
- GEMBRIS, H. & MENZE, J. “Between Audience Decline and Audience Development: Perspectives on the Professional Musician, Music Education, and Cultural Policy”. In: TRÖNDLE, Martin (ed.). *Classical Concert Studies: A Companion to Contemporary Research and Performance*. New York, Routledge, 2021.
- LEITE, Edson. *Memórias Osusp: Orquestra Sinfônica da Universidade de São Paulo*. São Paulo, CD. G Casa de Soluções, 2013.
- MEYER, Adriano Castro. *Da Orquestra Universitária de Concertos à Osusp: A Música Esquecida da Universidade de São Paulo*. Unesp, 2019 (Dissertação de Mestrado).
- NEUHOFF, Hans. “Konzertpublika. Sozialstruktur, Mentalitäten, Geschmacksprofile”. In: Deutsches Musikinformationszentrum (Hrsg.). *Themenportal Konzerte & Musiktheater*. 2008. Disponível em: http://www.miz.org/static_de/themenportale/einfuehrungstexte_pdf/03_KonzerteMusiktheater/neuhoff.pdf. Acesso em 21 abr. 2016.
- O’BANNON, R. *The Orchestra Season by the Numbers: Database*. Baltimore, Baltimore Symphony Orchestra, 2014. Disponível em: <https://www.bsomusic.org/stories/the-orchestra-season-by-the-numbers-database.aspx>. Acesso em 15 out. 2020.
- _____. *What Data Tells us About the 2015-16 Orchestra Season*. 2015. Disponível em: <https://www.bsomusic.org/stories/what-data-tells-us-about-the-2015-16-orchestra-season.aspx>. Acesso em 13 jun. 2020.
- _____. *The Data Behind the 2016-2017 Orchestra Season*. 2017. Disponível em: <https://www.bsomusic.org/stories/the-data-behind-the-2016-2017-orchestraseason/>. Acesso em 13 jun. 2020.
- PETERS, P.; ROSU, S. & BENSCHOP, R. “The Researching Orchestra: Innovative Collaborations between Symphonic Orchestras and Knowledge Institutions”. In: TRÖNDLE, Martin (ed.). *Classical Concert Studies: A Companion to Contemporary Research and Performance*. New York, Routledge, 2021.
- SPITZER, John & ZASLAW, Neal. *The Birth of the Orchestra*. Oxford/New York, Oxford University Press, 2004.
- TRÖNDLE, Martin (ed.). *Nicht-Besucher-forschung: Audience Development für Kultureinrichtungen*. Wiesbaden, Springer vs, 2019.
- WEBER, W. *La Gran Transformación en el Gusto Musical: La Programación de Conciertos de Haydn a Brahms*. Buenos Aires, Fondo de Cultura Económica de Argentina, 2011.

CAPÍTULO 5

TUSP: Em busca de um Teatro Universitário Relevante

LUIZ FERNANDO RAMOS¹

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O Teatro da Universidade de São Paulo (Tusp) nasceu em 1955, como uma aspiração dos diretórios acadêmicos da Universidade de São Paulo, que solicitaram sua criação à Reitoria, a partir de recomendação do XVI Congresso da UNE (União Nacional dos Estudantes), realizado dois anos antes. Um primeiro diretor artístico, o ator Ruy Affonso Machado, ator do TBC (Teatro Brasileiro de Comédia), chegou a ser nomeado pela Secretaria de Educação do Estado de São Paulo. Entre 1966 e 1968, um grupo de alunos da Faculdade de Filosofia e Letras e da Faculdade de Arquitetura da USP criou o Teatro dos Universitários de São Paulo – um Tusp sem vínculo oficial com a Universidade, que faria duas montagens históricas: *A Exceção e a Regra*, de Bertolt Brecht, dirigida pelo ator e diretor Paulo José, e *Os Fuzis da Senhora Carrar*, também de Brecht, dirigida pelo arquiteto e cenógrafo Flávio Império. Este último espetáculo excursionou por vários Estados brasileiros e participou do Festival de Teatro Universitário de Nancy, na França, em 1969, porém, o grupo acabou desmantelado pelas perseguições políticas que se seguiram ao Ato Institucional n. 5.

O Teatro da USP vai ressurgir em 1976, com a Resolução 94, do Reitor Orlando Marques de Paiva, que o vinculou à Coordenadoria de Atividades Culturais da USP. Décio de Almeida Prado, renomado crítico de teatro e professor da USP, assumiu a sua direção e estabeleceu o Tusp em sua primeira sede e casa de espetáculos: o

1. Professor do Departamento de Artes Cênicas (CAC) da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/USP) e atual diretor do Teatro da USP (Tusp).



Figura 1. *Fuzis de D. Tereza* – Teatro dos Universitários. Foto: Victor Knoll.

auditório da Biblioteca Municipal Anne Frank, à rua Cojuba, 45, no Itaim Bibi, cedido à USP até 1996. No início da década de 1980, o Tusp, já dirigido pelo professor da Escola de Comunicações e Artes (ECA) Miroel Silveira, produziu vários espetáculos. Em 1986, a administração do Tusp passou a ser responsabilidade direta da Escola de Comunicações e Artes, e sua sede começou a receber os espetáculos curriculares do Departamento de Artes Cênicas (CAC) daquela unidade e da Escola de Arte Dramática (EAD), também vinculada à ECA.

Foi em 1990, com a extinção da Coordenadoria de Atividades Culturais da USP (Codac), que o Tusp se tornou um órgão subordinado à Pró-Reitoria de Cultura e Extensão Universitária (PRCEU) e, sob a direção de Abílio Tavares, passou a atuar como polo de ações culturais. Entre 1991 e 1996, foram promovidos seis Festivais de Teatro Universitário da USP, que ocorreram de forma itinerante em diversos *campi* da Universidade. Em 1996, o Tusp instalou-se no térreo e subsolo do Centro Universitário Maria Antonia (Ceuma), na Rua Maria Antonia, 294, onde, desde então, acolheu intensa programação teatral e estimulou variadas práticas artísticas extensionistas. Naquele mesmo ano foi criado o Grupo Tusp de Teatro, que, até 2007, encenou onze espetáculos, oito sob a direção de Abílio Tavares e três dirigidos por Marco Antônio Braz. Nesta mesma década o Tusp realizou importantes eventos de reflexão, como, em 1998, o ciclo de palestras e debates Teatro Brasileiro: 1968/1998 – 30 Encontros, além de oficinas livres de teatro, tanto para iniciantes como para estudantes de artes cênicas. Já nos anos 2000, o Tusp contou com mostras teatrais produzidas pelos alunos formados no CAC/ECA e na EAD/ECA, e, a partir de 2007, com outras escolas de teatro públicas e privadas, em uma série de distintos formatos – Mostra Experimentos, Mostra Novíssimos Diretores, Mostra de Teatro Estudantil.

Também em 2007, com a dissolução do grupo de atores a ele vinculados, e sob a direção de Maria Thais Lima Santos e de Elisabete Dorgam, o Tusp expandiu suas atividades. Novos profissionais foram concursados para coordenar, a partir de fevereiro de 2009, núcleos de atividade teatral em alguns dos *campi* da USP do interior. Nas cidades de Pirassununga, Piracicaba, São Carlos, Ribeirão Preto, Lorena e Bauru começaram a ocorrer ações formativas e extensivas de maneira regular e sistemática. O fruto mais significativo e longo desta nova fase foi o Circuito Tusp de Teatro², que acontece até hoje como um programa de ação continuada para a difusão das artes cênicas em três daquelas cidades do interior paulista, em parceria com as secretarias de cultura daqueles municípios e as Seções de Atividades Culturais dos respectivos *campi*.

Em 2009, iniciou-se outro programa vitorioso, o de Leituras Públicas³, que até o presente, ocorrendo nas sedes do interior e na da capital, realiza leituras de peças teatrais, selecionadas a partir de temas ou autores específicos, e mediadas por especialistas.

Entre 2010 e 2012, sob a direção de Celso Frateschi e de Ferdinando Martins, o Tusp realizou as Jornadas de Teatro Universitário. Nestas reuniram-se grupos de teatro universitário do Estado de São Paulo para partilharem práticas de criação e debaterem modos de produção teatral, especialmente no âmbito universitário. Nos anos de 2013 e 2014, o Teatro da USP foi um convidado especial no Festival Nacional e Internacional de Teatro Universitário da Universidad Nacional Autónoma de México e ali apresentou uma programação diversa, criada a partir de alunos, egressos, docentes e funcionários da USP. Ainda em 2013, foi realizada, entre 31 de outubro e 15 de dezembro, a primeira Bienal Internacional de Teatro da Universidade de São Paulo⁴, que, em 2014, teve sua segunda e última edição realizada.

Em 2015, foi criado, a partir da experiência dos Núcleos Tusp de Formação Teatral do Interior, um equivalente na sede da Rua Maria Antonia, que passou a promover experimentos cênicos de montagem, com atores e atrizes inscritos numa seleção prévia, na segunda sala de apresentações do Tusp no Ceuma, a experimental, com apenas quarenta lugares.

Em 2018, sob a direção de Sérgio de Carvalho e de Maria Helena Bastos, o Tusp ampliou de novo seu raio de ações, realizando, além dos editais regulares de ocupação de sua sala de espetáculos por grupos teatrais, eventos na área de dança e

2. Ver http://www.usp.br/tusp/?page_id=30. Acesso em 22 abr. 2025.

3. Ver https://www.usp.br/tusp/?page_id=791. Acesso em 22 abr. 2025.

4. Ver <http://www.usp.br/bienaldeteatro/2013/>. Acesso em 22 abr. 2025.



Figura 2. Lançamento *A(p)arte da Vez*. Foto: Tika Tiritilli.



Figura 3. *Ensaaios Coreográficos*. Foto: Acervo Tusp.

Figura 4.
Mestre
Maurício –
Baiana Rica.
Foto: Otacílio
Alacran.



performance, como o premiado *Ensaaios Coreográficos*, e a edição e publicação dos *Cadernos Tusp*, com o volume de *O Pai de Família*, peça rara de Denis Diderot.

Em 2020, com a pandemia, o Tusp adaptou suas ações extensivas no ambiente *on-line*, lançando, entre outras iniciativas o *podcast* Sala Tusp, uma sala virtual de conversas com artistas e pesquisadores convidados, sobre temas ligados à história do teatro e das teatralidades brasileiras, atualmente com 54 episódios disponíveis no seu *site*. Além disso, houve o programa *Dramaturgias em Processo*, que selecionou, nos dois anos seguintes, dois grupos de catorze dramaturgos que, apoiados pelo corpo técnico do Tusp, escreveram 28 textos dramáticos inéditos, parte deles hoje disponível gratuitamente *on-line*, em formato de livro, para acesso e leitura.

A partir de 2022, sob a direção de Luiz Fernando Ramos e de José Fernando Peixoto de Azevedo, o Tusp retomou suas atividades presenciais, com a realização de editais para temporadas de espetáculos em sua sede principal em São Paulo, do Circuito Tusp de Teatro, no interior, e com novas montagens do Núcleo Tusp da capital.

Ainda em 2022, ocorreu a inauguração do Tusp Butantã, sala integrada ao recém-criado Centro Cultural Camargo Guarnieri e que estendeu a atividade do órgão ao *campus* da USP, na cidade de São Paulo, constituindo finalmente o Tusp como uma rede integrada de cinco polos teatrais, dois sediados na capital e três nos *campi* de São Carlos, Ribeirão Preto e Bauru.

Em 2023, foi realizado o ciclo de debates *Roda de Memória do Futuro*, para o resgate das políticas públicas do teatro nas duas décadas anteriores, e foram produzidos e irradiados doze programas de rádio, o *Rádio Tusp*, na Rádio USP. Ocorreu

também o I Encontro de Teatro Universitário, reunindo grupos amadores existentes em todas as unidades da USP, e aconteceram as primeiras oficinas Diaspóricas, com o resgate de práticas e saberes das culturas afrodescendentes.

Em 2024, foi realizado o segundo Encontro de Teatro Universitário e Novas Diaspóricas. Em 2025, o Tusp voltará às suas origens realizando a Mostra Nacional de Teatro Universitário, em que selecionará nove espetáculos produzidos nos cursos de artes cênicas de todas as universidades públicas brasileiras e as apresentará nas sedes de São Paulo durante todo o mês de agosto.

Como se percebe nesse recorte histórico, o Tusp já foi muitos “Tusps”, assumindo, ao longo destes 35 anos de vínculo com a PRCEU, as diversas configurações que seus gestores foram impondo. De um modo geral, estas distintas versões enquanto órgão de extensão cultural, principalmente de difusão e acolhimento das práticas teatrais, foram se superpondo de maneira cumulativa e hoje servem de bússola para a prospecção de um futuro e desejável programa para o Tusp, como se tentará demonstrar a seguir.

Missão e Finalidade

O Teatro da Universidade de São Paulo tem por objetivos difundir as artes cênicas em suas mais diversas manifestações e formas de expressão; estimular o desenvolvimento de grupos teatrais estudantis; e propiciar, pelo teatro, a integração entre a comunidade interna e externa da Universidade, em projetos próprios ou em parceria com outras unidades e entidades do universo cultural.

Com a Resolução do Conselho de Cultura e Extensão Universitária (CoCEx) 5 383, de janeiro de 2007, o Tusp teve seu Regimento aprovado. Em julho daquele ano outra Resolução CoCEx, a 5 862, aprovou a nova redação para o Regimento do Tusp, em que seu objetivo primeiro, entre outros sete, é “divulgar as artes cênicas nas suas mais diferentes manifestações e formas de expressão”⁵.

5. Seguem os outros objetivos:

- II. Estimular a criação e o desenvolvimento de grupos teatrais universitários em todos os *campi* da Universidade de São Paulo, da capital e do interior, propiciando, através destes, amplo acesso ao fazer teatral e à integração entre a comunidade interna, caracterizada por alunos, docentes e funcionários e a aqui denominada comunidade externa, composta por interessados da sociedade em geral, sem vínculo formal com a Universidade de São Paulo.
- III. Desenvolver projetos em parceria com o Departamento de Artes Cênicas – CAC – e a Escola de Arte Dramática – EAD, ambos da Escola de Comunicações e Artes – ECA/USP, e outras Unidades e Órgãos, com o objetivo de estabelecer pontos de intersecção entre os trabalhos e estudos desenvolvidos na Universidade nas áreas de ensino, pesquisa e extensão.
- IV. Pesquisar, produzir e montar espetáculos em programações definidas por convite, curadoria ou edital de seleção e aprovados pelo Conselho Deliberativo.

Com o objetivo de dar visibilidade à pesquisa e à produção teatral de âmbito universitário, mas também alcançar o que de mais novo e potente há na cena brasileira contemporânea, a sua programação procura contemplar tanto trabalhos de companhias e coletivos consagrados, como de recém-egressos de escolas de formação em artes cênicas. A ideia é oferecer ao público, gratuitamente, uma variada programação de apresentações teatrais, encontros, palestras, oficinas, seminários e mostras, definidas por convite, editais públicos ou curadorias.

Relevância

A importância do Tusp enquanto órgão de extensão cultural da Universidade de São Paulo pode ser dimensionada tanto no âmbito interno, de suas atividades e interações intramuros, como na perspectiva externa, das manifestações e políticas teatrais de São Paulo e do Brasil em sua totalidade. Elemento singular no panorama do teatro brasileiro – fato possível de entrever em seu histórico –, o Tusp esteve sempre atuando como centro irradiador de criações e reflexões críticas sobre as práticas das artes cênicas no país e no mundo: fosse como propulsor e apoiador do teatro, da dança e da performance dentro da Universidade, na parceria com os cursos afins; fosse como dinamizador das atividades e debates teatrais na cidade e Estado de São Paulo, abrindo suas portas aos seus criadores e oferecendo-se como caixa de ressonância às suas pesquisas; ou ainda como referência de política cultural universitária para todo país.

A relevância do Tusp para a sociedade brasileira é incontestável, como sua história enquanto órgão de extensão cultural da USP atesta. Seus benefícios e pertinência à Universidade de São Paulo são amplos e tácitos. Como órgão poroso às descobertas mais ricas da cena brasileira contemporânea, sejam as cogitadas na Universidade, sejam as engendradas nos grupos e companhias que a sustentam, o Tusp é um ativo fundamental da USP na política de extensão cultural da Universidade, por ser, em obras e atos, sua expressão cristalina.

v. Promover a realização de temporadas em seu espaço cênico, por meio de apresentações de companhias e grupos teatrais internos ou externos à Universidade de São Paulo, em programações definidas por convite, curadoria ou edital público de seleção.

vi. Promover a realização de cursos, palestras, debates e festivais, divulgando a cultura teatral junto à comunidade em geral, observando, para tal, as resoluções específicas baixadas pelo Conselho de Cultura e Extensão Universitária e demais normas vigentes no âmbito da USP.

vii. Promover a publicação de obras que contribuam para a divulgação das artes cênicas.

viii. Promover o intercâmbio teatral com universidades e demais instituições teatrais do Brasil e do exterior.

ESTRUTURA E OPERACIONALIZAÇÃO

Organização Interna

O Tusp é um órgão bem dimensionado, isto é, com um número mínimo de funcionários oferece um amplo leque de serviços à comunidade uspiana e à sociedade como um todo. Dispõe de uma diretoria e vice-diretoria que, invariável e historicamente, são cargos preenchidos por docentes dos dois cursos específicos da área na Universidade, o Departamento de Artes Cênicas e a Escola de Arte Dramática, ambos filiados à Escola de Comunicações e Artes. Conta com uma assistente técnica de direção, Magali Chamiso Chamelette de Oliveira, que operacionaliza o funcionamento administrativo e intermedia todos os trâmites entre o órgão e o gabinete da PRCEU, e com um técnico contábil, Nilton Casagrande, responsável por todas as contratações e respectivos pagamentos de terceiros, sejam fornecedores de serviços, sejam companhias artísticas e produtores culturais. Serve-se também de um analista de comunicação, Fábio Larsson, que atualmente, depois que funcionários especializados na divulgação pela imprensa das atividades promovidas pelo órgão foram cedidos ao gabinete da Pró-Reitoria, desempenha sozinho, além da confecção das artes gráficas – de cartazes, *folders* e do *site* na rede – as funções da própria assessoria de imprensa transferida.

Outra função de que o órgão está carente e necessita com urgência vê-la suprida é a de sonoplasta e iluminador. Rogério Cândido dos Santos é o profissional que há muitos anos coordena as instalações de luz e som do Tusp. Atualmente ele é o único técnico responsável pela guarda e manutenção dos equipamentos dos teatros e pela montagem de luz e som de todos os espetáculos. Com a nova sala do Butantã e a perspectiva de uma sala Tusp no Centro Cultural do *campus* da USP de São Carlos, este servidor, sem pares, não tem meios de atender a todas as demandas do órgão.

O Tusp conta ainda com um auxiliar de manutenção, Antônio Marcos Nogueira da Silva e um técnico para assuntos administrativos, Marcos Chicoro dos Santos, que se responsabiliza pela recepção e gestão do público que frequenta a sala teatral da sede da Rua Maria Antonia.

Merecem destaque, ainda, os cinco orientadores dramáticos, entre os sete concursados desde 2009, para gerir a programação e as atividades culturais nos núcleos do interior e nas sedes da capital, aqui já nomeados. Finalmente, cabe salientar um dito “agente cultural”, Otacílio Alacran, remanescente do período em que o Tusp criou seu próprio grupo de teatro e contratou atores, entre 1996 e 2007. Ele hoje coordena ações culturais na sede da Rua Maria Antonia, como as citadas Lei-

turas Públicas. É importante frisar, ainda, que o Tusp tem se servido de estagiários e bolsistas regularmente, sem os quais os seus poucos profissionais concursados não conseguiriam desenvolver seus programas e projetos.

Parcerias e Colaborações

O Tusp tem vínculos históricos e diretos com os centros formadores na área teatral dentro da USP. Como se viu inicialmente, o Departamento de Artes Cênicas e a Escola de Arte Dramática, ambos institutos da Escola de Comunicações e Artes, são os seus parceiros mais óbvios e consequentes. Nos anos 1980, o Tusp esteve sob a responsabilidade da ECA e, mesmo depois de sua inserção como órgão da Pró-Reitoria de Cultura e Extensão, manteve-se bem próximo desta unidade de ensino até hoje, sendo sempre algum de seus docentes que assume a direção do órgão. Além disso, suas produções teatrais e cênicas tendem a ser naturalmente acolhidas em algumas das suas salas de apresentação.

Ainda no âmbito interno da USP, outros parceiros naturais são o Ceuma, onde o Tusp tem sua sede principal e com quem constantemente estabelece colaborações, e, mais recentemente, o Coralusp e o Cinusp, com quem compartilha o uso do Centro Cultural Camargo Guarnieri no campus do Butantã. Numa perspectiva mais alargada, há uma proximidade natural com os cursos de humanas da USP, sediados na Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas (FFLCH), na Escola de Artes, Ciências e Humanidades (EACH), e na própria ECA, enquanto escola que abriga os cursos de música, artes visuais e audiovisual. Com as experiências mais recentes, que mobilizaram todos os grupos teatrais amadores nos *campi* da USP em duas mostras em 2023 e 2024, o Tusp tem cumprido a sua vocação de reunir e dar visibilidade a todo teatro que seja produzido dentro da Universidade de São Paulo, independentemente de ter sido gerado em seus cursos teatrais específicos ou serem espontâneas manifestações de livre-praticantes das artes cênicas.

No âmbito externo, o Tusp, até por ter sua principal sala posicionada no coração da vida cultural paulistana, na Rua Maria Antonia, em região onde se concentra a maioria dos teatros de São Paulo, projeta-se como colaborador eventual de todos os grupos e companhias da cidade, além de entidades promotoras da sua vida teatral, como o Sesc. Nesse sentido, não é trivial a conexão entre o Tusp e todas as políticas públicas de fomento ao teatro, em níveis municipal, estadual ou federal. Tornou-se habitual nos últimos anos que grupos e companhias contemplados com apoios em todos estes níveis recorram ao Tusp para cumprir seus compromissos com os programas que os financiaram. Com isso, a política interna de promover espetáculos gratuitos em suas salas se fortaleceu, uma vez que



Figura 5. *Sudários* – Erika Diettes. Foto: Acervo Tusp.

os grupos selecionados a se apresentarem oferecem espetáculos já financiados e o Tusp pode acolhê-los sem mobilizar seu próprio orçamento. Finalmente, cabe mencionar as parcerias internacionais, que já ocorreram na aproximação com o Teatro Universitário da Universidad Nacional Autónoma de México, em 2013, e se intensificaram nas duas bienais internacionais que ocorreram em 2014 e 2015. Nos dois últimos anos, houve uma aproximação importante com grupos e entidades do teatro latino-americano, principalmente da Argentina e do Chile, e prospecta-se que essas parcerias tendam a crescer e se consolidar.

Recursos

O Tusp, como órgão da PRCEU, é basicamente financiado por um orçamento estabelecido anualmente pela Pró-Reitoria. Todas as suas despesas, tanto as infraestruturais como as técnicas, de equipamentos e contratações necessárias ao cumprimento de sua atividade-fim – o oferecimento de programação teatral de qualidade, advinda do teatro universitário e do teatro profissional relevante – decorrem desse orçamento anual e estão submetidas ao controle financeiro da Universidade. Assim, é com esta única fonte, seu próprio orçamento, que o Tusp pode traçar seus planos anuais, equilibrando editais promotores de apresentações teatrais e de oficinas e eventos culturais – como encontros, debates e lançamentos de livros – com a

compra de materiais imprescindíveis ao seu funcionamento, como refletores, mesas de luz e som, e demais aparatos infraestruturais que as suas três salas (Maria Antonia, Butantã e São Carlos) exigem.

ATIVIDADES REALIZADAS

Projetos e Programas

O Tusp desenvolveu, desde sua filiação à PRCEU, uma série de projetos e programas de extensão relevantes, e alguns deles persistem sendo realizados. Caberia destacar aqueles que nos últimos dez anos tiveram mais impacto sobre as comunidades interna e externa à USP:

- **LEITURAS PÚBLICAS:** Ciclos de leituras de textos dramáticos, sempre organizados em torno de um eixo temático, atraem muitas vezes um público que não costuma frequentar os teatros. Vem sendo realizado na sede da capital e nos núcleos do interior há dezesseis anos, sempre sob a supervisão do agente cultural Otacílio Alacram. Além de formar espectadores e leitores, o programa oferece aos seus inscritos uma experiência lúdica, na medida em que mobiliza os participantes a se engajarem nas leituras.
- **ENSAIOS COREOGRÁFICOS:** programa desenvolvido em cinco edições, entre 2018 e 2022, em que vários bailarinos, coreógrafos e artistas da performance eram convidados, a cada edição, a apresentarem seus processos de ensaio, compartilhando-os com o público e com uma mediação especializada. Os debates que se seguiam tinham tanto caráter formativo para jovens artistas que os acompanhavam, como estabeleciam um diálogo produtivo entre críticos e artistas. Em 2018, o programa recebeu o Prêmio Denílto Gomes em Difusão em Dança, da Cooperativa Paulista de Dança.
- **DRAMATURGIAS EM PROCESSO:** programa realizado como uma das ações do *#TuspemCasa* – conjunto de atividades promovidas no período da pandemia. Em duas edições seguidas entre 2020 e 2022, foram selecionados 28 projetos, catorze a cada edição, para que dramaturgos desenvolvessem, ao longo de três meses, pesquisa e criação literária inédita, sob a supervisão dos orientadores dramáticos do Tusp. Os participantes foram separados entre autores já experientes e iniciantes, e todos os textos criados foram editados eletronicamente e disponibilizados no *site* do Tusp para serem baixados e lidos gratuitamente.

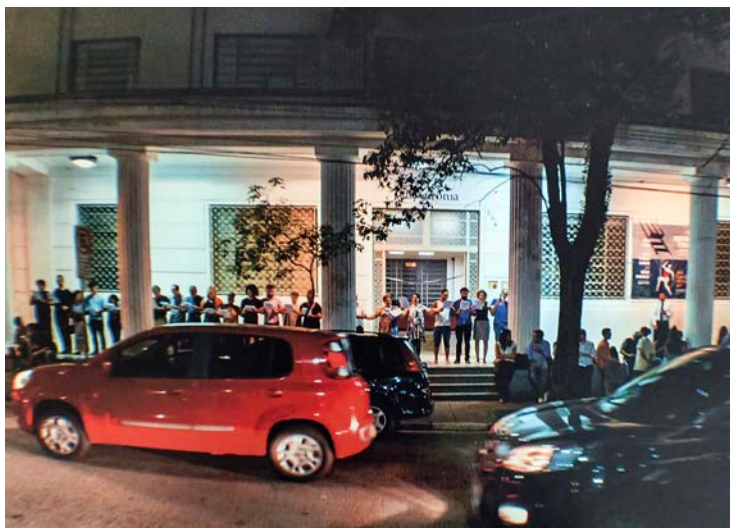


Figura 6.
Leituras
Públicas
Ciclo xvi:
Dramaturgas.
Foto: Sérgio
Freitas.

- **CIRCUITO TUSP DE TEATRO:** é o programa de ação continuada, realizado desde 2008, para a difusão das artes cênicas nos *campi* da Universidade de São Paulo do interior. O Circuito mescla apresentações em teatros convencionais, com exibições em espaços alternativos, buscando a proximidade e a interação com os espectadores. Desde sempre, e em seu formato atual, o programa busca criar um espaço de contato de uma produção teatral contemporânea de qualidade com os alunos dos *campi* e com o público daquelas cidades do Estado em que o Tusp atua. Atualmente o circuito é curado e produzido por Cláudia Alves Fabiano (São Carlos), Dilson Rufino (Ribeirão Preto) e Francisco Serpa Peres (Bauru).

Eventos

Considerando as primeiras mostras de teatro universitário, no início dos anos 1990, bem como as diversas modalidades de mostras que o Tusp apresentou nos últimos dez anos, sem dúvida, os eventos mais ambiciosos em cuja realização se empenhou foram a duas Bienais Internacionais de Teatro da USP. A primeira Bienal Internacional de Teatro da Universidade de São Paulo ocorreu em 2013, entre 31 de outubro e 15 de dezembro, e contou com dezenas de espetáculos nacionais e internacionais a partir do tema curatorial “Realidades Incendiárias”. A segunda edição, em 2015, teve como tema curatorial “À Esquerda do Sol: Poéticas e Políticas Latino-Americanas” e repetiu o êxito de público e crítica da primeira Bienal, reverberando com grande impacto na cena teatral paulistana.

Figura 7.
Circuito Tusp
de Teatro RP.
Foto: Patrícia
Albuquerque.



De 2015 até a pandemia, e posteriormente, a partir de 2022, o Núcleo Tusp da capital tem oferecido a atrizes e atores, já formados ou não em artes cênicas, a oportunidade de experimentarem um processo de encenação desenvolvido ao longo de um ano sob a direção do orientador dramático do Tusp, René Piazzentim. A experiência se inspira em núcleos semelhantes que se articulam eventualmente nas sedes do Tusp do interior sob a coordenação de seus respectivos orientadores dramáticos. Nos três últimos anos foram encenados na Sala experimental do Tusp, na sede da Rua Maria Antonia, os espetáculos *Galileu*, de Bertolt Brecht (2022), *Comala*, adaptação do romance *Pedro Páramo*, de Juan Rulfo (2023), e *Bacantes*, de Eurípidés (2024).

Neste último quadriênio 2022-2025, além de manter seus programas regulares e uma intensa programação em suas salas, mesclando espetáculos experimentais da cena profissional, espetáculos gerados nas universidades e espetáculos de grande aceitação popular, o Tusp se destacou por algumas ações particularmente bem-sucedidas.

A inauguração do Tusp Butantã, espaço teatral do Centro Cultural Camargo Guarnieri, permitiu que alunos, funcionários e docentes do principal *campus* da Universidade passassem a dispor de uma sala de espetáculos com uma programação de qualidade e gratuita. Só em 2024, foram catorze atividades, entre espetáculos, oficinas e encontros, que recepcionaram 6 483 espectadores em sua plateia.

Outro evento marcante, que configurou o engajamento do Tusp nas questões mais atuais do debate público, foi o conjunto de atividades realizadas entre 2022 e 2025 nomeado *Diaspóricas*. Tratou-se de oficinas, debates e cursos em residên-



Figura 8. *Galileu*. Foto: João Maria da Silva Júnior.

cias artísticas, que visaram a partilha de pesquisas teóricas e práticas em torno de teatralidades e performatividades de matrizes afro-diaspóricas, envolvendo pesquisadores, artistas e mestres tradicionais, curada por José Fernando Peixoto de Azevedo. Iniciadas em 2022, se intensificaram nos anos seguintes e, em 2024, só na sede da Maria Antônia, foram parte das dezessete atividades transcorridas, que mobilizaram 11 271 participantes.

Porém, talvez, a realização mais expressiva, e que marca a retomada pelo Tusp de sua raiz histórica, compromissada com o teatro universitário, foram as diversas mostras que se engendraram a fortalecer esta perspectiva. Em 2023 e 2024 foram realizados, sob a curadoria de alunos de Artes Cênicas da USP e da coordenação da orientadora dramática do Tusp Butantã, Maria Tendlau, dois encontros de grupos teatrais espontâneos de todas as faculdades e *campus* da USP. Além disso, o ETU – Encontro de Teatro Universitário, organizado pelos alunos das três universidades estaduais de São Paulo, sempre com apoio decisivo do Tusp e da PRCEU, foi retomado depois da pandemia e cresceu como um exemplo perfeito de autonomia dos estudantes na gestão de sua produção e de fortalecimento do teatro universitário. E, como coroamento dessa política focada na intersecção das teatralidades contemporâneas com a Universidade, a principal realização do Tusp será a Mostra Nacional de Teatro Universitário, que reunirá, no Tusp da Maria Antônia e no Tusp Butantã, entre 24 de julho e 31 de agosto de 2025, a partir de edital público,

nove espetáculos selecionados entre os criados nos dois últimos anos em cursos de artes cênicas de todas as universidades públicas brasileiras e em cursos teatrais de nível superior do Brasil inteiro.

Produção de Conhecimento

Ao longo dos últimos trinta anos, vários encontros, revistas, livros e *podcasts*, para não falar das centenas de encenações marcantes, confirmaram o Tusp como um centro irradiador das pesquisas e debates no campo das artes cênicas brasileiras. Destaque-se, em 1998, o *Teatro Brasileiro: 1968/1998 – 30 Encontros*, cujos registros, editados em CD-ROMs, representam um dos mais completos apanhados de depoimentos sobre a cena brasileira naquele período. Outro destaque importante é a retomada da revista *aParte*. A primeira versão da revista, que remonta aos primórdios do Tusp como grupo de estudantes da USP, teve seus dois primeiros números lançados em 1968. Nomeada agora como *aParte XXI*, teve, em 2010, o seu terceiro número publicado e, até 2017, outros quatro números editados. Voltada sobretudo para a experiência do teatro como arte pública, estes números condensam com riqueza o debate que ocorreu no teatro paulistano e brasileiro, impulsionado pelas leis de fomento ao teatro da cidade de São Paulo e pela busca de uma política cultural consequente.

Em 2012, o Tusp lançou o volume *Jorge Andrade 90 Anos: (re)Leituras*, ligado ao programa de mesmo nome realizado em 2012 por ocasião da efeméride de nascimento do autor e, em 2015, editou os *Anais do I Seminário de Preservação de Acervos Teatrais*⁶, realizado entre 8 e 10 de agosto de 2012. Em 2013, publicou o *Dossiê Tragédia*⁷, resultado de um ciclo de palestras ocorrido em 2011, em paralelo à temporada do espetáculo *Prometheus – A Tragédia do Fogo*, da Cia. Balagan. Em 2015, ampliando sua atuação na área de publicações, editou o *Caderno Noz*, da Cia. Livre de Teatro, dedicado inteiramente ao espetáculo de Cibele Forjaz, *Maria que Virou Jonas*, que fez temporada no Tusp da Rua Maria Antonia, e um volume dos *Cadernos aParte*, que contemplou o espetáculo *Cantata para um Bastidor de Utopias*, da Cia. do Tijolo, também apresentado naquela sala.

A partir de 2020, com o isolamento acarretado pela pandemia da Covid-19, entre outras ações do *#TuspemCasa*, o Tusp retomou sua linha de publicações com o primeiro volume dos *Cadernos Tusp*⁸, editado *on-line* em outubro de 2020.

6. Disponível em: http://issuu.com/tusp/docs/acervos_teatrais_vers__o_digital/1. Acesso em 22 abr. 2025.

7. Disponível em: https://issuu.com/tusp/docs/cadernos_aparte_1_issuu_8b835aa9bod264. Acesso em 22 abr. 2025.

8. Disponível em: http://www.usp.br/tusp/?page_id=5774. Acesso em 22 abr. 2025.



Figura 9. A Memória do Futuro, os Desastres no Retrovisor e a Utopia Renitente, com Luiz Fernando Ramos, Cibele Forjaz e Ailton Krenak. Foto: Otacilio Alacran.

A nova série vem a público com a intenção de levar ao leitor documentos inéditos da história das artes cênicas que, a despeito do relevante interesse acadêmico e cultural, talvez não atingissem o restrito mercado editorial brasileiro das artes do espetáculo. Por exemplo, editou-se *O Pai de Família de Diderot: Uma Versão Portuguesa do Século XVIII*⁹, trazendo ao leitor brasileiro, em um livro disponibilizado no Portal de Livros Abertos da USP, pioneiramente, a primeira tradução ao português do célebre texto do filósofo francês, com dois estudos das pesquisadoras Fátima Saadi e Mariana Sotto Mayor e um posfácio de Sérgio de Carvalho, que coordenou a publicação. Um último fruto do período de isolamento, que consagra a contribuição do Tusp à produção de conhecimento, é a série de *podcasts* Sala USP, já mencionada, hoje integrando um conjunto de 54 programas disponíveis no *site* do Tusp. Outro programa de geração de conhecimento gestado durante a pandemia foi o Dramaturgias em Processo. Com o objetivo de mapear a produção dramática daquele momento, foram selecionados, por edital, projetos que se propusessem a realizar pesquisa de criação literária inédita, ao longo de três meses. O resultado materializou-se na publicação de uma primeira edição eletrônica em 2022, com catorze peças inéditas, tornada pública em formato de livro digital e acessível gratuitamente para leitura *on-line*.

No presente quadriênio, foram lançados programas como A Roda de Memória do Futuro, que registrou depoimentos de 27 artistas, participantes nucleares do teatro brasileiro nas duas primeiras décadas do século XXI, e que se permiti-

9. Disponível em: <https://www.livrosabertos.sibi.usp.br/portaldelivrosUSP/catalog/book/533>. Acesso em 22 abr. 2025.

ram avaliar perspectivas futuras. O material gravado encontra-se em processo de edição e deve ser publicado em breve. Houve também a experiência de produzir doze programas de rádio para veiculação na Rádio USP – o *Rádio Tusp* –, que dissecou, entre outros processos, as encenações que ocuparam os espaços teatrais do Tusp no ano de 2023.

IMPACTO E AVALIAÇÃO

Impacto Interno

No quadriênio 2022-2025, o Tusp consolidou as políticas de extensão para o teatro gestadas nas duas últimas décadas e abriu novos caminhos e perspectivas ao cumprimento de sua missão como órgão da PRCEU. Tomando o ano de 2024 como base, em que os abalos no funcionamento dos teatros depois da pandemia já tinham se dissipado e o Tusp pôde funcionar com sua força máxima, ocorreram 37 atividades em toda a rede de cinco polos, para um público presencial de 16 838 participantes e alcançando, *on-line*, um público de 45 852 visitantes. A questão das métricas no desempenho de um órgão como o Tusp, com sua enxuta estrutura e orçamento limitado, passa sobretudo pela qualidade da relação que estabelece com seus destinatários – desde seu público interno, alunos, docentes e funcionários da Universidade, passando pelos corpos mais especializados nas artes cênicas nos seus cursos específicos, e chegando até o público que frequenta suas salas e acompanha os seus programas. Assim, uma investigação séria sobre a qualidade dessa relação entre o Tusp e seu público-alvo só poderia resultar de uma pesquisa qualitativa extensa e profunda, como as que são realizadas no mercado para o lançamento de produtos e projetos. Uma pesquisa dessa monta envolve altos custos e, talvez por isso, ainda não tenha sido feita. Mas é urgente que se faça!

Principais Desafios

A gestão de um órgão como o Tusp implica o desafio de manter todos os programas e processos vitoriosos ou – repensando aqueles que se revelaram improdutivos ou falhos – projetar novos possíveis ótimos programas. Isso independente das limitações orçamentárias e dos entraves burocráticos. No caso da gestão 2022-2025, foi possível, com a colaboração de todos os envolvidos – a maioria já trabalhando no Tusp há mais de dez anos – pensar acerca de tudo que fora feito nas três últimas décadas. Desse grande balanço, tanto surgiram consensos sobre o esgota-

mento de certos programas, como germinaram novas propostas que ficam como sugestões aos futuros gestores.

Por exemplo, no que diz respeito à ocupação das salas disponíveis e de suas programações, principalmente as duas salas na cidade de São Paulo, revelou-se recomendável manter um equilíbrio entre temporadas definidas por edital a serem financiadas pelo Tusp – como as realizadas em 2025, destinadas ao teatro estudantil *lato sensu* – e temporadas de espetáculos selecionados por curadoria interna pela sua relevância artística no panorama da produção teatral de todo país – muitas vezes já financiados e desejosos de encontrar o público do Tusp graciosamente.

Em relação às mostras de teatro, estritamente universitário ou não, outra constatação foi a de que, como órgão extensionista de recursos limitados, não cabe ao Tusp patrocinar eventos massivos, como mostras internacionais com o melhor da produção contemporânea. A experiência das duas bienais foi intensa e inesquecível para todos os que participaram delas, mas, claramente, eventos daquele porte excedem as capacidades naturais do órgão e são mais adequados a entidades como o Sesc, ou como a MIT (Mostra Internacional de São Paulo), que mobilizam recursos públicos e privados para trazer ao Brasil os artistas teatrais mais relevantes àquele momento. Talvez o Tusp possa e deva ambicionar uma Mostra Internacional, mas até por coerência com seu regimento e história, que essa ocorra no recorte do teatro universitário e potencialize as políticas e práticas no âmbito da universidade, sejam as amadoras ou as especializadas.

Outro ponto estrutural, que merece reflexão e implica desafios concretos, é o dos polos avançados do Tusp no interior. Iniciativa meritória de uma gestão do início do século, a criação dos polos e contratação por concurso dos “orientadores de arte dramática” representou um enorme avanço em relação às práticas anteriores do órgão. Ao mesmo tempo, para se efetivar essa interiorização do Tusp em cidades do Estado de São Paulo em que a USP contava com *campi*, dependeu grandemente da garra e resiliência desses profissionais concursados, que abraçaram o projeto e solitária e penosamente construíram nos ambientes acadêmicos em que se inseriram uma convivência possível. Sem esse esforço não teriam podido desenvolver projetos como o Circuito Tusp, certamente vitorioso, e muitas outras ações que se impuseram. Se no início eram seis cidades contempladas – Piracicaba, Pirassununga, Lorena, Ribeirão Preto, São Carlos e Bauru –, hoje o Tusp só atua nas três últimas. Uma das primeiras orientadoras dramáticas selecionadas, Laura Kiehl Lucci, faleceu em acidente rodoviário no exercício da função; outra, Deise Pacheco, se desincompatibilizou para cursar um doutorado. Com isto, dois novos orientadores foram concursados, mas o alcance do Tusp no interior teve que ser reduzido. Para o futuro, trata-se não de recuar em um processo que já consumiu

muita energia e denodo. O que cabe, sim, é dar mais apoio a esses orientadores, permitindo que se estruturem melhor em suas bases e, ao mesmo tempo, que não fiquem isolados e participem mais das ações dos polos da capital.

Oportunidades de Inovação e Propostas de Melhoria

Para ampliar o impacto de suas ações e superar desafios como os que estão postos, o Tusp não precisa necessariamente de inovação, visto que opera com as artes cênicas, em que os processos inventivos são o sal e a terra. As oportunidades de renovar-se institucional e materialmente dependem muito mais de condições estruturais que só podem ser aprimoradas com o suporte da PRCEU ou da Universidade.

Destacam-se pontos frágeis que mereceriam ser reforçados;

1. Ampliar seu corpo técnico de iluminadores e sonoplastas, seja por contratação de novo funcionário ou empresa prestadora de serviço.
2. Realizar uma ampla pesquisa qualitativa com os frequentadores do Tusp para melhorar a percepção sobre esse contingente e poder traçar estratégias mais objetivas sobre como ampliar o impacto da rede Tusp sobre ele.
3. Reforçar a plataforma digital e a relação do Tusp com as mídias culturais por meio da contratação de jornalista especializado. A reunião na PRCEU de todos os profissionais afins para atender a todos os órgãos não funcionou como previsto, e existe uma carência de divulgação que precisa ser enfrentada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Síntese

O Tusp completa 35 anos como órgão extensionista da Universidade de São Paulo tendo forjado para si uma identidade reconhecível e um inegável prestígio nos meios teatrais e das artes cênicas. Diversas políticas e programas, mais ou menos contingentes, mas de impacto sempre palpável, nortearam o perfil do órgão ao longo do tempo. A original vocação como ambiente propício à criação de um teatro universitário relevante materializou-se de várias maneiras e modos, em distintos formatos de mostras, com abrangências mais e menos restritas. Programas ali gestados, como o das Leituras Públicas, dos Ensaios Coreográficos e das Dramaturgias em Processo, são exemplos bem-sucedidos a serem mantidos ou

repensados. Até pela sua relação umbilical com os cursos de Artes Cênicas e Arte Dramática da ECA, um dos avanços nestes últimos anos foi estreitar essas relações nem sempre explicitadas, como no começo de 2024, quando ocorreu a Ocupação CAC/EAD do Tusp Butantã.

Projeções & Reflexões

Objetivos futuros do Tusp, como um dos órgãos da PRCEU, devem essencialmente concentrar-se em torno do fortalecimento do teatro universitário, na USP e na universidade brasileira, e na busca, no âmbito de suas salas de espetáculo, de um público cada vez maior e mais impactado por sua programação artística.

Entre as metas fundamentais para os próximos anos estão a busca de um conhecimento maior sobre seus frequentadores e sobre o conceito que estes têm a respeito do órgão, ao lado de uma política ativa de formação de público, de modo que em todos os seus espetáculos haja um trabalho especializado na análise da recepção e a meta de construir uma rede cada vez maior de espectadores habituais.

Talvez o que a sociedade brasileira demande com mais urgência seja a qualificação do debate público; ampliar e intensificar a relação do Tusp com seus espectadores pode ser um passo significativo nessa direção. Se a USP busca incrementar suas relações com a sociedade que a abriga e circunda, rompendo as barreiras que possam porventura existir, certamente o Teatro da Universidade de São Paulo lhe será um instrumento poderoso. Historicamente, em diversas ocasiões, o Tusp alcançou aproximar a Universidade da comunidade que lhe é circunvizinha.

PARTE III

Memória, Patrimônio e Identidade

CAPÍTULO 6

CPC – CASA DE DONA YAYÁ: Memória e Patrimônio

FLÁVIA BRITO DO NASCIMENTO¹

JOANA MELLO DE CARVALHO E SILVA²

HISTÓRICO E CONTEXTO

O Centro de Preservação Cultural (CPC) da USP foi criado em 1987, originalmente como Comissão do Patrimônio Cultural³. Tratava-se de uma comissão assessora da Reitoria para os temas da preservação na Universidade, na temática museal e dos acervos, mas sobretudo para discutir as edificações históricas da Universidade de São Paulo. O Professor Nestor Goulart Reis Filho, docente da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (FAU) da USP, ligado aos temas da história do urbanismo, da arquitetura e do patrimônio desde a década de 1970, foi um dos responsáveis pela sua criação. No contexto das universidades brasileiras, articular políticas de preservação nas instituições de ensino superior era um movimento inédito, um caminho pouco explorado.

A preocupação com o destino de edificações de valor cultural da USP sinalizava o entendimento da história e da tradição institucional e o significado da materialização desta história nas suas construções. Qualificar as ações da Universidade frente ao crescimento institucional e a metrópole era uma das preocupações que cercaram a comissão. O tema do patrimônio era afeito aos professores das universidades estaduais paulistas e da USP em particular, por singularidades do Conselho

1. Professora da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo e de Design da Universidade de São Paulo (FAU/USP) e diretora do Centro de Preservação Cultural da USP – Casa de Dona Yayá
2. Professora da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo e de Design da Universidade de São Paulo (FAU/USP) e vice-diretora do Centro de Preservação Cultural da USP – Casa de Dona Yayá
3. Foram diretores e diretoras da Comissão do Patrimônio Cultural: Nestor Goulart Reis Filho (1987-1989), José Sebastião Witter (1990-1991), Murilo Marx (1992-1993), Diva Pinho (1994-1995) e Maria Cecília França Lourenço (1996-2001).

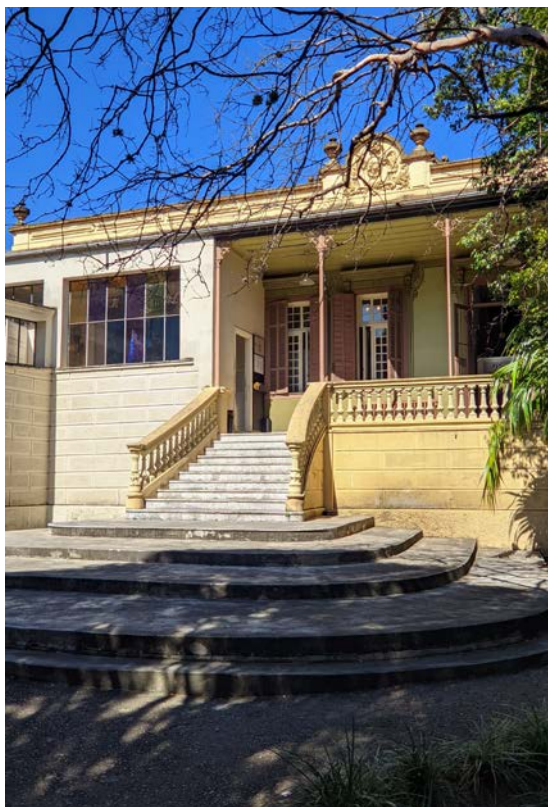


Figura 1. Casa de Dona Yayá, sede do CPC/USP. Foto: Henrique Moraes Brisola.

de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico (Condephaat) do Estado de São Paulo, que em sua composição contava com a representação de professores da USP. Professores como Ulpiano Bezerra de Meneses, Aziz Ab'Saber, Carlos Lemos, entre outros, atuavam como conselheiros, debatendo as políticas de preservação no Estado. Na FAU, particularmente, o patrimônio entra como tema de pesquisas na década de 1970, quando se realizam cursos sobre preservação e conservação em âmbito nacional.

A Comissão, na primeira década, esteve dedicada às atividades de sistematização, inventariação e divulgação do conhecimento sobre o patrimônio, coleções e acervos da Universidade. Inicia-se uma coleção de livros sobre o tema, organizando bases de dados sobre a USP, mas também sobre os museus no Brasil. As primeiras publicações da comissão reuniam e apresentavam informações sobre os bens tombados, as bibliotecas e os acervos, em uma era em que tais dados não eram disponibilizados de forma simples. As publicações tiveram continuidade com o CPC e foram de grande importância para dar conhecimento, acesso e fomentar o debate sobre estes acervos e lugares de historicidade da instituição.

A antiga comissão exercia, ainda, o papel de fornecer consultoria à USP quanto a assuntos sobre o patrimônio imobiliário, de bens de interesse à preservação. Atuou diretamente na destinação de bens culturais da Universidade e criou uma linha editorial, publicando títulos diversos sobre a história, espaços e bens culturais da USP, como as esculturas, a produção cultural e acadêmica, os edifícios e as cidades universitárias⁴. Neste período, o órgão – com destaque especial para a gestão de Maria Cecília França Lourenço pelo conjunto e amplitude das ações – exercia função consultiva, além de funções de caráter executivo: mantinha um banco de dados sobre informações relacionadas ao patrimônio cultural da USP e um Cantieiro-Escola pelo qual se promoviam intervenções de conservação e restauro de bens culturais da Universidade, como o painel da Faculdade de Educação e a Casa de Dona Yayá, que teve a arquiteta Regina Tirello à sua frente⁵.

As interlocuções sobre o uso de edificações são papel importante do órgão, que segue em sua missão institucional, mas que, na sua forma atual, encontra dificuldades de execução, por razões que discutiremos adiante. Em 1996, durante a gestão de Maria Cecília França Lourenço, apontou-se como uma das linhas de trabalho da Comissão do Patrimônio Cultural da USP, a busca de soluções para os desafios do “uso qualificado” e da “comunicação” (nos temas da extroversão, documentação e arquivos universitários). As preocupações daquela gestão voltaram-se, principalmente, para os casos da Casa de Dona Yayá e das ruínas do Engenho São Jorge dos Erasmos, em Santos.

É justamente um desses casos, o do imóvel hoje conhecido por Casa de Dona Yayá, que entra na história do CPC e a transforma em definitivo. Recebida pela USP como espólio de Dona Sebastiana Mello Freire, juntamente com uma grande

4. *Obras Escultóricas em Espaços Externos da USP*, São Paulo, Edusp/CPC, 1997; Maria Cecília França Lourenço (org.), *Direitos Humanos em Dissertações e Teses da USP: 1934-1999*, São Paulo, Edusp/Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2000; *A Casa de Dona Yayá*, São Paulo, Edusp/Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2001; Maria Cecília França Lourenço (org.), *Bens Imóveis Tombados ou em Processo de Tombamento da USP*, São Paulo, Edusp/Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2002; Maria Cecília França Lourenço (org.), *Homenagem aos Mestres: Esculturas na USP*, São Paulo, Edusp/ Imprensa Oficial, 2003; *Cidades Universitárias: Patrimônio Urbanístico e Arquitetônico da USP*, São Paulo, Edusp/Imprensa Oficial, 2005; Ana Lúcia Duarte Lanna (org.), *Meio Ambiente: Patrimônio Cultural da USP*, São Paulo, Edusp/Imprensa Oficial, 2005; Maria Lucia Bressan Pinheiro (org.), *Registros Fotográficos, Patrimônio e Memória da USP*, São Paulo, Edusp, 2010; José Tavares Correia de Lira (org.), *História e Cultura Estudantil: Revistas na USP*, São Paulo, Edusp/CPC, 2012; José Tavares Correia de Lira (org.), *Patrimônio Construído da USP: Preservação, Gestão e Memória*, São Paulo, Edusp/CPC, 2015.
5. Regina Andrade Tirello, “A Restauração de Pinturas Murais na USP”, em Comissão de Patrimônio Cultural da USP (org.), *Conservação e Restauro 1: Recomendações e Projetos em Andamento na Universidade de São Paulo*, São Paulo, PRCEU/CPC/USP, 1997, vol. 1, pp. 71-82; e “O Restauro dos Murais Nouveau da Vila Pentead e o Cantieiro Escola da cpc/usp: Uma Experiência de Formação Qualificada”, em Maria Lucia Refinetti Rodrigues Martins (org.), *Vila Pentead 1902-2012: Pós-Graduação 40 Anos*, São Paulo, FAU/USP, 2012, vol. 1, pp. 239-268.

quantidade de imóveis e bens, a sua casa-sanatório particular no Bixiga foi inicialmente tratada como um bem imobiliário a ser administrado pela USP, sem articulação ao valor de patrimônio. A USP buscou dar diversos usos à casa entre o final dos anos 1960, inclusive houve tentativa de venda, mas também outras hipóteses, como alojamento de estudantes, passando pela locação para estacionamento, somadas àquelas de uso institucional pela USP, como a Coordenação de Atividades Culturais e o Instituto de Estudos Brasileiros (IEB). Em 1982, a Associação dos Servidores Civis do Brasil alugou a casa por cinco anos, com a promessa de realizar as obras de restauração necessárias, o que não aconteceu, havendo a decisão de rescisão do contrato pelo Conselho Universitário, em 1988.

Foi a Comissão do Patrimônio da USP que identificou o significado da história de Dona Yayá e de sua casa, que deveriam ser mantidos pela Universidade. Após muitas tratativas e debates sobre a sua importância, tomou-se a decisão de não alienar o imóvel e valorizar o papel testemunhal da história social, da loucura e da cidade de São Paulo. O imóvel foi mantido pela USP, em uma visão estratégica de sua importância histórica como acervo universitário. Depois das muitas tentativas de ocupar a casa feitas pela Universidade – seja para usos próprios ou externos, próximos ou distantes do fim universitário –, a solução veio com a transferência da Comissão do Patrimônio da USP para o local, no início dos anos 2000.

A Comissão defendeu a necessidade de dar uso qualificado à casa, com a reunião dos vetores de atuação da Universidade: ensino, pesquisa e extensão⁶. A decisão de dar à comissão uma sede, saindo do *campus* para o bairro do Bixiga, implicou mudança institucional. Em 2002, sob a direção das professoras Ana Lucia Duarte Lanna e Maria Ligia Praso, a Comissão do Patrimônio da USP passou a ser Centro de Preservação Cultural, agora como órgão vinculado à Pró-Reitoria de Cultura e Extensão⁷. A mudança de nome e de filiação institucional não foi pequena. De comissão dedicada exclusivamente aos temas da preservação na USP e vinculada diretamente à Reitoria, passou a ser um Centro, focando nos temas do patrimônio a partir da cultura e extensão universitária. No coração de um dos poucos bairros tombados de São Paulo, essencialmente populares e com grande vocação turística, o CPC ampliava a atuação da USP junto à sociedade.

Suas ações e reflexões a partir de então voltavam para a articulação de redes em torno da pesquisa, inventariação e extroversão do patrimônio cultural da Uni-

6. Maria Cecília França Lourenço, “A Universidade Promove Extensão Social do Patrimônio”, *O Estado de S. Paulo*, 1999, Caderno Dois, p. D4.

7. Foram diretores e diretoras do CPC: Ana Lucia Duarte Lanna (2002-2005); Maria Lucia Bressan Pinheiro (2006-2009); José Tavares Correia de Lira (2010-2013); Mônica Junqueira de Camargo (2014-2017); Marcos Tavares (2018); Martha Marandino (2019-2021).

versidade de São Paulo, em particular, e do campo do patrimônio de forma geral. A relação com o Bixiga e com seus processos de preservação como patrimônio urbano da cidade de São Paulo foi a primeira e mais potente articulação. A ocupação da Casa de Dona Yayá pelo Centro de Preservação Cultural da USP foi, ao final, uma decisão em favor do campo do patrimônio e da preservação da memória, nos seus múltiplos aspectos. A casa foi entendida como um lugar privilegiado para discutir patrimônio e memória, no seu sentido dissonante e conflituoso. A começar pela memória de Sebastiana de Mello Freire e pela história do tratamento da loucura, chegando ao campo ampliado do patrimônio e seu papel central na sociedade contemporânea.

A política de educação patrimonial junto à comunidade e escolas do bairro abriu a casa à sociedade. O programa Domingos na Yayá trazia para a casa as escolas que vinham conhecer e realizar atividades de educação patrimonial⁸. O projeto, de muito sucesso e inovação, junto com a restauração da Casa, levado a termo pela então diretora Ana Lanna e articulado a atividades de formação na área, foi premiado, em 2004, pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) no Prêmio Rodrigo Melo Franco de Andrade, na categoria Preservação do Patrimônio Cultural.

A casa, que por décadas havia sido um sanatório particular, ficando outros tantos anos fechada, era – e ainda é – enevoadada por mistérios e preconceitos. O estigma de gênero e saúde mental pairava sobre o imóvel, e o valor da construção da memória das mulheres e a apropriação da história de Dona Yayá foram e seguem centrais na atuação institucional do CPC. Localmente, a União de Mulheres do Município de São Paulo, grupo feminista liderado pela ativista e ex-presa política Amelinha Telles, apropriou-se da memória desde os anos 1980. A presença de Yayá na casa e de seu papel na história das mulheres marca a história deste bem cultural e nos permite problematizar de forma singular o campo do patrimônio.

Entre os anos 1990 e 2000, as atividades do CPC concentraram-se sobretudo no patrimônio edificado da USP, com protagonismo para a Casa de Dona Yayá, após esta ser transformada em sede do CPC. No campo do patrimônio material, edifícios e monumentos, patrimônio museológico, acervos e coleções em geral e patrimônio urbanístico foram constantes, gerando estudos e publicações. O centro organizava-se em basicamente quatro linhas de atuação: conservação e restauração de bens arquitetônicos e integrados; banco de dados; reflexões sobre o patrimônio cultural e memória; e uso qualificado do patrimônio cultural.

8. Ana Lucia Duarte Lanna e Juliana Mendes Prata, “O CPC-USP e a Casa de Dona Yayá: Questões de Gestão de um Patrimônio Cultural”, *Revista CPC*, n. 1, pp. 6-15, 2006.

Apesar desta divisão, a atuação nas questões de conservação do patrimônio edificado e móvel da USP foi uma demanda constante, cumprida poucas vezes de modo pleno, dada a sua organização institucional e atribuições como órgão de cultura e extensão. A educação patrimonial foi sempre muito importante desde as primeiras gestões do CPC, articulando-se à Casa de Dona Yayá e ao bairro. O programa de educação patrimonial, iniciado na instalação do órgão na casa, teve sequência na gestão de Maria Lucia Bressan Pinheiro e Paulo Garcez, que também buscou estreitar os vínculos da Universidade com a população por meio do concurso de fotografia O Meu Bixiga, em 2009⁹.

Entre 2012 e 2015, na gestão do Professor José Lira e de Rose Satiko, com a chegada de novos servidores concursados da área de arquitetura e conservação, a estrutura de eixos de trabalho do CPC é reformulada, organizando as atividades desenvolvidas desde sua transferência para a Casa de Dona Yayá. Os cinco eixos foram: Construções, Conjuntos e Sítios; Acervos e Coleções; Educação e Memória; Promoção e Interação Cultural; e Documentação e Informação, voltado às ações de comunicação institucional, divulgação das atividades e manutenção de sistemas de informação relacionados ao patrimônio cultural¹⁰.

A Casa de Dona Yayá, embora não seja estritamente uma casa-museu, é uma casa-patrimônio, um lugar de memória, sendo o CPC também responsável pela sua curadoria, realizando pesquisas, ações de preservação e de educação patrimonial. A chegada da educadora Maria del Carmen Ruiz, em abril de 2014, na equipe do CPC deu nova dimensão às atividades de visitação e mediação na Casa. Na gestão de Mônica Junqueira de Camargo e Beatriz Mugayar Kuhl, criou-se um espaço para a memória da antiga moradora da casa, com documentos de época e uma brochura apresentando a sua história. Esta gestão também aportou uma importante contribuição institucional no âmbito da preservação ao patrimônio cultural da Universidade: a elaboração e aprovação da “Carta Patrimonial da USP”, bem como a publicação do *Guia de Museus e Acervos da USP*, que resultou em uma exposição no prédio da Reitoria, inaugurada em 2018¹¹. A gestão de Martha Marandino e Simone Scifoni ampliou e deu nova perspectiva à educação patrimonial e à visibilidade das reflexões sobre o tema e ao imóvel-sede do CPC, notadamente pela

9. José Hermes M. Pereira e Maria Lucia Bressan Pinheiro, “Educação Patrimonial no Centro de Preservação Cultural – Casa de Dona Yayá: Balanço e Novos Desafios”, *Revista de Cultura e Extensão da USP*, vol. 5, pp. 38-42, maio 2011; Maria Lucia Bressan Pinheiro, vídeo *20 Anos do CPC no Bixiga* (@cpcusp).

10. CPC, *Relatório de Gestão Abril 2010 – Março de 2014*, 2014.

11. Mônica Junqueira de Camargo, “Carta Patrimonial da USP: Por Quê?”, *Revista CPC*, n. 24, pp. 162-169, 2017 (a *Carta Patrimonial da USP* está disponível em versão impressa no *folder* institucional do CPC e em digital no link: <https://cpc.webhostusp.sti.usp.br/index.php/carta-patrimonial-da-usp/>. Acesso em 1º abr. 2025); CPC/USP, *Guia de Museus e Acervos da Universidade de São Paulo*, São Paulo, CPC/USP, 2018.

exposição *Yayá: Cotidiano, Feminismo, Doença e Riqueza*, inaugurada em 2022. A demanda por uma exposição sobre a Yayá vinha desde a ocupação da casa pela USP, respondida de forma intermitente pelas gestões da casa, diante das agendas do CPC/USP e da crônica falta de equipe. Portanto, responder à solicitação do público visitante sobre a história do bem cultural que é aberto à sociedade foi uma das prioridades daquela gestão. Da mesma forma, a elaboração do Plano Diretor resultou na mudança do nome do órgão, com a incorporação da Casa de Dona Yayá, resultando em Centro de Preservação Cultural da USP – Casa de Dona Yayá.

A história do CPC/USP mostra uma impressionante coerência e continuidade institucional. O trabalho em equipe, o respeito, reconhecimento e seguimento das atividades, bem como a inovação e a contribuição de cada uma das gestões do CPC, foram atendidas sempre de modo afinado aos seus objetivos e atribuições institucionais. Ao longo dos anos, foram realizadas pesquisas, cursos, eventos, exposições, assessoria a acervos e coleções, e publicações reunidas em duas coleções bibliográficas – *Cadernos CPC* (para temas diretamente ligados à USP) e *Estudos CPC* (para temas ligados ao patrimônio cultural no geral)¹² – e no periódico científico de seletiva política editorial, com alcance e reconhecimento nacional, a *Revista CPC*¹³. Todas essas atividades atendem à missão de cuidar do patrimônio universitário, que é tarefa institucional do CPC, cumprida na perspectiva da cultura e extensão.

Missão e Finalidade

O regimento do Centro de Preservação Cultural, em sua Resolução CoCEX n. 6 063, de 27 de fevereiro de 2021, aponta como missão central do órgão fomentar e coordenar ações em diferentes linhas de atuação dedicadas à identificação, preservação, proteção, valorização e divulgação dos bens que compõem o patrimônio cultural da USP. Na atual gestão foram realizados ajustes na resolução que incorporaram a Casa de Dona Yayá, nossa sede, na sua missão. Mas, também nas

12. Comissão do Patrimônio Cultural, *Conservação e Restauro 1: Recomendações e Projetos em Andamento na USP*, São Paulo, CPC/USP, 1997; Regina Andrade Tirello (org.), *O Restauro de um Mural Moderno na USP: O Afresco de Carlos Magan*, São Paulo, CPC/PRCEU, 2001; João Marcos Lopes e José Lira (orgs.), *Memória, Trabalho e Arquitetura*, São Paulo, Edusp, 2013; Rose Satiko Gitirana Hikiji e Adriana de Oliveira Silva (orgs.), *Bixiga em Artes e Ofícios*, São Paulo, CPC/USP/Edusp, 2014; Flávia Brito do Nascimento, Joana Mello de Carvalho e Silva, José Tavares Correia de Lira e Silvana Barbosa Rubino (orgs.), *Domesticidade, Gênero e Cultura Material*, São Paulo, Edusp/CPC/USP, 2017.

13. Criada em 2005, a revista teve seu primeiro número lançado em 2006, completando no primeiro semestre de 2025 38 edições, cada uma com cerca de dez a doze artigos. Com classificação A2 pelo sistema de avaliação Qualis Periódicos – Plataforma Sucupira/Capes Quadriênio 2017-2020, a revista recebe uma quantidade considerável de artigos (41 em 2022, 87 em 2023 e 59 em 2024), sendo também significativos os números de acessos (136 966 em 2022, 140 353 em 2023, 119 944 em 2024) e downloads (67 770 em 2022, 72 513 em 2023 e 58 795 em 2024).

suas atribuições, há uma possibilidade de atuação mais efetiva no diálogo com as unidades e órgãos da Universidade, no sentido de colaborar com projetos, obras e outras formas de intervenção em bens culturais da USP. Outra frente de trabalho do CPC que passou a ser mais fortalecida com o novo regimento foi a responsabilidade pela elaboração de listagens de bens patrimoniais de interesse à preservação. Assim, são objetivos do CPC:

1. Promover ações e reflexões, no contexto do desenvolvimento de atividades de cultura e extensão universitária, relacionadas ao conjunto de bens culturais da Universidade de São Paulo.
2. Atuar na identificação, preservação, proteção, valorização e divulgação dos bens culturais da Universidade de São Paulo.
3. Formular e propor normas, instrumentos e procedimentos relacionados à gestão do patrimônio cultural universitário.
4. Promover a curadoria e o uso qualificado do imóvel conhecido como Casa de Dona Yayá.

Nesse sentido, o órgão passou a adotar o nome de Centro de Preservação Cultural – Casa de Dona Yayá, ajustando as suas atribuições, conforme segue:

1. Encaminhar ao Conselho de Cultura e Extensão Universitária (CoCEX) subsídios para a formulação das diretrizes e políticas da USP no campo do patrimônio cultural.
2. Definir critérios e procedimentos, e formular e encaminhar ao CoCEX propostas de normas, instrumentos e procedimentos relacionados à identificação, preservação, valorização e gestão do patrimônio cultural universitário.
3. Propor, fomentar, desenvolver e coordenar programas de documentação e de levantamento técnico do patrimônio cultural da USP.
4. Indicar, de forma democrática e participativa, listagens de bens culturais que se constituam de referências culturais significativas da Universidade de São Paulo.
5. Desenvolver pareceres técnicos que possam orientar a incorporação e alienação de bens de interesse cultural, bem como sobre projetos de reforma, conservação, restauração, destruição ou quaisquer outras formas de intervenção em bens culturais, materiais ou imateriais.
6. Atuar junto à Superintendência do Espaço Físico (SEF), às prefeituras dos *campi*, ao Serviço de Patrimônio Imobiliário ou aos demais órgãos competentes no sentido de colaborar com projetos, obras e outras formas de

intervenção em bens culturais da Universidade de São Paulo que sejam tombados, registrados ou de qualquer forma acautelados por órgãos de preservação oficiais, bem como sobre quaisquer bens presentes nas listagens internas definidas no item 4 desta lista.

7. Coordenar programas articulados de extensão e pesquisa relacionados ao patrimônio cultural da USP, em articulação com Unidades, Institutos, Museus e outros Órgãos, bem como destes com colaboradores externos.
8. Promover de forma sistemática e permanente atividades de educação continuada no campo do patrimônio cultural, seja para os públicos internos e externos à universidade, na forma de cursos de difusão, atualização, aperfeiçoamento ou especialização.
9. Desenvolver de forma permanente um programa de educação patrimonial relacionado à Casa de Dona Yayá e aos bens culturais da Universidade de São Paulo.
10. Assessorar e promover consultorias especializadas – em tudo o que concerne ao patrimônio cultural universitário – ao Reitor, ao Conselho Universitário, ao Pró-Reitor de Cultura e Extensão Universitária, ao CoCEX, à Superintendência do Espaço Físico (SEF), às Prefeituras dos *campi*, às Unidades, Institutos, Museus e outros Órgãos da USP.
11. Manter um sistema de informação público e atualizado e um inventário permanente do patrimônio cultural da Universidade de São Paulo.
12. Propor, na sua área de atuação, convênios, acordos e termos de cooperação com entidades oficiais ou particulares, nacionais ou internacionais.

Relevância

O Centro de Preservação Cultural tem reconhecimento no contexto das universidades brasileiras por seu pioneirismo como órgão universitário dedicado à preservação. Desde o final dos anos 1990 as suas publicações tiveram ampla circulação, entendidas como referência no trato das políticas patrimoniais. A *Revista CPC* deu ao órgão ainda maior reconhecimento, como um dos periódicos científicos nacionais dedicados à memória, à conservação, à preservação e aos temas do patrimônio, de forma ampliada. Com excelente avaliação Qualis, a revista recebe submissões de diversas partes do Brasil, o que assegura um lugar de interlocução importante para o CPC. Da mesma forma, mas em nível local, os cursos de difusão são muito procurados por interessados – leigos e estudiosos – que buscam formação na área. No bairro do Bixiga, um dos poucos bairros tombados de São Paulo, o CPC cumpriu nestes anos um relevante papel de articulador e agente no

diálogo das questões de identidade e preservação. A presença da USP no bairro é importante na realização de atividades de cultura e extensão, em um bairro vocacionado para as atividades culturais, como teatro, música, religiosidade e identidade de diversos grupos, como o da comunidade negra e italiana. Cumprindo o papel de realizar estudos, inventários, publicações e políticas sobre os acervos, coleções e edificações de valor cultural para a Universidade, o CPC congrega os saberes acerca do patrimônio na Universidade. Sua atuação tem sido importante para a compreensão do patrimônio universitário e seu lugar nas dinâmicas de identidade e pertencimento da USP. Nos anos recentes, com a democratização da Universidade, os movimentos de história e articulação identitária são mais importantes. Cumpre, finalmente, indicar a centralidade que o patrimônio cultural tem na contemporaneidade, sendo articulação fundamental de significados de memória, cultura e identidade em tempos novos, em termos produtivos, de globalização e de comunicação em massa.

Estrutura e operacionalização

Organização Interna

O Centro de Preservação Cultural teve diversas organizações e estruturas ao longo dos anos. Atualmente a sua organização interna segue o Plano Diretor do CPC, elaborado na gestão das Professoras Martha Marandino e Simone Scifoni, que sistematizou a organização da equipe, considerando seis eixos de atuação: 1. construções, conjuntos e sítios; 2. acervos e coleções; 3. referências culturais e memória; 4. produção e interação cultural; 5. informação e comunicação; 6. educação. Aprovado em 2022, na gestão de Flávia Brito do Nascimento e Simone Scifoni, os eixos que o Plano Diretor propõe organizam-se em dois núcleos: administrativo e acadêmico. O Núcleo Técnico Administrativo é composto por áreas administrativa, de tecnologia de informação, manutenção e apoio acadêmico para condução de projetos e das atividades-fim do órgão e da preservação de seu imóvel-sede. O Núcleo Técnico Acadêmico se dedica à proposição e desenvolvimento de pesquisas, projetos culturais e educativos; à divulgação de temas relativos ao patrimônio; à conservação de bens culturais; à história de Dona Yayá; e à formação de profissionais nas atividades-fim do órgão por meio de programas acadêmicos, de estágio e bolsas em diferentes áreas do conhecimento¹⁴.

14. Fazem parte da equipe, atualmente, Bruna Gabriela Elias – assistente de direção; Eduardo Kishimoto – analista de comunicação; Maria del Carmen Hermida Martinez Ruiz – educadora; Ana Célia de Moura e Gabriel de Andrade Fernandes – especialistas de laboratório; Dayane Inácio de Oliveira – técnica administrativa; José Marcos Gonçalves – técnico de manutenção e obra.

Parcerias e Colaborações

Vinculado à Pró-Reitoria de Cultura e Extensão, o CPC – Casa de Dona Yayá tem estabelecido parcerias com outros órgãos da PRCEU, centros, museus, unidades, laboratórios e coletivos da USP, notadamente Centro Maria Antonia, Edusp, Rádio USP, Laboratório de Música de Câmara (Lamuc), Chorusp, bem como com instituições locais como a União de Mulheres de São Paulo, Unidade Básica de Saúde (UBS) Humaitá, Saracura Vai-Vai e Cia Coexistir. Essas parcerias e colaborações são mobilizadas por demandas internas e/ou externas e envolvem atividades de pesquisa, ensino, cultura e extensão.

Recursos

O CPC trabalha com recursos orçamentários, que vêm de cotas anuais específicas para manutenção predial e segurança, repassadas pela PRCEU, mas insuficientes para os cuidados com o imóvel. Além desses recursos, ao longo dos anos, o CPC tem participado de editais, como os lançados pelo Sistema Integrado de Bibliotecas (Sibi), para cobrir despesas com serviços de revisão e diagramação da *Revista CPC*. A receita é gerada por meio da venda de publicações do CPC em parceria com a Edusp e há a contribuição de bolsistas, graças ao Programa Unificado de Bolsas (PUB).

ATIVIDADES REALIZADAS

A prolífica história institucional recuperada acima deu lastro para a atual gestão do CPC (2022-2025), que trabalhou em três grandes frentes buscando, de um lado, dar continuidade a ações iniciadas e, de outro, reativar projetos e, finalmente, criar novas propostas, no escopo de missões de salvaguardar a memória de Dona Yayá e da casa, na relação com o bairro e os movimentos sociais do Bixiga, e nos temas do patrimônio da USP. Estas três frentes de trabalho guiaram as múltiplas tarefas desenvolvidas, como visitas, roteiros guiados, pesquisas, inventários, seminários, cursos, além de atividades culturais abertas à comunidade, realizadas de maneira sistemática na Casa de Dona Yayá ao longo de todos esses anos.

Os três eixos da gestão foram:

- Fomentar o uso qualificado da Casa de Dona Yayá e da memória de sua antiga proprietária, Sebastiana de Mello Freire, buscando ações para a conservação e restauração, bem como pesquisa e extensão, por meio de projetos de educação patrimonial e de restauro, ciclo de debates e publicações.

- Fortalecer as relações com o bairro do Bixiga, onde se localiza a Casa de Dona Yayá, e os movimentos sociais na salvaguarda do patrimônio cultural através de parceria, seminários, eventos, cursos e exposições.
- Realizar inventários, pesquisas, seminários e publicações sobre o patrimônio cultural universitário e da USP em particular, nas suas múltiplas expressões.

A primeira frente – a Casa Dona Yayá e o seu uso qualificado – foi organizada em basicamente três possibilidades. A primeira é o educativo, na produção de conhecimento e atividades sistemáticas. As apropriações sociais da casa e da memória de Dona Yayá seguem reivindicadas pelos grupos sociais do bairro em diversas gerações, mobilizados por questões de gênero, pelas compreensões contemporâneas sobre a saúde mental no mundo pós-pandemia da Covid-19. As visitas mediadas à Casa de Dona Yayá realizadas pelo Educativo do CPC cresceram em interesse e vêm recebendo público regular no geral, particularmente o público escolar¹⁵. Para aprimorar e ampliar o seu alcance, o educativo tem trabalhado com os documentos do restauro da casa e também na elaboração de um roteiro de visita, cujo percurso estabelece uma relação entre as residências onde Sebastiana de Mello Freire viveu em São Paulo (da Casa do Bixiga à Rua Sete de Abril), divulgando o trabalho de pesquisa do órgão e atendendo a demandas do público. O educativo atende escolas e o público de forma regular, com visitas cotidianas que têm como material de apoio um livreto sobre a Yayá, disponível no Portal de Livros Abertos da USP. Mantém, ainda, uma vez por mês as atividades educativas Brinquedos e Brincadeiras para as crianças no programa Domingos na Yayá.

Está em editoração uma nova publicação sobre a Yayá, que amplia a discussão da exposição a partir de um Ciclo de Mesas-Redondas realizado em 2022 com convidados especiais sobre os temas da casa, a moradora e o bairro. Um primeiro livro, *A Casa de Dona Yayá*, foi publicado quando da vinda do CPC para o bairro, em 2002. Passados vinte anos, novas pesquisas e bases conceituais ampliaram o conhecimento sobre esta história, que serão reunidas em artigos diversos, no livro *Uma Casa no Bixiga: Yayá e os Significados do Patrimônio Cultural*.

O projeto de abertura da casa aos domingos foi iniciado no primeiro ano do CPC na Casa, em 2002¹⁶. Um projeto exitoso e de grande reconhecimento nas políticas de patrimônio. Tomando novas configurações na gestão de José Lira e Rose Satiko, com programação cultural feita por contrato de atrações musicais ou teatrais, acabou se tornando quinzenal na gestão da Mônica Junqueira de Camargo e

15. Entre 2022 e 2024, o CPC teve 105 visitas mediadas, atendendo a um público de 2 308 pessoas.

16. O público deste programa, entre 2022 e 2024, foi de 4 515 pessoas.



Figuras 2 e 3. Atividades do Educativo do CPC/USP, 2023. Foto: Acervo CPC/USP – Casa de Dona Yayá.

Beatriz Mugayar Kuhl, por reduções na equipe de limpeza, e foi suspenso durante a pandemia da Covid-19. Quando de nossa chegada na Direção, os domingos estavam suspensos, pois não havia contratos de limpeza para cobrir esse dia, nem uma organização da equipe para este fim. Entendendo a prioridade de abrir a Universidade aos moradores e dar utilidade ao bem público aos finais de semana, esforços administrativos foram feitos para priorizar a abertura da Casa. Importante mencionar que a rua onde se localiza o CPC tem muito movimento de moradores aos domingos, que fazem suas compras cotidianas nas três feiras livres e sacolões que funcionam nas proximidades.

Assim, superado o desafio da logística, era preciso garantir uma programação para atividades nos finais de semana. Esse tem sido um desafio constante, diante das dificuldades de contratos, da gestão dos servidores, e de garantir atividades que sejam articuladas aos temas da memória, patrimônio, gênero e saúde mental. Buscamos consolidar nesta gestão os Domingos na Yayá como espaço de abertura à comunidade do bairro, com ações regulares como yoga, atividades infantis e educativas (organizadas pelo Educativo da casa), visitas mediadas, atrações musicais (como o Coralusp, o Laboratório de Música da USP, a Bateria da USP, o Chorusp) ou um parque para fruição dos espaços como oferecimento de equipamento público.

No que se refere à conservação da Casa de Dona Yayá, envidamos esforços para assegurar a integridade física da casa e do jardim, bens culturais tombados em ní-



Figura 4. Atividades culturais nos Domingos da Yayá, 2023. Foto: Acervo CPC/USP.

vel estadual e municipal. Infiltrações em diversos pontos da casa eram recorrentes no imóvel. Para solucioná-las, a empresa que tem o contrato de limpeza trimestral das calhas da cobertura foi acionada para realizar um serviço de recolocação de telhas, como uma primeira ação paliativa à situação. Uma nova intervenção conduzida pela Superintendência de Espaços Físicos (SEF) foi realizada com a impermeabilização das calhas e ampliação no número de condutores, dessa vez solucionando momentaneamente o problema. A emergente necessidade de manutenção física e de atualização tecnológica da casa, contudo, segue imperiosa para que os trabalhos tenham andamento. Por isso, iniciou-se, em 2022, um processo de licitação pela SEF – cujo documento foi elaborado com a participação da equipe do CPC – aberto em 2024 e ainda em andamento em 2025. No que se refere aos jardins, a situação é também crítica, em especial devido às dificuldades de sua manutenção, realizada por empresa terceirizada. Para dirimi-las, foram apresentadas de forma voluntária pelo Professor Doutor Vladimir Bartalini, da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo e de Design da Universidade de São Paulo, em maio de 2023, orientações para o jardim, desde o cuidado com a terra e adubagem, até sugestões de vegetação, poda e manutenção geral dos canteiros.

Na segunda frente de trabalho, articulações sociais têm sido feitas para a preservação do Bixiga – uma das raras áreas de proteção urbana na metrópole –, adaptadas à constante ressignificação deste importante bem cultural. Os grupos sociais lutam pela memória negra no bairro, provocada pelos achados arqueológicos nas obras de ampliação da linha do metrô, animando a participação em eventos e a

formulação de cursos, oficinas, apresentação de filmes, produção de *podcasts* e exposições. A oportunidade de pensar o patrimônio na perspectiva da cultura e extensão fomentada pelos temas do bairro, da memória e da Casa de Dona Yayá e do patrimônio universitário são temáticas de grande interesse e fomento a novas temáticas que um imóvel preservado tem possibilidade de provocar.

A articulação das atividades extensionistas no bairro, pensando nas questões de saúde mental a que remete a Casa de Dona Yayá, anima a parceria com a UBS Humaitá, que ali realiza atendimento psicológico semanal. A UBS entende a importância simbólica da casa para o tratamento de saúde mental, e a presença deste público dá um novo e importante sentido para as atividades de extensão.

Os Cursos de Difusão regulares foram oferecidos na Casa, em temas diversos do patrimônio cultural. Na forma presencial, atraem, regularmente, um grande número de interessados e são uma forma de divulgação de conhecimentos, consolidação de público e abertura para novas pesquisas e pesquisadores. Da ditadura à extroversão do patrimônio cultural, temas diversos do campo ampliado do patrimônio atraíram frequentadores regulares à casa. Oficinas de temas diversos como roteiros audiovisuais, encadernação, bordado e fotografia atraíram público interessado em formação gratuita¹⁷.

Um destaque importante da articulação com o bairro na gestão foi o processo de transformação urbana gerado pela chegada do metrô, que vem pressionando por novas construções e demolições. A destruição da quadra da escola de samba Vai-Vai para a passagem do metrô gerou um processo de resistência e clamor pela identidade negra, que coincidiu com o início da gestão e chegada no bairro. O Encontro Pelo Saracura: Memória Negra no Bixiga reuniu ativistas, coletivos e pesquisadores para o diálogo de manifestações diversas referentes à memória negra, à construção do território do Saracura e sua relação com a cidade diante das

17. Nesta gestão foram oferecidos os seguintes cursos e oficinas: 2022 – Educação e Patrimônio Cultural; O Lugar da Natureza e da Paisagem nas Políticas de Preservação do Patrimônio Cultural Brasileiro; 2023 – Oficina de Fotografia; Introdução à Extroversão do Patrimônio Cultural; Um Primeiro Roteiro Audiovisual: Memórias de Vida/Histórias de Família; Turismo e Patrimônio Cultural de “Quebradas” e Resistências na Cidade de São Paulo; Patrimônio Cultural: entre Disputas e Direitos; A Memória dos Esquecidos: Os Excluídos da História; Oficina de Escrita Criativa; Oficina de Bordado; 2024 – Oficina de Encadernação Artesanal: Livro-Objeto; Análise de Riscos Aplicada ao Edifício Casa de Dona Yayá; Grupo de Estudos e Leituras do Patrimônio Cultural – Módulo 1; Grupo de Estudos e Leituras do Patrimônio Cultural – Módulo 2; Patrimônio da Loucura: Literatura e Arquitetura Manicomial Brasileira (Séculos XIX-XX); Um Primeiro Roteiro Audiovisual: Memórias de Vida/Histórias da Família; Oficina de Fotografia: Olhando o Bairro do Bixiga; Introdução à Extroversão do Patrimônio Cultural; Entre Histórias, Narrativas e Documentos: Pesquisando Patrimônios Históricos da Zona Leste; Antirracismo e Contracolonialidade na São Paulo Contemporânea; Vai-Vai Fica – Possibilidades para a Quadra do Vai-Vai no Bixiga; Patrimônio Cultural e Turismo: Análises e Debates Contemporâneos; O Samba de São Paulo: Histórias, Memórias, Territorialidades e Identidades; Patrimônio e Memórias da Violência: Formas de Reconhecer e Agir. O número total de inscrição nos cursos foi de 1911 pessoas.



Figura 5. Evento Encontro Pelo Saracura: Memória Negra no Bixiga. Projeções do artista Bretas, agosto de 2022. Foto: CPC/USP.

transformações urbanas na região. A partir desse evento, realizado com diversas instituições do local, abriu-se o diálogo com o bairro e suas demandas, uma atividade de extensão universitária.

Dessa relação com o bairro, nesta gestão articulada pelo direito à memória negra, realizou-se com os movimentos sociais Salve Saracura e Mobiliza Saracura Vai-Vai o II Seminário Bixiga: Território Cultural. Em 2017 o Centro de Preservação Cultural – Casa de Dona Yayá (CPC) havia promovido uma primeira edição do seminário Bixiga: Território Cultural. À época algumas dessas questões já estavam em pauta, mas seis anos depois, esses processos se intensificaram a ponto de demandarem novos olhares. Ao longo de três dias de evento, realizado também em parceria com o Sesc, foram discutidas questões ligadas à arqueologia urbana, à memória negra, à gestão do patrimônio cultural no espaço urbano e às manifestações culturais presentes no território.

Na terceira frente de trabalho, as pesquisas sobre o patrimônio universitário ganharam impulso na gestão, também como diretriz da Pró-Reitoria de Cultura e Extensão da USP. As ações foram múltiplas, de novos projetos à continuidade e

reedição de outros, o tema da preservação na Universidade, a partir do que cabe ao CPC na perspectiva da extensão.

Do ponto de vista das pesquisas, teve continuidade o projeto de inventário dos bens tombados da USP, com a produção de fichas de inventário com dados históricos e arquitetônicos, bem como a atualização do levantamento fotográfico. Todo este material será disponibilizado na Plataforma Tainacan, na Base de Dados sobre Patrimônio Cultural da USP, organizada pelo arquiteto do CPC, Gabriel Fernandes. Uma nova publicação sob a forma de *Guia do Patrimônio Tombado* foi revista, atualizada e ampliada, e está disponível no Portal de Livros Abertos da USP. Da mesma forma, o *Guia de Museus e Acervos*, publicado em 2018, foi também revisto e reeditado a partir das novas pesquisas e investimento desta gestão nos acervos e coleções da USP. As novas edições acompanham esta diretriz de trabalho das pesquisas da equipe CPC que ampliaram o conhecimento sobre o conjunto de acervos e de bens protegidos legalmente em nossa Universidade. As informações básicas dos bens tombados e das coleções, bem como seus sentidos patrimoniais, foram atualizadas em formato impresso e agora seguem em versão digital para ampla circulação. Finalmente, cumpre reiterar que se entende o patrimônio na perspectiva da “Carta Patrimonial da USP”, lançada em 2017 pelo órgão, em que os bens culturais são aqueles de significado e valor para a comunidade interna e externa à Universidade, que dão valor ao cotidiano da Universidade.

O tema dos acervos tem especial importância em nossa gestão. Em agosto de 2023, foi realizado o Seminário Acervos na USP: Desafios na Gestão e na Preservação¹⁸. O evento, resultado do Grupo de Trabalho Acervos, instituído no CPC a partir de profissionais da Rede USP, de Profissionais de Museus e Acervos, e da Rede de Conservação Preventiva da USP, em parceria com a Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin, reuniu cerca de 170 gestores, profissionais e pesquisadores em um amplo debate sobre os principais desafios de preservação e gestão dos acervos da Universidade. O objetivo foi criar uma oportunidade de trabalho colaborativo, possibilidades de diálogo entre as instituições e ser uma mostra da grande diversidade e complexidade desses acervos, bem como de sua importância para a Universidade. O primeiro dia de programação foi direcionado aos grupos de trabalho temáticos, com participação de funcionários, técnicos, pesquisadores e docentes que atuam junto aos acervos. A edição 35 da *Revista CPC* publicou um relato sobre o seminário¹⁹.

18. Ver: <https://docs.google.com/document/d/1Q9BkPsUGrqTKx6QgIS2BotrTUn62DWYR/edit?usp=sharing&ouid=105398951088725870774&trtpof=true&sd=true>.

19. Cibele Monteiro da Silva *et al.*, “Seminário Interno Acervos na USP, Desafios na Gestão e na Preservação”, *Revista CPC*, vol. 18, n. 35, pp. 239-254, 2023.

Os encaminhamentos do Seminário e o Relatório Final do evento apresentaram dados fundamentais para o auxílio da construção de uma Política de Acervos, cuja minuta, elaborada em 2024 por este grupo, foi aberta a consulta pública para toda a comunidade uspiana. Para a sua discussão e consolidação foi realizado um segundo Seminário de Acervos, em maio de 2025.

Abrindo novas frentes de trabalho, no tema do patrimônio universitário, foram realizados dois grandes projetos de pesquisa e um projeto de extensão. O Concurso de Fotografias do Patrimônio Cultural, Imagens em Patrimônio, busca, por meio da fotografia, promover o debate sobre o patrimônio na comunidade. O concurso visa a fomentar a salvaguarda, o conhecimento, o pertencimento, a divulgação e a reflexão crítica sobre o patrimônio cultural universitário, entendido na sua diversidade e amplitude, a partir das categorias propostas pelo Iphan para as Referências Culturais, Celebrações, Formas de Expressão, Lugares, Objetos e Edifícios, e Saberes. O sucesso do concurso levou à ampliação e continuidade da proposta. Estamos em nossa terceira edição. A segunda foi sobre o bairro do Bixiga e a terceira já lançada, sob o tema do Habitar.

Os dois projetos, Roteiros do Patrimônio da USP e Inventário Participativo do Patrimônio Universitário, têm gerado forte envolvimento das equipes. O projeto Roteiros do Patrimônio reconhece as memórias, histórias e espaços da Universidade por meio do seu diverso patrimônio cultural com o qual a comunidade acadêmica estabelece processos de construção de conhecimento, pertencimento e valor. O projeto teve como missão colaborar no reconhecimento, preservação, salvaguarda e difusão dos bens culturais da Universidade de São Paulo. A USP concentra uma variedade de referências culturais, como edifícios, monumentos, lugares, acervos, coleções, celebrações, saberes e fazeres com enorme potencial de construção de conhecimentos e pertencimentos. O projeto consiste na estruturação de itinerários que são um convite à visita e à reflexão sobre o patrimônio cultural universitário. O projeto foi iniciado em 2022 com o apoio do Programa Unificado de Bolsas da USP – PUB, na categoria Cultura e Extensão. Foram desenvolvidos, na primeira etapa do projeto, realizada entre 2022 e 2023, três percursos: o Centro de São Paulo, a Cidade Universitária Armando de Salles Oliveira e o *campus* de São Carlos. Para cada um deles, uma publicação – disponível no Portal de Livros Abertos da USP – apresenta a história da Universidade de São Paulo e desses espaços urbanos de significado cultural²⁰.

20. Flávia Nascimento, *Roteiros do Patrimônio da USP: Campus Butantã*, São Paulo, Centro de Preservação Cultural da Universidade de São Paulo, 2024 (Roteiros do Patrimônio da USP).



Figura 6. Foto vencedora na categoria Celebrações, do Imagens em Patrimônio: Concurso de Fotografias do Patrimônio Cultural da USP. “Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo”. Foto: Giovanna Diniz Eduardo, 2022.

As publicações trazem, além de um mapa que apresenta o percurso sugerido, as edificações e espaços de interesse, informações sobre a história e sobre o cotidiano universitário. Os livretos procuram fomentar o conhecimento sobre a história da USP, apresentando edificações de particular importância, cujas informações são organizadas em três eixos: valores e memórias, história material, e seus usos. Desde 2023 o CPC/USP realiza de forma regular o oferecimento de percursos para um público amplo de interessados, mas que podem ser realizados também de forma autônoma²¹.

O interesse despertado pelo projeto nos levou a ampliar a proposta. As novas edições têm como foco o Quadrilátero da Saúde – *campus* da USP na região central que reúne os cursos superiores ligados aos saberes do corpo e da saúde – e as Obras Escultóricas no *campus* Butantã – espaços e lugares de grande interesse na

21. Foram cerca de 850 pessoas atendidas nos percursos, com grupos de, em média, quinze pessoas por oferecimento.

história da USP, com os quais o projeto pretende colaborar com a construção de significados pela comunidade que os vive.

O Inventário Participativo das Referências Culturais olha para o Cotidiano Universitário nas suas dimensões patrimoniais. Considerando a necessidade de participação democrática no campo do patrimônio, dado pela Constituição Brasileira, e o cenário de alteração do perfil demográfico e a democratização do acesso à Universidade, foi desenvolvido o projeto do inventário, com o objetivo de identificar as referências culturais ligadas ao cotidiano universitário, visando o reconhecimento de bens culturais em uma perspectiva dialógica, participativa e tomando como centrais no processo de patrimonialização os sujeitos da comunidade universitária. O inventário se baseia e segue as orientações metodológicas dos Inventários Participativos elaborados pelo Iphan, buscando enumerar celebrações, lugares, formas de expressão, saberes, objetos e outras referências da comunidade universitária. Os sujeitos e interlocutores desse processo de inventariação serão os próprios participantes da vida universitária, detentores das referências e pertencentes aos grupos formadores da comunidade uspiana: estudantes, docentes, servidores técnico-administrativos e demais frequentadores do *campus*, em um contexto de escuta ampla.

Para levantar tais referências, foi realizada em 2023 a campanha “O Que É o Patrimônio Universitário Para Você?”, composta por cartazes espalhados pelos dois territórios do inventário, *campus* Butantã e *campus* São Carlos, e divulgação nas redes sociais. Ambos os suportes de comunicação direcionam o usuário para um formulário digital de rápido preenchimento, com uma breve descrição do projeto e das categorias de referências culturais do inventário participativo (celebrações, formas de expressão, lugares, saberes, objetos e edificações, e patrimônio natural), seguida da identificação do usuário e de três perguntas amplas, com o objetivo de promover a sugestão do próprio usuário, sobre uma referência cultural que pudesse compor o levantamento do Inventário Participativo.

Ao todo, foram realizados dezoito momentos de escuta entre agosto e dezembro de 2023, direcionados às três categorias da comunidade universitária: estudantes, funcionários e professores. Quinze delas aconteceram no território do *campus* Butantã, e três no território do *campus* São Carlos. A aplicação das escutas se deu em um momento estratégico do calendário acadêmico, dado que no segundo semestre do ano letivo todos os estudantes já tiveram a vivência de pelo menos um semestre completo na USP. Foram priorizadas as escutas espontâneas nos lugares dos *campi* com fluxo elevado de membros da comunidade universitária, como os restaurantes universitários e centros esportivos, onde foi aplicada a metodologia da teia de referências culturais, desenvolvida na Rede Paulista de

Figura 7.
Roteiro do
patrimônio da
USP, Centro
de São Paulo,
agosto de 2023.
Foto: Acervo
CPC/USP.



Educação Patrimonial (Repep). O outro método de escuta consistiu em oficinas realizadas nas unidades, tendo como recorte de público a comunidade universitária restrita à unidade em questão, e a definição da data e localização da oficina junto aos interlocutores locais, além de inscrições antecipadas e oferecimento de certificado de participação para todos os presentes. O programa da oficina compreendeu uma apresentação dos presentes, aula expositiva sobre patrimônio cultural a partir das definições do Artigo 216 da Constituição de 1988 e das políticas de patrimônio imaterial do Iphan, os inventários participativos e o tema do cotidiano universitário na USP.

Na esteira dessas atividades, procurando aproximar o CPC/USP dos debates sobre o tema em outras universidades brasileiras e estrangeiras, realizou-se o III Seminário Patrimônio Cultural Universitário, cujo mote foi o cotidiano universitário, uma das dimensões em que se concentram os trabalhos do CPC desenvolvidos nos últimos anos. Estruturado em três eixos – 1. Patrimônio arquitetônico, paisagístico e urbanístico; 2. acervos e patrimônio documental; e 3. propostas e abordagens dialógicas de reconhecimento e valorização do patrimônio universitário ou experiências de cultura e extensão universitária e de educação patrimonial. O seminário contou com sete mesas redondas com dezessete conferencistas e nove sessões com trinta apresentações²².

22. Ver: https://cpc.webhostusp.sti.usp.br/wp-content/uploads/2024/11/2024_IIIseminariopatrimoniouniversitario_ANAIS.pdf. Durante o evento foram oferecidos os roteiros da Cidade Universitária Armando de Salles Oliveira e do Centro, realizados com a participação de estudantes inscritos na Atividade Extensionista (AEX) oferecida pelo CPC. Os estudantes participaram também ativamente da realização do seminário.

AValiação GERAL E PRINCIPAIS DESTAQUES DA GESTÃO

Em consonância com a missão de identificar, proteger, valorizar e divulgar os bens que compõem o patrimônio cultural da Universidade de São Paulo, o CPC/USP realizou o conjunto de ações conjugadas aqui apresentadas, com reconhecimento nacional e internacional. Estas ações têm mostrado o objetivo central do CPC/USP para a comunidade uspiana e a sociedade de modo geral, apresentando o potencial do patrimônio, bem como a especialidade que ele requer.

Avaliasmos que uma das principais dificuldades encontradas para a política de preservação na USP é a natureza não normativa que o centro possui. Por sua história institucional e estar vinculado à PRCEU como órgão de cultura, sem a atribuição profissional de arquitetos – como tem a SEF, por exemplo –, o CPC realiza ações na perspectiva da pesquisa, divulgação e extroversão. A assessoria às unidades e órgãos é feita conforme a demanda, o que, por razões de autonomia e muitas vezes de incompreensão da importância do patrimônio universitário, raramente acontece. Neste sentido, a atual gestão propôs a revisão do regimento interno do CPC, de modo que essa articulação institucional ficasse mais clara. Da mesma forma, propôs que seja reeditada uma portaria que indica a devida consulta dos órgãos e unidades ao CPC para alterações em bens tombados ou protegidos da USP. Tal indicação não é normativa, mas busca dar melhor clareza e capitalidade às ações com o patrimônio na USP. Ainda, o Centro em suas atribuições passará a indicar uma listagem de bens culturais que devem ser considerados pela Universidade na gestão e salvaguarda. Entende-se que a SEF, que tem atribuição técnica de projetos, obras e licitações, não tem um setor específico e especializado para tratar do patrimônio. Este papel, por forma regimental e por especialidade, deve ser cumprido pelo CPC/USP.

Um dos principais desafios é a realização da programação cultural. Como uma casa aberta ao público, a demanda de ocupação e atividades de extensão à sociedade foi uma realidade. As dificuldades de contratação impostas pelo sistema USP limitam as possibilidades de curadoria das atividades. As parcerias para apresentações ou atividades culturais vieram da troca de trabalhos, sempre de forma voluntária, seja por laboratórios e grupos da Universidade, seja por grupos que ocuparam a casa com programação atinente aos temas de trabalho, sem remuneração, em troca de trabalho. Um exemplo interessante, foi a peça teatral *Um Tempo Chamado Yayá*, da Companhia de Teatro Coexistir. O setor financeiro centralizado na PRCEU e a falta de servidor dedicado a isso no CPC impõe uma sobrecarga de trabalho à assistente de direção. Mesmo com as atividades voluntárias ou a baixo custo, e a colaboração dos servidores no oferecimento de atividades próprias deixou como

reflexão a necessidade de pensar formas de viabilizar tal programação, articuladas de forma mais coerente com os demais órgãos da PRCEU ou da Universidade.

Para uma conclusão, certamente fica como a marca do percurso da gestão deste órgão a impressionante potência do CPC ao longo de sua história institucional de realizar políticas universitárias no campo da cultura, memória e patrimônio cultural. A sua singular articulação com a história da sede, o bem cultural tombado Casa de Dona Yayá, permite pensar o patrimônio em sua perspectiva ampliada, fomentando ações de democratização do espaço universitário, pensando os pertencimentos, identidades e história institucional. O CPC é um exemplo de plena articulação entre ensino, pesquisa, extensão e inclusão, enfrentando os desafios contemporâneos das universidades públicas. O conjunto de atividades, cursos, seminários acadêmicos, exposições, premiações, publicações e roteiros de visitação encadearam muitas reflexões e ações nos temas atuais da história da cidade, dos grupos formadores da sociedade brasileira e do papel que a memória pode cumprir.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BRANDÃO, Carlos Roberto Ferreira. *Uso Qualificado da Casa de Dona Yayá: Manual para Apresentação de Propostas*. São Paulo, CPC/USP, 1999.
- CAMARGO, Mônica Junqueira de. “Carta Patrimonial da USP: Por Que?” *Revista CPC*, n. 24, pp. 162-169, 2017. DOI: 10.11606/issn.1980-4466.voi24p162-169.
- CENTRO DE PRESERVAÇÃO CULTURAL. *Cidades Universitárias: Patrimônio Urbanístico e Arquitetônico da USP*. São Paulo, Edusp/Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2005.
- _____. *Guia de Museus e Acervos da Universidade de São Paulo*. São Paulo, CPC/USP, 2018.
- _____. *Guia dos Bens Tombados e em Processo de Tombamento da Universidade de São Paulo*. São Paulo, CPC/USP, 2018.
- _____. *Relatório CPC 2014-2017*. São Paulo, CPC/USP, 2017, mimeo.
- _____. *Relatório CPC 2017*. São Paulo, CPC/USP, 2017, mimeo.
- _____. *Yayá, um Lugar de Memória*. Folder. São Paulo, 2017.
- COMISSÃO DO PATRIMÔNIO CULTURAL. *Conservação e Restauro I: Recomendações e Projetos em Andamento na USP*. São Paulo, CPC-USP, 1997.
- _____. *Obras Escultóricas em Espaços Externos da USP*. São Paulo, Universidade de São Paulo, 1997.
- CONSELHO DE DEFESA DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO, ARQUEOLÓGICO, ARTÍSTICO E TURÍSTICO DO ESTADO – CONDEPHAAT. *Processo de Tombamento n. 21.955/82*.
- EXPOSIÇÃO IMAGENS DO FEMININO. São Paulo, Centro de Preservação Cultural da USP, 2023. Acervo CPC/USP.
- FONTENELE, Sabrina. “A Casa de Dona Yayá: Registros de suas Domesticidades no Centro de Preservação Cultural da USP”. In: LIRA, José Tavares Correia de; NASCIMENTO, Flávia Brito do; SILVA, Joana Mello de Carvalho & RUBINO, Silvana Barbosa (orgs.). *Domesticidade, Gênero e Cultura Material*. São Paulo, Edusp/CPC/USP, 2017, pp. 95-111.

- HIKIJ, Rose Satiko Gitirana & SILVA, Adriana de Oliveira (orgs.). *Bixiga em Artes e Ofícios*. São Paulo, CPC/USP/Edusp, 2014.
- LANNA, Ana Lúcia Duarte. *Comer o Pão, Viver a Cidade*. São Paulo, Alameda, 2022.
- _____. *Meio Ambiente: Patrimônio Cultural da USP*. São Paulo, Edusp/ Imprensa Oficial, 2003.
- _____. “Retratos de Época Mostram o Papel Social das Mulheres no Início do Século xx”. *USP Notícias*, Cultura, 24 maio 2005.
- _____. & PRATA, Juliana Mendes. “O CPC-USP e a Casa de Dona Yayá: Questões de Gestão de um Patrimônio Cultural”. *Revista CPC*, n. 1, pp. 6-15, 2006.
- LIRA, José Tavares Correia de (org.). *O Patrimônio Universitário e os Estudantes*. São Paulo, Edusp/ CPC, 2012.
- _____. *Patrimônio Edificado como Patrimônio Universitário: o CPC e a USP*. São Paulo, Edusp, 2014.
- LOPES, João Marcos & LIRA, José Tavares Correia de (orgs.). *Memória, Trabalho e Arquitetura*. São Paulo, Edusp, 2013.
- LOURENÇO, Maria Cecília França (org.). *A Casa de Dona Yayá*. São Paulo, Edusp/Imprensa Oficial, 1999.
- _____. “A Universidade Promove Extensão Social do Patrimônio”. *O Estado de S. Paulo*, 1999, Caderno Dois, p. D4.
- _____. *Bens Imóveis Tombados ou em Processo de Tombamento da USP*. São Paulo, Edusp, 2002.
- _____. *Direitos Humanos em Dissertações e Teses da USP, 1934-1999*. São Paulo, Edusp, 2000.
- NASCIMENTO, Flávia Brito do. *Roteiros do Patrimônio da USP: Campus Butantã*. São Paulo, Centro de Preservação Cultural da Universidade de São Paulo, 2024 (Roteiros do Patrimônio da USP).
- _____.; MELLO, J. & FERNANDES, G. (orgs.). *Anais do III Seminário Patrimônio Cultural Universitário*. São Paulo, Centro de Preservação Cultural da USP – Casa de Dona Yayá, 2024.
- NASCIMENTO, Flávia Brito do; SILVA, Joana Mello de Carvalho; LIRA, José Tavares Correia de & RUBINO, Silvana Barbosa (orgs.). *Domesticidade, Gênero e Cultura Material*. São Paulo, Edusp/ CPC/USP, 2017.
- PEREIRA, José Hermes Martins & PINHEIRO, Maria Lucia Bressan. “Educação Patrimonial no Centro de Preservação Cultural – Casa de Dona Yayá: Balanço e Novos Desafios”. *Revista de Cultura e Extensão da USP*, vol. 5, pp. 38-42, maio 2011.
- PINHEIRO, Maria Lúcia Bressan (org.). *Registros Fotográficos, Patrimônio e Memória da USP*. São Paulo, Edusp, 2010.
- SILVA, Cibele Monteiro da et al. “Seminário Interno Acervos na USP, Desafios na Gestão e na Preservação”. *Revista CPC*, vol. 18, n. 35, pp. 239-254, 2023. DOI: 10.11606/Issn.1980-4466.V18i35p239-254.
- TIRELLO, Regina Andrade. “A Restauração de Pinturas Murais na USP”. In: Comissão de Patrimônio Cultural da USP (org.). *Conservação e Restauro 1: Recomendações e Projetos em Andamento na Universidade de São Paulo*. São Paulo, PRCEU/CPC/USP, 1997, vol. 1, pp. 71-82.
- _____. (org.). *O Restauro de um Mural Moderno na USP: O Afresco de Carlos Magan*. São Paulo, CPC/ PRCEU, 2001.
- _____. “O Restauro dos Murais Nouveau da Vila Penteado e o Canteiro Escola da CPC/USP: Uma Experiência de Formação Qualificada”. In: MARTINS, Maria Lucia Refinetti Rodrigues (org.). *Vila Penteado 1902-2012: Pós-Graduação 40 Anos*. São Paulo, FAU/USP, 2012, vol. 1, pp. 239-268.

CAPÍTULO 7

BBM: Preservação, Acervo e Acesso ao Conhecimento¹

ALEXANDRE MACCHIONE SAES²

HÉLIO DE SEIXAS GUIMARÃES³

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Histórico e Contexto

A Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin (BBM), órgão da Pró-Reitoria de Cultura e Extensão Universitária da Universidade de São Paulo (PRCEU/USP), foi criada em dezembro de 2004 para abrigar a coleção reunida ao longo de mais de oitenta anos pelo bibliófilo José Mindlin e sua esposa Guita. Com expressivo conjunto de livros, documentos e periódicos, é considerada a mais importante coleção do gênero formada por particulares.

O acervo doado à USP em 2006, composto de cerca de 32 mil títulos que correspondem a aproximadamente sessenta mil volumes, reúne materiais sobre o Brasil ou que, escritos e/ou publicado por brasileiros, são importantes para a compreen-

1. Este capítulo apresenta uma breve síntese da estrutura da Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin, como também das atividades desenvolvidas nos últimos anos. As ideias presentes no texto estão mais desenvolvidas nos artigos de Alexandre Saes e Hélio de Seixas Guimarães ("A Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin na Universidade de São Paulo", em Hélio Nogueira da Cruz, Luiz Roberto Serrano e Plínio Martins Filho (orgs.), *Doações e Doadores da USP*, São Paulo, Universidade de São Paulo, 2024, pp. 143-174; "Atualizar o Passado, Historicizar o Presente: Desafios das Coleções sobre Brasil", em *Catálogo Casa Ema Klabin: Rio de Janeiro XIX-XXI*, São Paulo, Casa Ema Klabin, 2024, pp. 36-37. Para uma discussão sobre o conceito de Brasileira, sobre o panorama da história e dos projetos acadêmicos da biblioteca, conferir a obra *BBM 10 Anos: Uma História Viva*, org. Alexandre Saes, Hélio de Seixas Guimarães e Plínio Martins Filho, São Paulo, Publicações BBM, 2025.
2. Professor da Faculdade de Economia, Administração, Contabilidade e Atuária da Universidade de São Paulo (FEA/USP) e diretor da Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin (BBM/USP).
3. Professor do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH/USP) e vice-diretor da Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin (BBM/USP).



Figura 1. Parte interna da BBM com os sessenta mil livros doados pela família Mindlin.
Foto: Gabriel Alegreti.

são da história e cultura do país. A coleção destaca-se por conter livros raros publicados entre os séculos XVI e XX, incluindo relatos de viajantes que estiveram na América do Sul nesse período, as primeiras edições da Imprensa Régia, além de um amplo conjunto de primeiras edições de obras publicadas pelos mais relevantes autores da literatura brasileira.

Vale destacar a singularidade da coleção da BBM, composta de obras especiais, muitas vezes de exemplares únicos e insubstituíveis, seja pelas marcas autógrafas que trazem, tais como dedicatórias e anotações, seja pelas encadernações especiais, seja ainda pelas trajetórias que muitos descreveram passando pelas mãos de figuras decisivas para a história do país.

Ao tratar de sua coleção, José Mindlin qualificava-a reiteradamente como uma coleção “indisciplinada”. Ainda assim, nos *Destaques da Biblioteca Brasileira (In)Disciplinada de Guita e José Mindlin* (2ª ed., 2013), há algumas balizas que orientaram a formação do acervo, as quais o bibliófilo chama de vertentes: história, literatura, relatos de viagem, periódicos, manuscritos históricos e literários e livros científicos, didáticos e de artistas.

Essas vertentes variam ligeiramente nos vários depoimentos de Mindlin sobre sua coleção, mas notam-se algumas linhas de força: uma coleção prioritária-

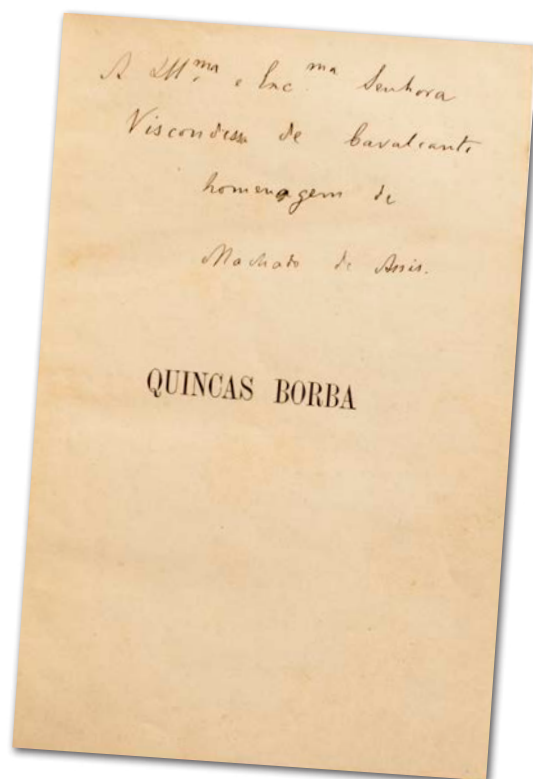


Figura 2. Falsa folha de rosto da obra *Quincas Borba* com dedicatória de Machado de Assis a sua leitora Viscondessa de Cavalcanti. Foto: Wagner Souza e Silva.

mente dedicada às ciências humanas e às artes, assim como aos livros raros e às edições preciosas. Como definiu seu amigo, o crítico literário e professor emérito da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, Antonio Candido de Mello e Souza: “Mais do que um colecionador, José foi uma espécie de autor da sua própria biblioteca. Ele a compôs como quem compõe uma obra”.

Parte do acervo doado à USP pertenceu ao bibliófilo e bibliotecário Rubens Borba de Moraes, em quem José Mindlin reconhecia “uma espécie de irmão mais velho”, dono de “um amor aos livros e à leitura muito parecido com o meu”. Importante intelectual e dos mais destacados estudiosos da bibliografia sobre o Brasil, Rubens Borba de Moraes deixou ao casal Mindlin, após seu falecimento, em 1986, um conjunto de obras raras e especiais, formado por cerca de 2 300 títulos.

Ao longo de quase um século, os dois colecionadores garimpavam materiais no Brasil e mundo afora para formar uma coleção extraordinária, que é em si mesma uma prova de que interesses pessoais e particulares não são de forma alguma incompatíveis com projetos coletivos e o bem comum. Aliás, essa visão dos livros e do conhecimento como algo a ser compartilhado esteve presente ainda quando José e Guita Mindlin mantinham a biblioteca em sua casa, no bairro do Brooklin,

em São Paulo, recebendo ali, generosamente, várias gerações de pesquisadores de todas as partes.

A ideia de constituir uma biblioteca-museu, aberta ao público, foi acalentada por Moraes e Mindlin por muito tempo. O desejo dos dois colecionadores se realizou com a construção do Espaço Brasiliana e a inauguração do prédio da BBM em março de 2013. Desde sua chegada à USP, a Biblioteca tem procurado expandir seu acervo, tornando-se uma Biblioteca Viva, conforme os ideais de José Mindlin, por meio da aquisição e do recebimento de doações de novos títulos e coleções que dialogam com as vertentes iniciais do acervo.

Missão e Finalidade

O Regimento da Biblioteca Brasiliana Guita e José Mindlin, de 2016⁴, criou um instrumento decisivo para a gestão da Biblioteca, com a definição de suas três finalidades: I. conservar e divulgar o acervo e facilitar o seu acesso a estudantes e pesquisadores; II. proporcionar irrestrito acesso de seu acervo digital ao público em geral; III. promover a disseminação de estudos de assuntos brasileiros por meio de programas e projetos específicos.

Essas finalidades estruturam o desenho da instituição, organizada em setores e com atuação de servidores em atividades-fim e atividades-meio. Entre as atividades-meio, destacam-se aquelas de apoio à direção, administração, finanças, tecnologia da informação e manutenção predial, seguindo as rotinas da Universidade de São Paulo e atuando a partir das diretrizes aprovadas pelo Conselho Deliberativo.

Entre as atividades-fim, por outro lado, para atender à finalidade de conservação e acesso ao acervo, a BBM mantém o Laboratório de Conservação Preventiva Guita Mindlin, que enraíza na instituição o legado da doadora em torno da preservação do acervo. Adicionalmente, o Setor de Biblioteca e Documentação atua diretamente com os exemplares, lidando com os serviços internos de desenvolvimento de coleção e, acima de tudo, oferecendo o serviço de consulta aos livros da biblioteca na Sala Rubens Borba de Moraes para todo e qualquer usuário interessado.

Com a finalidade II, de proporcionar acesso irrestrito ao acervo por meio da Biblioteca Digital, atua mais diretamente o Laboratório de Digitalização, responsável pela elaboração dos arquivos digitais, que são disponibilizados no *site* da BBM, interface da instituição com o Brasil e o mundo. Evidentemente que a tarefa

4. Resolução n. 7167, de 16 de fevereiro de 2016. Disponível em: <https://leginf.usp.br/?resolucao=resolucao-no-7167-de-16-de-fevereiro-de-2016>.



Figura 3. Espaço Brasiliana (BBM à esquerda, IEB à direita e Auditório István Jancsó no centro).
Foto: Acervo BBM.

exige uma complexa rotina, pactuada entre os setores, que promove a curadoria das obras a serem digitalizadas, a conservação, digitalização e inserção das obras na Biblioteca Digital.

À frente da finalidade III, voltada para a disseminação de estudos brasileiros, estão os setores de Mediação Cultural e de Publicações, que acompanham os projetos voltados aos estudos brasileiros, tais como a curadoria de exposições, a promoção de seminários, a realização de visitas monitoradas ao acervo e a definição de uma política de publicações.

Para apoiar todas essas atividades, anualmente são selecionados estudantes da USP, das mais diversas unidades, para atuarem na BBM como bolsistas e estagiários. A presença dos alunos na Biblioteca não somente permite a realização da rotina de trabalho da instituição, mas também, ao estreitar o diálogo com as novas gerações da Universidade, estimula a reflexão sobre o papel da biblioteca como instituição pública, de pesquisa e extensão universitária.

Relevância

A relevância da Biblioteca Brasiliana Guita e José Mindlin tanto para a USP como para a sociedade em geral está diretamente relacionada aos seus propósitos de origem: tornar-se uma referência na preservação e disseminação de acervos de obras raras e especiais; manter uma robusta estrutura material, consolidada no magnífico edifício que acolhe o acervo; propor uma estrutura de governança original no contexto da USP, que permite uma gestão compartilhada entre membros da Uni-

versidade, da família e de representantes externos a ela, o que faz de seu Conselho Deliberativo um espaço privilegiado para construir projetos e definir a política da instituição; manter uma estrutura de servidores qualificados para assegurar a rotina e a memória dos fluxos e processos da Biblioteca, de modo a promover os planos de exteriorização do acervo, como também formar gerações de estudantes da universidade que, como estagiários e bolsistas, renovam a dinâmica e a vida dos processos e projetos da BBM.

Para além de preservar um dos mais ricos acervos sobre a história e a literatura brasileiras, a Biblioteca vem se consolidando como um centro cultural responsável pela curadoria do conhecimento acumulado, ampliando a comunicação com seus usuários e produzindo instrumentos para a interlocução com leitores e pesquisadores. Isso se dá por meio dos programas de residência em pesquisa, da realização de eventos e exposições físicas e virtuais, além da amplificação dos resultados de projetos e de pesquisas através dos recursos impressos e digitais, como se verá mais adiante.

Organização Interna: A Governança da BBM

A doação do acervo de Guita e José Mindlin para a Universidade de São Paulo foi concretizada em maio de 2006, em cerimônia realizada no Conselho Universitário. A partir de então, e enquanto o prédio era construído, uma nova questão precisou ser enfrentada para a consolidação da gestão e governança da Biblioteca: qual seria a estrutura da nova instituição dentro do organograma da Universidade?

Decidiu-se que a BBM passaria a ser abrigada dentro da estrutura da Pró-Reitoria de Cultura e Extensão Universitária da USP, que já era responsável por outros espaços culturais, tais como o Centro de Preservação Cultural e o Centro Universitário Maria Antonia. O primeiro regimento da Biblioteca exigiu uma visão bastante ousada para que a USP pudesse receber aquele patrimônio cultural, preservando o legado da família, mas ajustando-o às regras e rotinas da universidade. Era preciso buscar um novo modelo de gestão.

A Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin, como passou a ser oficialmente denominada, seria um órgão diferente de outros da USP: não seria uma unidade, tampouco instituto especializado como os museus da universidade. A constituição do Conselho Deliberativo, presidido pela Pró-Reitoria de Cultura e Extensão Universitária, inaugurava um novo modelo de governança no contexto da gestão universitária, tendo na sua composição os doadores, bem como representantes da família.

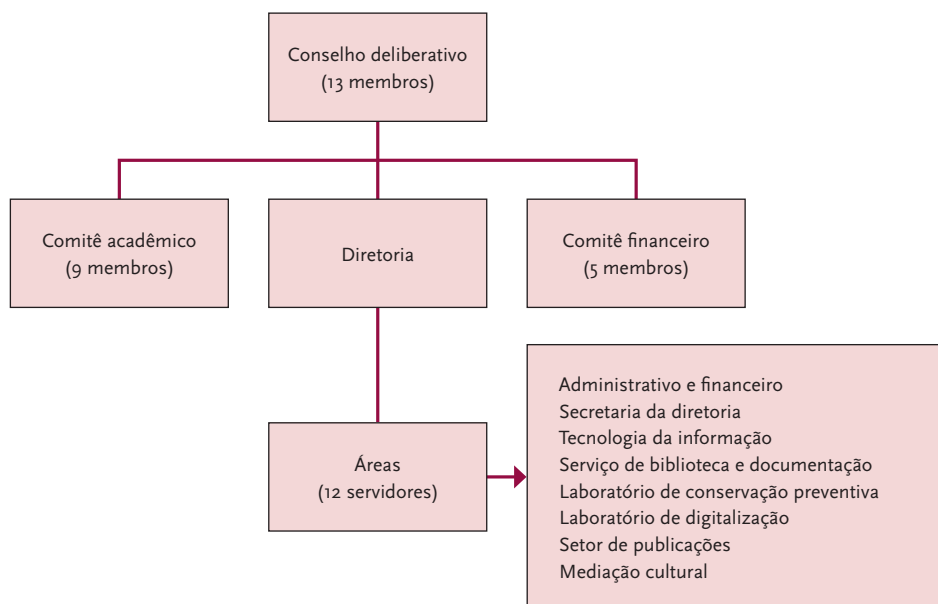


Figura 4. Organograma da BBM (Regimento de fevereiro de 2016).

A inovadora estrutura de governança da BBM tornou-se instrumento central para a concretização do projeto, um modelo único dentro da USP, na medida em que permitia estabelecer diálogo entre representantes da Universidade, a família e membros da sociedade civil. Recebendo novas demandas e expectativas, nem sempre coincidentes com as da Universidade, a BBM internalizou um novo instrumento de gestão do processo decisório, o qual exigiria maior acuidade com seus relatórios, o estabelecimento de métricas de monitoramento e avaliação, o que permitia abrir portas para estreitar e fortalecer as relações com instituições externas à USP. Um modelo inovador, ainda não usado em outros contextos, mas com potencial para estimular e viabilizar novas parcerias e doações, expandindo a presença da BBM dentro e fora do contexto universitário.

A aprovação de um novo regimento, em fevereiro de 2016, implementou o organograma da instituição, que, além de seu órgão máximo, o Conselho Deliberativo, passou a ser composto por dois comitês assessores: o Comitê Acadêmico, para promoção das políticas culturais e acadêmicas da Biblioteca, e o Comitê Financeiro, para acompanhar o planejamento e a execução orçamentária. Desta forma, a administração da BBM ganhou organicidade, assegurando a eficiência e agilidade das ações e decisões.

ATIVIDADES REALIZADAS

“Uma Biblioteca Viva”: Ampliando o Legado do Casal Mindlin

A atual gestão da Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin desenhou suas atividades a partir de Planos de Gestão apresentados ao Conselho Deliberativo da BBM, estruturados em objetivos para os biênios 2022-2023 e 2024-2025.

No primeiro biênio, a BBM organizou suas atividades em torno tanto da plena reabertura da instituição, depois do período de pandemia, como também da celebração dos dez anos da inauguração de sua sede no Espaço Brasileira, na Universidade de São Paulo.

Assim, em 2022 buscou-se reforçar a Biblioteca como um espaço cultural de promoção da extensão universitária, ampliando algumas de suas atividades (visitações, seminários, exposições e projetos como o BBM no Vestibular). O ano foi também marcado pela concretização do Projeto 3x22, por meio de lançamento de livros e de atividades concentradas especialmente no USP Pensa Brasil, evento idealizado pela Vice-Reitoria da USP que contou com apoio da BBM em todas as suas edições, de 2022 a 2025. Em 2022, no contexto do bicentenário da Independência e do centenário da Semana de Arte Moderna, a BBM organizou a exposição *200 Livros para Pensar o Brasil*, confrontando as interpretações canônicas de nossa literatura e pensamento social com outras tantas obras relevantes para refletir sobre o conjunto da história e da sociedade brasileira.

Em 2023, por outro lado, a principal realização do ano foi o seminário BBM 10 Anos: Uma Biblioteca Viva. Em meio às celebrações dessa efeméride e às memórias do legado da família, da história dos projetos e das realizações da instituição em sua primeira década no espaço público da Universidade, uma preocupação se manteve presente: era preciso garantir a máxima de José Mindlin de que “uma biblioteca deve ser viva”. As comemorações foram uma oportunidade para reunir es-

pecialistas, parceiros e pesquisadores que não só rememoraram a história da biblioteca de Guita e José Mindlin, mas também ofereceram instrumentos para avaliar as atividades desenvolvidas pela BBM e contribuíram para a fundamental reflexão sobre o papel de instituições de preservação e de cultura no contexto do Brasil atual.



Figura 5. Ex-libris em comemoração aos dez anos da BBM. Foto: Acervo BBM.

A partir dessas discussões, a Direção, junto ao Comitê Acadêmico e ao Conselho Deliberativo, começou a formular uma reflexão sobre os sentidos, hoje, de uma Coleção Brasileira, bem como os princípios de uma política de ampliação do acervo que efetivamente faça da Biblioteca um espaço vital, que atenda às demandas dos novos sujeitos que chegam à Universidade e responda a demandas da sociedade de modo mais geral.

Considerou-se que uma instituição que traz no seu nome as palavras “biblioteca” e “brasileira” tem a responsabilidade e o desafio de propor e acolher uma reflexão sobre as novas dimensões que esses termos ganham neste momento de revisão profunda dos sentidos tanto dos materiais impressos, diante de um mundo cada vez mais digital, como de um Brasil cada vez mais complexo e diverso.

As atividades realizadas no biênio 2022-2023 permitiram aprofundar a reflexão sobre a Brasileira Mindlin, no sentido de constituir uma política para a coleção e apoiar a gestão na definição das prioridades para o biênio 2024-2025, incluindo a formulação de projetos e programas articulados com os princípios “ecológicos” de uma “biblioteca viva”.

A Nova Política de Desenvolvimento de Coleções da BBM

Por se tratar de uma coleção que, por desejo da família Mindlin, deve se expandir para além do que foi originalmente doado, a BBM impôs-se nos últimos anos o desafio de repensar o sentido do termo “Brasileira”, que faz parte do seu nome, e formular políticas para a ampliação do seu acervo.

Algumas perguntas têm norteado esse processo: como uma biblioteca de livros raros pode responder às demandas e aos anseios de uma comunidade leitora cada vez mais diversa e mais habituada aos suportes digitais? Como os materiais que ela guarda podem servir ao debate qualificado sobre as múltiplas e novas formas de entender o país?

Uma das prioridades atuais da instituição, nesse sentido, tem sido buscar uma redefinição de Brasileira que seja suficiente para promover uma política de desenvolvimento da coleção, tanto permitindo o olhar para o legado recebido quanto auscultando os desafios, interesses e aspirações presentes nas novas gerações de universitários e na própria sociedade contemporânea. Um conceito que garanta a mediação entre uma coleção formada no século xx e os desafios do século xxi. Um conceito que considere os critérios de uma coleção formada no âmbito privado e permita repensá-los diante de um acervo que hoje se insere dentro da maior universidade do país.

Para refletir sobre a ideia de obras especiais e raridades no contexto de uma biblioteca agora situada em uma universidade pública, propôs-se acionar uma concepção ecológica de base com o objetivo de definir as ações em torno da coleção. Ou seja, desenvolver uma concepção sensível às diversas camadas de interações que atravessam a Biblioteca: entre os livros e documentos que a compõem, entre a coleção BBM e coleções afins, entre a coleção e seus públicos, entre o Brasil e, por exemplo, outras nações e/ou agrupamentos sub e supranacionais.

Essa concepção ecológica, cuja formulação vem sendo desenvolvida pelo curador do acervo, João Marcos Cardoso, tem permitido ainda definir políticas de preservação, valorização e divulgação em função do risco potencial de extinção de documentos, seja pelo seu silenciamento na dinâmica de gestão do acervo, seja pelo seu efetivo desaparecimento material. Nesse sentido, os itens da coleção deixam de ser pensados em função de sua raridade, baseada em uma concepção econômica, e passam a ser pensados como tudo aquilo que, sendo único/singular, escasso ou em processo de escasseamento, está associado a um movimento de silenciamento do passado e da memória de grupos sociais que fizeram ou fazem parte do Brasil.

Assim, a atenção da Brasileira Mindlin em relação aos seus documentos atuais e futuros deve ser proporcional a seu risco potencial de extinção, tendo como base uma visão complexa, múltipla e diversa do que seja “o Brasil”.

Por outro lado, cabe pensar o lugar dos manuscritos e dos impressos em um momento em que os suportes digitais se tornam os principais meios de difusão de informação e opinião, o que ocorre em alcance e velocidade inéditos. Cabe também refletir sobre os novos sentidos que documentos e livros que serviram como referência para a formulação de interpretações do Brasil – definindo para várias gerações o que era ou o que deveria ser o país – adquirem neste tempo, o nosso tempo, em que a diversidade de interesses põe em xeque qualquer noção unívoca do que seja “o Brasil” e “o nacional”.

A BBM, portanto, conservando a identidade da doação de uma Brasileira de livros raros, continua expandindo seu acervo. Esse processo se dá tanto por meio de buscas ativas da instituição, no intuito de encontrar materiais que possam completar o acervo recebido pelo casal Mindlin, como por meio de novas doações que são oferecidas e avaliadas pela Biblioteca.

A Nova Política em Ação

Mantendo o lema de uma “Biblioteca Viva”, as ações e programas da atual gestão procuram dar continuidade ao projeto originário de José Mindlin, mas também olhar para o presente e para o futuro. No que diz respeito ao primeiro objetivo,

a instituição tem fomentado uma minuciosa pesquisa dos recortes temáticos da coleção, de forma a descrevê-la e qualificá-la com mais precisão. Isso se dá, por exemplo, por meio do projeto-piloto Literatura Brasileira na BBM, que envolve bolsistas PUB e tem como objetivo produzir um banco de dados com a descrição minuciosa de todos os itens de literatura brasileira da coleção (romance, poesia, conto, teatro, miscelânea), incluindo também obras literárias brasileiras traduzidas para línguas estrangeiras. Todas as publicações de literatura brasileira do século XIX, somando 1 013 itens, já foram descritas sob mais de quarenta aspectos, incluindo elementos paratextuais e materiais de cada exemplar. Até agosto de 2025 terão sido descritos todos os exemplares de literatura brasileira publicados até 1950, somando um total de mais de 2 600 itens.

Esse tipo de levantamento permite detectar elementos ausentes, autoras e autores não contemplados, amplificando as possíveis leituras sobre o Brasil; permite também identificar, na produção cultural contemporânea, registros bibliográficos e documentais que possam estabelecer diálogo fecundo com os materiais colecionados pelo casal Mindlin e eventualmente serem incorporados ao acervo. Permite ainda produzir recortes na coleção a partir de uma multiplicidade de critérios não contemplados pela catalogação do Dedalus (por exemplo: presença de marcas autógrafas, tais como dedicatórias, assinaturas, marcas de leitura; paratextos, tais como epígrafes, prefácios, posfácios, ilustrações; tipos de encadernação; presença de *ex-libris*; gráficas e editoras envolvidas na produção de cada exemplar etc.), permitindo a realização de publicações e exposições temáticas sobre uma parcela significativa da coleção de José Mindlin, aquela voltada para a produção literária brasileira.

A nova política de ampliação da coleção orientou a decisão de receber, nos meses finais de 2023, uma das mais expressivas doações recebidas pela BBM desde sua inauguração na USP. Trata-se da coleção formada por Sinésio de Siqueira Filho, composta por quatro mil itens, entre livros e documentos, sobre a Guerra do Paraguai entendida em sentido amplo, ou seja, em suas dimensões econômicas, sociais e naturais. A doação deu início a um grande projeto, que inclui aquisição, higienização, catalogação, digitalização e divulgação do acervo, financiado por apoiadores da BBM que, como Mindlin, acreditam na preservação dos livros como um patrimônio da sociedade brasileira. As obras, muitas publicadas contemporaneamente ao conflito, constituem um conjunto orgânico, raro e único, que dialoga com a Coleção Cisplatina de José Mindlin e coloca a BBM entre as principais referências para os estudos sobre a história da Guerra do Paraguai e a região do Prata. Tanto na Coleção Cisplatina como na da Guerra do Paraguai está subsumida uma ideia de Brasil que não se limita ao nacional, mas se cons-



Figura 6. Evento de celebração da doação dos *Dois Irmãos*, de Milton Hatoum. Foto: Feliza Santos.



Figura 7. Evento sobre os *Cadernos Negros*. Foto: Lara Mello.

titui a partir de relações por vezes conflituosas com outros países da América do Sul e do mundo.

As crescentes propostas de doações reforçam a imagem da instituição como exemplar na conservação e na disseminação de seus acervos. Vale destacar alguns dos últimos conjuntos recebidos, como os de Gordon Brotherston e de Gerard Loeb. O primeiro conjunto, formado por um historiador inglês especialista em códices mesoamericanos, permite complexificar o olhar sobre a inserção do Brasil na América pré-colonial, situando os povos ameríndios em um quadro amplo de circulação de experiências e interações; o segundo conjunto, pertencente a um grande colecionador de arte brasileiro, compreende aproximadamente quinhentos livros e catálogos de exposições, que mapeiam a circulação da arte brasileira no país e mundo.

Outras aquisições recentes têm um valor simbólico importante para a BBM, na medida em que concretizam as formulações conceituais que embasam a política de ampliação do acervo. Em 2024, a Biblioteca recebeu como doação de seus autores as dezesseis versões do romance de Milton Hatoum que viria a ser publicado com o título *Dois Irmãos* e uma coleção completa dos livros e plaquetes publicados por Dalton Trevisan ao longo de mais de oitenta anos de carreira literária, sendo que alguns exemplares trazem copiosas anotações manuscritas do escritor.

Esses materiais dão continuidade ao registro da produção literária, como se fazia no tempo em que a coleção estava abrigada na casa da Princesa Isabel, no bairro do Brooklin, em São Paulo, pois eles complementam e atualizam o que já havia no acervo, trazendo testemunhos do processo de produção literária de dois dos maiores escritores brasileiros em atuação nos séculos xx e início do xxi.

Por outro lado, para ampliar as vozes e os retratos do Brasil, a BBM também adquiriu com recursos da agência ABCD a coleção completa dos *Cadernos Negros*,

possivelmente uma das mais representativas e longevas produções coletivas de autoria negra, que vêm sendo publicados anualmente desde 1978. Também deu início ao projeto Livros da Floresta, com o objetivo de incorporar ao acervo os olhares e percepções da autoria e das línguas indígenas, formando um contraponto necessário a uma vertente importante da coleção original, rica nas publicações dos chamados viajantes e missionários europeus, que registraram a partir do ponto de vista europeu as línguas e os costumes dos povos originários, como é o caso da *Arte da Gramática da Língua mais Usada na Costa do Brasil*, de José de Anchieta, obra raríssima publicada em 1595 e que faz parte do acervo da Biblioteca.

BBM como um Espaço da Reflexão e Difusão dos Estudos Brasileiros

Como parte de sua política de produção e difusão de conhecimento, a Biblioteca vem desenvolvendo algumas séries de eventos, alinhados com as diretrizes traçadas nos últimos anos. Entre essas séries, destacam-se:

BBM no Vestibular

O projeto apresenta, por meio de aulas ministradas por pesquisadores e professores da Universidade de São Paulo, ou dela egressos, as obras selecionadas para o vestibular da Fuvest. Alicerçado na convicção de que a Universidade de São Paulo deve estreitar seus laços com a sociedade, o BBM no Vestibular abre as portas da Biblioteca para jovens leitores que desejam estudar na USP, aproximando o grande público do universo científico e acadêmico, buscando garantir a Biblioteca como um espaço cultural de promoção da extensão universitária. Trata-se de projeto muito bem-sucedido, em que muitos alunos têm o primeiro contato com o espaço da universidade e com profissionais que nela estudam e trabalham.



Figuras 8 e 9. BBM no Vestibular, no Auditório István Jancsó. Foto: Julia Forner.

Convite à Leitura – o Escritor como Leitor

Com o objetivo de promover a leitura e a formação de leitores, bem como sua aproximação com a Biblioteca por meio de encontros com escritoras e escritores brasileiras(os), vem sendo realizado desde 2023 o projeto Convite à Leitura, que já contou com as presenças de Itamar Vieira Junior, Milton Hatoum, Cidinha da Silva e Ana Luisa Escorel. Por meio de uma conversa informal, o escritor conta sua trajetória como leitor e a importância da leitura para sua produção literária, atingindo um público-alvo composto de leitores de todas as idades e níveis de escolaridade, com foco especial em profissionais que trabalham com formação de leitores e letramento literário.



Figuras 10 e 11. Convite à Leitura com Itamar Vieira Junior e exemplar autografado pelo autor.
Foto: Divulgação/Júlia Forner.

Novas Comunidades, Novas Coleções

Em maio e outubro de 2024, por iniciativa do pesquisador residente Pedro Meira Monteiro, da Universidade de Princeton, a BBM promoveu uma conversa sobre como diferentes instituições de preservação da memória estão lidando com os novos interesses, assuntos e atores que têm levado a repensar e redefinir as categorias nacionais, regionais, coletivas e pessoais que tradicionalmente orientaram a formação de coleções e arquivos. Na pauta estava também o novo cenário de bibliotecas e arquivos comunitários e uma pergunta sobre como as instituições, consagradas ou não, podem e devem responder à mudança do perfil de pesquisadores(as), assim como posicionar-se diante das novas temáticas emergentes. No primeiro encontro, estiveram presentes a então diretora do Arquivo Nacional, Ana Flávia Magalhães Pinto, o bibliotecário da Biblioteca Firestone da Princeton



Figura 12. Colóquio Novas Comunidades, Novas Coleções. Foto: Lara Mello.

University, Fernando Acosta-Rodríguez, o curador da Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin, João Marcos Cardoso, o diretor do Arquivo Edgard Leuenroth da Unicamp, Mário Augusto Medeiros da Silva, e o diretor de Campo da Biblioteca do Congresso dos Estados Unidos no Rio de Janeiro, Paul Losch. No segundo encontro, estiveram presentes Fernando Filho, Renata Eleutério e Adriano Sousa, do CPDOC Guaianás, José Carlos Ferreira, do Zumví, de Salvador, Marcos Tolentino, do Acervo Bajubá, Paula Salles, da Casa do Povo, Thamires Ribeiro de Oliveira, do Museu da Maré, do Rio de Janeiro, e novamente Ana Flávia Magalhães Pinto, do Arquivo Nacional.

A Coleção sobre a Guerra do Paraguai

A chegada da Coleção Sinésio de Siqueira Filho gerou uma série de ações tanto para seu acolhimento e incorporação ao acervo da BBM como para a divulgação da coleção e das suas potencialidades para a produção de conhecimento. Em outubro de 2024 foi realizado o seminário *A Bacia do Prata como Protagonista Histórico: Política, Economia e Sociedade no Século XIX*, organizado pelo pesquisador residente Rodrigo Goyena e com a presença de pesquisadores e docentes do Brasil, Argentina, Paraguai e Uruguai. Em paralelo ao seminário, foi inaugurada a exposição *A Guerra do Paraguai na BBM*, com o objetivo de apresentar alguns destaques da coleção recém-incorporada à Biblioteca. Para 2025, estão previstos o lançamento do *Estudo Bibliográfico Comentado da Guerra do Paraguai*, de Sinésio de Siqueira Filho, e um evento de lançamento da publicação, com a presença de estudiosos do tema.

Figura 13.
Exposição de
alguns exemplares
da Coleção Sinésio
de Siqueira Filho.
Foto: Franklin
Pontes.



Dalton Trevisan na BBM

A realização de um evento comemorativo dos 99 anos do escritor curitibano Dalton Trevisan, em junho de 2024, resultou na doação, pelo autor, de mais de cem exemplares de sua produção, que, associados aos exemplares colecionados por José Mindlin, tornam a BBM um centro de referência para estudiosos de sua obra. O evento de 2024 terá desdobramentos em 2025, com a exposição dos materiais do arquivo pessoal do escritor (correspondência, diários, manuscritos e datiloscritos, livros anotados), além de um seminário que avalia o legado literário do escritor, falecido em dezembro de 2024, aos 99 anos.

Seminário de Biblioteca Digitais

O bibliotecário Rodrigo Garcia, responsável pela Brasiliana Digital, organizou em junho e novembro de 2024 uma série de seminários em torno da temática das bibliotecas digitais. Os temas foram: integração de bases de dados utilizando Dublin Core em Bibliotecas Digitais; Inteligência Artificial aplicada na descrição e indexação de imagens em ambientes com Dublin Core, Intelligence and Chat GPT in Libraries; UX & Design Thinking II Symposium on Digital Humanities.

Produção de conhecimento

Programas Pesquisador Residente, Brazilianistas e Pesquisador Associado

Com vistas a consolidar o papel da BBM como lugar de produção e difusão do conhecimento, nos últimos anos procurou-se dinamizar os programas voltados

para a realização de pesquisa na instituição. Os editais de Residência em Pesquisa, lançados anualmente, tiveram grande apelo, atraindo um número expressivo de candidatos em suas edições de 2023, quando foram aprovados dez projetos de pesquisadores de várias instituições do Brasil e do Exterior⁵, e de 2024, com aprovação de outros dez projetos⁶.

Também em 2024 foi realizada a primeira Jornada BBM de Pesquisa, com a finalidade de promover entre os pesquisadores o debate sobre os projetos em andamento em sessões abertas ao público; a segunda edição da Jornada ocorreu em fevereiro de 2025.

Em 2023 foi incluída no Edital de Residência em Pesquisa a figura da Residência Artística, tendo sido aprovado o projeto Residência BBM, do artista Gustavo Piqueira, que resultou na produção três livros, publicados no final de 2024, tendo como base a releitura de materiais iconográficos pertencentes ao acervo.

Em 2024 foi lançada, com apoio da Pró-Reitoria de Inovação e Pesquisa, a chamada para o Programa Brazilianistas na Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin, voltado para a realização de estágios de curta duração por parte de estudiosos, brasileiros ou estrangeiros, que trabalham com assuntos brasileiros no exterior. Os primeiros estágios serão realizados em 2025.

Em maio de 2025, será relançado o Edital para Pesquisadores Associados, criado em 2015 e voltado para pesquisas de longa duração realizadas preferencialmente por docentes da Universidade de São Paulo.

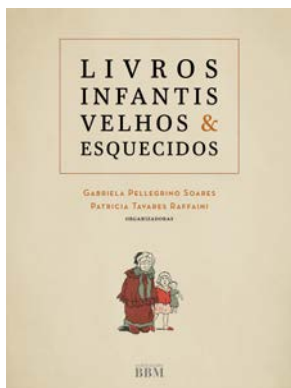
O conjunto dessas chamadas e a realização de eventos e publicações a elas associadas pretendem promover na BBM um ambiente estimulante de pesquisa, congregando pesquisadores e projetos de excelência, com vistas ao fortalecimento da rede de pesquisadores, brasileiros ou estrangeiros, dedicados a estudos sobre o Brasil, e divulgando o potencial do acervo para a produção de novos conhecimentos.

Publicações

A BBM mantém um Setor de Publicações que, sob a orientação do professor e editor Plínio Martins Filho, vem publicando anualmente uma média de sete livros. Atualmente são 37 livros no catálogo, sendo que 29 deles foram publicados entre 2022 e 2024. Desde 2024 eles estão disponíveis na livraria virtual e física da Edusp e na Biblioteca Digital da USP.

5. Disponível em: <https://www.bbm.usp.br/pt-br/editais/pesquisadores-residentes-da-bbm-apresentam-seus-projetos/>.

6. Disponível em: <https://www.bbm.usp.br/pt-br/editais/reuni%C3%A3o-com-os-novos-pesquisadores-residentes-da-bbm/>.



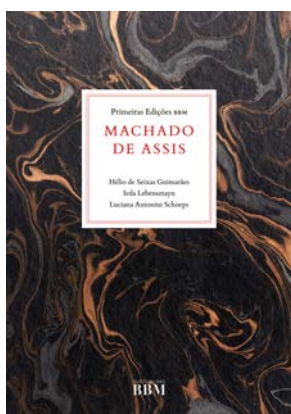
Livros Infantis Velhos e Esquecidos, de Gabriela Pellegrino Soares e Patricia Tavares Raffaini (orgs.). Publicações BBM, 2022. Prêmio Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ): selo Altamente Recomendável FNLIJ 2023 na categoria livros e literatura infantil.



Viagem Fluvial do Tietê à Amazônia pelas Províncias de São Paulo, Mato Grosso e Grão-Pará, de Hercule Florence. Publicações BBM/ Instituto Hercule Florence, 2023. Prêmio: 9º Prêmio Abeu (Associação Brasileira de Editoras Universitárias), na categoria Projeto Gráfico.



A Impressão nas Missões Jesuíticas do Paraguai: Século XVIII, de Fernanda Verissimo. Publicações BBM/ Edusp, 2022.



Primeiras Edições de Machado de Assis na Biblioteca Brasiliana Guita e José Mindlin, de Hélio de Seixas Guimarães, Ieda Lebensztayn e Luciana Antonini Schoeps. Publicações BBM, 2022.



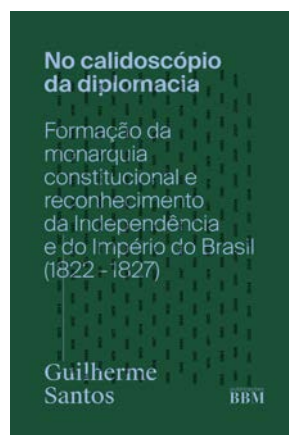
A Cerâmica do Povo Paiter Suruí de Rondônia: Continuidade e Mudança Cultural, de Jean-Jacques Armand Vidal. Publicações BBM, 2022.



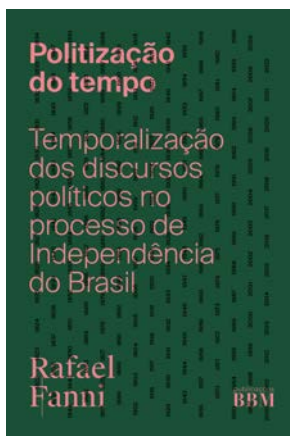
Anarquistas e Servis: Uma Análise dos Projetos Políticos do Rio de Janeiro de 1824 a 1826. Publicações BBM, 2022.



Do Ceticismo aos Extremos: Cultura Intelectual Brasileira nos Escritos de Tristão de Athayde (1916-1928). Publicações BBM, 2022. Disponível em formato digital.



No Calidoscópio da Diplomacia: Formação da Monarquia Constitucional e Reconhecimento da Independência e do Império do Brasil de 1822 a 1827, de Guilherme Santos. Publicações BBM, 2022.



Politização do Tempo: Temporalização dos Discursos Políticos no Processo de Independência do Brasil (1820-1822), de Rafael Fanni. Publicações BBM, 2022.



Esculpindo para o Ministério: Arte e Política no Estado Novo, de Marina Mazze Cerchiaro. Publicações BBM, 2022.



O Dilema Cosmopolita Versus Nacional nas Vanguardas Latino-americanas: Uma Comparação entre a Revista Martín Fierro e a Revista de Antropofagia (1924–1929), de Helaine Nolasco Queiroz. Publicações BBM, 2022.



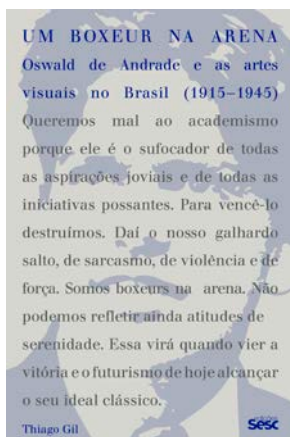
Dicionário da Independência do Brasil: História, Memória e Historiografia, de Cecília Helena de Salles Oliveira e João Paulo Pimenta (orgs.). Publicações BBM/Edusp, 2022.



Em 2022, dois números da *Revista BBM* foram publicados em formato digital. (Esq.) *Revista BBM*, n. 3, jan.-jun. 2022. Dossiê *Revistas do Brasil*. Organização de Ana Luíza Martins. (Dir.) *Revista BBM*, n. 4, jul.-dez. 2022. Dossiê: *Acervos e Práticas de Conhecimento: Saber e Histórias da Antropologia*. Organização de Christiano Tambascia, Fernanda Arêas Peixoto e Gustavo Rossi.

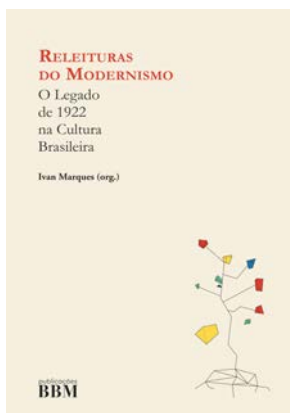
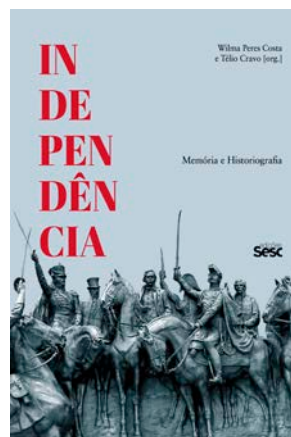


São Paulo na Disputa pelo Passado: O Monumento à Independência de Ettore Ximenes, de Michelli Monteiro. Publicações BBM/Sesc, 2023.



Um Boxeur na Arena: Oswald de Andrade e as Artes Visuais no Brasil, 1915-45, de Thiago Gil. Publicações BBM/Sesc, 2023.

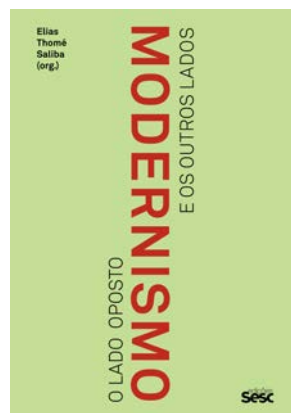
Independência: Memória e Historiografia, de Wilma Peres Costa e Têlio Cravo (orgs.). Publicações BBM/Sesc, 2023.



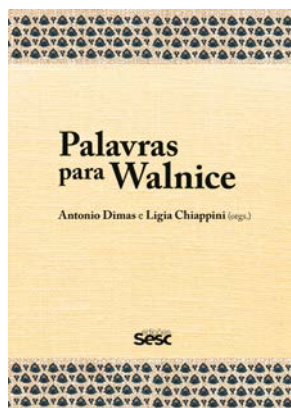
Releituras do Modernismo: O Legado de 1922 na Cultura Brasileira, de Ivan Marques (org.). Publicações BBM, 2023.



Semana de Vinte e Dois: Olhares Críticos, de Marcos Antonio de Moraes (org.). Publicações BBM/Sesc, 2023.



Modernismo: O Lado Oposto e os Outros Lados, de Elias Thomé Saliba (org.). Publicações BBM/Sesc, 2023.



Palavras para Walnice, de Antonio Dimas e Ligia Chiappini (orgs.). Publicações BBM/Sesc, 2023.



Compêndio da Gramática Nacional de Antônio Álvares Pereira Coruja. Uma obra em Desenvolvimento, Estudo de Marli Quadros Leite. Publicações BBM, 2024.

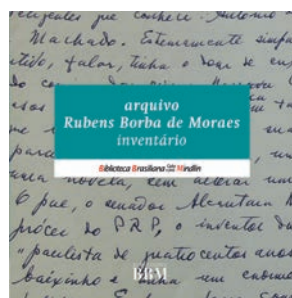
Tópicos em Historiografia da Linguística, de Marli Quadros Leite, Cíntia Cardoso de Siqueira e Maria Mercedes Saraiva Hackerott. Publicações BBM, 2024 (obra digital).



BBM 10 Anos: Uma Biblioteca Viva, de Alexandre Macchione Saes, Hélio de Seixas Guimarães e Plínio Martins Filho (orgs.). Publicações BBM, 2024.



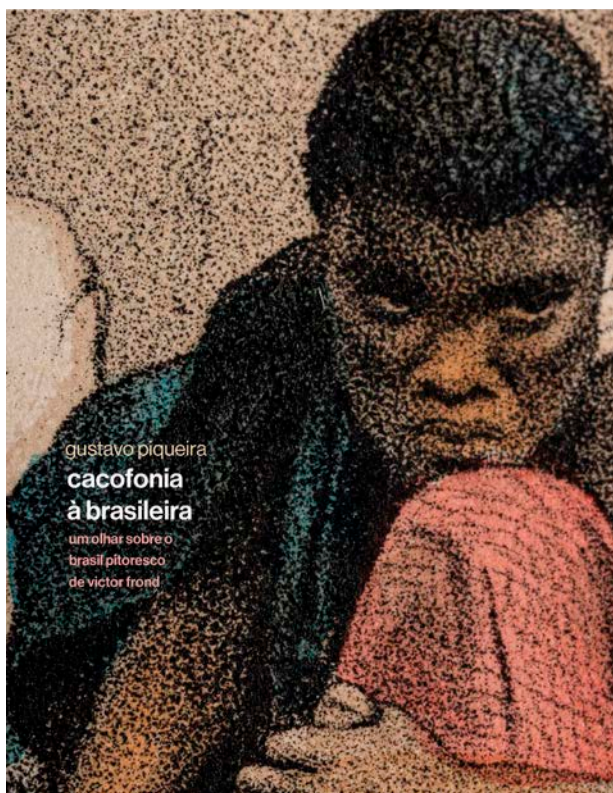
Coleção Província Cisplatina: Catálogo, de Heloísa Liberalli Belloto e Odete Ernestina Pereira. Publicações BBM, 2024.



Arquivo Rubens Borba de Moraes: Inventário, de José Francisco Guelfi Campos. Publicações BBM, 2024.



Nasce um País, de Gustavo Piqueira. Publicações BVM, 2024.



Cacofonia à Brasileira: Um Olhar Sobre o Brasil Pitoresco de Victor Frond, de Gustavo Piqueira. Publicações BVM, 2024.



Cromografias, de Gustavo Piqueira. Publicações BVM, 2024.

Para o ano de 2025 estão previstas as seguintes publicações: *Bibliotecas de Fato e Ficção*, de Nelson Schapochnik; *Estudo Bibliográfico da Guerra do Paraguai*, de Sinésio de Siqueira Filho (a ser publicado com recursos do projeto Fusp/ Instituto Galo da Manhã); *Lendas em Nheengatu*, de Antonio Brandão de Amorim; *O Cativo e o Exilado: Hans Staden e Jean de Léry entre os Tupinambás*, de João Carlos Cardoso.

IMPACTO E AVALIAÇÃO

As Métricas na BBM

A partir de 2016, o estabelecimento das métricas da BBM foi uma das importantes medidas instituídas pelo Conselho Deliberativo para apoiar o trabalho da Direção. Transformando-se num instrumento de governança fundamental para a avaliação dos indicadores da Biblioteca, conselheiros e Direção se dedicam a compreender a evolução dos dados das atividades-fim da instituição nas três reuniões anuais do Conselho Deliberativo. Com metas estabelecidas anualmente, a Biblioteca possui um instrumento de gestão importante para compreender a rotina de trabalho dos setores e aferir o cumprimento das finalidades estabelecidas em seu regimento.

As métricas são, acima de tudo, instrumentos de gestão. Mais do que apontar para resultados positivos ou negativos em determinadas atividades da Biblioteca, os números coligidos são recursos para os conselheiros e a Direção refletirem sobre possíveis dificuldades, buscando tanto mecanismos para sua superação como eventuais ajustes nas metas, que podem estimular a realização das políticas aprovadas nos planos de gestão e nos planejamentos anuais.

O Gráfico 1, nesse sentido, é exemplar dessa articulação entre métricas e políticas. Uma das principais preocupações da gestão da Pró-Reitoria de Cultura e Extensão Universitária com a Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin era garantir sua plena “reabertura”, em um contexto pós-pandemia, expandindo o acesso da instituição para a comunidade universitária.

Na celebração dos dez anos da abertura da Biblioteca na Universidade de São Paulo, a direção da BBM aproveitou a expressão e desejo do doador por “uma Bi-

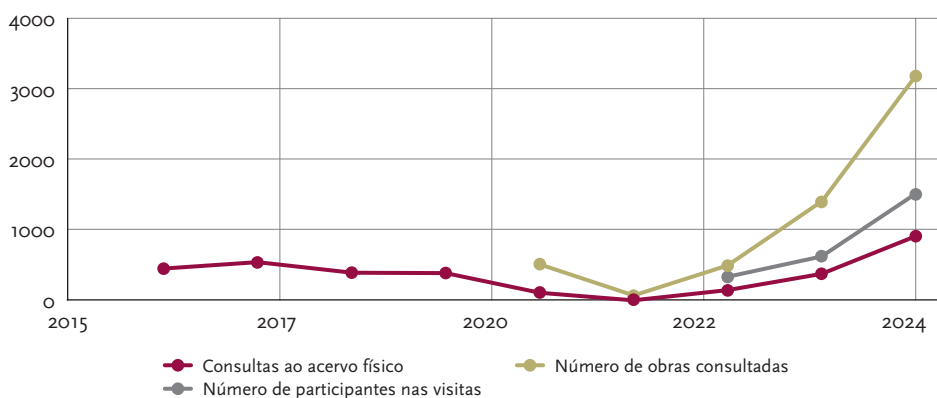


Gráfico 1 – Métricas relacionadas ao acervo.

biblioteca Viva” para iniciar uma deliberada política de “reabertura”. Os dados apresentados pelo Gráfico 1 oferecem excelentes indicadores sobre essa política, que exigiu uma atuação articulada de diferentes setores da instituição.

Em primeiro lugar, a manutenção dos editais de pesquisadores residentes, mas com uma atuação mais incisiva da Direção na divulgação do programa, permitiu que novos grupos de pesquisadores altamente qualificados pudessem se vincular à Biblioteca, por períodos de seis meses a um ano, trabalhando diretamente com diferentes dimensões do acervo. Mantendo o número máximo de pesquisadores no programa e estimulando as pesquisas com apoio para a realização de seminários, exposições e publicações, os resultados não somente têm se aprofundado, como o número de obras consultadas na Sala Rubens Borba de Moraes alcançou números inéditos na história da BBM.

Em segundo lugar, vale destacar o papel do Setor de Mediação Cultural, que buscou criar diferentes estratégias para atrair visitantes. Recebendo grupos e interessados por meio de agendamento, mas também com visitas espontâneas em qualquer momento do dia, a equipe de bolsistas e estagiários da mediação cultural passou a ser muito mais requisitada, e a Biblioteca, mais conhecida pelos estudantes da Universidade. A parceria com o programa Giro Cultural, promovido pela PRCEU, colocou a BBM no roteiro das visitas de escolas que querem conhecer a USP, potencializando o conhecimento do acervo.

Finalmente, a partir de 2023, a BBM constituiu seu Setor de Comunicação. Por meio da divulgação dos eventos, exposições e programas em suas mídias sociais, com maior presença no *Jornal da USP* e diversas ações para difundir o acervo, a Biblioteca não só ampliou sua presença junto à comunidade como também tem alcançado novos públicos.

As métricas, não obstante, também oferecem indicadores importantes para avaliar desafios em determinadas atividades e pensar em novas estratégias. Desde sua origem na Universidade de São Paulo, uma das principais tarefas da BBM tem sido manter ativa sua Biblioteca Digital. Para isso se consolidou um fluxo de digitalização, que envolve o Serviço de Biblioteca e Documentação, o Laboratório de Conservação e o Laboratório de Digitalização. Semanalmente conjuntos de livros são levados para esse fluxo, que exige uma curadoria – para avaliar as demandas e temas a serem levados para a Biblioteca Digital –, que deve resultar na atualização e busca de novos pesquisadores nas bases de dados da Biblioteca Digital. Os dados do Gráfico 2 apresentam a evolução do fluxo da BBM.

Conforme os dados apresentados, os valores de itens higienizados, digitalizados e as consultas ao acervo digital apresentaram quedas se compararmos os triênios 2017-2019 e 2022-2024. Como dissemos, as métricas são instrumentos

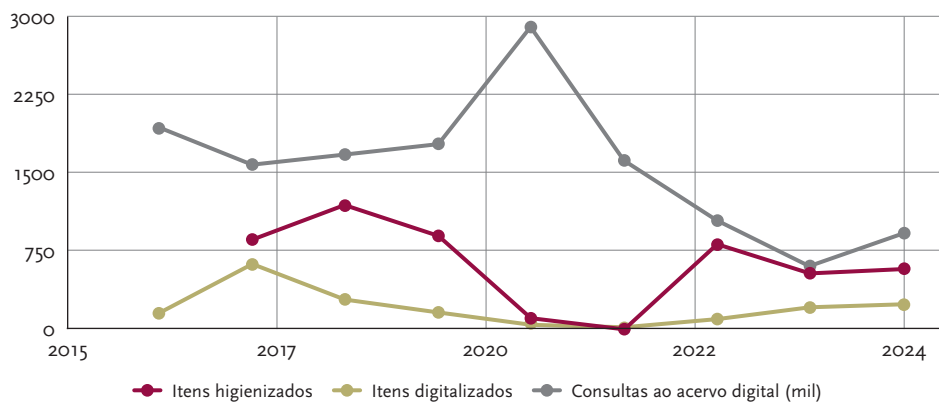


Gráfico 2 – Fluxo Biblioteca Digital.

de avaliação, e a queda dos dados revelam duas realidades distintas da história da BBM. O primeiro triênio se beneficiou dos recursos da última fase do projeto BNDES, que autorizava a contratação de estagiários, os quais se somavam aos contratados com recursos da dotação da USP. A nova realidade, dos últimos três anos, considerando que a contratação de estagiários compromete cerca de quarenta por cento da dotação da Biblioteca, tem pautado as reuniões do Conselho Deliberativo sobre a necessidade de encontrarmos novos meios para ampliar a capacidade de higienização e digitalização do acervo. Essa é uma discussão que deve estabelecer uma nova política para a realização desses serviços, ainda a ser desenhada pela instituição.

Outro dado que chama atenção e merece ser destacado é o pico de consultas ao acervo digital da Biblioteca. O auge foi alcançado no primeiro ano da pandemia, momento em que o público precisou buscar ferramentas digitais para suas pesquisas e lazer. Ainda que o número seja um *outlier* da série, os dados seguintes foram de contínua queda nas consultas, somente revertida em 2024. O sinal de alerta mobilizou Conselho Deliberativo e a Direção para uma reflexão sobre as medidas que precisam ser tomadas. Mesmo que processos mais complexos ainda devam ser realizados, tais como uma significativa modernização do *site* e das ferramentas de consulta, outras ações parecem sugerir uma (re)fidelização de consulentes às bases digitais. Novamente, o setor de comunicação desempenha papel importante na divulgação das ações e na elaboração de materiais que estimulam interessados a buscarem documentos digitais no acervo. Por outro lado, uma mais cuidadosa curadoria das obras digitalizadas garante que novos conjuntos cheguem à Biblioteca Digital, valorizando sua totalidade. Recentemente foram disponibilizados todos os documentos da Coleção Província Cisplatina, um conjunto de

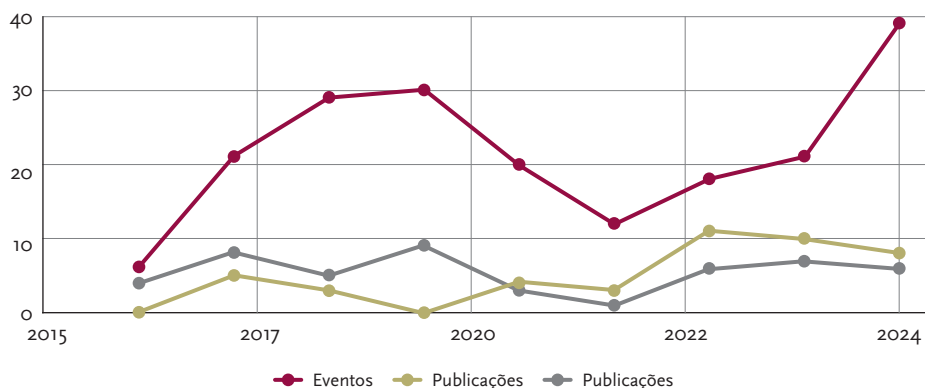


Gráfico 3 – Métricas de Eventos e Publicações.

primeiras edições de Graciliano Ramos, em domínio público desde 2024, e agora de Oswald de Andrade, em domínio público a partir de 2025.

Finalmente, o Gráfico 3 apresenta as métricas em torno dos assuntos brasileiros, isto é, as métricas que tratam dos mecanismos de extroversão do acervo, dos números de seminários, exposições e publicações. Os dados em torno das exposições e publicações mostram estabilidade no triênio 2022-2024: as publicações se consolidaram, nos últimos anos, como o setor que possui parcela da dotação da Biblioteca reservada para publicar entre oito e dez livros por ano, dependendo da dimensão dos projetos. Priorizando a edição de obras resultantes das pesquisas com o acervo, o catálogo do setor está próximo de quarenta itens, alguns já premiados.

Em suma, a BBM criou uma estrutura de governança muito particular para a realidade da Universidade de São Paulo, com um conselho composto por doadores e seus representantes, e as métricas e a dinâmica de trabalho estabelecida entre o Conselho e os comitês assessores têm possibilitado a constituição de uma sólida política de avaliação de suas atividades.

Outras Formas de Aferição e Avaliação do Impacto

O impacto das atividades realizadas pela BBM nos últimos anos pode ser aferido também pelo significativo aumento da frequência de público aos eventos realizados na Biblioteca, incluindo avaliações feitas pelos frequentadores em questionários acessados por meio de QR-Code, com resultados altamente positivos. Em 2023 teve início a avaliação de alguns eventos para medir o impacto atingido em seus públicos. O BBM no Vestibular, com média de mais de duzentos participantes em cada sessão, teve um retorno muito positivo por parte dos alunos que frequenta-

ram as palestras (26% de Ensino Médio Privado; 16% de cursinho privado; 16% de cursinho privado com bolsa e 13% de cursinhos da USP; 29% não responderam). Entre os comentários recebidos, muitos destacam a oportunidade de participar do evento e conhecer a USP; com boas avaliações dos docentes, relatam como as apresentações ofereceram novas perspectivas sobre as obras, ou, como comenta um estudante: “reativou minha vontade de aprender e discutir literatura”.

Avaliações foram também realizadas com as visitas ao acervo da BBM. Produzida com grupos de bibliotecários e funcionários da Unesp (aproximadamente noventa pessoas), as avaliações trouxeram os seguintes resultados: cerca de 80% dos visitantes não conheciam a BBM; a biblioteca chamou atenção por conta de sua infraestrutura (33%), do acervo (30%) e de sua história (16%); metade do grupo entendia que o papel prioritário da instituição é a preservação, outros 25% consideravam como prioritário o desenvolvimento de projetos. O atendimento e a visita foram avaliados como excelentes por mais de 75% dos participantes.

O impacto também pode ser aferido pela repercussão das atividades e ações da Biblioteca em notas e reportagens publicadas não só no âmbito da Universidade, por meio do *Jornal da USP* e da *Rádio USP*, mas também na *Revista Fapesp* e na grande imprensa, em órgãos como a *Folha de S. Paulo*, *O Estado de S. Paulo* e a Rede Globo de Televisão.

Os prestigiosos prêmios recebidos por duas de suas publicações também são um indicador importante da repercussão das atividades realizadas pela Biblioteca no sentido de difusão do seu acervo e produção de conhecimento.

AValiação GERAL

A revisão de sua trajetória e as reflexões realizadas por ocasião da celebração dos dez anos da inauguração da BBM na USP, em 2023, permitiram à presente gestão começar a delinear políticas de ampliação do acervo articuladas às atividades de pesquisa, aos eventos e às exposições. Assim, tem se buscado evitar a realização de atividades “avulsas”, “episódicas”, e cada vez mais promover eventos e exposições que estejam mais organicamente relacionados com a coleção da BBM e também com os projetos e as pesquisas realizados pelos pesquisadores residentes e associados, selecionados também pela relação que mantêm com os materiais do acervo. Com seus espaços bastante disputados para a realização de eventos das mais diferentes naturezas e sobre os mais variados assuntos, a Direção tem buscado qualificar o espaço da Biblioteca, priorizando o acolhimento de eventos que mantenham relação direta com o acervo e que tragam contribuições signifi-

vas para a promoção do Estudos Brasileiros, que constitui uma das finalidades regimentais da BBM.

No que diz respeito às exposições, mais do que fomentar um elevado número, a direção tem investido naquelas que possuem curadoria da própria instituição, ou de pesquisadores residentes. Isso tem permitido expor maior quantidade de obras do próprio acervo, desvendando recortes nem sempre conhecidos da coleção. Nesse sentido, ilustram as exposições *BBM 10 anos: Uma Biblioteca Viva*, *Mostra Amazônia no Acervo da BBM* e *A Guerra do Paraguai na BBM*.

Finalmente, no que diz respeito aos eventos, é notável o aumento do número de seminários, palestras e lançamento de livros que a Biblioteca tem realizado mais recentemente, com o auge atingido em 2024. O impacto atingido por esses eventos pode ser medido tanto pela presença de público como pelos desdobramentos e repercussões provocados dentro da comunidade USP e fora dela.

Entre os eventos de sucesso de público, o BBM no Vestibular tem atraído anualmente algumas centenas de estudantes para as palestras sobre os livros da Fuvest, um sucesso de público e crítica, conforme os retornos recebidos pelas pesquisas elaboradas com os participantes. Por outro lado, eventos com autores da literatura brasileira, tais como Convite à Leitura, seminários em homenagem a Dalton Trevisan e aos fundadores da revista *Cadernos Negros*, permitiram a ampliação do acervo com novas doações representativas como objetos únicos, e também garantiram maior diversidade de autorias para o acervo.

Nesse caminho, colocam-se vários desafios, entre eles o de conscientizar o público das especificidades do funcionamento de uma biblioteca de obras raras e especiais, sensibilizá-lo para a importância das instituições de preservação da memória na vida cultural do país e atrair um público cada vez maior, diversificado e interessado no que a instituição tem a oferecer.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A BBM tem procurado ser sensível às transformações da sociedade brasileira, entendendo que seu acervo precisa dialogar com os diversos “Brasis” existentes em nossa história e em nosso presente. Afinal, se o país avançou na promoção de uma primeira fase da inclusão social e racial, por meio, por exemplo, da política de reserva de vagas nas universidades públicas, ainda é preciso avançar na segunda dimensão da inclusão, do pertencimento, da produção dos discursos e na conservação da memória de grupos e sujeitos que historicamente estiveram excluídos das instituições de preservação de memória. É necessário garantir um espaço para

acolher autoras e autores de movimentos, estilos e lugares da produção literária ofuscados durante a formação do acervo, bem como uma pesquisa que permita amplificar as representações de grupos sociais, raciais e de gênero dentro da Biblioteca, incorporando a diversidade de vozes de um país complexo.

Trata-se de permitir que o acervo esteja cada vez mais a serviço do público, contribuindo tanto para o conhecimento da história do país como para a reflexão sobre seus desafios presentes e futuros. Mantendo a permanente e atenta conexão com a sociedade, a BBM deve assumir também o papel de preservação do patrimônio cultural brasileiro contemporâneo, registrando o processo de produção de parcela da literatura brasileira e da produção editorial mais recente. Deve igualmente se abrir para novas visões sobre o processo histórico brasileiro a partir de perspectivas plurais e diversificadas sobre o Brasil, pensado também em suas dimensões conflituosas.

Garantir a diversidade de autorias e a representação das identidades transporta-nos da atualização do passado para a historicização do presente. Se a produção literária e a historiografia brasileira se atualizam, é preciso se atualizar junto com elas. Por isso, não basta selecionar e preservar quaisquer objetos da produção contemporânea: é preciso fazer com que o encontro com autores do século XXI abra a possibilidade de que os objetos que registram os caminhos da produção literária e do pensamento brasileiro – preciosos porque únicos (manuscritos, estudos, cópias revisadas) – passem a fazer parte do acervo da Biblioteca.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- SAES, Alexandre & GUIMARÃES, Hélio de Seixas. “A Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin na Universidade de São Paulo”. In: CRUZ, Hélio Nogueira da; SERRANO, Luiz Roberto & MARTINS FILHO, Plínio (orgs.). *Doações e Doadores da USP*. São Paulo, Universidade de São Paulo, 2024, pp. 143-174.
- _____. “Atualizar o Passado, Historicizar o Presente: Desafios das Coleções sobre Brasil”. *Catálogo Casa Ema Klabin: Rio de Janeiro XIX-XXI*. São Paulo, Casa Ema Klabin, 2024, pp. 36-37.
- SAES, Alexandre; GUIMARÃES, Hélio de Seixas & MARTINS FILHO, Plínio (orgs.). *BBM 10 Anos: Uma Biblioteca Viva*. São Paulo, Publicações BBM, 2025.
- RELATÓRIOS BBM (<https://www.bbm.usp.br/pt-br/institucional/#regimento>).
- SAES, Alexandre. *Relatório de Atividades Realizadas 2022*.
- _____. & GUIMARÃES, Hélio de Seixas. *Relatório de Atividades Realizadas 2023*.
- _____. *Relatório de Atividades Realizadas 2024*.

CAPÍTULO 8

RUÍNAS ENGENHO SÃO JORGE DOS ERASMOS (RESJE): Educação Patrimonial e Reconstrução Histórica

YURI TAVARES ROCHA¹

OLGA MAURÍCIO MENDONÇA²

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

As Ruínas Engenho São Jorge dos Erasmos (RESJE) constituem um órgão da Pró-Reitoria de Cultura e Extensão Universitária (PRCEU) da Universidade de São Paulo (USP), situado no município de Santos, litoral do Estado de São Paulo. O Engenho dos Erasmos, ou simplesmente Engenho, como é mais conhecido, pode ser considerado um complexo arqueológico brasileiro único, pois é uma das mais antigas evidências físicas preservadas da presença portuguesa no Brasil. É um bem tombado nas instâncias federal (Iphan, Proc. 0678-T62, Livro Histórico inscrição n. 360, v. 1, fl. 59, 2.7.1963), estadual (Condephaat, Proc. 382/73, Livro do Tombo Histórico inscrição n. 79, p. 8, 20/02/1974, Resolução de 18.3.1974) e municipal (Condepasa, Livro Tombo n. 1, inscrição n. 07, fl. 2, Proc. 16731, Resolução SC 01/1990).

A expedição de Martim Afonso de Souza, realizada entre 1530 e 1533, e a fundação da Vila de São Vicente, em 1532, marcaram o início da ocupação portuguesa e da atividade açucareira no Brasil, ocorrendo a construção do Engenho dos Erasmos e de outros engenhos de açúcar na região. Martim Afonso, então governador da Capitania de São Vicente, associado a comerciantes portugueses e flamengos, entre eles representante de Erasmo Schetz, mandou construir esse engenho em 1534, inicialmente conhecido como Engenho do Governador ou Engenho do

1. Professor do Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH/USP) e diretor do Monumento Nacional Ruínas Engenho São Jorge dos Erasmos.
2. Bibliotecária do Departamento de Engenharia de Minas e de Petróleo da Escola Politécnica da Universidade de São Paulo (EP/USP) e vice-diretora do Monumento Nacional Ruínas Engenho São Jorge dos Erasmos.

Trato. Em 1540, Schetz comprou as outras partes e se tornou o único dono do Engenho, distribuindo sua produção de açúcar por toda a Europa por meio de suas ligações comerciais com italianos, holandeses, franceses, portugueses e alemães³.

O período de apogeu do Engenho foi sob a direção da família Schetz. Poderosos e ricos comerciantes, também católicos e ligados aos jesuítas, os Schetz ergueram uma capela dedicada a São Jorge, contígua às instalações da produção açucareira, na qual o padre jesuíta José de Anchieta chegou a celebrar missas. Dessa maneira, o Engenho passou a ser chamado de Engenhos dos Erasmos ou São Jorge dos Erasmos. Vários fatores contribuíram para a decadência do Engenho, que foi vendido em 1620: a concorrência do açúcar do Nordeste e os sucessivos ataques piratas. Porém, continuou produzindo açúcar para exportação em menor escala, além de rapadura e aguardente para o mercado interno. O Engenho provavelmente funcionou até o século XVIII.

Já no século XX, a área com as ruínas do Engenho foi adquirida por Otávio Ribeiro de Araújo, que loteou a propriedade e doou, em 1958, o Engenho São Jorge dos Erasmos à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, quando o processo de tombamento do sítio arqueológico foi iniciado na esfera federal. O arquiteto Luís Saia, então chefe do 4º Distrito da Diretoria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, definiu o partido arquitetônico do Engenho como de “modelo açoriano, tipo real e movido à água” e acentudou que projetos que incentivassem a preservação das ruínas eram necessários para a reconstrução da identidade do início da história do povo brasileiro, além de ser “o único exemplar que restou na Baixada Santista, como testemunho dos tempos em que a indústria açucareira era o produto essencial nos negócios e na economia da Capitania de São Vicente”⁴.

Nas décadas de 1990 e 2000, escavações arqueológicas em partes das ruínas ajudaram a construir novos conhecimentos sobre a ocupação da região por povos originários e pelos europeus. No início da década de 2000, o Engenho São Jorge dos Erasmos foi transferido para a Pró-Reitoria de Cultura e Extensão Universitária, também da Universidade de São Paulo, e passou a desenvolver, desde 2004, programas educacionais e de extensão universitária que buscam viabilizar o conhecimento a partir dos contextos cultural, histórico, geográfico, arqueológico, arquitetônico, social e ambiental do Engenho.

3. Eddy Stols e Silvio Luiz Cordeiro, “O Engenho dos Erasmos ou dos Esquetes em São Vicente”, em Eddy Stols, Luciana Mascaro e Clodoaldo Bueno (orgs.), *Brasil e Bélgica: Cinco Séculos de Conexões e Interações*, São Paulo, Narrativa Um, 2014, pp. 75-77.

4. Margarida Davina Andreatta, “Engenho São Jorge dos Erasmos: Prospecção Arqueológica, Histórica e Industrial”, *Revista USP*, n. 41, p. 31, 1999.

As ruínas constituem relevante conjunto histórico/arquitetônico, um dos poucos testemunhos arqueológicos do início da ocupação europeia do território americano e do contato do colonizador com indígenas e africanos escravizados, em princípios do século XVI. Como sítio arqueológico, contém elementos da cultura material produzida ao longo dos últimos séculos, como objetos do cotidiano, restos mortais e artefatos diversos.

O Engenho também é espaço de pesquisa, cultura e extensão universitária na medida em que difunde conhecimento e projetos de extensão, e é espaço turístico-cultural, oferecendo calendário de atividades gratuitas para todas as idades, como oficinas, cursos, palestras e apresentações artísticas.

Também se consolidou como importante referência histórica e equipamento cultural, atendendo, principalmente, estudantes, professores, turistas, moradores e visitantes das regiões metropolitanas da Baixada Santista e de São Paulo. Atualmente, é considerado destino de turismo cultural e de afroturismo no roteiro Caminhada Quilombos Históricos de Santos e Caminhada do Engenho, um dos dez roteiros e atrativos paulistas ligados à cultura afro-brasileira do projeto Afroturismo SP, da Secretaria de Turismo e Viagens de São Paulo (Setur-SP), lançado em abril de 2024, cujo objetivo é “promover a inclusão e o reconhecimento étnico-cultural do Estado de São Paulo, além de impulsionar o turismo e a economia regional de comunidades, valorizando e preservando o legado cultural afro-brasileiro”.

O Engenho tem procurado estabelecer ações que buscam valorizar o conhecimento sobre a história de resistência de etnias e sobre as diversidades social e cultural brasileiras; permitir o acesso das pessoas interessadas aos benefícios gerados pela preservação do Engenho, promovendo o uso sustentável de seus recursos patrimoniais; e potencializar seu acervo bibliográfico e documental como fonte de conhecimento para desenvolver ações de preservação.

Como missão institucional, o Engenho:

- Executa a manutenção/preservação do sítio arqueológico, testemunho físico único em território brasileiro, permitindo que os visitantes se identifiquem com sua história.
- Propõe ações de preservação da memória e conservação do patrimônio histórico, com programação de ações educativas e socioculturais que oferecem pesquisas científicas e reflexões sobre aspectos arqueológicos, sociais e ambientais ligados ao sítio e ao território onde se encontra.

Seus valores institucionais são:

- Ampliação e democratização de seu acesso, estimulando a apropriação do espaço por parte das comunidades interessadas. O sentimento de pertencimento é fator elementar para o sucesso, a longo prazo, das estratégias de conservação do patrimônio.
- Preservação da memória, que estabelece conexão entre as gerações e seu tempo histórico, vínculo para que o cidadão e a cidadã passem a se enxergar como sujeitos da história, detentores de direitos e deveres para com a sua localidade.
- Defesa e busca da valorização da diversidade social e cultural brasileira em sua heterogeneidade e complexidade.
- Atuação em redes, estabelecendo pontes e parcerias, com absoluta transparência.
- Reconhecimento da importância do Engenho na construção de abordagem sócio-histórica pós-colonial e na problematização dos efeitos contemporâneos da colonialidade, em contraponto a uma história única, eurocêntrica, economicista e patriarcal.

Como visão institucional, o Engenho almeja seu reconhecimento como centro de referência em preservação da memória e do patrimônio cultural, histórico-arquitetônico, imaterial e natural, por meio de pesquisa e extensão universitária. Também pretende consolidar o sítio arqueológico, capaz de dialogar com a sociedade, tanto nas relações com o passado quanto em pautas da contemporaneidade, como a decolonização, o racismo estrutural e os povos originários, entre outras.

A Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco) reconhece a existência de paisagens culturais, que são obras combinadas da natureza e da humanidade, e expressam longa e íntima relação entre os povos e seu ambiente natural, formando sítios arqueológicos e paisagens que refletem técnicas específicas de uso da terra, as quais garantem e sustentam a biodiversidade, hoje ou no passado.

Sendo assim, o Engenho constitui uma paisagem cultural, na medida em que mantém um sítio arqueológico em um território milenar que foi ocupado por povos das etnias tupiniquim, tupinambá e carijó, e está dentro do Parque Natural Municipal Ruínas Engenho São Jorge dos Erasmos, unidade de conversação da natureza do município de Santos. Esse Parque mantém remanescente florestal secundário da Mata Atlântica, domínio de natureza brasileiro que foi mais impactado com as mudanças de uso e ocupação da terra e onde vive a maior parte da população nacional. A unidade de conservação foi criada em 2017 (Decreto Municipal n. 7.886, de 29 de setembro de 2017), tendo seu plano de manejo finalizado e apro-

vado em 2023⁵, também com análise e aprovação da Procuradoria-Geral (PG/USP) e do Centro de Preservação Cultural (CPC/USP) e contribuições da atual gestão do Engenho, que também tem representação no conselho consultivo do Parque.

Essa paisagem cultural, mantida pela PRCEU/USP, cujo território tem história milenar e cuja existência depende de sua valorização como bem cultural e educativo da história brasileira, é brevemente apresentada, com dados e informações de sua gestão entre 2022 e 2024.

ESTRUTURA E OPERACIONALIZAÇÃO

A atual gestão do RESJE tem a função de executar as metas administrativas, educacionais e de cultura e extensão universitária, e suas respectivas ações em consonância com os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), da agenda mundial adotada durante a Cúpula das Nações Unidas sobre o Desenvolvimento Sustentável (Agenda 2030). Para isso, conta com suas estruturas física e operacional mantidas, organizadas e readequadas para esse fim entre 2022 e 2024, descritas a seguir.

Estrutura Física

O Engenho tem a seguinte estrutura física: as ruínas propriamente ditas das edificações do antigo engenho de açúcar e a Base Avançada de Pesquisa, Cultura e Extensão Universitária, projeto do arquiteto e urbanista Júlio Roberto Katinsky, docente aposentado da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo e de Design (FAU/USP), que contém dois módulos distintos: um módulo com o auditório e o *foyer* e o outro módulo com as instalações educativas e administrativas, ligados pelo corredor que contém os sanitários e a copa.

O auditório e o *foyer* estavam interditados no início de 2022, em decorrência das constantes infiltrações na manta asfáltica e no contrapiso da laje e do entupimento dos ralos de drenagem. Tais infiltrações ocasionaram danos às estruturas e pintura das paredes e encharcamento do piso de madeira, além de danos significativos na rede elétrica, no mobiliário e nos equipamentos eletrônicos e prejuízo e cancelamento das atividades do programa educativo do Engenho.

Com vistas à reabertura imediata dos espaços interditados e retomada das atividades culturais e educativas, foram despendidos todos os esforços em con-

5. Ver: https://www.santos.sp.gov.br/static/files_www/files/portal_files/hotsites/pmma/plano_de_manejo_pn-mesje.pdf.



Figura 1. Sítio arqueológico com as ruínas quinhentistas (parte central) e a Base Avançada de Pesquisa, Cultura e Extensão Universitária (canto inferior direito), Ruínas Engenho São Jorge dos Erasmos (RESJE), da Pró-Reitoria de Cultura e Extensão Universitária (PRCEU) da Universidade de São Paulo (USP). Fonte: Acervo do Departamento de Proteção e Defesa Civil, Prefeitura Municipal de Santos (2018).

junto com outras instâncias da Universidade (gabinete da PRCEU, SEF, STI, SPPU e Reitoria da USP) e empresas terceirizadas, que possibilitaram a recuperação do auditório, reaberto ao público em agosto de 2022, e do *foyer*, onde foi montada a exposição permanente *Ruínas Quinhentistas em Território Milenar*, inaugurada em abril de 2023. Essa inauguração contou com a presença do magnífico Reitor Professor Doutor Carlos Gilberto Carlotti Jr., da Pró-Reitora de Cultura e Extensão Universitária Professora Doutora Marli Quadros Leite e demais representantes das outras pró-reitorias e autoridades universitárias e da sociedade em geral, destacando-se a presença das diretoras anteriores do Engenho.

A manutenção, adequação e reforma predial foi ampliada para o módulo Educativo/Administrativo da Base Avançada, incluindo recuperação/restauro do piso de ardósia, tratamento da manta asfáltica da laje, troca de aparelhos de ar-condicionado na copa e nas salas administrativas, atualização parcial do cabeamento da rede elétrica e limpeza e recuperação dos sistemas de drenos pluviais, com troca das placas de concreto superiores, e limpeza do sistema de esgoto.

A guarita, na qual é realizado o controle de acesso ao Engenho pelos funcionários da vigilância terceirizada, também teve manutenção por conta do cresci-

mento e enraizamento de vegetação na laje, infiltração e umidade nas paredes, além de novo aparelho de ar-condicionado e troca do mobiliário (armário roupeiro/guarda-volumes para o vestiário, mesas e cadeiras) e do refrigerador e pintura nas paredes internas e externas.

No setor Educativo, foram remodelados o espaço receptivo, incluindo um aparelho de televisão de tela plana, para divulgação das agendas e de conteúdo produzidos pelo Engenho; espaço da equipe de estagiários, com computadores para uso; espaço para armazenamento de materiais utilizados nas oficinas realizadas com os estudantes visitantes; espaço onde está a composteira do Engenho, parte do programa Composta Santos, que realizou duas palestras e visa incentivar o uso da compostagem de resíduos sólidos orgânicos, da Prefeitura Municipal de Santos⁶, integrando atividades educativas sobre meio ambiente do Engenho; e, o espaço do acervo bibliográfico e de atendimento da Biblioteca do Engenho.

Nos setores Administrativo e de Informática, foram readequados os mobiliários para acolher mais dois servidores técnico-administrativos.

A copa foi equipada com novos aparelhos de refrigeração, de cocção e forno elétricos, abolindo o uso e armazenamento de botijão de gás, de acordo com a legislação. Para isso, suas instalações elétricas foram reformadas com o objetivo de atender à nova demanda de energia.

Foi criado um espaço de vivência na área externa, ainda inexistente, entre os módulos da Base Avançada, com mesa, cadeiras e ombrelone, para uso durante as refeições, à disposição dos servidores da USP, das empresas terceirizadas e dos visitantes, que também passaram a utilizá-lo para recreação, alimentação e em algumas atividades das oficinas do Educativo.

As salas de aula e da reserva técnica também passaram por manutenção.

Visando a segurança, a proteção e a preservação do sítio arqueológico quinhentista, também foram realizadas manutenções e ampliações do sistema de iluminação, bem como continuada a prestação de serviços de jardinagem da empresa terceirizada, com podas de árvores, galhos e troncos caídos, e cortes periódicos dos gramados.

Também vale destacar o trabalho de manutenção do sistema de drenagem de águas pluviais, localizado a montante das ruínas do Engenho, na encosta do morro. Obras emergenciais foram realizadas, em maio de 2022, pela equipe da Subprefeitura da Zona Noroeste de Santos. Após visitas técnicas da Superintendência do Espaço Físico (SEF/USP), nas quais foram inspecionados os canais de drenagem de águas pluviais; a necessidade de manutenção e eventual complementação foi de-

6. Ver: <https://www.santos.sp.gov.br/?q=hotsite/composta-santos>.



Figura 2. Croqui com a localização dos locais sugeridos, pela aplicação da técnica de GeoRadar, para a investigação direta por meio de escavações no sítio arqueológico das Ruínas Engenho São Jorge dos Erasmos (RESJE). Fonte: Gabriel Soares de Lima, *Geofísica na Investigação Arqueológica para Identificação de Estruturas Antrópicas e Obras Geotécnicas no Início do Século XVI*.

terminada tecnicamente. As atividades ocorreram em novembro de 2022: limpeza das canaletas próximas à Base Avançada; desentupimento dos drenos subsuperficiais; desentupimento e limpeza dos dez drenos horizontais, com profundidade de vinte metros cada; limpeza das canaletas em frente às ruínas e as superiores; e descarte adequado de materiais. Essas obras, que foram realizadas pela primeira vez desde sua instalação em 2000, restauraram a capacidade plena do Projeto Básico de Estabilização da Encosta, situada a montante do Engenho.

Por último, cabe registrar que uma pesquisa no sítio arqueológico foi realizada em 2022, com apoio financeiro e logístico do Engenho, pelo aluno Gabriel Soares de Lima e pelos pesquisadores José Domingos Faraco Gallas e Fernando Augusto Saraiva, do Instituto de Geociências (IGC/USP), resultando na monografia de conclusão do curso de Geologia do aluno⁷. Foram realizados levantamentos geofísicos de eletrorresistividade, com a técnica do caminhamento elétrico e Ground Pene-

7. Gabriel Soares de Lima, *Geofísica na Investigação Arqueológica para Identificação de Estruturas Antrópicas e Obras Geotécnicas no Início do Século XVI*, São Paulo, Universidade de São Paulo, Instituto de Geociências, 2022 (Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação).

trating Radar, também conhecida como GeoRadar, com o objetivo de formular hipóteses sobre o método construtivo do aterro e servir como base para proposta de novas escavações arqueológicas recomendadas para comprovação da existência ou não de objetos e túmulos, além de dirimir dúvidas sobre a base das edificações dos muros e paredes originais. A Figura 2 indica locais para futuras escavações, pois os resultados indicaram a existência de materiais metálicos no subsolo e presença de enrocamento na construção de taludes e de estrutura inclinada, possível rampa de acesso ao Engenho⁸.

Estrutura Organizacional

A atual gestão optou por aplicar o método de administração participativa ou co-gestão no Engenho⁹ para identificar os servidores e suas áreas específicas, considerando também o Plano de Classificação de Funções (PCF), suas atuações e potencialidades e como estas podem atuar na melhoria da gestão, de forma integrativa, democrática e participativa.

Para efetivamente se alcançar uma gestão participativa, deve existir um ambiente favorável à participação das pessoas, que necessita de

[...] redefinição dos papéis e funções dos colaboradores, delegando maior responsabilidade sobre os processos e responsabilidade pelos seus resultados assim como, abrir espaço na busca de uma maior autonomia na tomada de decisões. Evidencia-se, assim, a cultura organizacional que valoriza a criatividade de cada partícipe e cria espaços de oportunidades de aprendizagem individual ou coletiva. Uma nova organização do trabalho prima por uma ampla delegação nos processos de trabalho, com a participação dos trabalhadores, com atitudes de comprometimento e com sua implicação em todas as funções da empresa¹⁰.

Para uma gestão moderna das universidades, a adoção de práticas participativas é fundamental, aumentando a presença ativa e decisória de seus funcionários nos processos políticos da instituição, “por meio da construção de seu planejamento,

8. *Idem*.

9. Yuri Rocha *et al.*, “Gestão Participativa em Órgão de Cultura e Extensão Universitária: Ruínas Engenho São Jorge dos Erasmos, Universidade de São Paulo, Santos (SP), Brasil”, em *Anais do XXIII Colóquio Internacional de Gestão Universitária*, 2024, Montevideo, Uruguay, Florianópolis, Inpeau/UFSC, 2024, pp. 1-11.

10. Francieli Madureira Brisol e Gilson Ditzel Santos, “Perspectivas sobre Gestão Participativa em uma Universidade Pública”, em *Anais do II. Congresso Nacional de Pesquisa em Ciências Sociais Aplicadas*, Francisco Beltrão, Unioeste, 2013, p. 7.

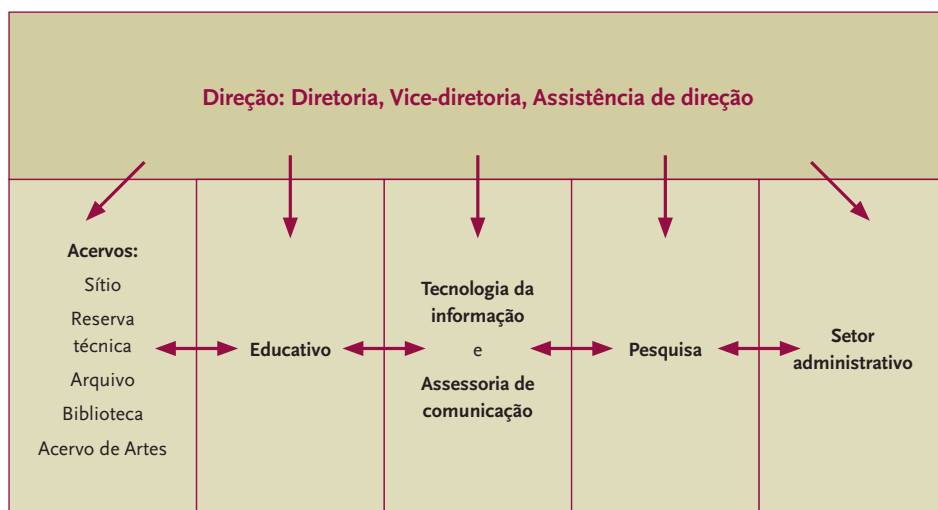


Figura 3. Proposta de organograma, Ruínas Engenho São Jorge dos Erasmos (RESJE). A Assistência de Direção ainda não foi instituída, e as setas indicam que todos os setores têm suas pontes de diálogo e realização de projetos em conjunto.

que deve ser feito com competência e liderança dentro de uma gestão democrática que propõe a participação de todos nos processos de tomada de decisão e da ampliação da autonomia da universidade”¹¹.

Uma das tarefas da gestão participativa ou cogestão é realizar os compromissos institucionais, que podem ser considerados como provisórios – pois estão sempre sujeitos a revisões e atualizações –, com o envolvimento dos seguintes atores: os usuários dos produtos ou serviços, os trabalhadores sujeitos da produção desses serviços e os gestores, preocupados com a sustentabilidade e viabilidade da instituição¹². O Engenho é um dos órgãos subordinados à Pró-Reitoria de Cultura e Extensão Universitária (PRCEU), da Universidade de São Paulo (USP), que possui organograma até o nível de seus órgãos.

Uma das primeiras ações dessa gestão participativa foi discutir com a equipe funcional a sua inserção em seus respectivos setores de atuação autoidentificados, de acordo com suas habilidades e competências, bem como assumindo suas responsabilidades nos setores delineados, o que resultou numa proposta de organograma funcional do Engenho (Figura 3).

11. *Idem*, p. 9.

12. Gustavo Tenório Cunha e Gastão Wagner de Souza Campos, “Método Paideia para Cogestão de Coletivos Organizados para o Trabalho”, *Org&Demo*, vol. 11, n. 1, pp. 31-46, 2010.

Atualmente, a equipe funcional tem uma composição reduzida, uma vez que já houve outro educador e outros funcionários administrativos, sendo que dois estão em empréstimo, um parcial de dois dias semanais e outro de forma integral (Quadro 1).

Quadro 1. Equipe funcional e setores de atuação, Ruínas Engenho São Jorge dos Erasmos (RESJE).

Funcionários	Função	Setor de atuação
André Muller de Mello	Educador	Educativo/Acervos
Durbem Pereira Jaco	Técnico em Informática	Tecnologia da Informação/ Comunicação
Lenira dos Santos Silva	Auxiliar de Serviços Gerais	Tecnologia da Informação/ Biblioteca
Mônica Andrea Soares Guedes Viana	Auxiliar de Administração	Administrativo/Acervos
Murilo Rodrigues Moretti	Secretário	Administrativo/Acervos
Rafael Barros de Oliveira e Silva	Técnico em Audiovisual	Tecnologia da Informação/ Comunicação
Olga Maurício Mendonça	Vice-Diretora	Gestão 2022-2025
Yuri Tavares Rocha	Diretor	Gestão 2022-2025

O Engenho também conta com equipe de estagiários bolsistas, que são estudantes de curso superior de áreas correlacionadas à atuação do Engenho, dentro do convênio estabelecido com a Universidade Católica de Santos.

Resumidamente, nessa proposta de organograma, construída pela gestão participativa, os setores têm as seguintes obrigações, mas que apresentam suas interseções e interdependências:

- Acervos: inclui o próprio sítio arqueológico, sua reserva técnica de artefatos arqueológicos, seu arquivo documental institucional, sua coleção de livros e demais materiais bibliográficos e seu acervo de produções artísticas incorporadas ao patrimônio institucional.
- Educativo: inclui todas as visitas monitoradas ao sítio arqueológico e à exposição permanente e realizações de cursos, palestras, oficinas etc.
- Tecnologia da Informação e Assessoria de Comunicação: tem a responsabilidade de coordenar e manter todo o parque informático institucional,

produzir material audiovisual para as redes sociais, transmitir cursos e palestras *on-line* etc.

- Pesquisa: é responsável por gerir pedidos de projetos de pesquisas a serem realizados no sítio arqueológico, bem como consultas e pesquisas nos outros acervos do RESJE.
- Setor Administrativo: tem a incumbência de executar, coordenar e acompanhar todas as tarefas de manutenção da infraestrutura institucional, administrativas e orçamentárias, bem como as atividades relacionadas à coordenação da segurança patrimonial e ao acompanhamento dos serviços terceirizados de limpeza e de vigilância.

PRINCIPAIS ATIVIDADES REALIZADAS ENTRE 2022 E 2024

Estão comentadas aqui as principais atividades realizadas entre 2022 e 2024, além de outras comentadas, anterior ou posteriormente, nos demais itens deste capítulo.

Visitação Pública

O Engenho está aberto à visitação de terça a sábado, das 9 h às 16 h, recebendo estudantes dos ensinos fundamental, médio e superior, moradores da região, docentes, turistas, especialistas e pesquisadores, tendo de oito a dez mil visitantes por ano (Gráfico 1). As visitas monitoradas podem ser espontâneas, geralmente aos finais de semana e feriados, ou agendadas previamente pelas escolas/universidades/instituições públicas e privadas. O Engenho também recebe os participantes de seus eventos culturais, oficinas educativas e cursos de difusão.

Também há o Programa Educacional Vouvolt para o Ensino Fundamental, que, dedicado às visitas de escolas públicas e particulares da região, recebe regularmente estudantes das escolas municipais de Santos e São Vicente, resultado dos convênios com as secretarias de educação de ambos os municípios. As estratégias didáticas são planejadas em conjunto com coordenadores de projetos das duas secretarias, em consonância com o currículo oficial de cada rede municipal, incluindo os estudos do meio e visitas dialogadas com roteiros histórico e socioambiental, dirigidas às séries específicas e focadas na aprendizagem significativa dos temas abordados. Ao final da visita, os estudantes são convidados a voltarem ao Engenho nos finais de semana e nas férias, acompanhados de seus pais, amigos e convidados.

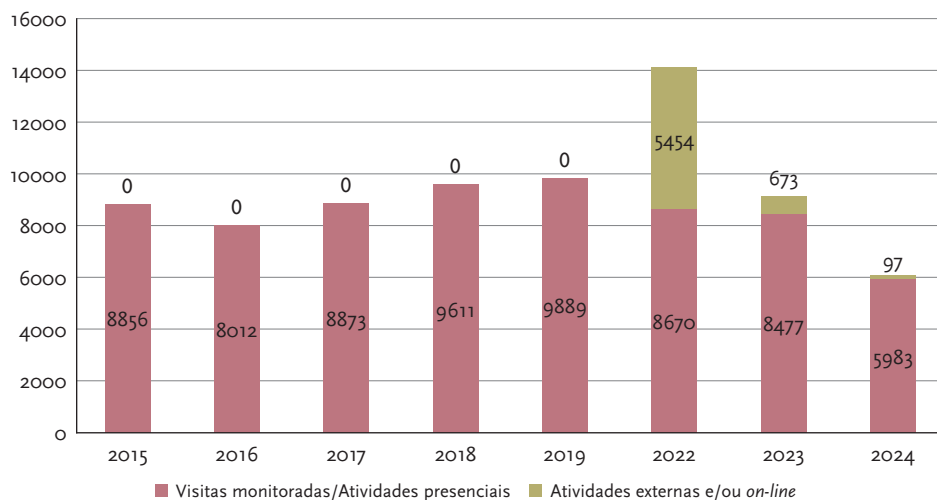


Gráfico 1. Visitação pública em 2015, 2016, 2017, 2018, 2019 e 2022 a 2024, em ações presenciais e *on-line*/externas, Ruínas Engenho São Jorge dos Erasmos (RESJE).

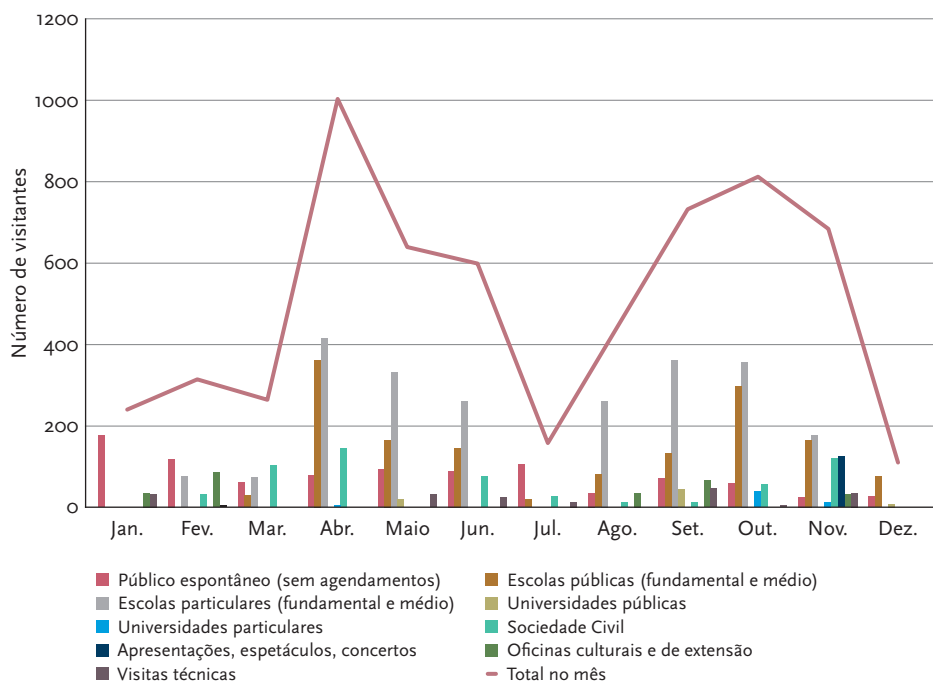


Gráfico 2. Visitação pública mensal em 2024, de acordo com o público e finalidade da visita, Ruínas Engenho São Jorge dos Erasmos (RESJE).

O número de visitantes em 2022 foi de 8 300 pessoas, além dos participantes da palestra “Engenho dos Erasmos e suas Ações Educativas para Escolas da Secretaria da Educação do Estado de São Paulo”, apresentada de forma *on-line* síncrona, transmitida pelo Centro de Mídias da Educação de São Paulo (CMSP)/Fundação Vanzolini, com público total de 5 300 alunos e profissionais das redes públicas municipais e estaduais.

Em 2023, o número de visitantes foi de 8 477 pessoas, além do público atendido pelo projeto Jogos, Dinâmicas e Atividades sobre Patrimônio: Engenho em Movimento, que foi de 673 pessoas, durante as atividades itinerantes nos *campi* USP São Carlos, Ribeirão Preto e Piracicaba, com a unidade móvel, comentada adiante.

Já em 2024, foram 5 983 visitantes (Gráfico 2), além dos 97 estudantes da Universidade Católica de Santos (UniSantos) que assistiram a palestra sobre o Engenho, a convite da coordenação dos cursos de História e Pedagogia.

Cursos Oferecidos

Entre os meses de agosto e setembro de 2022, o Engenho realizou o curso de difusão gratuito *on-line* (vinte horas) História e Cachaça, com a Professora Doutora Joana Monteleone, historiadora, jornalista e editora especialista em História do Açúcar e História da Alimentação. O curso visou a refletir com o público sobre alimentos e bebidas, principalmente a cachaça, seu cotidiano e as formas com que tais produtos transformam a história de onde moram. O curso foi composto por cinco aulas *on-line* síncronas, transmitidas no YouTube, e teve mais de oitocentas inscrições, sendo matriculados trezentos cursistas, utilizando o sorteio de vagas do Sistema Apolo. Foram emitidos 154 certificados de conclusão.

Entre os meses de março e abril de 2023, o Engenho realizou o curso de difusão gratuito presencial (oito horas) Aspectos Teóricos e Práticos de Biogeografia Urbana, com o Professor Doutor Yuri Tavares Rocha, docente do Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciência Humanas, especialista das áreas de biogeografia, paisagem e planejamento ambiental. O curso teve quatro aulas presenciais aos sábados e abordou as temáticas flora e fauna urbanas e sua riqueza e distribuição geográfica sob o enfoque da Biogeografia Urbana, além de ampliar a percepção ambiental do ambiente natural remanescente na paisagem urbana, observando as formas de relevo, as espécies botânicas e animais, mudanças de clima etc. O curso ofereceu 120 vagas, tendo 51 inscrições, e nove cursistas (18% dos matriculados) foram aprovados e certificados, oriundos de São Paulo e Santos. Os participantes, a maioria com formação superior e profissionais da área ambiental, apresentaram muito interesse e tiveram ótimo aproveitamento dos con-

teúdos teórico e prático apresentados. O material ficou à disposição na plataforma Moodle Extensão¹³.

Eventos Culturais e Oficinas

O espetáculo musical gratuito *Mi Tierra*, realizado pelo Engenho em parceria com o Museu do Café (Secretaria de Cultura e Economia Criativa do Estado de São Paulo), ocorreu em 9 de abril de 2022, no Salão do Pregão da Bolsa Oficial do Café¹⁴. O tenor Jean William, acompanhado por quatro músicos, apresentou repertório eclético mesclando cantos sagrados com bolero, tango, rumba e salsa, além de canções tradicionais da cultura negra latino-americana. O público foi de aproximadamente 170 pessoas.

O evento da temporada de férias intitulado Os Dinossauros Invadiram o Engenho¹⁵ começou em janeiro de 2024, com a Oficina de Réplicas: A Pré-História ao Alcance de Todos. Coordenada pelo Professor Luiz Anelli e equipe, o curso objetivava a produção de réplicas em gesso de modelos de fósseis pré-históricos, que integrou o Programa de Itinerância da Estação Ciência (PRCEU/USP). Em fevereiro, dando continuidade ao evento de férias, houve a palestra “Dinossauros no Brasil: 170 Milhões de Anos de Evolução”, ministrada pelo Professor Luiz Anelli; e também foi realizada uma sessão de cinema no auditório do Engenho, especialmente para crianças e acompanhantes, com a exibição comentada do filme *Jurassic Park – O Parque dos Dinossauros* (1993).

Em agosto de 2024, foram realizadas duas palestras e duas oficinas práticas denominadas Os Tijolos me Contaram, com a historiadora e arqueóloga Angélica Moreira¹⁶, dentro de seu Projeto Tijoloteca: Organização e Catalogação de Coleções Arqueológicas de Tijolos. As palestras e as oficinas proporcionaram reflexões sobre as informações que os tijolos podem fornecer sobre as cidades, edifícios, moradias e monumentos.

Em novembro de 2024, houve recital, promovido em parceria com o Coralusp (PRCEU/USP) com o Grupo Azul¹⁷. O evento foi prestigiado por 125 espectadores e contou com repertório de mais de quinze músicas, levando cultura gratuitamente à comunidade santista e aos usuários do Engenho.

13. Disponível em: <https://cursosextensao.usp.br/dashboard>.

14. Ver: <https://jornal.usp.br/cultura/engenh-dos-erasmos-promove-concerto-com-o-tenor-jean-william/>.

15. Ver: <https://prceu.usp.br/noticia/nessas-ferias-dinossauros-invadem-engenh-dos-erasmos-em-santos-sp>.

16. Ver: <https://jornal.usp.br/cadernodecultura/santos-recebe-palestra-e-oficina-sobre-historia-das-cidades/>.

17. Ver: <https://jornal.usp.br/cadernodecultura/coral-da-usp-se-apresentou-no-engenh-dos-erasmos-em-evento-que-aliou-musica-cultura-e-historia/>.

Organização do Acervo da Biblioteca e do Arquivo Institucional

A Biblioteca é parte integrante dos projetos educativos do Engenho e constitui espaço para armazenamento do acervo bibliográfico e documental, composto por dois módulos fechados de arquivos deslizantes, com 72 prateleiras e uma estante aberta simples com mais cinco prateleiras, além de espaço para recepção e consulta ao acervo.

No primeiro levantamento, foi constatado que o acervo bibliográfico foi formado, ao longo dos anos, por doações de curadores, dirigentes, conselheiros do Engenho, instituições e outras unidades e órgãos da USP, além de doações de acervos particulares. Para que atendesse às finalidades ligadas ao Engenho e às suas atividades educativas, foi proposta a elaboração de uma política para gestão de seu acervo, com o objetivo de nortear os critérios de aquisição, seleção, preservação, acesso, consulta e descarte de itens. Assim, a Política Interna de Gestão de Acervos e de Regulamento da Biblioteca foi apresentada e aprovada pelo Conselho do RESJE em maio de 2022.

Após a curadoria das doações, as obras que não atendiam aos critérios aprovados na Política Interna foram destinadas para doação a projetos e instituições, tais como Projeto Pré-Vestibular Comunitário Educafro Baixada Santista e Instituição Filantrópica Casa Vó Benedita, além de colaborar com a campanha de arrecadação de livros feita na USP, Unesp e Unicamp, para ampliar acervos bibliográficos de sistemas prisionais, em parceria com a Fundação Professor Doutor Manoel Pedro Pimentel (Funap).

O resultado da curadoria do acervo físico pode ser acessado no *Catálogo do Acervo Bibliográfico – Ruínas Engenho São Jorge dos Erasmos – PRCEU/USP*¹⁸. Até o final de 2024, o acervo contava com cerca de 1 400 exemplares disponíveis para consulta, entre eles 842 exemplares de livros, teses, catálogos, relatórios, trabalhos acadêmicos e atlas, e títulos de periódicos.

Foi dada continuidade à compilação de referências e fontes de informação para elaborar a memória institucional do Engenho, incluindo publicações da produção intelectual, artística e acadêmica sobre o Engenho, além de suas publicações e documentações produzidas. Como resultado desse trabalho realizado, foi elaborado o *Repertório de Referências Acadêmicas e Técnicas – Engenho São Jorge dos Erasmos*¹⁹. Também foi realizada a curadoria dos artigos e textos que retrataram

18. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1NvoBTGaPOKQZryMI7g-tBLipeMQWbPtd/view>.

19. Disponível em: https://drive.google.com/file/d/1e7hmBD8pmCtqoLBeuij4jrnu_hLmZxMO/view?usp=sharing.

o Engenho na mídia imprensa santista a partir de 1926, em fase de finalização e cujo resultado também será incluído no *Repertório*.

No acervo de áudio, de fotografias e de vídeo em CD, DVD, fitas de vídeo com conteúdo de vídeos institucionais da PRCEU/USP, reportagens de TV, registros em vídeo de eventos e projetos realizados no Engenho foram identificados: cerca de 2 100 arquivos (10 Gb) de documentos e *backups*, com data a partir de 2004; 26 vídeos, com duração total de 17h06m, sendo que 8h já estavam em formato digital, sendo o restante reproduzido e gravado utilizando o *software* OBS Studio; e, cerca de onze mil fotografias (15 Gb), desde a inauguração do prédio, eventos, palestras, fotografias antigas de Santos e São Vicente, dentre outras. Vale destacar também que, em parceria com a Faculdade de Arquitetura e Urbanismo e de Design (FAU/USP), foi realizada a digitalização de 113 *slides*, contribuindo para a preservação da memória do Engenho.

Participação em Editais de Fomento da PRCEU/USP

O Engenho submeteu e foi contemplado com projetos nos editais da PRCEU/USP em todos os anos da atual gestão, quais sejam:

- 2022/2023: Edital PRCEU 01/22 – Unidades Móveis, com o Projeto Jogos, Dinâmicas e Atividades sobre Patrimônio em Seis Estações: Engenho em Movimento, com o objetivo de oferecer aos participantes uma vivência lúdica, dinâmica e interativa sobre temas ligados à conservação e preservação do patrimônio histórico-cultural e natural, por meio de atividades educativas realizadas na Unidade Móvel Cultura e Educação, adaptada para temas ligados ao Engenho e seus aspectos socioambientais, arqueológicos, históricos e arquitetônicos. O valor concedido foi de R\$ 5 000,00.
- 2023: Edital 2ª chamada/2023, com o Projeto História, Luz e Som – Memórias de um Velho Engenho: Diagnóstico Técnico do Sistema de Projeção Vídeo-Mapeada, com o objetivo de realizar diagnóstico técnico no sistema de projeção videomapeada utilizado para a realização do espetáculo *História, Luz e Som: Memórias de um Velho Engenho* (Projeto BNDES/2014), verificando a inviabilidade técnica do sistema de projeção instalado há quase uma década. O valor concedido foi de R\$ 8 000,00.
- 2023/2024: Edital PRCEU Chamada Especial Antigo Santander/2023, com o Projeto Editorial de Catálogo da Exposição Ruínas Quinhentistas em Território Milenar, com o objetivo de elaborar catálogo digital dessa, inaugurada em abril de 2023. A publicação apresenta todo o conteúdo da exposição

(textos e imagens), além de reunir material complementar e sugestões de atividades didáticas para educadores²⁰. O valor concedido foi de R\$ 8 500,00.

DESTAQUES DE IMPACTO SOCIAL DA GESTÃO

Destacam-se aqui algumas iniciativas do Engenho que tiveram maior impacto social, não necessariamente atingindo número expressivo de pessoas, mas ampliando o número de participantes, que anteriormente desconheciam o Engenho, em atividades.

Comunicação nas Redes Sociais e Adequação de Material Gráfico Impresso

O Engenho São Jorge dos Erasmos, apesar de ser um importante sítio arqueológico, ainda é pouco conhecido e tem potencial para aumentar sua visitação e ampliar seu impacto social. Assim, a partir de 2023, a equipe do RESJE ampliou sua comunicação nas redes sociais (Instagram, Facebook e YouTube) e na mídia em geral, com mais conteúdo, maior qualidade de vídeos e imagens e adequação da linguagem.

Por exemplo, no Instagram²¹, tivemos aumento nas visualizações e no número de seguidores, contando hoje com 2 466 seguidores (aumento de 28%, em relação a 2023) e 312 publicações, que totalizam quase 27 mil visualizações (aumento de 22%). Também foi organizado o acesso às várias fontes de informação sobre o Engenho e suas redes sociais, com a criação de seu Linktree²².

Também foi realizada atualização de material gráfico impresso (painel, *folders*, *kit* educativo e marcadores de livro) utilizado nas atividades educativas e de extensão, para torná-lo mais adequado e acessível ao público visitante, principalmente o juvenil.

Exposição Permanente Ruínas Quinhentistas em Território Milenar

Inaugurada em 4 de abril de 2023, a exposição *Ruínas Quinhentistas em Território Milenar*²³ conta com artefatos arqueológicos encontrados no local, expostos pela

20. Ver: https://drive.google.com/drive/folders/1le_v87IE5SWbbyORluTZznCEmHcKIqq-?usp=sharing.

21. www.instagram.com/engenhoeramos.

22. <https://linktr.ee/engenhoeramos>.

23. Ver: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/monicabergamo/2022/12/engenho-dos-erasmos-no-litoral-de-sao-paulo-ganhara-exposicao-permanente.shtml> e <https://jornal.usp.br/institucional/engenho-dos-erasmos-inaugura-exposicao-com-artefatos-arqueologicos-ineditos/>.

primeira vez, além de objetos etnográficos de indígenas tupinambás, buscando mostrar o processo de ocupação do território pelos europeus a partir de 1534. O trabalho de curadoria, caracterização, descrição, contextualização e reconstrução digital contou com a colaboração do Museu de Arqueologia e Etnologia (MAE/USP).

A exposição também apresenta imagens, textos e citações de fontes primárias do século XVI, um diorama representando povos sambaquieiros que habitaram o litoral milênios atrás e uma obra exclusiva da artista indígena contemporânea Moara Tupinambá que agora faz parte do acervo da USP, entre outras atrações. Desde sua inauguração, a exposição já foi visitada por cerca de doze mil pessoas.

O catálogo digital dessa exposição foi produzido com o apoio financeiro de Edital PRCEU, conforme descrito, e já está disponível²⁴.

Inclusão do RESJE no Afroturismo SP

O Engenho é considerado destino de turismo cultural e de afroturismo no roteiro Caminhada Quilombos Históricos de Santos e Caminhada do Engenho²⁵, que é um dos dez roteiros e atrativos paulistas ligados à cultura afro-brasileira do projeto Afroturismo SP, da Secretaria de Turismo e Viagens de São Paulo (Setur-SP), lançado em abril de 2024²⁶, cujo objetivo é “promover a inclusão e o reconhecimento étnico-cultural do Estado de São Paulo, além de impulsionar o turismo e a economia regional de comunidades, valorizando e preservando o legado cultural afro-brasileiro”.

Em 2024, o Engenho já recebeu quatro visitas realizadas dentro do referido roteiro, sob a responsabilidade da pesquisadora Augusta de França, somando 86 visitantes.

Jogos, Dinâmicas e Atividades sobre Patrimônio: Engenho em Movimento – Projeto da Unidade Móvel USP

O Edital PRCEU 01/2022 institui o projeto USP na Comunidade – Unidades Móveis, que visava utilizar unidades móveis (carretas adaptadas com salas e equipamentos multimídia) para, “por meio de atividades de extensão do conhecimento científico e artístico produzido na USP, difundir saberes e promover atividades

24. Disponível em: https://drive.google.com/drive/folders/1le_v87IE5SWbbyORluTZznCEmHcKIqq-?usp=sharing.

25. Ver: <https://www.turismo.sp.gov.br/afroturismo>.

26. Ver: <https://www.turismo.sp.gov.br/setur-sp-lanca-roteiros-de-afroturismo-na-wtm-latin-america>.

que possibilitem modificar a realidade social dos habitantes dos municípios do Estado de São Paulo”.

O Engenho submeteu a proposta, o Projeto Jogos, Dinâmicas e Atividades sobre Patrimônio em Seis Estações: Engenho em Movimento foi aprovado, e a Unidade Móvel Cultura e Educação foi utilizada em duas ocasiões, com o objetivo de desenvolver atividades de extensão e divulgar a existência do Engenho extramuros, de forma inédita para o público em geral e para o público uspiano:

- Participação nos dias 13 e 14 de outubro de 2022 na Semana da Cultura Oceânica²⁷, iniciativa da Unesco que ocupou diversos espaços públicos de Santos. A unidade móvel ficou instalada na Praça Visconde de Mauá e ofereceu atividades educativas e vivência lúdica, dinâmica e interativa sobre temas ligados à conservação e preservação do patrimônio histórico-cultural e natural, envolvendo teoria e prática sobre arqueologia e museologia, mundo do trabalho (carreiras e áreas de conhecimento atuantes em sítios e monumentos), observação de aves como prática de conservação da biodiversidade, preservação da mata atlântica e uma visita monitorada através de *tour* virtual ao sítio arqueológico (óculos de realidade virtual). Toda a equipe funcional do Engenho colaborou e trabalhou nos dois dias, e houve 210 participantes, entre adultos e crianças.
- Visita aos *campi* São Carlos, Ribeirão Preto e Piracicaba da USP, de 24 a 31 de agosto de 2023²⁸, com quatro dias de atendimento ao público, desenvolvendo as mesmas atividades descritas anteriormente. A equipe do Engenho participante dessa fase, composta por André Müller, educador; Lenira dos Santos, auxiliar; Rafael de Oliveira, técnico de audiovisual; e a estagiária Thalita Neves, contou com a colaboração de estagiários e estudantes nos *campi* da USP visitados, que foram contratados para apoio durante a estadia da unidade móvel, bem como de servidores para as instalações de eletricidade e de acesso à Internet nos *campi*. Houve 679 participantes, média de 227 participantes por *campus* visitado, sendo o público composto por alunos de graduação e pós-graduação, docentes, servidores e demais usuários do *campus*, como os que visitaram a Festa do Livro de São Carlos nos dias 25 e 26, evento ao qual a unidade móvel foi integrada.

27. Ver: <https://www.santos.sp.gov.br/?q=noticia/evento-internacional-da-unesco-sobre-cultura-oceanica-co-meca-segunda-em-santos>.

28. Ver: <https://jornal.usp.br/universidade/projeto-usp-na-comunidade-leva-unidade-movel-com-aco-es-educativas-a-piracicaba/> e <https://jornal.usp.br/campus-ribeirao-preto/unidade-movel-do-engenho-dos-eras-mos-estara-em-ribeirao-preto-dia-29-terca-feira-de-agosto/>.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A atual gestão procurou agir com transparência administrativa e executar tarefas de preservação, adequação e inovação de várias partes da estrutura física do patrimônio cultural da Universidade, tombado nas três esferas, uma vez que houve a interrupção de sua visitação pública durante o período da pandemia da Covid-19, o que levou a uma suspensão ou ausência dessas tarefas em 2020 e 2021. Certamente há muito a fazer, mas as condições encontradas foram melhoradas para atender plenamente às demandas e às funcionalidades do Engenho. Pretende-se prosseguir com o replanejamento e adequação dessas ações, tanto do sítio arqueológico quanto da Base Avançada de Pesquisa, Cultura e Extensão Universitária.

A administração participativa ou cogestão implementada pela atual gestão foi muito exitosa na melhoria de engajamento, realização de tarefas, autorreconhecimento e valorização funcional, bem como tornou o ambiente de trabalho mais amistoso, colaborativo e democrático, retomando plenamente todas as suas atividades interrompidas pelas restrições sanitárias pandêmicas. A proposta de organograma elaborada para o RESJE continuará a ser aprimorada e será submetida futuramente à apreciação do Conselho Deliberativo do RESJE e, posteriormente, à apreciação e deliberação da Coordenadoria de Administração Geral (Codage/USP), para sua oficialização, não acarretando criação de cargos ou funções extras ou pagamentos de verbas de representação, ou seja, sem onerar o orçamento universitário.

Também se pretende dar continuidade com as seguintes metas: manter e incentivar as visitas escolares presenciais ao Engenho; diversificar e ampliar seu público por meio de maior divulgação de sua existência e de suas atividades (cursos de difusão, eventos etc.); continuar a preservação e organização dos acervos bibliográficos e documentais, propiciando sua visibilidade e consulta e produzindo novos saberes sobre o Engenho; manter e ampliar o portfólio de ações educativo-culturais, bem como prospectar novas parcerias e estreitar laços com museus, principalmente o Museu de Arqueologia e Etnologia (MAE/USP) e outros bens culturais, para cooperação técnica e ações conjuntas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDREATTA, Margarida Davina. “Engenho São Jorge dos Erasmos: Prospecção Arqueológica, Histórica e Industrial”. *Revista USP*, n. 41, pp. 28-47, 1999.

- BRISOL, Francieli Madureira & SANTOS, Gilson Ditzel. “Perspectivas sobre Gestão Participativa em uma Universidade Pública”. In: *Anais do 2. Congresso Nacional de Pesquisa em Ciências Sociais Aplicadas*. Francisco Beltrão, Unioeste, 2013, pp. 1-19.
- CUNHA, Gustavo Tenório & CAMPOS, Gastão Wagner de Souza. “Método Paideia para Cogestão de Coletivos Organizados para o Trabalho”. *Org&Demo*, vol. 11, n. 1, pp. 31-46, 2010.
- LIMA, Gabriel Soares de. *Geofísica na Investigação Arqueológica para Identificação de Estruturas Antropicas e Obras Geotécnicas no Início do Século XVI*. São Paulo, Universidade de São Paulo, Instituto de Geociências, 2022 (Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação). Disponível em: <https://bdta.abcd.usp.br/item/003150324>. Acesso em 25 abr. 2025.
- ROCHA, Yuri *et al.* “Gestão Participativa em Órgão de Cultura e Extensão Universitária: Ruínas Engenho São Jorge dos Erasmos, Universidade de São Paulo, Santos (SP), Brasil”. In: *Anais do XXIII Colóquio Internacional de Gestão Universitária, 2024, Montevideo, Uruguay*. Florianópolis, Inpeau/UFSC, 2024, pp. 1-11.
- STOLS, Eddy & CORDEIRO, Silvio Luiz. “O Engenho dos Erasmos ou dos Esquetes em São Vicente”. In: STOLS, Eddy; MASCARO, Luciana & BUENO, Clodoaldo (orgs.). *Brasil e Bélgica: Cinco Séculos de Conexões e Interações*. São Paulo, Narrativa Um, 2014, pp. 75-77.

PARTE IV

Linguagens Contemporâneas e Crítica Social

CAPÍTULO 9

CINUSP PAULO EMÍLIO: Cinema, Crítica Social e Formação do Olhar

EDUARDO MORETTIN¹

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Fundado em 1993, o Cinusp Paulo Emílio, órgão vinculado à Pró-Reitoria de Cultura e Extensão Universitária da Universidade de São Paulo (PRCEU/USP), é o espaço dedicado a disseminar a cultura cinematográfica na Universidade, tendo por objetivo principal estimular a pesquisa e o conhecimento, contribuindo assim para a formação e permanência estudantis.

A sua denominação é homenagem ao professor, crítico e escritor Paulo Emílio Salles Gomes, que, além de ser um dos maiores pensadores do cinema brasileiro e ter sido responsável pela criação da Cinemateca Brasileira, participou da implementação dos primeiros cursos de cinema no Brasil: o da Universidade de Brasília, em 1962, e, após o seu desligamento da instituição em virtude do golpe de 1964, o da Escola de Comunicações e Artes (ECA) da USP, em 1966.

Nos anos 1980 as atividades cinematográficas estavam espalhadas pelos diferentes cineclubes que existiam na Universidade, lembrando que nesse período os filmes eram exibidos em película de 16 mm, formato de projeção de qualidade menos profissional. Contavam com o apoio da Coordenadoria de Atividades Culturais (Codac) da USP, que ainda não tinha formalizado uma política de difusão nesse setor. Sua presença, todavia, demonstrava naquele momento o interesse da Universidade em fomentar a atividade junto ao público universitário.

1. Professor do Departamento de Cinema, Rádio e Televisão (CTR) da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/USP) e diretor do Cinusp Paulo Emílio

A Codac foi extinta em 1989. Nas providências estabelecidas pela Resolução que trata do assunto, a de número 3608, de 27 de novembro de 1989, ficou estabelecido que a PRCEU seria a responsável por “estabelecer uma política artístico-cultural para a USP”. No processo de reestruturação que acompanhou a extinção do órgão, a Orquestra (Osusp) e o Coral da USP (Coralusp) ficaram subordinados à PRCEU. Por fim, foi criada a Coordenadoria de Comunicação Social (CCS), órgão diretamente vinculado ao Reitor, que abrigou o Departamento de Radiodifusão, as Divisões de Editoração e Jornalismo e de Artes Gráficas e todos os seus órgãos de apoio técnico e administrativo.

É dentro desse contexto que o Cinusp Paulo Emílio foi estruturado. Idealizado pelo então Pró-Reitor de Cultura e Extensão Universitária, Professor Doutor João Alexandre Barbosa, contou com o empenho e esforço de sua primeira diretora, Professora Doutora Maria Dora Genis Mourão, então docente do Departamento de Cinema, Rádio e Televisão (CTR) da ECA. O primeiro desafio foi estabelecer o espaço físico para as exhibições. Com a impossibilidade de uma nova construção, o Favo 4 das colmeias foi escolhido para ser adaptado para uma sala de cinema. A partir da doação de dois projetores de 35 mm, pertencentes ao Museu de Arte Contemporânea (MAC/USP), de poltronas da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (FAU) da USP, e contando com a parceria de André Sturm, da Pandora Filmes, que cedeu filmes para programação inicial do cinema, o Cinusp iniciou suas atividades em 1993.

Em 18 de abril de 2022 foi inaugurada sua nova sala, no prédio em que se situa o Centro Cultural Camargo Guarnieri, com 118 lugares. Equipada com tela de oito metros de largura, infraestrutura de projeção digital de ponta (projetor de altíssima resolução e iluminação a laser, padrão DCI 4k) e sonorização (processamento digital multicanais e sistema de som Dolby Digital 5.1), configura-se, desde então, como uma das melhores salas de exibição de cinema da cidade de São Paulo e do país. Essa nova sala proporciona ao público uma experiência de cinema compatível com a potência da USP, contribuindo para a qualificação de nossa Universidade como polo cultural de alto nível.

Com exhibições gratuitas e aberta ao público em geral, o Cinusp conta com programação variada, organizada em mostras temáticas produzidas por sua equipe (direção e assistência, estagiários/as e bolsistas do Programa Unificado de Bolsas – PUB da USP), com duração média de três semanas, respeitando-se os seguintes critérios: diversidade de gênero, privilegiando sempre que possível a presença de diretoras; diversidade étnica, favorecendo a escolha de diretores/as não brancos/as; diversidade geográfica, a fim de evitarmos a concentração de obras pertencentes às cinematografias europeias e/ou estadunidense; valorização do cinema brasileiro,

expressa pela organização da mostra Novíssimo Cinema Brasileiro, atualmente em sua décima terceira edição, e pela inclusão de filmes de nosso país em todas as mostras; conciliação da exibição de obras de fácil acesso e conhecimento amplo, o que não exclui a possibilidade de incluir um *blockbuster*, com outras de difícil acesso e compreensão, pois entendemos que nossa missão também é, nesse processo de conhecimento estético que o cinema instrui, incentivar o desafio ao senso comum e promover o diálogo do cinema com outros campos do conhecimento.

A partir de 2011, as exibições ordinárias passaram a ser distribuídas em duas sessões de segunda a sexta-feira, às 16 h e 19 h, na sala do Centro Cultural Camargo Guarnieri na Cidade Universitária. Aos finais de semana, duas sessões aos sábados e duas aos domingos no Centro Universitário Maria Antonia (Ceuma). Além disso, são realizadas sessões extraordinárias, conforme demandas da própria Universidade e de parceiros externos como associações culturais e científicas, escolas, produtoras e distribuidoras de cinema.

Na sala localizada no Favo 4, que abrigou até o início de 2020 e da pandemia da Covid-19 as mostras de filmes, ocorrem os cursos de extensão voltados à formação dos/as estudantes. Pesquisadores/as da área do cinema em seus diferentes níveis (de mestres/as a pós-doutores/as, de docentes de universidades brasileiras a estrangeiras) promovem o contato do público com o saber de ponta produzido sobre o campo.

O Cinusp, em sintonia com a sua missão, também realiza sessões especiais, seminários, debates, cursos, pré-estreias e parcerias institucionais dentro e fora da Universidade, com – poderíamos citar – a Cinemateca Brasileira, o Instituto Goethe, a Câmara de Comércio Italiana de São Paulo, os Consulados da Bélgica, França, Suíça e Canadá, a Escola de Aplicação da USP, o Grêmio dos Alunos da Escola de Aplicação, a Osusp, a Creche da USP, a Pró-Reitoria de Inclusão e Pertencimento (Prip), a Pró-Reitoria de Pesquisa e Inovação (PRPI), o Instituto de Relações Internacionais (IRI) da USP, a Faculdade de Saúde Pública da USP, a FEA-Social, dentre inúmeros parceiros que poderíamos elencar.

O Cinusp foi responsável pela publicação de *Sinopse. Revista de Cinema* de 1999 a 2006, coleção hoje disponível no Portal de Revistas da USP². Além da *Sinopse*, edita a Coleção Cinusp, iniciada em 2011 com o lançamento de *Robert Bresson*, de Daniel Ifanger e Ricardo Miyada. Seguindo o objetivo enunciado na ocasião, qual seja, o de “documentar, informar, propor reflexões e relatar fatos, histórias e estudos sobre a arte cinematográfica, seus criadores e suas criações”, as obras examinam aspectos essenciais da cultura cinematográfica, abordando temas e agen-

2. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/sin>.

tes importantes deste processo. Os treze volumes da coleção podem ser acessados no Portal de Livros Abertos da USP³.

Estrutura e operacionalização

O Cinusp, além de seu diretor, Professor Doutor Eduardo Victorio Morettin, e seu vice, Henri Pierre Arraes de Alencar Gervaiseau, conta com a seguinte equipe de funcionários: coordenador de produção, cargo funcional ocupado por Thiago Afonso de André; projecionista, Frank de Abreu; analista financeiro, Moisés Santana; analista para assuntos administrativos, Rodolfo Ferronato de Souza; auxiliar administrativa, Maria Aparecida Vieira dos Santos.

Parte fundamental do trabalho é realizada por estagiários/as e bolsistas do PUB/USP, como já foi dito. A equipe é distribuída em três núcleos: 1. Produção e programação, responsável pela: escolha dos temas das mostras; seleção dos filmes; elaboração de planilhas com lista das obras idealizadas para cada ocasião, obras que são visionadas e discutidas ao longo do processo de sua confecção; preparação das cópias em melhor estado de projeção, o que por vezes define ou não a sua inclusão; legendagem, tanto a sua inclusão, quando for o caso, quanto a sua revisão; obtenção dos DCPS, formato compatível com o aparelho de projeção de nossa sala; contato com os detentores dos direitos de exibição e com os acervos; seleção das imagens e sons que serão utilizados na divulgação. 2. Comunicação, responsável pela: elaboração do material de divulgação, como *folders*, cartazes e imagens e vídeos que circularão pelas mídias sociais, principalmente Instagram e X. 3. Audiovisual, responsável pela: preparação dos vídeos que circulam pelas mídias sociais; *teaser* que antecede a exibição de cada filme da mostra; gravação dos debates que são disponibilizados pelo canal do YouTube do Cinusp (no YouTube se encontram os vídeos e *teasers*⁴). 4. Programação visual, responsável pela identidade visual de todos os produtos de divulgação do órgão e da concepção gráfica dos livros que pertencem à Coleção Cinusp. 5. Acervo: desde 2022, há apoio do Arquivo Geral da USP para a organização do acervo documental do órgão.

Deve-se ressaltar que se trata efetivamente de trabalho realizado em equipe, predominando a horizontalidade na tomada de decisões concernentes à curadoria das mostras. Da mesma forma, entre os/as funcionários/as há espírito colaborativo, dadas as inúmeras demandas administrativas e as diversas frentes nas quais o Cinusp atua.

3. Disponível em: <https://www.livrosabertos.abcd.usp.br/portaldelivrosUSP/catalog/series/Cinusp>.

4. Disponível em: https://www.youtube.com/channel/UCuP9LUZvcyCE_upoLLihog.



Figura 1. Sessão especial para a Escola de Aplicação (EA). Parceria Escola de Aplicação e Creche da USP – jan. 2022 a dez. 2023 – exibição de duas sessões mensais, em média, para a EA e a Creche da USP. Acervo Cinusp.

Além da própria PRCEU, que financia nossas atividades, a Prip recorre ao Cinusp a fim de pensar tanto em mostras sobre temas específicos à sua área de atuação – como foi o caso da primeira Semana de Saúde Mental da USP, realizada em 2023, que, além de debates, contou com a programação de filmes –, quanto em melhorias que tornem mais acolhedor à comunidade uspiana o espaço em que nos encontramos, como indica o projeto de aquisição de mobiliário. Nesta perspectiva inclusiva podemos também mencionar: a participação da Escola de Aplicação em sessões destinadas aos/às seus/suas alunos/as; a realização de projeções na creche da USP (Figura 1); e as sessões destinadas ao programa USP 60+, dedicado à discussão do tema do envelhecimento a partir do cinema.

Por meio de inúmeras propostas e pedidos que nos chegam de professores/as e alunos/as de todas as unidades da USP, entendemos que a comunidade compreende o Cinusp como espaço potencializador de suas atividades.

É dentro dessa perspectiva que acolhemos propostas como a trazida pela Prip em 16 de maio de 2023, a exibição do filme *Argentina, 1985* (2022), de Santiago Mitre, e participação no debate de Luis Moreno Ocampo, advogado que atuou como o primeiro procurador-chefe do Tribunal Penal Internacional, retratado pelo filme (Figura 2). O evento, que ocorreu pela manhã, motivo que não impediu a lotação da sala, contou também com a presença de Marcos Napolitano (FFLCH/



Figura 2. Debate após exibição do filme *Argentina, 1985*. Sessão especial do filme *Argentina, 1985*. Acervo Cinusp.

USP) e Pedro Dallari (diretor IRI/USP; foi coordenador e relator da Comissão Nacional da Verdade).

O Instituto de Estudos Brasileiros (IEB), por exemplo, realizou mais de uma atividade em parceria com o Cinusp, com destaque para os Encontros Brasileiros IEB–Cinusp, iniciativa que buscava aproximar, do ponto de vista temático e estético, parte do acervo artístico do IEB a temas discutidos pelo nosso cinema. No primeiro encontro, ocorrido em novembro de 2022, refletimos sobre a representação de corpos negros no cinema e artes visuais. No IEB, foram expostas algumas obras relevantes de seu acervo de arte, entre elas o *Estudo para A Negra* (1923), de Tarsila do Amaral. No Cinusp, foram exibidos o curta-metragem *Uma Noite sem Lua* (2020), de Castiel Vitorino Brasileiro, e a versão restaurada em 4k do longa-metragem *A Rainha Diaba* (1974), de Antônio Carlos Fontoura. Depois da sessão, os presentes se dirigiram ao IEB a fim de ver a exposição e participar da sessão de debates. Também participamos do evento *Modernismo: Disputas em Torno do Moderno e Projetos de Nação*, realizado pelo IEB em parceria com a Escola São Paulo de Ciência Avançada (ESPCA) da Fapesp.

O evento USP Pensa Brasil, idealizado pela Reitoria, em especial pela sua Vice-Reitora, Professora Doutora Maria Arminda do Nascimento Arruda, também pode ser pensado dentro deste quadro, dada a participação institucional de diferentes pró-reitorias, órgãos de cultura e extensão e unidades de ensino. As três

Figura 3. Sessão de abertura da mostra Taiwan: Raízes e Horizontes. Mostra: Taiwan: Raízes e Horizontes – 26.9.22 a 14.10.22. Em parceria com o Escritório Econômico e Cultural de Taipei, apresentou uma seleção de filmes taiwaneses contemporâneos, além de duas obras em realidade virtual. Acervo Cinusp.



edições da mostra Cinema Pensa o Brasil selou de nossa parte a contribuição dada pelo cinema à reflexão proposta.

A Osusp é parceira frequente. Dentre as ações realizadas, podemos destacar sua participação no encerramento das celebrações dos trinta anos do Cinusp, quando exibimos, em outubro do ano passado (2024), o filme silencioso *Os Óculos do Vovô* (1913), de Francisco Santos, com acompanhamento musical ao vivo de sexteto da Osusp, responsável também pela criação da trilha sonora executada.

Como dito acima, diferentes são os consulados e órgãos culturais ligados aos países estrangeiros que desenvolvem atividades com o Cinusp. Além dos já mencionados, temos o Consulado-Geral da República da Coreia, o Escritório Econômico e Cultural de Taipei (Figura 3), responsável por mostra de cinema taiwanês de grande repercussão em setembro de 2022, e a Câmara de Comércio Italiana de São Paulo, à frente do Festival de Cinema Italiano, que o Cinusp abriga desde 2022, o Instituto Cervantes de São Paulo, responsável pela realização de sessões especiais, como o debate *on-line* ocorrido com os produtores do documentário *O Caso Padilla* e o Serviço de Intercâmbio Acadêmico Alemão (DAAD), com o qual promovemos cursos e sessões especiais, como foi o caso da exibição de *O Medo Consome a Alma* (1974, R. W. Fassbinder). Com o Consulado-Geral da França em São Paulo os vínculos são mais estreitos, pois além do acesso ao acervo de filmes 35 mm depositados no Rio de Janeiro, realizamos inúmeras atividades, como a participação na Semana Franco-Uspiana.

Existe forte interlocução com a pesquisa, dada pela produção dos livros e revista, como indicado acima, e fortalecida pela realização de atividades que inte-



Figura 4. Mostra Cinusp x MUBI. Mostra de cinema Cinusp x MUBI – 17.10.22 a 28.10.22. A mostra teve grande repercussão nas redes sociais e uma média de público elevada devido às estratégias combinadas de divulgação. Acervo Cinusp.

gram seminários e eventos científicos, como foi o caso do v Colóquio Internacional de Cinema e História, realizado pelo Grupo de Pesquisa CNPq História e Audiovisual no Cinusp em 2022, e pela exibição de filmes dentro do xxv Encontro da Sociedade de Estudos de Cinema e Audiovisual (Socine).

Realizamos em 2022 parceria muito exitosa com a plataforma de *streaming* MUBI, que possui em seu acervo filmes independentes, clássicos e os considerados “de arte” (Figura 4). Esta associação, em um contexto marcado pela proliferação do audiovisual nesse formato, indica que o consumo de filmes por meio das salas de cinema ainda é etapa fundamental na circulação das obras.

Com a Cinemateca Brasileira, tendo em vista a presença de Paulo Emílio acima evocada, e pelo fato da atual diretora, Professora Doutora Maria Dora Genis Mourão, ter sido responsável por dirigir o Cinusp de 1993 a 2010, temos interlocução privilegiada. Quando dos trinta anos do órgão, celebramos o lançamento de livros, a exibição de documentário sobre a sua história e a projeção de filme ligado à mostra comemorativa.

Tais parcerias são estratégicas, pois fortalecem nossa missão ao contribuir para uma leitura transdisciplinar do cinema como fenômeno cultural, ampliando nosso alcance em outros públicos e setores da sociedade. Além disso, muitas vezes essa presença se traduz na cessão sem custos de filmes que integram nossa grade horária.

ATIVIDADES REALIZADAS

Ao longo de sua história, o Cinusp realizou mais de 520 mostras e 210 sessões especiais, números que podem oscilar para cima tendo em vista o trabalho em curso de organização do acervo. No que diz respeito às chamadas sessões especiais, o quantitativo certamente é muito mais expressivo, considerando-se que em 2024, entre filmes pertencentes a uma mostra realizada em parceria, pré-estreias etc., contabilizamos sessenta eventos.

Desde 18 de abril 2022, momento da retomada das atividades presenciais com a inauguração da sala, até o final de 2024, o Cinusp realizou 44 mostras com um público total de 55 462 espectadores. Para que tenhamos uma dimensão mais precisa, no ano passado foram 21 969 espectadores em 450 sessões, o que se traduz em 48,8 por sessão, média de ocupação bastante expressiva se a compararmos às das salas de cinema comerciais e não comerciais da cidade de São Paulo.

Há duas mostras recorrentes: Para Gostar de Cinema e Novíssimo Cinema Brasileiro. A primeira é realizada sempre no primeiro mês de aula dos/as aluno/as de graduação, incidindo, de maneira geral, em março. Ela tem por intuito convidar a comunidade a experimentar uma sala de cinema, com filmes que proporcionam a públicos distintos o que poderíamos chamar de prazer visual. Deve-se considerar que o ir ao cinema hoje é prática muito distinta da que ocorria nos anos 1990, quando o Cinusp foi inaugurado. Existiam mais cinemas de rua, o fenômeno das salas em *shopping centers* ainda não havia estourado, inexistiam *streamings*, a chamada televisão a cabo não tinha o predomínio que hoje percebemos e, finalmente, o ingresso era proporcionalmente muito mais barato. Por isso, aproveitando-se da qualidade de projeção e de som da sala, a intenção é arrebatá-lo/a aluno/a, criando nele o vínculo que, pretendemos, permaneça durante seu período formativo. Na sequência, programamos a Novíssimo, que se encontra atualmente em sua décima terceira edição. A intenção, desde 2012, foi exibir, a partir do escrutínio da equipe curatorial do Cinusp, os filmes recentes produzidos no Brasil no(s) ano(s) anterior(es) à realização de cada edição da mostra, sempre acompanhados de debates com diretores/as e membros/as da equipe de realização. Há, no calor da hora, a

intenção de compreender o cenário cinematográfico contemporâneo brasileiro e refletir sobre o cânone estético e as diretrizes históricas do período. São mostras de caráter distinto, e a resposta do público é diversa. Por exemplo, em 2023, 2 074 pessoas prestigiaram Para Gostar de Cinema. Em suas 28 sessões tivemos uma média de 74,07 espectadores. Na Novíssimo, o número total de espectadores foi de 1 559, com uma média de 55,60 para a mesma quantidade de sessões. Tal redução é esperada, mas, acreditamos, dentro de uma longa tradição ligada ao culto do cinema como espaço de reflexão estética e política, que é preciso enfrentar tais disparidades e propor ao nosso público desafios, como dissemos acima.

A título de ilustração, elencamos as mostras que integraram o ano de 2023 a fim de, pela relação, deixar evidente o caráter formativo de nosso espaço, bem como sua vocação transdisciplinar, convocando outros saberes e conhecimentos à reflexão proposta pelos filmes⁵. Pela ordem cronológica: 1. Sonhadores, dedicada às personagens que têm suas vidas movidas por um objetivo. 2. Mitos e Lendas, com filmes que assumem o papel de contar histórias que foram passadas de geração a geração. Dentre as obras, *Édipo Rei* (1967), de Pier Paolo Pasolini, com discussão feita pelo Professor Doutor Renato Sztutman (FFLCH/USP), sob o título “Apresentação sobre a Abordagem do Mito de Édipo Feita por Lévi-Strauss”. 3. Para Gostar de Cinema. 4. Novíssimo Cinema Brasileiro. 5. Melodrama; tendo os Professores Doutores Ismail Xavier (USP) e Luiz Carlos Oliveira Jr. (UFFJF) como debatedores. 6. Da Telinha para a Telona, com ênfase em trabalhos de diretores/as reconhecidos/as feitos para a televisão. Nesta mostra, o Professor Doutor Fábio de Souza Andrade (USP) discutiu as relações entre Samuel Beckett e a televisão. 7. Óleo Sobre Tela, sobre as relações entre cinema e artes visuais. 8. Animação. 9. Faces do abismo, que tratou de personagens em crise e a impossibilidade de superar esta situação. A Professora Doutora Lúcia Ramos Monteiro (UFF) debateu o filme *Alemanha, Ano Zero*, de Roberto Rossellini. 10. Pulsão de Fuga, em que a perseguição é o *leitmotiv*. 11. Casa dos Prazeres, vinculada à representação do trabalho sexual em seus diferentes formatos e temporalidades, trouxe Eliane de Moraes (USP) para comentar um dos filmes programados. 12. De Repente 30, mostra celebrativa dos trinta anos do Cinusp, com um panorama do que foi exibido no ano de sua criação (Figura 5). 13. Morrendo de Rir, dedicado ao gênero *terrir*. 14. Festival de Cinema Italiano. 15. Uma Noite Não É Nada, em que a história encenada se desenvolve durante as horas de uma noite.

Para que não fiquemos com a impressão de que apenas docentes das humanidades e artes participam desse diálogo, a mostra Uma Pedra no Caminho, que es-

5. Todas as mostras estão disponíveis em <https://cinusp.webhostusp.sti.usp.br/>.



Figura 5. Cerimônia de abertura da mostra especial De Repente 30. Comemoração dos trinta anos do Cinusp – 16.10.23 a 12.11.23. Sessão conjunta com a Cinemateca Brasileira, migração digital da revista *Sinopse* para o Portal de Revistas da USP; lançamento de logotipo comemorativo; produção de minidoc sobre a história do Cinusp; exposição sobre a história do Cinusp; lançamento do livro *O Álbum Marey: Cinema Racial e Cronofotografia*. Acervo Cinusp.

teve em cartaz no Cinusp entre os dias 19 de fevereiro e 3 de março de 2024, teve a participação do Professor Doutor Francisco William da Cruz Júnior, do Instituto de Geociência (IG) da USP para discussão de *Il Buco* (2021), de Michelangelo Frammartino. Especialista em espeleologia, com foco na relação entre espeleologia, meio ambiente e arqueologia nas cavernas do Brasil, sua participação nos permitiu enxergar outra dimensão do filme.

Para finalizar, recuperamos outro exemplo: a sessão de 14 de dezembro de 2023, quando o Cinusp realizou a pré-estreia do filme *No Topo da Amazônia: Em Busca de Novas Espécies* (2022), de Sylvio Rocha e Gui Stockler, que relata uma expedição de descobertas de novas espécies nas ilhas de altitude da Amazônia brasileira. Em novembro de 2022, uma equipe de catorze pesquisadores/as da USP, Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), do Jardim Botânico do Rio de Janeiro e do Centre National de la Recherche Scientifique (CNRS de Paris, na França) partiu ao teto do Brasil com o objetivo de descobrir novas espécies da botânica, mamíferos, aves, répteis e anfíbios. Para chegar a este momento importante da ciência brasileira, em um campo onde nenhum cientista ainda tinha pisado, uma logística de quase um ano foi necessária, coordenada pelo exército brasileiro. A sessão contou com a participação de pesquisadores/as do Instituto de Biociências na discussão do documentário.



Figura 6. Aula do curso Cinema Indiano. Curso Cinema Indiano – 21.8 a 1.9.23. Ministrado por Richard Peña, professor da Columbia University/EUA e diretor emérito do New York Film Festival. Acervo Cinusp.

Outra frente importante de atuação se vincula ao oferecimento de cursos de extensão no espaço que antes de 2022 era ocupado com a programação regular. Houve investimento nesse sentido, com aporte oriundo Edital PRG Santander 2022 – Programa de Incentivo às Artes e Esportes (PIAE), que nos permitiu a aquisição de novo projetor 4k.

Em agosto do mesmo ano pudemos dar início a essa atividade, com curso de difusão cultural gratuitos. Foram ofertados quinze cursos desde agosto de 2022, o que potencializou o uso do Favo 4, aprofundando temáticas desenvolvidas por pesquisadores/as nacionais, como, dentre outros, o Professor Doutor Pablo González (UNB), e internacionais, como o Professor Doutor Richard Peña, da Columbia University, que há três anos oferece regularmente no mês de agosto encontros que ampliam nosso conhecimento sobre o cinema, como foi o caso do curso sobre cinema indiano (Figura 6) ou a respeito das vanguardas artísticas estadunidenses, ou da Professora Doutora Lúcia Nagib (University of Reading/Reino Unido), que em outubro de 2023 ministrou o curso Do Não-Cinema ao Cinema Total (Figura 7).

A última ação coordenada empreendida pelo órgão é, digamos assim, menos visível. Trata-se da organização de seu acervo documental. Com o apoio do Arquivo Geral (AG) da USP foi contratada uma estagiária que, sob a sua supervisão, trata da documentação armazenada em suas dependências. Em linhas gerais, produzida antes da implementação dos meios digitais de circulação da informação, temos: livretos e *folders* de programação; cartazes, ofícios; recibos; contratos; lista de contatos; fitas VHS e MinidV de debates/eventos realizados; cópias de filmes em DVD, Blu-Ray, em arquivos HDDs; livros; revistas; e fotolitos.

Figura 7. Material de divulgação do curso Do Não-Cinema ao Cinema Total. 17, 19 e 20 de outubro de 2023, ministrado pela professora Lúcia Nagib (University of Reading/Reino Unido). Acervo Cinusp.



Em 2013 conseguimos apoio, por intermédio de edital Santander, para digitalização do acervo textual. O trabalho desenvolvido com a supervisão do AG nos permitiu apurar o processamento de informações obtidas até o momento, rever o processo de digitalização realizado há mais de dez anos e conferir à documentação e organização que segue as orientações específicas preconizadas pela área.

Foram inúmeros/as os/as intelectuais e artistas que, ao longo de trinta anos de história, adensaram a discussão proposta pelos filmes e mostras. Dos mais de 450 vídeos que registraram esses debates⁶, há material riquíssimo para o estudo sobre a cultura cinematográfica ao longo desse período.

Além desta documentação, nos já mencionados periódico *Sinopse – Revista de Cinema* e nos livros da Coleção Cinusp, para além do que é sistematizado em relatórios de atividades que são submetidos ao conselho da PRCEU, produzimos conhecimento relevante sobre a história, teoria e crítica do audiovisual.

No caso do periódico, foram doze números concentrados entre 1999 e 2002 (há um número extemporâneo publicado em 2006; atraso que refletia já a dificuldade em manter a periodicidade da revista), sem contar as edições chamadas de “Intervenção” (três edições). Em março de 2023, com o apoio da Agência de Bibliotecas e Coleções Digitais (ABCD), órgão da Universidade de São Paulo responsável por alinhar a gestão da informação, da produção intelectual e das bibliotecas aos objetivos estratégicos da instituição, publicamos o acervo digital da revista, agora disponível no Portal de Revistas da USP.

6. Como pode ser visto e consultado em <https://www.youtube.com/@cinusp/videos>.

Além dos editores Alfredo Manevy, Leandro Saraiva, Kako D'Angelo (1999-2000), Newton Cannito, Manoel Rangel, Marcos Kurtinaitis (2006) e Maurício Hirata, inúmeras foram as pessoas que também participaram de seu conselho editorial, além de contribuírem com os artigos publicados ao longo de sua história. Dentre os muitos que poderiam ser lembrados, afora os já mencionados, temos André Setaro, Andrea França, Andrea Molfetta, Arlindo Machado, Arthur Aultran, Carlos Augusto Calil, Claudia Mesquita, Cezar Migliorin, Cleber Eduardo, Consuelo Lins, David Oubiña, Eduardo Valente, Fabián Nuñez, Fernão Ramos, Firmino Holanda, Humberto Pereira, Inácio Araújo, Ismail Xavier, José Carlos Avellar, José Gatti, Kleber Mendonça Filho, Pedro Plaza Pinto, Marcos Perry, Maria Rita Kehl, Mariarosaria Fabris, Mauro Baptista, Maurício de Bragança, Paulo Alcoforado, Paulo Henrique Silva, Paulo Santos Lima, Roberto Moreira, Rubens Machado Jr., Samuel Paiva e Stella Senra. Muitos dos acima listados/as são hoje docentes de universidades públicas estaduais e federais, além de terem ocupado cargos de gestão cultural, como foi o caso de Manoel Rangel, diretor da Agência Nacional de Cinema (Ancine) entre 2006 e 2017.

Além de ampliar os debates proporcionados pelas mostras organizadas pelo Cinusp, as entrevistas, mesas-redondas, críticas e o registro de debates ocorridos em nosso espaço deram corpo à carta de intenções expressa em seu primeiro número: “Reivindicamos o cinema como meio de entendimento do mundo, como reflexo e ator dos processos sociais, como produtor de cultura. Acreditamos que da atividade crítica, da realização inventiva, do confronto com a produção atual, surgirão alternativas”⁷.

Os arquivos em PDF, com instrumentos de busca, identificação DOI e inserção em portal de acesso público e gratuito, permitiram nova amplitude e maior alcance ao que já se encontrava disponível em nosso *site*⁸.

Na página seguinte seguem dados estatísticos⁹ que dimensionam a amplitude adquirida pela revista ao ingressar no portal.

Em relação à Coleção Cinusp, a decisão foi a de interromper a edição de livros impressos, dado que o Cinusp não é editora e que não lhe compete, portanto, a função de distribuir livros. Em relação ao acúmulo de livros que pertenciam ao nosso acervo, nos concentramos em enviar exemplares às bibliotecas públicas de todo o país, além de deixar os exemplares extras à disposição de nosso público. Em maio de 2022 toda a coleção de livros, até então onze, foi disponibilizada no Portal de Livros da USP, com o apoio inestimável, mais uma vez, da ABCD.

7. “As Razões da Revista”, *Sinopse. Revista de Cinema*, vol. 1, n. 0, p. 1, 1999.

8. Site do Cinusp: <http://www.usp.br/cinusp/>.

9. Retirados de <https://www.revistas.usp.br/sin/stats/publications/publications>.

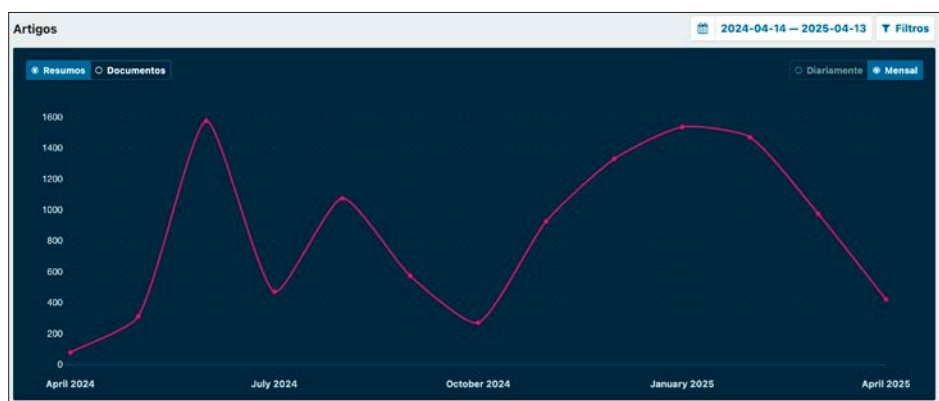


Gráfico 1 – Quantidade de visualização de resumos dos artigos da *Sinopse – Revista de Cinema*. Downloads de abril de 2024 a abril de 2025

Detalhes do Artigo		30 de 284 artigos						Baixar Relatório
Título	Buscar por título, autor e ID	Acessos ao resumo	Visualizações de Arquivos	PDF	HTML	Outro	Total	
Pimentel Xuxa não é só sexo, mas sexo faz parte da Xuxa		45	703	703	0	0	748	
Seligman Risos, sarros e maiô de duas peças - a história do ciclo da pornochanchada		49	556	556	0	0	605	
Galvão A produção independente e o novo marco regulatório para o audiovisual no Brasil		175	158	158	0	0	333	
Editores A Ancinav e todos nós		269	28	28	0	0	297	
Editores Apresentação		262	18	18	0	0	280	
Machado Júnior Poetas, artistas, anarco-superlotistas a marginália 70 e o cinema experimental		231	42	42	0	0	273	
Senra Interrogando o documentário brasileiro		235	19	19	0	0	254	
Kehl Imagens da violência e violência das imagens		218	33	33	0	0	251	
Alcoforado et al. Download!		225	22	22	0	0	247	
Xavier et al. Olhares da cadeia: entrevista com Paulo Sacramento, diretor do premiado documentário O prisioneiro da grade de ferro		200	47	47	0	0	247	
Machado Júnior Nossa imagem violenta		230	14	14	0	0	244	
Saraiva Separações e Houve uma vez dois verões: fazendo gênero entre arte e o mercado		201	41	41	0	0	242	
Pierry Um projeto para a marginália: alguns palpites sobre a mostra do Super-8 do Itaú Cultural		220	22	22	0	0	242	
Hirata O excesso de luz de Lavoura Arcaica		191	46	46	0	0	237	
Xavier Humanizadores do inevitável		202	34	34	0	0	236	

Quadro 1 – Número de acessos e de visualizações dos artigos da *Sinopse – Revista de Cinema*

Dois livros foram publicados de 2022 para cá. O primeiro deles, intitulado *O Álbum Marey de Educação Física – Cinema Racial e Cronofotografia* (2023), obra bilíngue organizada pelos Professores Doutores Bernard Andrieu, da Université Paris Cité, Soraia Chung Saura, da Escola de Educação Física e Esporte (EEFE) da USP, e Ana Cristina Zimmermann, também da EEFE/USP. As docentes são parceiras de longa data do Cinusp, estando à frente da mostra e livro *Cinema e Corpo*, volume 9 da coleção, lançado em 2016. Nesta nova empreitada, juntaram-se a Andrieu, especialista na obra de Étienne-Jules Marey, fisiologista conhecido pelas pesquisas ligadas ao estudo científico do movimento e, principalmente, pelo seu

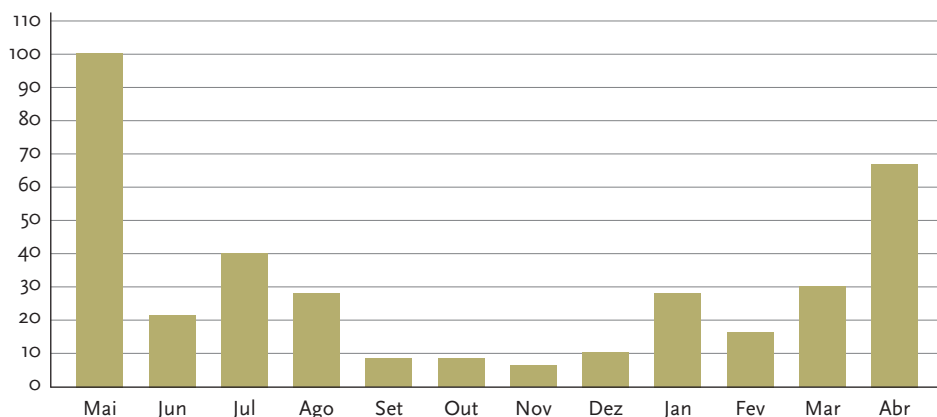


Gráfico 2 – Número de *downloads* da obra *O Álbum Marey de Educação Física – Cinema Racial e Cronofotografia*.

registro em imagens, no dispositivo que ficou conhecido como fuzil fotográfico, criado entre 1881 e 1882. Andrieu examina um de seus álbuns menos conhecidos, marcado pelo olhar colonial dirigido aos corpos de pessoas pretas e ao mundo, ponto de vista que marcou o cinema do final do século XIX e XX realizado nos centros do capitalismo mundial. O objetivo da publicação foi, dentre outros, aproximar reflexões oriundas da Educação Física, do Esporte e do Lazer com outras áreas do conhecimento, tendo o cinema, o corpo e o movimento como pontos de intersecção. O Gráfico 2¹⁰ mostra o número de *downloads* feitos da obra, dado significativo para apreender seu alcance.

O segundo livro publicado nesse período foi *Jorge Furtado: Tudo Isso Aconteceu, Mais ou Menos* (2024), organizado pelo pesquisador, curador e programador Wilq Vicente, resultado de mostra realizada em parceria com a Cinemateca Brasileira e que contou com a presença do diretor no Cinusp em debate sobre a sua obra. Trata-se do primeiro livro da coleção a se dedicar à trajetória de um diretor nacional. Tivemos trabalhos voltados às trajetórias de Robert Bresson, Quentin Tarantino, Harun Farocki, Jonas Mekas e do já referido Étienne-Jules Marey, tão diversos em relação aos seus estilos e aos momentos históricos em que atuaram. Furtado se junta à constelação dada a importância de seus filmes e a sua atuação em diferentes formatos e suportes, dentre outros aspectos. Central, nesse sentido, é a sua produção em curta-metragem, sendo o emblemático *Ilha das Flores* (1989), visto e revisto por décadas e gerações, um exemplo. Os projetos desenvolvidos atestam o alcance de sua obra, e o livro procura refletir sobre essa extensa e rica filmo-

10. Retirada de <https://www.livrosabertos.abcd.usp.br/portaldelivrosUSP/catalog/book/1228>.

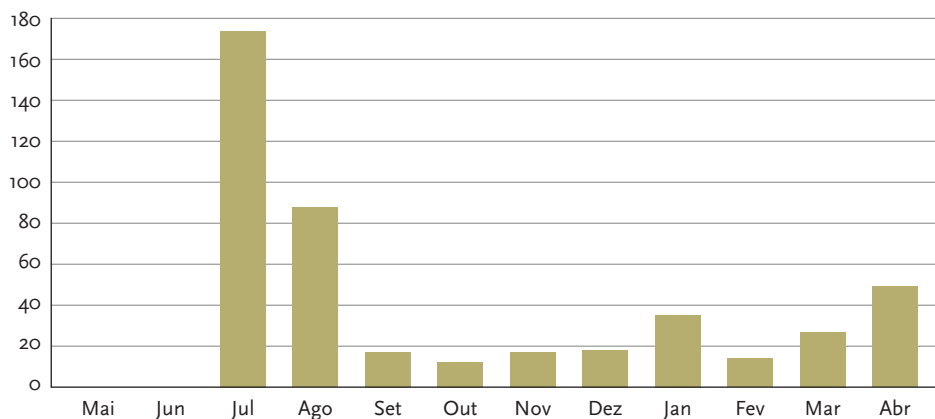


Gráfico 3 – Número de *downloads* da obra *Jorge Furtado: Tudo Isso Aconteceu, Mais ou Menos*

grafia. O Gráfico 3¹¹ mostra o número de *downloads* feitos da obra entre os meses de maio de 2024 e abril de 2025, dado significativo para mensurar seu alcance.

IMPACTO E AVALIAÇÃO

As principais métricas dizem respeito ao número de espectadores presentes nas sessões e ao alcance de nossas publicações nas mídias sociais, em particular o Instagram e o X.

Os dados de público acima listados atestam a resposta dada, principalmente pelos/as estudantes, à programação de filmes e sua organização em mostras. O fato de contarmos em nossa equipe, como dissemos, com alunos/as na curadoria e comunicação contribui de maneira muito potente para a sua recepção. No que diz respeito à curadoria, a abertura de espaço e voz à equipe permite que gostos e preferências distantes dos nossos, ou seja, daqueles que se formaram na cinefilia nos anos 1980 e 1990, sejam mobilizados e explorados.

Do ponto de vista da comunicação, em que o resgate das métricas depende, por vezes, dos conglomerados multinacionais que controlam a informação, os dados são reveladores.

Em sua página no Instagram¹² o Cinusp possui mais de 3 200 publicações e 33 mil seguidores. O *reel* Cinema de Graça Todo Dia na USP¹³, postado na última se-

11. Retirada de <https://www.livrosabertos.abcd.usp.br/portaldelivrosUSP/catalog/book/1357>.

12. https://www.instagram.com/cinusp_.

13. <https://www.instagram.com/reel/DH1hn6BMM3v/>.

Quadro 2 – Presença do Cinusp no X, entre fevereiro e maio de 2024

TWITTER						
Mostra	Tweets	Impressões	Engajamentos	Retweets	Respostas	Favoritos
Épicos	54	890.770	47.420	2.080	300	10.340
Uma Pedra no Caminho	47	569.730	23.930	1.190	280	4.620
Para Gostar de Cinema	1	349.540	21.090	1.300	110	4.420
Rastros de um Mistério	0	0	0	0	0	0
Jorge Furtado	0	0	0	0	0	0
Vim e Irei como uma Profecia	0	0	0	0	0	0
Total	102	1.810.040	92.440	4.570	690	19.380

mana de março de 2025, obtive mais de 92 mil visualizações, 4 213 reações e 138 comentários. Os números são expressivos se contarmos a quantidade de seguidores que o órgão possui e que não impulsionamos o *post*, sinalizando o engajamento de forma orgânica de nosso público. Trata-se, de longe, o *reel* mais visto de nossa história¹⁴.

O engajamento também é obtido por meio de “batalhas” em que os/as usuários/as são instados/as a escolher, dentre os filmes que serão exibidos em dada sessão. No final de novembro de 2024, o vencedor foi *Elvira: Mistress of The Dark* (1988), de James Signorelli, em uma campanha que gerou 194 reações¹⁵.

O Quadro 2 mostra os dados referentes à nossa presença no X, antigo Twitter, entre fevereiro e maio de 2024. A partir desse mês, o acesso às estatísticas somente são possíveis mediante à contratação de serviços e/ou pagamentos.

De maneira geral, os comentários, tanto no X quanto no Instagram, valorizam nossa atividade e programação. Em meio ao discurso de ódio que viceja nas

14. Ver https://www.instagram.com/cinusp_/reels/.

15. Como pode ser visto em <https://www.instagram.com/p/DCU2sqj9aK/>.

mídias sociais, podemos dizer que o Cinusp passa relativamente ileso. Esse lugar ocupado pelo órgão, dentro e fora da comunidade, pode ser percebido quando do lançamento dos editais PUB. Em 2024, para dez bolsas, 270 candidatos/as se apresentaram!

Tendo em vista o exposto, o Cinusp Paulo Emílio contribui, por meio da difusão cultural, com os seguintes objetivos de desenvolvimento sustentável: educação de qualidade, igualdade de gênero, redução da desigualdade e ação contra a mudança global do clima.

AVALIAÇÃO GERAL

Dentre os principais desafios que o órgão enfrenta, está a criação do circuito de cinema Cinusp pelos *campi* do interior. Essa ação é particularmente importante, tendo em vista que, de maneira geral, o público nos cinemas decai e a experiência é, via de regra, a sala de cinema localizada em *shoppings centers* em que os espaços são ocupados por dois ou três filmes, geralmente *blockbusters* estadunidenses.

As limitações para que esse desafio seja superado decorrem, em primeiro lugar, da ausência de infraestrutura adequada para a exibição de filmes na qualidade defendida pelo Cinusp. Esta fragilidade é decorrente da falta de recursos públicos compatíveis com o padrão idealizado, necessários tanto para a compra de equipamentos e reforma dos espaços em que a atividade ocorrerá quanto, principalmente, para a contratação de pessoas especializadas para tal fim.

O fato do *campus* da Cidade Universitária permanecer restrito ao acesso público aos finais de semana também limita nosso alcance, e sabemos que se trata de restrição de caráter geral e que envolve a resolução de outros problemas.

A despeito da presença das atividades do Cinusp nas mídias de nossa Universidade, considerando também o seu extraordinário alcance, seria importante que o órgão contasse com uma assessoria de imprensa especializada a fim de aumentar de forma expressiva nossa presença nos meios de comunicação tradicionais.

Por fim, testemunhas que somos dos esforços empreendidos pela Prefeitura do *Campus* a fim de melhorar o ordenamento do espaço público de nosso *campus*, a ausência de sinalização adequada é um problema que afeta de forma muito contundente nossas atividades.

As parcerias acima listadas contribuem para que o Cinusp atinja novos públicos, converse com outros atores sociais e agentes culturais, rompendo o cerco que, por vezes, o aparente isolamento de nossa Universidade nos impõe.

A despeito dessas iniciativas, tornar mais efetiva a presença cultural do Cinusp no cenário paulistano e nos *campi* que compõem a nossa Universidade corresponde aos principais desafios a serem enfrentados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Cinusp Paulo Emílio tem hoje um público fiel, fidelidade que foi conquistada por meio de programação que interessa a comunidade de alunos/as de nossa Universidade. Além da concepção das próprias mostras, dos cursos realizados, das sessões especiais promovidas e da discussão desenvolvida por meio de debates e publicações, a comunicação empreendida pelo Cinusp consegue mobilizar os/as que acompanham nossas atividades, sendo a nossa presença nas mídias sociais forte indicador neste sentido.

Pretendemos ampliar a ocupação de nossa sala principal, com média atual de cerca cinquenta espectadores por sessão, contando para isso com maior apoio na divulgação de nossas atividades.

Atingir estudantes de outros *campi* de nossa Universidade a fim de consolidar a cultura cinematográfica em nosso Estado é outro desafio a ser concretizado, demanda que depende, a nosso ver, da articulação de diferentes instâncias da Universidade, a começar pela direção – no sentido de coordenação – da PRCEU neste processo.

Por fim, gostaríamos de oferecer com maior periodicidade cursos de extensão, saltando de uma média de quatro ofertas para oito, pois, assim, esse processo de reflexão continuada sobre a experiência cinematográfica tende a se adensar. Para tanto, a divulgação desse espaço e de sua vocação poderá contribuir para que tenhamos maior quantidade e qualidade de propostas.

Ao disseminar a cultura cinematográfica, estimular a pesquisa e o conhecimento, contribuindo assim para a formação e permanência estudantis, o Cinusp fortalece os vínculos entre a Universidade e sua comunidade. Em conjunto com outros órgãos de cultura e extensão, museus e institutos de pesquisa, o Cinusp pode auxiliar na formulação de uma verdadeira política artística-cultural da Universidade, sob a direção da PRCEU, atendendo, dessa maneira, aos objetivos de sua criação.

CAPÍTULO 10

CEUMA – CENTRO UNIVERSITÁRIO MARIA ANTONIA: Arte, Cultura Crítica e Pensamento Democrático

ANA CLAUDIA VEIGA DE CASTRO¹

IVO GIROTO²

JOSÉ TAVARES CORREIA DE LIRA³

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O Centro Universitário Maria Antonia é hoje um espaço fundamental para a memória da luta política do país e uma referência no sistema das artes na cidade de São Paulo. Localizado no edifício da antiga Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (FFCL), o Maria Antonia foi inaugurado como centro cultural em 1994, buscando reativar o papel histórico-cultural que este espaço institucional emblemático desempenhara ali de 1949 a 1968⁴. Ainda no final dos anos 1980, com a volta da democracia e com a Constituição de 1988 já em vigor, o edifício da Maria Antonia retornaria à USP depois de quase duas décadas, sendo então criado o espaço Maria Antonia, em 3 de dezembro de 1992, destinado a “organizar a programação e divulgação de eventos científicos, culturais e literários da USP e de outras entidades”⁵.

1. Professora da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo e de Design da Universidade de São Paulo (FAU/USP), diretora (2024-2026) e vice-diretora (2022-2024) do Centro Maria Antonia da USP
2. Professor da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo e de Design da Universidade de São Paulo (FAU/USP) e vice-diretor do Centro Maria Antonia da USP (2024-2026).
3. Professor da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo e de Design da Universidade de São Paulo (FAU/USP) e diretor do Centro Maria Antonia da USP (2022-2024).
4. O nome que batiza o órgão retoma o modo como alunos e professores se referiam ao local. Ver Irene Cardoso e Abílio Tavares (orgs.), *50 Anos de uma Batalha. Livro Branco sobre os Acontecimentos da Rua Maria Antonia 2 e 3 de Outubro de 1968* (comissão organizadora em 1968: Antonio Candido, relator, Carlos Dantas, Cesar Benjamin de Lyra, Eunice Durham, Ruth Cardoso, Simão Mathias, presidente), São Paulo, FFLCH/USP, 2018; e *Maria Antonia, uma Rua na Contramão*, org. M. Cecília Loschiavo dos Santos, São Paulo, FFLCH/USP, 2018.
5. Cf. Resolução n. 3878 de 3 de dezembro de 1992. Até a década de 1970, o conjunto foi ocupado pela Junta Comercial, Prodesp e Conselho Penitenciário. A Universidade voltou a se instalar ali apenas na década de 1990, quando lhe foi garantida uma permissão de uso a partir da negociação com a Fazenda do Estado. O pedido de utilização pela USP aconteceu no mesmo momento em que se realizava o estudo de tombamento pelo Condephaat, ainda na década de 1980.

Os anos iniciais de existência desse espaço cultural foram marcados pelo valor simbólico e memorial da antiga Maria Antonia, transformada agora numa espécie de polo avançado da reflexão crítica da Universidade acerca da cultura, do pensamento e do debate público. Explorando o elo entre a memória da antiga Maria Antonia, a reconquista do espaço para a USP e a redemocratização do país, as primeiras gestões concentram esforços na construção de um papel institucional, cultural e extensionista específico ao Centro. Coerente com essa trajetória, o já denominado Centro Universitário Maria Antonia (Ceuma) passa a integrar a Pró-Reitoria de Cultura e Extensão Universitária (PRCEU) em 1994 e, no final da década de 1990, assume o desafio de potencializar o lugar das artes visuais em seu interior, estruturando um robusto programa de exposições e fomento à formação e à atividade curatorial e crítica entre alunos de graduação e pós-graduação da USP⁶. Para tanto, a incorporação do edifício Joaquim Nabuco, que seria reformado com base em projeto do escritório Una Arquitetos, buscou oferecer um espaço exclusivo para exposições, unido ao edifício Rui Barbosa pela praça em dois níveis, então batizada de Praça Octavio Ianni.

O Maria Antonia também se notabilizou como lugar de memória e de defesa da democracia e dos direitos humanos, sendo palco de diversas manifestações e eventos dentro desse campo. Seu valor inquestionável como *locus* de defesa da democracia e como sede e símbolo da forte mobilização estudantil durante e contra o regime militar foi reconhecido por órgãos de defesa do patrimônio: tombado em 1988 pelo Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico do Estado de São Paulo (Condephaat), em 1991 o seria pelo Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio Histórico, Cultural e Ambiental da Cidade de São Paulo (Conpresp). Dessa maneira, a responsabilidade pela preservação desse importante patrimônio edificado representa hoje um dos principais desafios da gestão do centro cultural.

As sucessivas gestões, desde sua inauguração, enfrentaram desafios diversos, introduzindo novos e aperfeiçoando antigos conteúdos e programas, sempre zelando pelo patrimônio cultural acumulado ao longo dos anos. Entre eles, o arquivo documental da instituição, que conta com gravações de palestras e cursos memoráveis⁷; a Biblioteca Gilda de Mello e Souza, iniciada com a coleção da eminente

6. Sob a direção do professor Lorenzo Mammi (FFLCH/USP), inicialmente, este programa seguiria nas gestões seguintes entre altos e baixos. Desde sua abertura ao público até 2024, o Maria Antonia contabiliza 533 exposições realizadas.

7. Hoje, a necessidade de garantir as cópias de segurança para um arquivo sobretudo digital é um dos maiores desafios que se enfrenta. O setor audiovisual do Ceuma/USP vem transformando fitas magnéticas em digital, mas esses novos arquivos requerem espaços em “nuvem” e HDs físicos que permitam a salvaguarda de um acervo sempre em expansão.

Professora do Departamento de Filosofia da USP e doada ao órgão em 2012⁸ como o núcleo inicial de uma biblioteca que hoje acumula mais de quatro mil volumes nos campos das artes, da estética, dos direitos humanos e do pensamento social; uma pequena coleção de arte que vem se ampliando a cada ano por meio de doações; e, não menos importante, a própria arquitetura do complexo, por seu valor histórico, cuja reforma só viria a ser concluída em 2017.

Mais de três décadas depois de sua criação, pode-se afirmar que o Maria Antonia é hoje uma instituição reconhecida como espaço de extensão universitária, artística, intelectual e científica, fomentando estratégias específicas de formação, extensão e produção cultural, em sintonia com as mudanças na sociedade, na Universidade, nas artes e no pensamento. Os desafios particulares desta atual gestão, composta por dois períodos⁹, bem como suas principais realizações, são apresentados e discutidos nas próximas seções deste texto.

UMA ESTRUTURA FÍSICA IMENSA, UMA ESTRUTURA FUNCIONAL PEQUENA E GRANDES DESAFIOS

Atuando como espaço de extensão universitária, o Centro Universitário Maria Antonia é uma instituição cultural que tem hoje como papel principal o desafio de democratizar o acesso das correntes de pesquisa interdisciplinar da Universidade de São Paulo para a sociedade, dando espaço à divulgação científica e, ao mesmo tempo, viabilizar o fomento das artes e do pensamento social na cena cultural e intelectual de São Paulo, também de um modo cada vez mais amplo e democrático.

Atualmente, o conjunto funciona em dois edifícios: o edifício Rui Barbosa, a antiga sede da Faculdade de Filosofia, no número 294 da Rua Maria Antônia, e o edifício Joaquim Nabuco, localizado no número 258 da mesma rua, que também abrigou alguns cursos da FFCL (ambos construídos na década de 1930 como sede do colégio Liceu Nacional Rio Branco). Em 1949, além desses dois prédios, a Universidade de São Paulo ocupou outro edifício também pertencente ao Liceu, na Rua Dr. Vila Nova, onde passou a funcionar a Faculdade de Ciências

8. Durante a gestão de Moacyr Novaes (FFLCH/USP).

9. Em 2002, José Tavares Correia de Lira assume como diretor, tendo como vice Ana Claudia Veiga de Castro. Em agosto de 2024, com a saída de Lira, Ana Castro assume a direção, e Ivo Renato Giroto, que já participara de um projeto expositivo no Centro, assume a vice-direção. Os três são docentes da FAU/USP.

Econômicas e Administração (FCEA). Este último edifício seria retomado pela USP apenas em 2020, e a atual gestão trabalhou desde seu início para que ele pudesse fazer parte do conjunto da Maria Antonia de maneira mais qualificada¹⁰.

O edifício Rui Barbosa, mais antigo, conta atualmente com quatro espaços expositivos que esta gestão tem buscado manter sempre ocupados por exposições em geral mais ligadas aos temas da memória, verdade, justiça e reparação. Assim, manteve-se no primeiro andar uma exposição de longa duração sobre a memória do próprio edifício como lugar de resistência política – a mostra *Memoriantonia: Por uma Memória Ativa dos Direitos Humanos*, com curadoria de Marcos Selligman-Silva e Diego Matos¹¹ –, e os demais abrigam exposições temporárias. Além disso, este edifício conta com sala de aula, biblioteca, uma sala de cinema (denominada Carlos Reichenbach), o Salão Nobre (utilizado nas sessões solenes, nos seminários e palestras) e salas para seus setores administrativos. Já o edifício Joaquim Nabuco, após a conclusão da reforma, abriga cinco excelentes espaços expositivos, além de uma sala multiuso apta a apresentações artísticas e/ou de naturezas diversas, bem como um espaço para receber um café, aberto para a praça baixa.

Administrado com uma estrutura funcional enxuta – treze servidores (contra os 38 da época de sua inauguração), somados a um corpo de funcionários terceirizados para a limpeza e segurança –, as funções desempenhadas por todos se desdobram em múltiplas atividades. Uma assistente de direção e financeiro¹² gerencia uma estrutura de três servidores administrativos no setor de compras e de cursos¹³ e de zeladoria¹⁴ e três servidores de manutenção, que atualmente também dão apoio para as montagens de exposições¹⁵. Pelo lado acadêmico, uma assistente de comunicação e de programação¹⁶ auxilia na organização dos servidores que se

10. Ainda em 2022, logo no início da gestão, foi promovido em parceria com a FAU/USP um *workshop* com professores e alunos de arquitetura e urbanismo da FAU/USP e do IAU/USP e com servidores da Superintendência dos Espaços Físicos da USP (SEF/USP), inclusive com seu diretor Miguel Buzzar (IAU/USP) para discutir possibilidades de intervenção e adequação do edifício como mais um espaço do conjunto da Maria Antonia, na medida em que os três edifícios compartilham os fundos dos terrenos e podem se unir pela Praça Octavio Ianni. Os resultados foram encaminhados à SEF para subsidiar uma possível reforma. Após a cessão do edifício para a Escola da Defensoria Pública do Estado de São Paulo, em acordo assinado em 17 de outubro de 2024, decidiu-se que uma reforma seria feita no edifício pela DPESP e que dois andares serão compartilhados pelo Ceuma/USP, podendo-se desta forma ampliar o espaço dedicado aos cursos de extensão. Ver <https://jornal.usp.br/institucional/escola-da-defensoria-publica-ocupara-predio-historico-da-usp-no-centro-da-cidade/>. Acesso em 2 mar. 2025.

11. Inaugurada na gestão anterior, de Lúcia Maciel (ECA/USP).

12. Maria Donizetti de Brito.

13. Josiel Barbosa e Renata Pereira da Silva.

14. Valdeci Gouveia.

15. Artur Leandro Caldeira, Luis Vanderlei de Almeida e José Aleixo da Silva.

16. Sandra Lima.

dividem nos setores de produção de exposições¹⁷, de documentação e memória¹⁸, biblioteca¹⁹ e audiovisual e eventos²⁰, que completam a estrutura funcional juntamente a uma secretária da direção²¹.

A programação do Maria Antonia oferece regularmente cursos de difusão cultural e científica, abriga exposições, promove palestras e seminários, oferece programas musicais, recebe lançamentos de livros e fomenta uma série variada de eventos que incentivam o pensamento crítico ao tematizar os direitos humanos, as ciências, as artes e a produção do conhecimento em geral.

Além dessas atividades, o Maria Antonia abriga a Biblioteca Gilda de Mello e Souza; bem como as programações do Teatro da USP (Tusp); do Cinema da USP (Cinusp); e ainda os variados programas da PRCEU, como o USP 60+, o Prêmio Nascente de Artes Visuais e de Design, entre outros. A Biblioteca, que se encontrava fechada no início desta gestão, foi finalmente reinaugurada – em uma cerimônia que contou com a presença da família Mello e Souza – e hoje segue ampliando seu acervo por meio de novas doações e eventuais aquisições²².

Para que esse centro cultural possa desempenhar todas as funções para as quais ele se vocaciona, a atual direção também estabeleceu um programa de estagiários e bolsistas, que hoje conta com uma média de trinta alunos de graduação, atuando nas mais diversas áreas: educativa, expositiva, de memória e documentação, de comunicação e apoio audiovisual²³. Embora longe do ideal, essa estrutura funcional, apoiada pelos alunos estagiários e bolsistas e pela direção comprometida desde seu início com o desejo de recolocar o Maria Antonia em pauta, é o que tem permitido levar adiante o compromisso com o pensamento crítico e com a democratização cada vez maior do conhecimento universitário.

17. Juliano Moraes.

18. Tuca Capelossi.

19. Lilian Bianconi.

20. Roberto Melo.

21. Tereza Cristina de Almeida.

22. Esta gestão não poupou esforços para buscar um bibliotecário que pudesse ser transferido ao Ceuma/USP, o que finalmente aconteceu no final de 2024. Com isso, a Biblioteca finalmente entrou no Sistema ABCD e, após a revisão, higienização e catalogação, os livros finalmente podem ser acessados pelo sistema Dedalus. Ver <https://jornal.usp.br/cultura/com-acervo-de-gilda-de-mello-e-souza-centro-mariantonia-reabre-sua-biblioteca/>. Acesso em 3 mar. 2025.

23. Por meio do Programa Unificado de Bolsas (PUB), já passaram pelo Ceuma/USP desde 2022 mais de sessenta bolsistas. Atualmente são 25. São eles que, juntamente aos estagiários, por volta de cinco, também alunos USP, aos servidores e à direção, contribuem para o funcionamento cotidiano do centro cultural, ganhando nesse percurso uma experiência com a gestão cultural em suas várias frentes.

UMA MISSÃO, DOIS EIXOS DE AÇÃO E A VONTADE DE AMPLIAÇÃO QUALIFICADA DO PÚBLICO

Esta gestão, com as direções iniciadas em 2022 e 2024, tem buscado singularizar a agenda institucional do Maria Antonia em relação ao sistema cultural da cidade, que, nas últimas décadas, ampliou-se muito e se consolidou com o surgimento de novos museus, centros culturais, galerias, universidades, escolas etc.

Para tanto, procura manter e desenvolver parcerias tradicionais, com instituições públicas ou da sociedade civil, entre elas, Memorial da Resistência, Sesc São Paulo, Pinacoteca do Estado, Instituto Vladimir Herzog, Consulado Francês, Museu da Pessoa, Museu da Diversidade, Defensoria Pública, Instituto Alípio Freire, Instituto Luiz Gama, Rede Escola Pública e Universidade, Ação Educativa, Instituto de Artes da Unesp, bem como com a Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), com a qual divide o espaço.

Também promove o diálogo, como estratégia de ampliação dos debates, com agentes culturais e públicos ainda pouco, ou apenas esporadicamente, representados na agenda cultural e na rede de colaboradores diretos do órgão. Notadamente, coletivos de arte e cultura, redes e associações literárias, educativas, de comunicação, de direitos humanos, em especial aquelas atuantes nas periferias de São Paulo²⁴. Para que essa abertura de perspectivas pudesse ser realizada, ainda em 2022 foi promovida uma plenária que reuniu mais de vinte coletivos de São Paulo, das mais diversas áreas, em busca de estabelecer um diálogo de dupla mão, e que desde então tem possibilitado o desenvolvimento de ações importantes, como se verá mais adiante.

Ao mesmo tempo, seguem constantemente reforçados os laços com as Unidades de Ensino e Pesquisa, os Institutos Especializados, os Museus e outros Órgãos da USP (como FFLCH, IF, FE, IEB, IEA, FAU, ECA, EACH, IAU, FM, EP, MAC), e ainda os demais órgãos da PRCEU, como Tusp, Cinusp, CPC, Biblioteca Brasileira, por meio de projetos e iniciativas conjuntas no campo da cultura e extensão. Tais ações visam favorecer o diálogo entre disciplinas acadêmicas diversas, as artes visuais, a filosofia, a história, as ciências sociais, a literatura, a música, a arquitetura e urbanismo, o *design*, o cinema, o teatro, a química, a educação, a saúde pública,

24. Observa-se, a partir dos anos 2010, uma virada nos movimentos de cultura nas periferias de São Paulo, fruto de um conjunto de condições econômicas, políticas e sociais. Uma articulação dessa movimentação se organiza sob o nome *Movimento Cultural das Periferias*, contribuindo para o debate e a formulação de uma lei popular de fomento à cultura das periferias, aprovada no final da gestão Fernando Haddad, possibilitando a manutenção de projetos mais duradouros por parte das coletividades periféricas. Ver Silvia Lopes Raimundo, *Território, Cultura e Política: Movimento Cultural das Periferias, Resistência e Cidade Desejada*, São Paulo, FFLCH/USP, 2017 (Dissertação de Mestrado).

o direito, a engenharia, entre outras, fortalecendo o papel integrador do órgão e se beneficiando de sua ampla representatividade e vocação no interior da Universidade e de sua localização central em prol de programas de formação, difusão e fomento, e de ações voltadas ao estreitamento dos laços entre a universidade, a sociedade civil e outros polos de produção cultural. Nesse sentido, vale notar que o Conselho Deliberativo do órgão, com membros vinculados à USP mas também à sociedade civil, tem sido fundamental como instância de discussão²⁵.

Para desempenhar esse amplo e diversificado programa, foram definidos dois eixos de trabalho prioritários, com o intuito de organizar suas atividades e reforçar seu papel social.

Memória, Universidade, Democracia

O primeiro eixo, Memória, Universidade e Democracia, busca fortalecer a vocação histórico-patrimonial do Maria Antonia, bem como o simbolismo intelectual e político associado ao Centro, através de uma agenda variadas de ações: exposições permanentes e temporárias, debates, ciclos de cinema, cursos e oficinas de extensão, organização de acervos e dados, coleta de depoimentos, eventos de natureza institucional, programas de visitação voltados à recuperação da memória da Universidade de São Paulo, da resistência política à ditadura e das lutas estudantis, de modo a aprofundar os elos entre o bem tombado e o papel permanente da universidade de fomento ao pensamento crítico, aos direitos humanos e aos valores democráticos.

Além de eventos e cursos promovidos em conjunto com estudiosos, movimentos e instituições ligadas ao temas da ditadura, da democracia, dos direitos humanos, também tem-se valorizado esse eixo de ação por meio de uma série de exposições, como Imagem-Testemunho: Experiências Artísticas de Presos Políticos na Ditadura em São Paulo, em 2023, com curadoria de Priscila Arantes²⁶; Hiroto Yoshioka: Uma Batalha a Preservar, 2023-2024, por Eduardo Costa e Deborah Ne-

25. O Conselho é presidido pela Pró-Reitora Marli Quadros Leite e conta, além dos professores diretores, com seis professores de unidades da USP (Marcos Napolitano (História – FFLCH); Fernanda Peixoto (Antropologia – FFLCH), Gislene Aparecida dos Santos (EACH); David M. Sperling (IAU); Luiz Bagolim (IEB, agora substituído por Inês Gouveia, do mesmo Instituto); Ana Magalhães (MAC, como representante do CoCEX, agora substituída por Paulo Garcez – MP); e dois membros da sociedade civil (Eleilson Leite, da Ação Educativa e Preta Ferreira, da Ocupação Nove de Julho. Em 2025, Andrea Nogueira, do Sesc SP, foi nomeada no lugar desta última).

26. Ver <https://jornal.usp.br/articulistas/janice-theodoro-da-silva/imagem-testemunho-experiencias-artisticas-dos-presos-politicos-na-ditadura-civil-militar/> e <https://jornal.usp.br/radio-usp/exposicao-no-maria-antonio-documenta-periodo-obscurito-da-historia-do-pais/>. Acesso em 5 mar. 2025.



Figura 1. Inauguração da exposição *Paisagem e Poder: Construções do Brasil na Ditadura*, 2024. (esq.) Figura 2. Inauguração da exposição *Imageria das Redes: Design e Ativismos*, com curadoria de Didiana Prata, 2024 (dir.).

ves²⁷; *Paisagem e Poder: Construções do Brasil na Ditadura*, 2024, por Paula De-decca, Victor Prospero, João Fiammenghi, Magaly Pulhez e José Lira²⁸; *Imageria das Redes. Design e Ativismos*, 2024, com curadoria de Didiana Prata²⁹; *Memórias Encontradas: Entre a Solidariedade e a Perseguição*, 2024-2025, coordenada pela Comisión por la Memoria (CPM) e pelo Instituto Vladimir Herzog, com obras do coletivo Linhas de Sampa e da artista Fulvia Molina³⁰; *Ausências Brasil*, 2025, do fotógrafo argentino Gustavo Germano, em parceria com o Núcleo de Memória Política (NMP)³¹, todas elas animadas por uma ampla gama de atividades vinculadas: ciclos de filmes, debates, seminários, oficinas e cursos, o que contribui para manter uma visitação constante e qualificada.

Fortalecendo parcerias com outras instituições de memórias e direitos humanos, essa programação mostra a importância e o reconhecimento do Maria Antonia e o habilita a ser parte da rede de instituições por memória, verdade, justiça e reparação que atua na América Latina. Nesse sentido, destaca-se que o Maria

27. Ver <https://jornal.usp.br/cultura/exposicao-apresenta-fotografias-ineditas-da-batalha-da-maria-antonio/>. Acesso em 5 mar. 2025.

28. Ver <https://jornal.usp.br/cultura/exposicao-na-usp-mostra-os-impactos-de-construcoes-realizadas-na-ditadura-militar>. Acesso em 5 mar. 2025. A exposição foi beneficiária do Edital Proac-sp, e os resultados do seminário vinculado a ela serão reunidos em livro.

29. Ver <https://jornal.usp.br/cultura/exposicao-faz-refletir-sobre-o-papel-das-redes-sociais-na-politica/>. Acesso em 5 mar. 2025.

30. Ver <https://jornal.usp.br/cultura/perseguido-e-solidariedade-na-ditadura-chilena-sao-tema-de-exposicao-no-centro-mariantonia/>. Acesso em 5 mar. 2025.

31. Ver <https://jornal.usp.br/cadernodecultura/exposicao-apresenta-ausencias-de-assassinados-e-desaparecidos-da-ditadura-argentina/>. Acesso em 5 mar. 2025.

Antonia se tornou ainda na gestão anterior um núcleo do Museu da Pessoa³², tendo ampliado seu acervo inicial de entrevistas com a condução de um conjunto de importantes depoimentos de presos políticos que participaram do Ateliê Livre que Alípio Freire desenvolveu no Presídio Tiradentes nos anos da ditadura civil-militar. Esse material comporia, juntamente ao acervo reunido por Freire e hoje pertencente ao Memorial da Resistência, a exposição *Imagem-Testemunho* acima já referida.

A parceria com o Memorial da Resistência ganha hoje outro capítulo, como desdobramento da exposição *Paisagem e Poder*, que, a partir da reunião de pesquisas realizadas na USP, buscava refletir sobre a produção das cidades e do território nacional durante os anos da ditadura e o impacto das grandes obras de nesse território. Convidado pelo Memorial para elaborar a curadoria de outra mostra a ser realizada em sua sede, o Maria Antonia pretende no novo projeto trabalhar especialmente a cidade de São Paulo, buscando refletir sobre o efeito das obras da ditadura na vida cotidiana de seus habitantes. O projeto expositivo *Intervenção, Repressão, Resistência: São Paulo na Ditadura e Depois* está previsto para ser inaugurado em maio de 2026³³.

Destaca-se ainda a exposição *Trajetórias Cruzadas: Claudia Andujar, Lux Vidal, Maureen Bisilliat* (2024-2025), com curadoria de Sylvia Caiuby e Fabiana Bruno³⁴. Pode-se afirmar sem receio que esta foi uma das mais importantes exposições em São Paulo no ano de 2024, ao reunir a produção fotográfica dessas três figuras fundamentais da cultura brasileira, artistas, antropólogas, pensadoras do Brasil. As fotografias das três figuras, cujas trajetórias marcadas pela experiência da guerra e do exílio seriam impactadas pelo contato com as populações ameríndias, exibem imagens de um Brasil que era, até suas fotografias, quase completamente desconhecido dos brasileiros, e hoje esse material suscita discussões no campo dos direitos indígenas, mostrando a importância da pesquisa universitária para a construção democrática da sociedade. Desdobramento de um projeto temático Fapesp, com

32. Sob a coordenação da servidora Sandra Lima, esse projeto é beneficiário de editais do Museu da Pessoa, que organiza núcleos e incentiva a formação de novos acervos de depoimentos orais. Foram colhidos inicialmente depoimentos para a exposição permanente *Memoriantonia: Por uma Memória a Serviço dos Direitos Humanos*, com histórias de pessoas que viveram a Batalha da Maria Antônia ou sofreram as consequências da ditadura. O acervo foi complementado pelos depoimentos dos presos políticos na exposição *Imagem-Testemunho*. Há ainda histórias de artistas que mostraram seus trabalhos no centro cultural, bem como os funcionários da USP ligados ao centro, cujas gravações estão em processo de edição. Os depoimentos completos podem ser acessados no canal do Youtube – <https://www.youtube.com/playlist?list=PLYiCUBnzLopaNeNAP2uXrU-3qrQYOPxacy>. Acesso em 5 mar. 2025.

33. O projeto amplia o grupo curatorial original com mais quatro pesquisadores: Max Heringer, Adriano Sousa, Ana Castro e Ivo Giroto.

34. Ver <https://jornal.usp.br/cadernodecultura/exposicao-trajetorias-cruzadas-reune-fotografias-que-revelam-um-brasil-pouco-conhecido/>. Acesso em 30 mar. 2025.



Figura 3. Inauguração da exposição *Trajetórias Cruzadas: Claudia Andujar, Lux Vidal, Maureen Bisilliat*, 2024.

financiamento do Proac-SP, a atividade, ligada aos campos da antropologia e das artes visuais, é um exemplo das possibilidades de entrelaçamento das discussões sobre direitos, democracia e cultura que os projetos de extensão cultural têm³⁵.

Dentro ainda deste eixo, e buscando discutir e difundir a memória da própria Universidade, um conjunto de atividades vem sendo realizado em homenagem à contribuição intelectual de antigos professores da USP, como Paul Singer (2022)³⁶, Francisco de Oliveira (2023)³⁷, Ana Maria Camargo (2023)³⁸, Alfredo

35. Nesse mesmo sentido, buscando unir as artes visuais, a pesquisa e o pensamento social, destaca-se também o projeto expositivo em elaboração, programado para novembro de 2025, *Campo e Cidade na América Latina*, vinculado a um Auxílio Pesquisa Fapesp (coordenado por Nilce Aravecchia na FAU/USP) e que recebeu também verbas do Proac para exibir o acervo do Centro Interamericano de Vivienda y Planeamiento, órgão da OEA com sede em Bogotá e que atuou em toda a América Latina entre as décadas de 1940 e 1970. Tais projetos, beneficiários de políticas públicas de financiamento de pesquisa e das artes, viabilizam mostras que por sua complexidade ultrapassam o orçamento do órgão.

36. A mostra *Paul Singer 90 Anos: Intérprete do Brasil* e o seminário, realizado em parceria com o IEB/USP e o Instituto Paul Singer, e com apoio da FAU/USP, teve curadoria de Alexandre Barbosa, Marcelo Justo, Paula Quental, Ana Castro e José Lira (ver <https://jornal.usp.br/cultura/seminario-lembra-o-professor-paul-singer-interprete-do-brasil/>. Acesso em 25 mar. 2025).

37. O seminário *Chico de Oliveira: Intérprete do Brasil*, e o minicurso foram organizados em parceria com o IEB/USP e a Unifesp, com curadoria de Alexandre Barbosa e Joana Barros (ver <https://jornal.usp.br/cultura/ornitorrincos-capitalismo-e-atraso-o-pensamento-de-chico-de-oliveira-em-debate/>. Acesso 25 mar. 2025).

38. A Presença de Ana Maria Camargo, seminário em parceria com a FE/USP (ver https://www.youtube.com/watch?v=L_FNClt8VoE. Acesso em 25 mar. 2025).

Bosi (2024)³⁹, Maria Célia Paoli (a ser inaugurada em setembro de 2025)⁴⁰ e Gilda de Mello e Souza (programada para 2026)⁴¹. Tais atividades são sempre desenvolvidas em parceria com professores e pesquisadores especialistas e reúnem outras unidades e instituições, contribuindo deste modo para fortalecer o caráter memorial do Maria Antonia naquilo que diz respeito às importantes contribuições que a USP ofereceu e segue oferecendo à reflexão sobre grandes temas e dilemas nacionais. Todas estas exposições, seminários, cursos e mostras de filmes têm sido uma oportunidade fundamental para revisitar os acervos da Universidade, trazê-los à público e tornar essa importante produção intelectual mais conhecida das novas gerações.

Por último, mas não menos importante, o programa de cursos de difusão tem sido um espaço fundamental para a ampliação do público do Maria Antonia e para experimentar novas formas de ensino e extensão⁴². Destaque-se aqui o curso Desigualdade e Convivialidade na América Latina, que foi elaborado como curso de pós-graduação e ao mesmo tempo extensão, como parte do Programa Mecila⁴³ e que indica a possibilidade de ampliar o debate restrito aos alunos da USP para a comunidade em geral.

Culturas Urbanas, Artes e Ciências

O segundo eixo de atuação, Culturas Urbanas, Artes e Ciências, ao reconhecer a cultura urbana como vetor de aproximação da Universidade com a sociedade e promover redes de ação interinstitucional entre docentes, coletivos estudantis, coletivos populares, artísticos, instituições diversas, também fomenta exposições, cursos, debates, oficinas, espetáculos relacionados à produção de conhecimento e à divulgação científica na contemporaneidade. Para além do sistema das artes estabelecido, trata-se de reconhecer a força de um amplo conjunto de agentes e ações que apenas recentemente vêm conquistando espaço e reconhecimento no

39. A mostra *Alfredo Bosi: Entre a Crítica e a Utopia*, com curadoria de Viviana Bosi, e com duas mesas de abertura e encerramento, foi realizado em parceria com o IEA/USP e apoio da FAU/USP (ver <https://jornal.usp.br/cultura/mesa-redonda-inaugura-exposicao-sobre-alfredo-bosi/> e <https://jornal.usp.br/cadernodecultura/mesa-de-encerramento-da-exposicao-apresenta-diferentes-facetas-de-alfredo-bosi/>. Acesso em 25 mar. 2025).

40. Em elaboração pelo Ceuma/USP em parceria com o Cenedic/USP e com a Unifesp, sob a coordenação de Joana Barros (Unifesp).

41. Em elaboração pelo Ceuma/USP em parceria com o IEB/USP e a Unicamp, sob coordenação de Silvana Ramos (FFLCH/USP) e Taisa Palhares (Unicamp).

42. Tem-se buscado oferecer uma média de dez cursos por semestre, mesclando-se áreas, temas e ministrantes, entre pesquisadores mais velhos, jovens doutorandos e pós-doutorandos e ativistas, como se verá adiante. Com isso, atinge-se uma variada gama de público.

43. Coordenado por Moacyr Novaes (FFLCH/USP), pesquisador principal do Programa Mecila. Ver <https://jornal.usp.br/cadernodecultura/curso-desigualdade-america-latina/>. Acesso em 19 mar. 2025.

sistema de arte e cultura, e também de reconhecer que as próprias transformações recentes no perfil sociocultural do corpo discente da Universidade pública no país vêm ampliando as condições de diálogo, intercâmbio e entendimento entre cultura acadêmica e culturas urbanas, de forma mais horizontal e inclusiva, em uma palavra, democrática.

Desde o início de 2022, a partir do diálogo estabelecido na forma de uma reunião plenária inaugural, como dito acima, coletivos de cultura, estudantis, ativistas, artistas, acadêmicos, gestores culturais puderam se tornar parceiros qualificados do Maria Antonia, atuando na realização de cursos, apresentações e exposições. A elaboração de eventos com grupos internos e externos à Universidade, como Instituto Luiz Gama, Instituto Tebas, coletivos Malungo, Carolina Maria de Jesus, São Mateus em Movimento, CPDOC Guaianás, Coletivo Coletores, Saracura Vai-Vai, Ali:Leste, Centro de Memórias Queixadas, Rosas Periféricas, Nos Trilhos, Uru-ray, entre outros, evidenciam o empenho desta gestão em estabelecer um contato duradouro, sistemático e de qualidade com esses novos atores da cena cultural. A despeito de um aparente deslocamento em relação aos circuitos de prestígio ou da chamada “alta cultura” – ou justamente por isso –, tais coletivos vêm oferecendo possibilidades extremamente fecundas de revisão de conceitos, paradigmas, padrões de gosto ou conhecimento, formas de produção, circulação e recepção. E é nesse sentido que vem se buscando manter uma via de mão dupla com tais agentes.

Como parte da programação, dentro desse eixo, destaca-se o projeto São Mateus Move o Centro (2023/2024), fruto de um trabalho prévio da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. Esse encontro entre o Maria Antonia e a FAU de um lado, e dois coletivos da Zona Leste de São Paulo, São Mateus em Movimento e CPDOC Guaianás, de outro, promoveu um trabalho compartilhado envolvendo *graffiti*, pintura, fotografia, vídeos, música, poesia, urbanismo e resultando na exposição *São Mateus Move o Centro* (*graffitis*, fotografias, artes visuais e entrevistas) e em um programa de oficinas, *shows* e *saraus*, tendo como base o reconhecimento dos sujeitos periféricos como agentes criativos de transformação da cultura, da cidade e do país⁴⁴. Atualmente a mostra, em formato reduzido, está itinerando para a

44. Coordenado por Ana Castro e Ivo Giroto a partir de um projeto anterior realizado na FAU/USP. Ver <https://jornal.usp.br/diversidade/periferia-no-centro-shows-saraus-e-exposicao-gratuitos-no-mariantonia-da-usp/>. Ver ainda: <https://vejasp.abril.com.br/coluna/arte-ao-redor/sao-mateus-move-centro-usp/>. Acesso em 21 mar. 2025. Sobre o conceito de “sujeitos periféricos”, ver Tiarajú Pablo d’Andrea, *A Formação dos Sujeitos Periféricos: Cultura e Política na Periferia de São Paulo*, São Paulo, FFLCH/USP, 2013 (Tese de Doutorado em Sociologia). Sobre a experiência de ensino, pesquisa e extensão que gera a exposição aqui referenciada, ver Ana Castro, Ivo Giroto e Adriano Sousa, “Construindo Acervos: Um Inventário de Graffitis em São Paulo e os Arquivos da Memória da Cidade”, em Daisy Perelmutter e Thais Waldman (orgs.), *Arquivos e Centros de Memória: O que Ocultam, o que Preservam*, São Paulo, Centro de Memória Urbana (CMurb), Universidade Federal de São Paulo, 2024, pp. 79-104.

Figura 4.
Inauguração da
exposição *São
Mateus Move o
Centro*, 2023.



França, sendo remontada na Sorbonne como parte da Saison France-Brésil 2025, o que evidencia a importância e o reconhecimento dessas formas de expressão artística e cultural também fora do Brasil.

Outra aproximação aos atores periféricos foi a mostra *Ar Livre: Paisagem Contemporânea em Cidade Tiradentes* conduzida pelo coletivo Ali: Leste e com curadoria de Rodrigo Andrade e Marina Frúgoli⁴⁵. Integrando artistas periféricos, grafiteiros, pichadores, ativistas como Evandro Cesar, Link Museu, Deisona, entre outros, ao lado de artistas de renome na cena cultural, como o próprio Rodrigo Andrade, a exposição trouxe para o Maria Antonia uma produção pictórica resultado de três anos de atuação do coletivo de artistas que desde 2021 se encontra regularmente para realizar pinturas de paisagem ao ar livre em diversas territorialidades de Cidade Tiradentes, bairro no extremo leste de São Paulo. Reunindo mais de cem obras de 35 artistas, retrataram-se lugares como Barro Branco, Cohab Fazendo do Carmo, Fundão da Vila Yolanda, Horta do Riacho Doce, Parque Linear da Consciência Negra, Parque do Carmo, Parque do Rodeio, Pedreira Luis Mateus, Ocupação do Texas e Vila Cosmopolita, trazendo para a “pintura de paisagem” uma periferia conhecida e identificada por signos de falta, precariedade, violência e pobreza. Tais bairros, que em geral não fazem parte do repertório das classes médias frequentadoras dos espaços de cultura da cidade, ativam um reconhecimento entre os funcionários terceirizados da Universidade, guardas, copeiras, faxineiras, muitos deles moradores dos extremos da cidade, que ali se viram representados. Levar a sério a extensão cultural é também pensar sobre os traba-

45. Ver <https://jornal.usp.br/cultura/paisagens-de-cidade-tiradentes-sao-expostas-no-centro-mariantonia/> e <https://jornal.usp.br/cadernodecultura/exposicao-apresenta-producao-de-artistas-da-cidade-tiradentes/>. Acesso em 24 mar. 2025.



Figura 5. Exposição e “conversa na exposição” *Ar Livre: Paisagem Contemporânea em Cidade Tiradentes*, 2024 (esq.). Figura 6. Oficina preparatória, montagem e inauguração da exposição *Debaixo desse Céu: Nebulosas da Cidade*, 2024 (dir.).

lhadores e as trabalhadoras da Universidade, muitas vezes precarizados em seus contratos terceirizados, mas que podem de alguma forma serem também tocados por esse trabalho de extensão cultural.

De outro lado, a exposição *Debaixo desse Céu: Nebulosas da Cidade*, com curadoria do grupo de pesquisa Cronologia do Pensamento Urbanístico (coordenado por Margareth da Silva Pereira – UFRJ e Paola Berenstein Jacques – UFBA), reuniu contribuições de oito universidades públicas brasileiras⁴⁶. Partindo do conhecimento produzido na academia, a mostra promove a discussão da cidade contemporânea no Brasil e sua longa história de conflitos, lutas e resistências, por meio da pesquisa desenvolvida por alunos de graduação e pós-graduação, aliada às discussões da sociedade civil, representada nas ações de diversos coletivos de todo o país. Desenvolvido durante mais de dois anos com oficinas, *workshops* e reuniões de pesquisa, o projeto toma o Maria Antonia como um espaço de encontro, demonstrando a força da Universidade de São Paulo como polo de uma discussão nacional.

46. Em parceria com o Ceuma/USP, a exposição foi coordenada por Dilton Lopes (UFBA) e Ana Castro, com trabalhos de pesquisa desenvolvidos pela UFBA, UFRJ, UFMG, Unicamp, UNB, Uneb, UFRGS e USP. Fruto das pesquisas reunidas em *Nebulosas do pensamento urbanístico* (“Modos de Pensar”, “Modos de Fazer”, “Modos de Narrar”), Salvador, Ed. UFBA, 2018-2020, 3 vols., o grupo pretende desenvolver um quarto volume a partir desta experiência, dedicado ao tema “Modos de expAor”. A mostra foi exibida ao mesmo tempo (em duas salas contíguas) que a exposição *Em Órbita*, de Renata Ursai, com curadoria de Didiana Prata (ver <https://jornal.usp.br/cultura/entre-anonimato-e-intimidade-exposicao-reflete-sobre-nosso-lugar-no-mundo/>. Acesso em 30 mar. 2025), provocando a interação entre uma exibição de artes visuais em diálogo com uma exposição que surge de pesquisas acadêmicas. Essas fricções entre campos são, do nosso ponto de vista, um caminho para contribuir para o debate dentro e fora da Universidade.

Como parte deste eixo de atuação e do projeto consciente de aproximar a USP das periferias e reconhecer saberes e práticas não eruditos, em geral objeto de pesquisa mas que ainda pouco ocupam o lugar de sujeitos do conhecimento, também em nosso programa de cursos de difusão buscou-se uma aproximação aos pesquisadores e artistas periféricos e aos ativistas. Nesse sentido, entre muitos desses cursos oferecidos ao longo dos quatro anos da gestão, destacam-se os da pesquisadora e ativista Carla Akotirene, *Perspectivas de Estudos de Violência sobre a Mulher Negra*⁴⁷; de Tiaraju Pablo D’Andrea (pesquisador periférico e Professor da Unifesp), *Sujeitas e Sujeitos Periféricos: Produção de Conhecimento, de Cultura e de Lutas a Partir das Periferias Urbanas*⁴⁸; da pesquisadora Claudia Adão, *(Re) Existências Negras: Aquilombamentos e Periferia como Potência*⁴⁹; de Eduardo Sales, *Entre Aldeias e Quebradas: Atravessamento de Corpos e Territórios na Cidade Multiespécie*⁵⁰; o de Adriano José de Souza (doutorando na USP), *Diálogos Sobre Histórias dos Territórios Periféricos da Cidade de São Paulo*⁵¹, pensado este último como uma espécie de plataforma para a vinda de coletivos que atuam na cidade, tais como o Centro de Memórias Queixadas, de Perus (zona noroeste), Rosas Periféricas, do Jardim Iguatemi (zona leste), Coletivo Nos Trilhos, no Jaraguá (zona oeste), Coletivo Ururay, sediado na Penha (zona leste), entre outros.

Essa programação mais diretamente voltada às questões da negritude e das periferias teve início – após a reunião plenária com coletivos de São Paulo, citada no início desse texto – com as atividades propostas dentro do Outubro Negro, realizadas em parceria com a Faculdade de Saúde Pública e o coletivo Carolina Maria de Jesus, ainda em 2022 (homenageando Sueli Carneiro), quando foram promovidas palestras, minicursos e rodas de conversa, entre elas a do ativista e escritor Allan Rosa e a da pesquisadora Sulamita Rosa. Essa parceria seguiu nos anos posteriores, marcando o apoio do Maria Antonia a ações que vêm buscando, nas palavras de seus organizadores, “enegrecer o conhecimento produzido na USP”⁵². Todos esses múltiplos projetos e ações foram fundamentais para fazer do Maria

47. Ver: <https://jornal.usp.br/diversidade/curso-on-line-discute-violencia-contr-a-mulher-negra-por-meio-de-estudos-feministas-e-decoloniais/>. Acesso em 30 mar. 2025.

48. Ver <https://jornal.usp.br/cadernodecultura/periferias-urbanas-de-sao-paulo-sao-tema-de-curso-gratuito/>. Acesso em 30 mar. 2025.

49. Ver <https://www.mariantonia.prceu.usp.br/curso-resistencia-e-periferia-como-potencia-sp/>. Acesso em 30 mar. 2025.

50. Ver <https://www.mariantonia.prceu.usp.br/curso-gratuito-explora-aldeias-e-quebradas-de-sao-paulo/>. Acesso em 30 mar. 2025.

51. Ver <https://jornal.usp.br/cadernodecultura/curso-percorre-historia-dos-territorios-perifericos-de-sao-paulo/>. Acesso em 30 mar. 2025.

52. O evento, que é realizado desde 2018, a partir da gestão iniciada em 2022, se tornou parceiro do Ceuma/USP, com atividades que ocorrem na FSP/USP e no Ceuma/USP. Ver <https://jornal.usp.br/diversidade/outubro-negro-inicia-discussoes-para-enegrecer-o-conhecimento-produzido-na-usp/>. Acesso em 30 mar. 2025.



Figura 7. Inauguração da exposição *Alfabeto da Reta*, de Edith Derdyk, 2024.

Antonia também um espaço de reconhecimento de uma população preta e periférica, dialogando de maneira mais horizontal com uma parte importante do alunato da USP hoje.

Isso entretanto não significa um olhar menos interessado para a produção erudita, que esteve presente em numerosos seminários, palestras, eventos de lançamentos de livros, encontro, honrando a história e a tradição do espaço cultural, e também nas exposições de artistas reconhecidos na cena contemporânea, como *Silêncio*, de Sonia Guggisberg⁵³; *Alfabeto da Reta*, de Edith Derdik⁵⁴; *Sem Sinal*, de João Bandeira⁵⁵; *Onze Horas*, de Juan Casemiro⁵⁶; *Emaranhado*, de Rita Duffy⁵⁷, entre tantas outras já exibidas e em elaboração, reafirmando o lugar deste centro como um polo das discussões artísticas contemporâneas⁵⁸.

53. Ver <https://jornal.usp.br/cultura/no-centro-mariantonia-exposicoes-refletem-o-momento-politico/>. Acesso 30 mar. 2025.

54. Ver <https://jornal.usp.br/cadernodecultura/alfabeto-da-reta-mostra-dialogos-tecnologicos-no-mundo-contemporaneo/>. Acesso 30 mar. 2025.

55. Ver <https://jornal.usp.br/cadernodecultura/exposicao-explora-apagoes-na-comunicacao-visual/>. Acesso 30 mar. 2025.

56. Ver <https://jornal.usp.br/cultura/sonho-luto-e-memoria-se-encontram-em-exposicao-do-centro-mariantonia-da-usp/>. Acesso em 30 mar. 2025.

57. Ver <https://jornal.usp.br/cadernodecultura/exposicao-apresenta-conexao-entre-questoes-politicas-e-ambientais/>. Acesso em 30 mar. 2025.

58. Como a mostra São Paulo Cidade, Sinais, Manchas e Sombras, com obras de três gerações de artistas paulista que passaram pela ECA/USP, entre eles o gravurista Evandro Carlos Jardim, e com curadoria de Claudio Muba-



Figura 8. Concertos realizados na Sala Multiuso.

É no mesmo sentido que, buscando retomar uma atuação no campo da música, e com o intuito de qualificar os usos da Sala Multiuso, foi elaborado um programa musical quinzenal com concertos de música antiga e outros gêneros da música clássica. Iniciado em 2023 pelo ciclo de música *A Matemática dos Afetos: Um Painel da Música Medieval e Barroca*, com curadoria de Dante Pignatari⁵⁹, o programa seguiu com o ciclo *Lusofonia: A Canção no Século Dourado Ibérico*, em 2024⁶⁰, e com numerosas e valiosas apresentações musicais ao longo de 2024 e 2025⁶¹.

UM BALANÇO E UMA REFLEXÃO SOBRE AS ATIVIDADES REALIZADAS

Do nosso ponto de vista, o propósito destes eixos de ação tem sido articular estratégias e agentes múltiplos para fortalecer o papel do Maria Antonia como polo de fomento, difusão, compartilhamento e expressão de valores e experiências ao reconhecer as mudanças recentes da metrópole e do sistema cultural em São Paulo; a circularidade entre saberes especializados e tradicionais, culturas eruditas e cultu-

rac, inaugurada em abril de 2025. Ver <https://jornal.usp.br/cadernodecultura/exposicao-apresenta-a-cidade-de-sao-paulo-sob-diferentes-olhares/>. Acesso em 30 mar. 2025.

59. Ver <https://jornal.usp.br/cultura/aulas-concerto-vao-explorar-800-anos-de-historia-da-musica/>. Acesso em 30 mar. 2025.

60. Ver <https://jornal.usp.br/cadernodecultura/lusofonia-e-o-tema-do-ciclo-de-musica-no-mariantonia/>. Acesso em 30 mar. 2025.

61. Essa programação tem se mostrado acertada, garantindo a presença de um público regular aos fins de tarde das quintas-feiras, tanto nos ciclos como em concertos variados. Em 2023 foram dezenove apresentações; em 2024, dezessete apresentações, e agora em 2025, com a parceria da Unesp, o programa musical tem se mantido ativo, com o empenho da servidora Sandra Lima para construir novas parcerias.



Figura 9. Visita de alunos ingressantes na USP em 2025 ao Maria Antonia.

ras populares, os variados entendimentos do que venha a ser arte e conhecimento e suas formas de produção; a crescente democratização do ingresso na USP com a adoção de políticas afirmativas nos vestibulares; os desafios políticos emergentes na sociedade, com a proliferação de ideias e práticas hostis à democracia, aos direitos humanos, à educação e à ciência; e a necessidade de sustentar e qualificar a cultura e a extensão universitária em vista destas circunstâncias.

Afinal, se a Universidade em sua história é sede de um patrimônio cultural materialmente relevante, este se caracteriza por um conjunto de práticas de conhecimento muito específicas. Marcadas por saberes e discursos vivos e sempre passíveis de transformação, que se distinguem por seus modos de produção e transmissão assim como por sua constante transformação e revisão, tais práticas são por definição abertas ao questionamento, à crítica, à criação, à recriação. Práticas e espaços de conhecimento nos quais indivíduos e grupos aprendem a se definir como um sujeito de saber, definindo o outro ou a si mesmo como objeto de conhecimento. Ao aprender a sair de seu universo de referência, a “ir a campo”, a delimitar seu “campo” e a relacionar-se com ele, inclusive além do âmbito acadêmico, esse sujeito se torna crítico e autônomo, realizando-se como cidadão.

O Maria Antonia, hoje, se compreende nessa perspectiva e se afirma como um desses espaços, contribuindo para a autonomia intelectual dos sujeitos que por ali

passam e também se formam. Inspirados pelo programa de Cidadania Cultural⁶², promovido ainda nos anos 1990 em São Paulo, e em diálogo com outras iniciativas, como por exemplo a Universidade das Quebradas do Rio de Janeiro⁶³, esta gestão se comprometeu desde seu início em fazer do Maria Antonia um espaço de experimentação para contribuir para a ampliação e reordenação do campo da cultura, reconhecendo as fertilizações mútuas entre universidade e periferias. Ou seja, como parte importante do sistema de ensino universitário, busca-se pensar este Centro como um “laboratório” que pode contribuir para inovar na produção de conhecimento cultural e nos reconhecimentos sociais, deslocando os lugares comuns sobre quem produz e quem consome o conhecimento, provocando deslocamentos e aprendizados recíprocos em interações mais cotidianas.

Resultados em Números

Destaca-se assim, como resultado de todos os esforços acima relatados, e do compromisso com a excelência acadêmica e cultural de suas atividades, o sensível aumento de público participante de forma presencial ao longo da gestão. Em 2022 foram registradas 9 434 visitas ao Maria Antonia, passando em 2023 para 14 552, e, finalmente, 25 477 em 2024, um expressivo aumento de 170%.

Entre 2022 e 2025, as salas expositivas abrigaram 52 exposições de artes visuais e mostras documentais, todas elas sempre ativadas por cursos, palestras, mesas-redondas e oficinas vinculadas. No mesmo sentido, até março de 2025 foram oferecidos 62 cursos, com um total de 4 158 alunos matriculados, consolidando o Maria Antonia como um espaço de debate e extensão universitária referencial no centro da metrópole. No último quadriênio, também abrigou 170 seminários, 207 palestras, 120 simpósios, 48 congressos e 42 conferências, entre outros eventos, em linha com sua missão acadêmica.

Movimento similar observou-se no engajamento do público nos canais virtuais do Centro, como o *site* institucional, as redes sociais Instagram, Facebook e Twitter/X, além do Canal do Youtube⁶⁴. Os esforços para a divulgação resultaram

62. O programa fazia parte da gestão de Marilena Chaui à frente da Secretaria Municipal de Cultura, e tinha o intuito, por meio da pulverização de Casas de Cultura em todo o município, “tornar visível um novo sujeito social e político que se reconhe[cesse] como sujeito cultural” (Marilena Chaui, “Cultura Política e Política Cultural”, *Revista do Instituto de Estudos Avançados*, vol. 9, n. 23, *Dossiê Cultura Popular*, pp. 71-84, 1995).

63. A Universidade das Quebradas, criada em 2009 no Programa Avançado de Cultura Contemporânea da Faculdade de Letras da UFRJ, busca articular “experiências culturais e intelectuais produzidas dentro e fora da academia”. O projeto foi coordenado por Heloísa Teixeira. Ver: <https://universidadedasquebradas.pacc.ufrj.br/>. Acesso em 22 mar. 2025.

64. Visualizações: Facebook 196 785; Instagram 310 374; YouTube 53 827.

em um significativo aumento de público virtual, com evidentes consequências no incremento de público presencial, complementados por ações junto a veículos da imprensa, em veículos de grande circulação – impressos, *on-line*, rádio e TV⁶⁵, bem como por meio dos canais internos próprios da USP, como publicação de matérias no *Jornal da USP* e na Rádio USP.

Mais do que elencar as mais de trezentas atividades e eventos realizados a cada ano, desde 2022, trata-se de evidenciar, por meio da menção a algumas destas atividades em particular, uma diretriz importante que esta gestão definiu em busca de pensar a extensão em uma via de mão dupla com a sociedade, marcando o Maria Antonia como lugar de memória referencial, como espaço das artes e reconhecendo as periferias brasileiras como parte fundamental na produção da cultura no país.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: UM COMPROMISSO

Considerando-se a possibilidade de colaborar para o reconhecimento daquilo que constitui a universidade como instituição social decisiva para a afirmação de padrões laicos, racionais, cosmopolitas e democráticos de pensamento e sociabilidade – a produção do conhecimento livre voltado ao bem comum – e considerando-se em última instância a importância da USP na história cultural, intelectual, científica e política do Brasil, a afirmação do Maria Antônia como patrimônio histórico e cultural marca, sem dúvida, a singularidade e a importância das universidades para o conhecimento, o autoconhecimento e a transformação do país.

O clima de interdisciplinaridade e contato com a vida cultural mais ampla da cidade segue contagiando o ambiente acadêmico, ao mesmo tempo que transforma a instituição em um espaço fundamental de crítica da sociedade e da política. Lugar de memória reativado por seu tombamento como monumento histórico e pela criação do Centro Universitário Maria Antonia da PRCEU-USP, como dito no início deste texto, o espaço se faz ainda mais representativo hoje em meio às grandes transformações e abalos por que passam o saber universitário, o debate

65. Alguns exemplos de programas na TV que mencionam o Ceuma/USP e sua importância para a Universidade e para o país: Matéria sobre o Ceuma/USP no programa Antena Paulista, em 25 nov. 2023 (<https://www.youtube.com/watch?v=B-8ynwUfrec>); a batalha da Maria Antonia (nos noventa anos da USP) no programa *Jornal Hoje*, 26 nov. 2024 (<https://www.youtube.com/watch?v=VTx4x-PvDDY&t=2s>); a criação da USP, na TV Estadão (<https://www.youtube.com/watch?v=IdcwlaLbnOo>); Os trinta anos do Ceuma/USP e a exposição *Imagem-Testemunho*, na TV Gazeta, 27 abr. 2022 (https://www.youtube.com/watch?v=QEXcKdDo_Y4&t=3s); a estreia do filme sobre a batalha da Maria Antonia na TV Brasil, 26 maio 2025 (<https://www.youtube.com/watch?v=m7JljzS4B3o>). Acessos em 29 mar. 2025.



Figura 10. Atividades diversas ao longo dos quatro anos: Desfile do Cordão da Mentira e projeções da Semana Luiz Gama.

público e a vida democrática no país. O desafio que nos colocamos é não somente rememorar o passado recente, mas fazer ressoar os significados e compreensão dos eventos históricos nas demandas contemporâneas por justiça, direitos civis, sociais e humanos, democracia, educação superior, aproximando gerações, territórios, experiências e lutas diversas nesse campo.

E, nesse sentido, aproximar a periferia do centro, para esta gestão, tem sido mais do que reconhecer a existência de polos contundentes de atividade artística e social fora do sistema cultural hegemônico. Tem sido também o reconhecimento da necessidade de entrelaçarmos a memória e a história política recente do país com a formação das nossas periferias e a ausência de direitos que as caracterizou (e muitas vezes ainda as caracteriza). Para a Universidade, e em especial para suas políticas de cultura e extensão, esse movimento representa um compromisso de diálogo e aprendizado com a produção cultural dos territórios periféricos, abertura e impulso a outras formas de conhecimento, em relação direta também com o reconhecimento do novo perfil social dos estudantes e professores da universidade pública no Brasil.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALENCAR, Julia. “Mesa-Redonda Inaugura Exposição sobre Alfredo Bosi”. *Jornal da USP*, 19 mar. 2024. Disponível em: <https://jornal.usp.br/cultura/mesa-redonda-inaugura-exposicao-sobre-alfredo-bosi/>. Acesso em: 25 mar. 2025.
- BEIGUELMAN, Giselle. “Exposição no Maria Antônia Documenta Período Obscuro da História do País”. *Jornal da USP*, 24 mar. 2023. Disponível em: <https://jornal.usp.br/radio-usp/exposicao-no-maria-antonia-documenta-periodo-obscuro-da-historia-do-pais/>. Acesso em: 5 mar. 2025.
- CARDOSO, Irene & TAVARES, Abílio (orgs.). *50 Anos de uma Batalha. Livro Branco sobre os Acontecimentos da Rua Maria Antonia 2 e 3 de outubro de 1968*. São Paulo, FFLCH/USP, 2018.
- CASTRO, Ana Claudia Veiga de; GIROTO, Ivo Renato Giroto & SOUSA, Adriano José de. “Construindo Acervos: Um Inventário de Graffitis em São Paulo e os Arquivos da Memória da Cidade”. In: PERELMUTTER, Daisy & WALDMAN, Thais (orgs.). *Arquivos e Centros de Memória: O que Ocultam, o que Preservam*. São Paulo, Centro de Memória Urbana (CMurb), Universidade Federal de São Paulo, 2024, pp. 79-104.
- CHAUÍ, Marilena. “Cultura Política e Política Cultural”. *Revista do Instituto de Estudos Avançados*, vol. 9, n. 23, *Dossiê Cultura Popular*, pp. 71-84, 1995.
- D’ANDREA, Tiarajú Pablo. *A Formação dos Sujeitos Periféricos: Cultura e Política na Periferia de São Paulo*. São Paulo, FFLCH/USP, 2013 (Tese de Doutorado em Sociologia).
- FONSECA, Rebeca. “Aulas-Concerto Vão Explorar 800 Anos de História da Música”. *Jornal da USP*, 18 abr. 2023. Disponível em: <https://jornal.usp.br/cultura/aulas-concerto-vao-explorar-800-anos-de-historia-da-musica/>. Acesso em: 30 mar. 2025.
- KILRYANN, Adrielly. “Exposição Apresenta Fotografias Inéditas da Batalha da Maria Antônia”. *Jornal da USP*, 9 nov. 2023. Disponível em: <https://jornal.usp.br/cultura/exposicao-apresenta-fotografias-ineditas-da-batalha-da-maria-antonia/>. Acesso em: 5 mar. 2025.
- KIYOMURA, Leila. “No Centro Mariantonia, Exposições Refletem o Momento Político”. *Jornal da USP*, 19 out. 2022. Disponível em: <https://jornal.usp.br/cultura/no-centro-mariantonia-exposicoes-refletem-o-momento-politico/>. Acesso em: 30 mar. 2025.
- LIMA, Sandra. “Alfabeto da Reta Mostra Diálogos Tecnológicos no Mundo Contemporâneo”. *Jornal da USP*, 4 jul. 2024. Disponível em: <https://jornal.usp.br/cadernodecultura/alfabeto-da-reta-mostra-dialogos-tecnologicos-no-mundo-contemporaneo/>. Acesso em: 30 mar. 2025.
- _____. “Curso Investiga Convivialidade e Desigualdade na América Latina”. *Jornal da USP*, 5 jul. 2024. Disponível em: <https://jornal.usp.br/cadernodecultura/curso-desigualdade-america-latina/>. Acesso em: 19 mar. 2025.
- _____. “Exposição Apresenta a Cidade de São Paulo sob Diferentes Olhares”. *Jornal da USP*, 27 mar. 2025. Disponível em: <https://jornal.usp.br/cadernodecultura/exposicao-apresenta-a-cidade-de-sao-paulo-sob-diferentes-olhares/>. Acesso em: 30 mar. 2025.
- _____. “Exposição Apresenta Ausências de Assassinados e Desaparecidos da Ditadura Argentina”. *Jornal da USP*, 27 mar. 2025. Disponível em: <https://jornal.usp.br/cadernodecultura/exposicao-apresenta-ausencias-de-assassinados-e-desaparecidos-da-ditadura-argentina/>. Acesso em: 5 mar. 2025.
- _____. “Exposição Explora Apagões na Comunicação Visual”. *Jornal da USP*, 21 jun. 2024. Disponível em: <https://jornal.usp.br/cadernodecultura/exposicao-explora-apagoes-na-comunicacao-visual/>. Acesso em: 30 mar. 2025.
- _____. “Lusofonia É o Tema do Ciclo de Música no Mariantonia”. *Jornal da USP*, 28 ago. 2024. Disponível em: <https://jornal.usp.br/cadernodecultura/lusofonia-e-o-tema-do-ciclo-de-musica-no-mariantonia/>. Acesso em: 30 mar. 2025.

- _____. “Mesa de Encerramento da Exposição Apresenta Diferentes Facetas de Alfredo Bosi”. *Jornal da USP*, 16 ago. 2024. Disponível em: <https://jornal.usp.br/cadernodecultura/ Mesa-de-encerramento-da-exposicao-apresenta-diferentes-facetras-de-alfredo-bosi/>. Acesso em: 25 mar. 2025.
- _____. “Periferias Urbanas de São Paulo São Tema de Curso Gratuito”. *Jornal da USP*, 21 maio 2024. Disponível em: <https://jornal.usp.br/cadernodecultura/periferias-urbanas-de-sao-paulo-sao-tema-de-curso-gratuito/>. Acesso em: 5 mar. 2025.
- MARIANTONIA. “Curso Gratuito Explora Aldeias e Quebradas de São Paulo”. Centro Mariantonia, 2024. Disponível em: <https://www.mariantonia.prceu.usp.br/curso-gratuito-explora-aldeias-e-quebradas-de-sao-paulo/>. Acesso em: 30 mar. 2025.
- _____. Curso “Resistências e Periferia: Como Potência SP”. Centro Mariantonia, 2024. Disponível em: <https://www.mariantonia.prceu.usp.br/curso-resistencia-e-periferia-como-potencia-sp/>. Acesso em: 30 mar. 2025.
- MATSUDA, Alicia. “Com Acervo de Gilda de Mello e Souza, Centro Mariantonia Reabre sua Biblioteca”. *Jornal da USP*, 29 nov. 2024. Disponível em: <https://jornal.usp.br/cultura/com-acervo-de-gilda-de-mello-e-souza-centro-mariantonia-reabre-sua-biblioteca/>. Acesso em: 3 mar. 2025.
- PAIVA, Lara. “Paisagens de Cidade Tiradentes São Expostas no Centro Mariantonia”. *Jornal da USP*, 16 maio 2024. Disponível em: <https://jornal.usp.br/cultura/paisagens-de-cidade-tiradentes-sao-expostas-no-centro-mariantonia/>. Acesso em: 24 mar. 2025.
- “PERSEGUIÇÃO e Solidariedade na Ditadura Chilena São Tema de Exposição no Centro Mariantonia”. *Jornal da USP*, 20 jan. 2025. Disponível em: <https://jornal.usp.br/cultura/perseguiçao-e-solidariedade-na-ditadura-chilena-sao-tema-de-exposicao-no-centro-mariantonia/>. Acesso em: 5 mar. 2025.
- RAIMUNDO, Sílvia Lopes. *Território, Cultura e Política: Movimento Cultural das Periferias, Resistência e Cidade Desejada*. São Paulo, FFLCH/USP, 2017 (Dissertação de Mestrado).
- ROSABONI, Camilly. “Outubro Negro Inicia Discussões para Enegrecer o Conhecimento Produzido na USP”. *Jornal da USP*, 6 out. 2022. Disponível em: <https://jornal.usp.br/diversidade/outubro-negro-inicia-discussoes-para-enegrecer-o-conhecimento-produzido-na-usp/>. Acesso em: 30 mar. 2025.
- SANTOS, M. Cecília Loschiavo dos (org.). *Maria Antonia, uma Rua na Contramão*. São Paulo, FFLCH/USP, 2018.
- THOMÉ, Ricardo. “Entre Anonimato e Intimidade: Exposição Reflete sobre Nosso Lugar no Mundo”. *Jornal da USP*, 13 dez. 2024. Disponível em: <https://jornal.usp.br/cultura/entre-anonimato-e-intimidade-exposicao-reflete-sobre-nosso-lugar-no-mundo/>. Acesso em: 30 mar. 2025.
- _____. “Exposição Faz Refletir sobre o Papel das Redes Sociais na Política”. *Jornal da USP*, 18 abr. 2024. Disponível em: <https://jornal.usp.br/cultura/exposicao-faz-refletir-sobre-o-papel-das-redes-sociais-na-politica/>. Acesso em: 5 mar. 2025.

PARTE V

Difusão Científica e Tecnológica

PARQUE CIENTEC: Educação, Ciência e Sustentabilidade

SUZANA URSI¹

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O Parque de Ciência e Tecnologia da Universidade de São Paulo (CienTec) possui 141 hectares e apresenta condição ambiental privilegiada, sendo parte do Parque Estadual das Fontes do Ipiranga (Pefi), área de conservação de Mata Atlântica. No CienTec, localizam-se inúmeras nascentes do Riacho do Ipiranga, conferindo ainda mais relevância ambiental e histórica ao Parque. Tal condição permite o oferecimento tanto de atrações expostas no interior de edificações (por exemplo, Planetário e Laboratório de Microscopia), quanto equipamentos expostos nas áreas externas (por exemplo, Brinquedos de Física e Alameda do Sistema Solar). Ainda, conta com um lago artificial e trilhas educativas, possibilitando amplo contato das pessoas com a natureza e seus elementos, como diversas plantas (por exemplo, pau-brasil, araucária) e animais (por exemplo, bugios e abelhas-jataí), o que resulta em aprendizagem a todos quantos têm oportunidade de visitar o Parque².

Quanto às edificações, possuem relevantes valores arquitetônico, estético e histórico. Muitas delas são tombadas pelo Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico do Estado de São Paulo (Condeephaat) e datam das décadas de 1930 e 1940³. São atualmente utilizadas para abrigar ex-

1. Professora do Instituto de Biociências da Universidade de São Paulo (IB/USP) e diretora do Parque de Ciência e Tecnologia (Parque Cientec)
2. S. Ursi, P. P. Barbosa, P. T. Sano e F. A. S. Berchez, “Ensino de Botânica: Conhecimento e Encantamento na Educação Científica”, *Estudos Avançados*, vol. 32, n. 94, pp. 7-24, 2018.
3. M. S. M. Mantovani e O. Massambani, *Parque Cientec – Parque de Ciência e Tecnologia da USP: Restauração do Conjunto Arquitetônico de Importância Histórica para Abrigar Atividades de Difusão da Ciência e da Tecnologia*, São Paulo, Edusp, 2004.



Figura 1. Vitral com imagem da deusa Urânica, Parque CienTec da USP.

posições e atividades educacionais interativas, para abrigar arquivos e materiais diversos e como local de trabalho dos servidores e mediadores do Parque, dentre outros usos. O Parque possui poucas edificações mais recentes, sendo uma delas o prédio que atualmente hospeda o maior espaço expositivo. Possui uma estação meteorológica singular, que registra ininterruptamente o clima de nossa cidade, há noventa anos. No mesmo edifício da Estação, localiza-se o emblemático vitral da deusa Urânia (Figura 1), muito visitado pelo público.

Várias ações educativas e de conservação ambiental (inclusive em diálogo com a comunidade do entrono) vêm sendo realizadas com sucesso no Parque, sempre inseridas em processo de constante avaliação e aprimoramento. O Parque abre de segunda-feira a sábado, das 9 h às 16 h. Atualmente, o público do CienTec é majoritariamente de grupos escolares durante os dias da semana e público espontâneo e grupos variados nos finais de semana e no período de férias. Segundo o retorno dos visitantes, um dos principais diferenciais do Parque refere-se à atuação cuidadosa, animada e conceitualmente rica de mediadores, todos estudantes de graduação da USP. O convívio com áreas verdes é outro importante ponto de destaque, bem como o oferecimento de atividades muito diversificadas, dentro do escopo do Parque, e que podem ser usufruídas por pessoas de faixa etária variada.

A infraestrutura tem sido o maior desafio do Parque, com prédios em situação de degradação e interdição, o que foi agravado durante o período de pandemia da Covid-19, quando o órgão permaneceu fechado ao público. Outra questão refere-se ao número de colaboradores servidores e funcionários terceirizados, que, devido às dimensões do Parque e à quantidade de visitantes, torna-se limitante em cer-

tos aspectos, como na manutenção e jardinagem, vigilância e suporte às atividades educativas e de formação de mediadores. Manter o engajamento e a união da equipe também é um ponto desafiador. A Universidade, na presente gestão, tem se atentado para tais questões, buscando solução para as melhorias necessárias, embora exista um caminho ainda longo a ser percorrido.

Destaques Históricos e Contexto de Criação do Órgão

A história do CienTec remonta a 1912, com a criação do Observatório de São Paulo na Avenida Paulista, que representou o início das atividades astronômicas e meteorológicas que dariam origem ao Instituto de Astronomia, Geofísica e Ciências Atmosféricas da USP (IAG). A pedra fundamental do então Parque do Estado (atual Pefi) foi lançada em 1932, representando o início da transferência do Observatório para a região da Água Funda, onde hoje está localizado o CienTec. Em 1946, o IAG foi incorporado à Universidade de São Paulo. Nos anos 1980, algumas atividades desse instituto começaram a ser desenvolvidas na Cidade Universitária (Butantã). Tal transferência foi totalmente finalizada somente em 2002⁴.

Diante da grande importância do patrimônio histórico e artístico que as instalações do IAG representavam, buscou-se uma nova destinação ao local, comprometida com objetivos essenciais de educação, ciência, cultura e tecnologia. Assim, o Parque CienTec foi oficialmente criado em 2001, já vinculado à Pró-Reitoria de Cultura e Extensão Universitária. No entanto, sua abertura ao público ocorreu apenas no feriado de Independência do Brasil do ano seguinte⁵. As construções passaram por um processo de reconversão, ou seja, a mudança para nova finalidade, embora conservando suas características fundamentais. A Professora Marta Mantovani⁶ destaca que o potencial de tal procedimento é reconhecido por permitir a sobrevivência de bens culturais vinculando-os ao bem da coletividade, uma evolução da ideia de tombamento como congelamento da obra, responsável, por vezes, por seu abandono e perecimento. Vale destacar que, infelizmente, passados mais de vinte anos, as construções sofrem com problemas que se esperava evitar ao criar o CienTec, conforme será detalhado posteriormente. A conservação efetiva da história e da cultura do Parque não pode ser mantida apenas com os recursos financeiros e humanos de que dispõe atualmente. O local necessita de reforma profundas e urgentes, que não ocorrem há muitos anos.

4. M. S. M. Mantovani, *Ciência e Tecnologia no Parque*, São Paulo, Edusp, 2004.

5. *Idem*.

6. *Idem*, p. 40.

Alguns marcos importantes que caracterizam o período após a inauguração do CienTec, em 2002, especialmente relevantes no campo educacional, são: 1. a adaptação de um prédio preexistente para receber o atual Planetário do Parque; 2. a transferência de algumas coleções e instalações da antiga Estação Ciência (Lapa), incluindo o Laboratório de Microscopia, uma parceria com o Projeto Genoma Humano (IB); 3. a inauguração da Nave Mario Shemberg, uma parceria com o Laboratório de Sistemas Integráveis da Escola Politécnica⁷; 3. o desenvolvimento da horta comunitária, uma parceria com a associação de moradores do entorno do Parque; e 4. a criação do Meliponário do Parque CienTec. No campo da pesquisa, destaca-se a instalação de um radar meteorológico de alta resolução, administrado pelo IAG, que permite ampliar investigações nesse campo do conhecimento, bem como inúmeros trabalhos na área de Ciências (Biologia, Geologia etc.) e a recente expansão da pesquisa na área de Educação não formal, as quais têm a dinâmica do Parque e a formação dos mediadores como foco de investigação.

Missão e Relevância Social

Vivemos em um mundo cada vez mais desafiador, caracterizado por volatilidade, incerteza, complexidade e ambiguidade, conhecido pelo acrônimo VUCA, do inglês *volatility, uncertainty, complexity e ambiguity*⁸. As transformações constantes e inesperadas afetam todas as esferas da vida, da economia à política, do meio ambiente à educação. Somos cada vez mais confrontados por movimentos negacionistas. Nesse cenário, é essencial promover a alfabetização científica da população, visando ao aprendizado de conceitos e processos fundamentais de Ciências, a compreensão da natureza e o processo de construção do conhecimento científico e a capacidade de analisar criticamente as implicações da Ciência e da Tecnologia na sociedade⁹. A promoção da alfabetização científica é um dos principais pilares dos documentos norteadores da educação brasileira, como a Base Nacional Comum Curricular¹⁰, sendo fundamental para o enfrentamento da grave crise ambiental que se instala em nosso país, o mais biodiverso do planeta.

7. I. K. Ficheman *et al.*, “Uma Aventura no Espaço com a Nave Mário Schenberg: Ambiente Colaborativo em Realidade Virtual para Aprendizagem de Ciências”, em *Anais do XIX Simpósio Brasileiro de Informática na Educação*, Fortaleza, 2008, pp. 746-755.
8. B. Taskan *et al.*, “Clarifying the Conceptual Map of VUCA: A Systematic Review”, *International Journal of Organizational Analysis*, vol. 30, n. 7, pp. 196-217, 2022.
9. P. D. Hurd, “Scientific Literacy: New Minds for a Changing World”, *Science Education*, vol. 82, n. 3, pp. 407-416, 1998.
10. Brasil, *Base Nacional Comum Curricular: Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio*, Brasília, MEC/Secretaria de Educação Básica, 2018.



Figura 2. Destaques da Missão, Visão e Valores do Parque de Ciência e Tecnologia da USP.

Nesse cenário, novas soluções são necessárias para enfrentar os desafios emergentes. A adaptação das práticas educativas, inclusive daquelas vinculadas aos espaços de educação não formal, é fundamental para fomentar aos cidadãos formação mais abrangente e conectada com as demandas da atualidade. O Parque CienTec se insere nas iniciativas de promoção da alfabetização científica e ambiental da população. Em 2022, a abertura do Parque ao público completou vinte anos, buscando atingir sua visão por meio de realização constante de sua missão e atuando sempre com base em seus principais valores (Figura 2).

Nossa Visão: onde queremos chegar?

Ser referência nacional e internacional em ações de extensão dialógica, de pesquisa e de formação de recursos humanos nas áreas de divulgação científica e educação não formal, de modo a promover a alfabetização científica e formação cidadã da população, bem como a mitigação da crise ambiental que vivenciamos.

Nossa Missão: qual a construção cotidiana?

Divulgar a ciência e a tecnologia junto à população, de forma dialogada, descontraída e interessante, visando a despertar nos mais jovens a vocação em seus mais variados temas; estimular a aprendizagem sobre Ciência e Tecnologia, utilizando linguagem simples e exemplos do cotidiano; promover a valorização do meio ambiente e melhoria na qualidade de vida; e dialogar e contribuir para a escola de qualidade, seja atuando diretamente junto aos estudantes, seja por meio de atividades voltadas à formação de professores.

Nossos Valores: o que nos norteia?

Os principais valores do Parque são: amorosidade, diversidade, entusiasmo, excelência, inclusão e sustentabilidade. A visão e a missão aqui apresentadas são ampliadas e aprimoradas a partir das contribuições da Professora Marta Mantovani e colaboradores¹¹, demonstrando que desde seu início o CienTec segue os mesmos princípios de atuação. No entanto, vem promovendo autoavaliações constantes ao longo do tempo, sempre buscando a melhor e mais prazerosa experiência para seus visitantes.

ESTRUTURA E OPERACIONALIZAÇÃO

Organização Interna

A administração do CienTec é regida pelas diretrizes da Pró-Reitoria de Cultura e Extensão Universitária, guardando especificidades quanto à operacionalização e à execução de atividades. Por ser parte de uma Área de Conservação Ambiental (Pefi), está em profunda sintonia com a legislação ambiental e os princípios de sustentabilidade. A estrutura interna é organizada em três setores: administrativo (seis servidores), educativo (oito servidores) e manutenção (sete servidores). Embora a ação educativa seja a atividade-fim do Parque, é essencial que os três setores trabalhem de forma sinérgica, pois as áreas administrativas e de manutenção conferem suporte e segurança para as ações educativas, garantindo o bem-estar dos visitantes, bem como da comunidade interna do Parque.

Os chefes de cada setor respondem diretamente à diretora, que conta com o apoio da vice-diretora e da assistente de direção. Atualmente, a assistente também possui a atribuição de chefia do setor administrativo. O CienTec conta ainda com funcionários terceirizados no setor de manutenção: portaria (dois postos diurnos), vigilância (quatro postos diurnos e três postos noturnos), limpeza (quatro funcionários) e jardinagem (quatro funcionários). A Guarda Universitária representa apoio fundamental para o Parque, que tem grande dimensão e um efetivo de servidores reduzido.

A atual gestão, representada por Diretoria e Pró-Reitoria, promoveu diversas reformulações da organização interna, tanto no organograma de trabalho quanto

11. M. S. M. Mantovani, R. Glezer e P. H. B. Massabki, "Laboratório a Céu Aberto – O Parque CienTec/USP", em M. S. M. Mantovani e R. Glezer (orgs.), *Parques Urbanos e Lazer nas Áreas Públicas*, São Paulo, Planetaterra, 2009, p. 158.

na ocupação de espaços, em diálogo com a equipe e com base em análises técnicas e globais da situação do Parque. O processo é registrado e avaliado cuidadosamente em relatórios anuais e discutido com o Conselho Deliberativo (em três reuniões anuais), bem como em reuniões periódicas com servidores dos diferentes setores.

Atualmente, a maioria dos integrantes das equipes dos setores administrativo e educativo trabalha em um mesmo prédio. Assim, outros espaços para atividades e exposições educativas permanecem disponíveis. Isso é essencial, visto que muitos espaços não estão em condições de uso seguro e confortável para o público. Buscou-se também promover maior aproximação entre os membros de todas as equipes. No entanto, essa aproximação também evidenciou desafios, inclusive gerando conflitos de posicionamentos. No entanto, ganha-se no reconhecimento de desafios comuns que precisam ser superados e na reflexão sobre ações necessárias. Estimular novas culturas e atitudes, superando áreas de conforto, nunca é tarefa simples. Porém, é preciso enfrentar desafios e não apenas ignorá-los, objetivando o cumprimento integral de missão, visão e valores do Parque. Rever as práticas da gestão também é essencial e, nesse sentido, aproveitamos o atual momento de reflexão para buscar, como parte de um processo contínuo, novas e mais efetivas formas de atuação.

Parcerias

Os principais parceiros do CienTec, no decorrer da presente gestão, são docentes e Unidades da própria USP, especialmente:

- Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH), com o Projeto Solo nas Escolas.
- Instituto de Astronomia, Geofísica e Ciências Atmosféricas (IAG) e Instituto de Geociências (IGC), com visitas à Estação Meteorológica e, em 2025, com o evento Expedição CienTec.
- Instituto de Biociências (IB), fomentando as atividades do Laboratório de Microscopia do Parque (parceria com o Projeto Genoma Humano, Fapesp), realizando divulgação científica em parceria com o Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia do Bioetanol (Fapesp/CNPq), com o projeto Insetos na Escola.
- Instituto de Física (IF), com parceria na Semana Nacional de Ciência e Tecnologia.

Tais parcerias têm se mostrado promissoras não apenas para ampliar de forma contundente a variedade e qualidade das atividades oferecidas ao público do CienTec, mas também para o desenvolvimento das Atividades Extensionistas Curriculares (AEX).

Parcerias com entidades e projetos de fora da Universidade também são estabelecidas. Algumas ocorrem de maneira pontual, como no caso do Projeto Tem Abelha no Meu Jardim, que realizou eventos muito interessantes e populares sobre abelhas nativas no Parque em 2021-2022. Porém, outras são mais duradouras, como aquelas com a Associação Novos Passos da Vila Fachini, relacionada à manutenção de uma horta comunitária, e com a Associação de Escoteiros, que realiza diversas atividades no Parque. Outro destaque é a participação do Parque no Programa Recreio nas Férias¹², da Secretaria Municipal de Educação de São Paulo, quando apresentamos nossas atividades de forma ainda mais descontraída para os grupos atendidos. A atividade ocorre paralelamente aos eventos especiais de férias para os visitantes espontâneos, programação que tem recebido cada vez mais destaque na mídia¹³.

Recursos

A principal fonte de financiamento e infraestrutura é o orçamento da própria USP, especialmente da Pró-Reitoria de Cultura e Extensão Universitária. Na presente gestão, para além da manutenção das atividades básicas, o maior investimento (650 mil reais) foi a compra de um novo e potente projetor para o Planetário, que é uma das principais atrações do Parque. O equipamento foi inaugurado em janeiro deste ano, com presença do Reitor e de outros convidados¹⁴. Uma reflexão importante refere-se ao recurso provindo do estacionamento do Parque Zoológico (área compartilhada com o CienTec). Sugerimos a realização de um estudo sobre o impacto de investir totalmente o montante no próprio CienTec, o que não ocorre na atualidade. A busca por patrocinadores para atividades específicas (agências de fomento que incentivem extensão universitária, editais governamentais ou iniciativa privadas) pode ser uma forma de captar mais recursos.

12. Programa Recreio nas Férias na tv Cultura: <https://www.youtube.com/watch?v=PFNZkOpzlao>.

13. Programação de férias do Parque CienTec no *Bom Dia São Paulo*, tv Globo: <https://www.instagram.com/reel/DEzboTmPUDa/?igsh=MW12ZHRhaXpuanJrMg==>.

14. Inauguração do novo projetor do Planetário no *Jornal da USP*: <https://jornal.usp.br/institucional/planetario-da-usp-ganha-novo-sistema-de-projecao-e-oferece-um-passeio-pelo-universo/>; inauguração do novo projetor do Planetário e Exposição comemorativa dos noventa anos da USP no *SPTV*, tv Globo: <https://youtu.be/GAas3iM-dBk?si=ho17NwuWUMvarMy4>.

ATIVIDADES REALIZADAS

Processo de Reconstrução: Do Fechamento Total à Ampliação de Atividades e Público

O CienTec foi profundamente afetado pelo período de pandemia, que exigiu o total fechamento ao público e acelerou a deterioração dos espaços físicos. Os esforços foram centrados no aprimorado do *site* do Parque, com a elaboração de um passeio virtual, e alguns eventos *on-line*. A reabertura do Parque ocorreu apenas em novembro de 2021, com o uso de três roteiros autoguiados com auxílio de códigos QR, permitindo a visitação do público espontâneo, porém sem atividades em grupo ou com mediação.

Reconstrução definiu o ano de 2022 no CienTec, com a reestruturação das atividades do Parque. As próprias relações pessoais tiveram que ser restabelecidas, visto que as aptidões sociais e a saúde mental foram afetadas negativamente pelo período de isolamento¹⁵. A participação de escolas foi retomada efetivamente apenas a partir do segundo semestre, porém, com público ainda reduzido. Iniciamos tal retomada do atendimento para turmas escolares apenas em ambiente aberto (por exemplo, trilhas educativas) e passamos, então, para a visitação aos espaços em ambientes fechados, incluindo o Planetário. Também em meados do ano, retomamos as visitas mediadas do público espontâneo. Praticamente todas as atividades anteriores à pandemia foram retomadas em 2023, restando apenas algumas, como o Laboratório de Microscopia, que exigiu novos procedimentos de obtenção e manutenção de material biológico. Ampliamos as parcerias com docentes da USP nos últimos dois anos, trazendo novas possibilidade de aprendizagem e divertimento para nossos visitantes. O movimento de retomada reflete-se na evolução do público total atendido pelo Parque (Quadro 1).

Quadro 1. Público atendido presencialmente pelo Parque de Ciência e Tecnologia da USP nos últimos anos.

Ano	2019	2020	2021	2022	2023	2024
Público	21.819	472	567	18.570	24.926	22.441
	+47.700*			+6.000*	+9.000*	

* Público da Feira USP e as Profissões, 2019, realizada no CienTec, dados de público total; 2022 e 2023, realizada na Praça do Relógio, dados estimados de atendimento no estande do CienTec.

15. S. M. Silva e A. R. Rosa, “O Impacto da Covid-19 na Saúde Mental dos Estudantes e o Papel das Instituições de Ensino como Fator de Promoção e Proteção”, *Revista Práxis*, vol. 2, pp. 189-206, 2021.

Em alguns momentos, especialmente em 2024, o Planetário precisou, por problemas técnicos, ser fechado, o que gerou cancelamento de visitas de escolas. Com a aquisição do novo equipamento de projeção, a situação foi estabilizada, e atualmente podemos atender com qualidade às solicitações numerosas de visita de escolas que, inclusive, há fila de espera para agendamento de turmas escolares. A fim de imprimir mais agilidade aos atendimentos no Planetário, de escolas e de visitantes espontâneos, será importante a contratação de um servidor totalmente dedicado ao espaço, com formação profissional compatível.

Um relevante fator relacionado ao movimento de ampliação de atividades e atendimento ao público na presente gestão relaciona-se ao fato de passarmos a trabalhar com novos projetos de cultura e extensão, pelos quais pudemos contar com um número crescente de estudantes bolsistas e estagiários. Neste ano, temos também mediadores do Programa de Iniciação e Aperfeiçoamento na Docência (Proiad), vinculado à Pró-Reitoria de Graduação. A participação desses estudantes é fundamental, visto que todas as atividades do Parque são mediadas. Apesar da realização de um processo formativo de qualidade pela equipe do setor educativo, em parceria com a Direção e convidados, seja da USP, seja de instituições externas, nota-se a necessidade de maior investimento nesse processo. O referencial teórico do Conhecimento Pedagógico do Conteúdo foi recentemente introduzido no cenário do Parque, fomentando uma formação baseada no desenvolvimento desse conhecimento, que une os conteúdos disciplinares e a pedagogia, propiciando aos mediadores abordarem os temas de forma mais contextualizada e com foco nos visitantes¹⁶. Paralelamente, iniciaram-se também pesquisas sobre tal dinâmica, visando a contribuir para a área da educação não formal, bem como para fornecer subsídios práticos ao aprimoramento de atividades no Parque¹⁷.

Avaliamos de forma positiva essa trajetória repleta de superações, constatando que temos uma situação significativamente mais confortável no presente do que a vivenciada no início da gestão. Nesse novo cenário, já é possível projetar um futuro de oportunidades, com avanços especialmente ancorados na renovação da infraestrutura do Parque e em iniciativas inovadoras contemplando as propostas educativas e aspectos como acessibilidade, sustentabilidade e conservação ambiental no Parque.

16. K. C. Busch, M. Kudumu e S. Park, "Pedagogical Content Knowledge for Informal Science Educators: Development of the ISE-PCK Framework", *Research in Science Education*, vol. 53, n. 2, pp. 253-274, 2023.

17. S. Ursi e C. Gentile, "Abordagem da Botânica em Espaços de Educação Não Formal: Conhecimento Pedagógico do Conteúdo de Mediadores do Parque CienTec", em *Anais do IX Encontro Nacional de Ensino de Biologia*, Belo Horizonte, no prelo.

Atividades Educativas Regulares

O CienTec oferece um repertório de atividades educativas com temas e dinâmicas muito variadas. Apesar da diversidade, uma constante é a mediação baseada no diálogo com os visitantes, iniciada pelo levantamento de conhecimentos prévios e interesses dos participantes. Escolas e grupos especiais (por exemplo, escoteiros, terceira idade, associação de bairro, igrejas) normalmente agendam visitas que incluem duas dessas atividades. No entanto, existe flexibilidade para outros formatos. Atendemos de duas a quatro escolas por dia da semana, sendo a maioria pública. Os visitantes espontâneos são atendidos continuamente, conforme demanda. Aos sábados, quando não temos eventos especiais, seguimos uma programação previamente divulgada ao público por nossas redes sociais. As atividades atualmente oferecidas vão aqui apresentadas brevemente.

- **ALAMEDA DO SISTEMA SOLAR** – Os visitantes transitam pela instalação ao ar livre que traz uma representação artística e informações científicas sobre o Sol e os planetas que o orbitam.
- **ESPAÇO GEOFÍSICA** – Permite conhecer a estrutura interna do nosso planeta, terremotos, vulcões, descobrir como os continentes se deslocam e muitas outras histórias fascinantes. A simulação de terremoto é o momento mais aguardado e querido pelo público.
- **ESPAÇO MATEMÁTICA** – Contamos com inúmeros experimentos e instrumentos que apresentam princípios da matemática de forma descontraída, permitindo que os visitantes percebam a matemática no dia a dia e compreendam conceitos básicos da área.
- **FÍSICA NO COTIDIANO** – Aborda a Física de maneira lúdica, demonstrando seus princípios por meio de equipamentos interativos, como o gerador de Van de Graaff e a bicicleta dínamo. Em área externa, temos o Jardim da Física, com a famosa esfera de granito, o giroscópio humano e a gangorra solidária.
- **LABORATÓRIO DE MICROSCOPIA** – Por meio de observações em lupas e microscópios, é possível visualizar microrganismos que fazem parte de nosso cotidiano (Figura 3). Um ponto alto é a observação de uma gota de água do lago do Parque. É realizado a partir da parceria com o Projeto Genoma Humano (1B).
- **PASSEIO DAS ABELHAS E EXPOSIÇÃO FLORES E POLINIZADORES** – Visitam-se os diversos ninhos naturais de abelhas nativas sem ferrão espalhados



Figura 3. Parceria com FFLCH-Geografia (Atividade de texturas do solo e oficina de pintura com o solo) e com o Projeto Genoma Humano (Laboratório de Microscopia).

no Parque, além de nosso meliponário e a exposição que traz curiosidades sobre a polinização.

- **PASSEIO HISTÓRICO** – Exploram-se as edificações históricas tombadas pelo Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico do Estado de São Paulo (Condephaat), que abrigam os emblemáticos: luneta Zeiss, mosaicos e vitral da deusa Urânia.
- **SESSÕES DE PLANETÁRIO** – Propiciam experiência sensorial rica e imersiva. A atividade inclui vídeos projetados na cúpula do prédio e apresentações interativas com *softwares* que simulam a observação astronômica, permitindo, por exemplo, observar o céu noturno em pleno dia.
- **SOLOS** – Utilizam-se experimentos e atividades iterativas para abordar temas como as características do solo, algumas curiosidades e a importância da conservação dos solos (Figura 3), realizado a partir da parceria com o Projeto Solos na Escola (FFLCH).
- **TRILHAS EDUCATIVAS** – Propiciam o contato com o ecossistema da Mata Atlântica e a contemplação de algumas espécies nativas da flora e da fauna. Um atrativo especial é o lago do Parque (Figura 4).

Algumas dessas atividades somente podem ser realizadas porque alguns estudantes, quando não estão exercendo a função de mediadores, fazem manutenção de materiais. É o caso do Passeio das Abelhas, que demanda o constante monitoramento dos ninhos naturais, bem como a cuidadosa manutenção do Meliponário. Culturas de diversos organismos são mantidos no Laboratório de Microscopia, como a planta aquática elódea, larvas dos besouros tenébrios e cultura do micror-

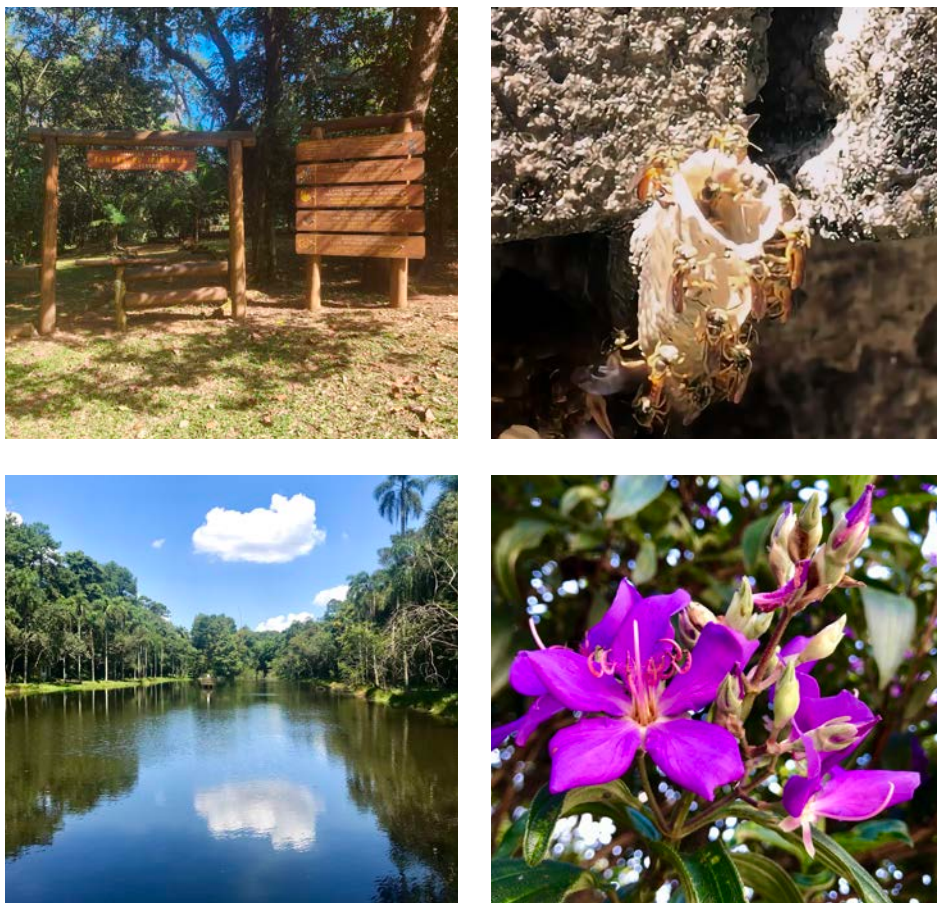


Figura 4. Trilhas educativas que incentivam a apreciação, conhecimento e valorização do ambiente. Superior: Portal das trilhas e ninho de abelhas nativas do tipo Jataí. Inferior: Vista do lago e detalhe de uma quaresmeira.

ganismo paramécio. Assim, incorporamos à rotina dos mediadores períodos para estudo e realização dessas ações, o que avaliamos como uma prática fundamental para a boa formação dos graduandos, ação que resulta em atendimento ao público cada vez com mais qualidade.

Exposições Temporárias

Dentre as diversas exposições que o Parque recebeu no período pós-pandemia, destacamos aquelas relacionadas à aproximação entre Ciência e Arte, que encantam o público, por permitirem diálogo entre duas potentes produções da humanidade.

*Tramas da Vida – Arte e Botânica (2022-2023)*¹⁸

A exposição foi inaugurada na Semana de Arte e Cultura da USP (2022) e contou com a curadoria da diretora do Parque, Suzana Ursi, e da ceramista Débora Amaral, o que agregou outras atividades para o público, como bate-papo com a artista e oficina de cerâmica. Foram elaboradas obras exclusivas para a exposição, aliando cerâmica e elementos da natureza, como cipós e troncos de árvore de descarte do próprio Parque. A exposição contou ainda com a parceria do projeto Cipós: Os Segredos Suspensos da Floresta (IB, Fapesp). Assim, os visitantes tiveram a experiência de observar ao microscópio estruturas da anatomia internas dos cipós. A exposição uniu Arte e Ciência, estimulando e promovendo a aprendizagem dos visitantes. A experiência foi objeto de diversas palestras, bem como de artigos, no cenário nacional¹⁹ e internacional²⁰.

*Biomass do Brasil (2023-Presente)*²¹

A exposição da artista Ju Barros conta com seis mosaicos pintados em vidro em homenagem à biodiversidade dos biomas de nosso país. Cada obra retrata principalmente espécies de animais nativos que estão ameaçados de extinção e mulheres que representam comunidades que vivem nesses biomas. É possível visualizar os mosaicos por meio de realidade aumentada, o que propicia interação com animações constantes dos elementos presentes nas obras.

Uma atividade sobre as plantas nativas do Brasil foi criada, como parte de um projeto de cultura e extensão, para ser realizada em conjunto com a visita à exposição. O objetivo principal da atividade é mitigar a chamada “impercepção botânica”, fenômeno caracterizado pelo fato de as pessoas, em geral, não perceberem as plantas em toda sua plenitude no cotidiano²². A experiência tem sido objeto de palestras e oficinas em congressos na área de Ensino de Biologia e de um projeto de pesquisa de doutorado.

18. “Exposição Tramas da Vida – Arte e Botânica no *Jornal da USP*”: <https://prceu.usp.br/noticia/exposicao-tramas-da-vida-oficina/>.

19. S. Ursi, D. Amaral e T. Cesquim, “Exposição *Tramas da Vida – Arte e Botânica*: Encantamento e Conhecimento no Parque CienTec da USP”, em B. R. S. Cerqueira *et al.* (orgs.), *E a Vida Continua: Vazios e Esperanças no Ensino de Ciências e de Biologia: Coletânea de Trabalhos do v Erebio-R1*, São Paulo, Pimenta Cultural, 2023, pp. 263-272.

20. L. C. Marinho *et al.*, “Brazilian Botanists Flirting with Arts: Valuing the Multicultural Heritage”, *American Journal of Botany*, vol. 69, Special Issue *Art and the Botanical Sciences: Past, Present, and Future*, pp. 182-185, 2023.

21. Exposição Biomass do Brasil no *Jornal da USP*: <https://jornal.usp.br/cadernodecultura/exposicao-biomass-do-brasil-no-Parque-cientec-da-usp/>.

22. J. H. Wandersee e E. E. Schussler, “Toward a Theory of Plant Blindness”, *Plant Science Bulletin*, vol. 47, pp. 2-9, 2001; S. Ursi e A. Salatino, “Nota Científica – É Tempo de Superar Termos Capacitistas no Ensino de Biologia: Impercepção Botânica como Alternativa para ‘Cegueira Botânica’”, *Boletim de Botânica da Universidade de São Paulo*, vol. 39, pp. 1-4, 2022.

Eventos Especiais

O CienTec organiza, em média, dois eventos especiais por mês. Um deles é a observação astronômica noturna. Os outros são relacionados a datas comemorativas (por exemplo, Dia da Matemática), engajamento em causas específicas (por exemplo, Semana do Brincar na Natureza), dentre outros. Destacamos alguns exemplos a seguir.

Observações Astronômicas Noturnas

A atividade é uma tradição, retomada após o período de pandemia. Realiza-se um passeio histórico pelo Parque, uma sessão de Planetário e, para finalizar, a observação do céu com telescópio (Figura 5). Um dos eventos de maior repercussão foi a passagem do Cometa Verde (10.2.2023), que atraiu muitos visitantes e recebeu destaque na mídia, com reportagens das TVs Cultura, Globo e Bandeirantes²³. Infelizmente, o céu estava encoberto, porém, parte da programação foi cumprida, atendendo ao público com o entusiasmo característico da mediação do Parque.

Recentemente, recebemos a parceria do IAG e do IGC para a realização de um evento ampliado, a Expedição CienTec (4-5.4.2025), que contou com a participação de diversos docentes e equipe de estudantes desses Institutos, bem como servidores, mediadores e participantes de uma Atividade de Extensão Curricularizada (AEX) vinculados ao CienTec. O público teve rica experiência com oito estações temáticas, mesclando atividades já oferecidas pelo Parque e outras inéditas, como a Astrobiologia. A avaliação do público foi muito positiva, e esperamos que a atividade seja incorporada à programação regular do Parque.

20ª Semana Nacional de Ciência e Tecnologia

A semana representa uma oportunidade para dar ainda mais vista aos temas trabalhados no Parque, sendo sempre comemorada. Destacamos a programação especial realizada entre os dias 19 e 21.11.2023, quando apresentamos atividades selecionadas, dentre as que já oferecemos, e tivemos a participação especial do Projeto Arte e Ciência, (IF/USP)²⁴. Nos primeiros dias tivemos escolas convidadas e no terceiro atendemos o público espontâneo.

23. Passagem do Cometa Verde na TV Bandeirantes: <https://www.facebook.com/watch/?v=626163146188687>.

24. 20ª Semana Nacional de Ciência e Tecnologia no *Jornal da USP*: <https://jornal.usp.br/universidade/Parque-cientec-da-usp-oferece-atividades-para-o-publico-na-semana-nacional-de-ciencia-e-tecnologia/>.



Figura 5. Observação astronômica noturna no Parque CienTec. Jovem visitante observando o céu com telescópio.

Inauguração do Meliponário

O início da criação do Meliponário data de 2022, com o processo de obtenção das licenças ambientais necessárias, que culminou com sua inauguração, realizada em 18.5.2024, assim como com a inauguração da Exposição *Flores e Polinizadores*²⁵ (Figura 6). Tal atividade contribui para a colonização de abelhas nativas, bem como torna ainda mais interessante a atividade educativa do Parque, pela qual, anteriormente, visitavam-se apenas ninhos naturais. O *Jornal da USP* e a *Rádio USP* realizaram a divulgação dessa atividade, a qual atraiu público espontâneo, que aprendeu muito sobre a vida das abelhas e se encantou durante o evento.

Projetos

Insetos na Escola

Carvalho e colaboradores²⁶ destacam a valiosa contribuição das caixas entomológicas na aprendizagem de estudantes. O projeto Insetos na Escola é uma iniciativa do Departamento de Zoologia do IB, que oferece insetários para serem emprestados a escolas, bem como utilizados em atividades no Parque. Foi confeccionado um material especial para ser exibido na exposição *Flores e Polinizadores*, a fim de complementar o oferecimento da atividade Passeio das Abelhas. Desde 2024,

25. Inauguração do Meliponário na Rádio USP: <https://jornal.usp.br/podcast/cultura-na-usp-Parque-cientec-da-usp-inaugura-meliponario-e-nova-exposicao-de-flores-e-polinizadores/>.

26. A. L. Carvalho, Y. Nascimento e D. M. C. Sá, "Caixa Entomológica como Recurso Didático para Aulas sobre a Classe Insecta", *Diversitas Journal*, vol. 7, n. 1, pp. 0449-0462, 2022.



Figura 6.
Inauguração do
Meliponário e
da exposição
*Flores e
Polinizadores*.

o Departamento ampliou o projeto, e o CientTec passou a ser mais um dos locais de retirada de insetários²⁷.

Horta comunitária

O projeto é uma parceria com a Associação Novos Passos da Ilha – Vila Fachini, composta por moradores do bairro que faz limite com o Parque, e visa estabelecer mútua cooperação para viabilizar a manutenção, zeladoria e projetos socioambientais na faixa linear do Parque. Em uma ação de Educação Ambiental crítica

27. Página do Projeto Insetos na Escola: <https://insetosnaescola.ib.usp.br/empr%C3%A9stimo/agendamento>.



Figura 7. Canteiros e placa da horta comunitária no Parque CienTec.

e participativa²⁸, promoveu-se a revitalização de uma área que era anteriormente utilizada como “lixão” e depósito de entulho para uma horta comunitária (Figura 7), baseada na troca de saberes entre população e universidade. Em 2025, os cultivos estão sendo planejados com foco nas Plantas Alimentícias Não Convencionais (Panc), como o peixinho (*Stachys byzantina*) e a ora-pro-nóbis (*Pereskia aculeata*), ricas em diversos nutrientes, bem como em plantas especialmente importantes para a cultura brasileira, como a cabaça (*Lagenaria siceraria*), para a qual há vários usos, incluindo confecção de cuias e instrumentos musicais.

Produção de Conhecimento

Dentre as produções acadêmicas que enfocam o Parque CienTec, destacamos aquelas na área de educação não formal, seja abordando experiências que relacionam Arte e Ciência²⁹, seja investigando os processos de mediação³⁰. O livro *Plantas Notáveis do Parque CienTec*³¹ foi recentemente lançado e será subsídio para o desenvolvimento de atividades educativas sobre tais plantas. Projetos de pesquisa

28. R. L. F. Silva e N. N. Campina, “Concepções de Educação Ambiental na Mídia e em Práticas Escolares: Contribuições de uma Tipologia”, *Pesquisa em Educação Ambiental*, vol. 6, n. 1, pp. 29-46, 2011.

29. S. Ursi, D. Amaral e T. Cesquim, “Exposição ‘Tramas da Vida – Arte e Botânica’”.

30. S. Ursi e C. Gentile, “Abordagem da Botânica em Espaços de Educação Não Formal”.

31. J. H. L. E. Ottra et al., *Plantas Notáveis do Parque CienTec*, São Paulo, Edusp, 2024.

em outras áreas do conhecimento são desenvolvidos, como em Biologia, Meteorologia e Geologia, e geram publicações de dissertações, teses e artigos científicos.

IMPACTO E AVALIAÇÃO

Impactos Internos

Nosso principal impacto acadêmico recai na formação acadêmica de graduandos que vêm a ser mediadores no Parque e, também, na de todos os estudantes de ensino básico quem têm oportunidade de visitar o CienTec. Temos uma metodologia que privilegia o desenvolvimento constante e gradual dos estudantes, que ingressam como bolsistas e podem chegar a estagiários. São realizadas formações constantes com a equipe do próprio Parque, mas também com convidados externos, que discutem sobre aspectos gerais de mediação em espaços de educação não formal, educação inclusiva (por exemplo, acolhimento de visitantes TEA), temas conceituais específicos, dentre outros. Incentivamos ainda o treinamento de mediadores iniciantes realizado por mediadores experientes, com supervisão da equipe do setor educativo. A experiência em formação pode ocorrer em outros contextos, como se deu em 2024, quando a diretora do Parque coordenou as ações educativas da exposição comemorativa dos noventa anos da USP, oferecendo cursos de extensão vinculados ao CienTec. Outro impacto positivo refere-se à colaboração em eventos externos ao Parque, como a Feira USP e as Profissões, e ao acolhimento de diversos grupos de unidades distintas da USP para realização de atividades acadêmicas (por exemplo, IB, IGC, IAG, EACH).

Impactos Externos

Avaliamos que nossa atuação promove um movimento muito direto de divulgação de conhecimento científico e ambiental para a população, seja escolar ou não. As atividades do Planetário e a observação astronômica noturna são eventos marcantes nesse sentido, de grande repercussão entre participantes de todas as idades. Os relatos de aprendizagem nas diversas atividades e eventos oferecidos são constantes. Ainda, o CienTec incentiva movimentos transformadores na percepção dos visitantes para questões referentes à Ciência, Tecnologia, Sociedade e Ambiente. Podemos citar, nesse cenário, a maior participação de mulheres nas áreas de Ciência e Tecnologia do país e em posições de liderança no geral, a inclusão de pessoas com deficiência, a posição antirracista e a postura ambiental mais cons-



Figura 8.
Visita do
Projeto Mais
Meninas na
Tecnologia
(2023).

ciente. São ações realizadas no presente, com vistas ao futuro. Exemplificamos isso com base na atividade de acolhimento do Projeto Mais Meninas na Tecnologia, em 2023 (Figura 8), Trilhas Educativas realizadas regularmente no Parque (Figura 4), iniciativas de Ciência Cidadã (por exemplo, observação de fauna) e a Horta Comunitária (Figura 7). A última iniciativa contribui de diversas formas para a educação da comunidade do entorno do Parque, bem como permite à equipe do Parque ter contato com saberes que enriquecem sua atuação.

As redes sociais do Parque são, além de um importante veículo de comunicação de nossa programação, uma plataforma relevante para iniciativas de divulgação científica. Destacamos as postagens sobre energias renováveis, desenvolvidas em parceria com o INCT do Bioetanol (IB), que podem ser observadas nos perfis de Instagram e Facebook. Na presente gestão, aumentamos consideravelmente nossa atuação nessas redes, bem como na mídia em geral, amplificando o alcance de nossas ações, por exemplo, divulgando a importância da Mata Atlântica³² ou das fontes do Riacho do Ipiranga³³.

32. Dia da Mata Atlântica e o Parque CienTec no Antena Paulista, tv Globo: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/antena-paulista/video/parque-cientec-ensina-sobre-preservacao-ambiental-fisica-e-geografia-11654706.ghml>.

33. Independência do Brasil e as fontes do Riacho do Ipiranga em *O B do Brasil*, Canal History Brasil: <https://www.youtube.com/watch?v=7RX6N6SMTYQ&list=PLAr32Yg8UkBg9Qhv65XxFAQNiaub9qzFPY&index=3>.

O CienTec desenvolve inúmeras ações associadas à promoção dos Objetivos do Desenvolvimento Sustentável da ONU (ODS). Podemos destacar uma relação entre a atuação do Parque com os seguintes ODS: 2, 4, 6, 11, 12, 13 e 15, conforme apresentado no Quadro 2.

Quadro 2. ODS trabalhados no cotidiano do Parque CienTec.

ODS 2. FOME ZERO E AGRICULTURA SUSTENTÁVEL

Especialmente no item 2.4, *garantir sistemas sustentáveis de produção de alimentos*, visto que mantemos uma estação agroecológica com horta comunitária.

ODS 4. EDUCAÇÃO DE QUALIDADE

Especialmente no item 4.7, *garantir que todos os alunos adquiram conhecimentos e habilidades necessárias para promover o desenvolvimento sustentável*, inclusive, entre outros, por meio da educação para o desenvolvimento sustentável e estilos de vida sustentáveis, direitos humanos, igualdade de gênero, promoção de uma cultura de paz e não violência, cidadania global e valorização da diversidade cultural e da contribuição da cultura para o desenvolvimento sustentável. Também atuamos no item 4 a., relacionado à formação de professores.

ODS 6. ÁGUA POTÁVEL E SANEAMENTO

Especialmente no item 6.6, *proteger e restaurar ecossistemas relacionados com a água, incluindo montanhas, florestas, zonas úmidas, rios, aquíferos e lagos*. Somos parte do Parque Estadual das Fontes do Ipiranga, com inúmeras nascentes localizadas no Parque, e temos como um de nossos objetivos a conservação das mesmas e do ecossistema de Mata Atlântica no qual estão inseridas.

ODS 11. CIDADES E COMUNIDADES SUSTENTÁVEIS

Especialmente o item 11.4, *fortalecer esforços para proteger e salvaguardar o patrimônio cultural e natural do mundo*. Também *proporcionamos o acesso universal a espaços públicos seguros, inclusivos, acessíveis e verdes*, particularmente para as mulheres e crianças, pessoas idosas e pessoas com deficiência (item 11.7).

ODS 12. ASSEGURAR PADRÕES DE PRODUÇÃO E DE CONSUMO SUSTENTÁVEIS

Nosso trabalho educacional está diretamente relacionado ao item 12.8, *garantir que as pessoas, tenham informação relevante e conscientização para o desenvolvimento sustentável e estilos de vida em harmonia com a natureza*.

ODS 13. AÇÃO CONTRA A MUDANÇA GLOBAL DO CLIMA

Especialmente no item 13.3, *melhorar a educação, aumentar a conscientização e a capacidade humana sobre mitigação, adaptação, redução de impacto e alerta precoce da mudança do clima*.

ODS 15. VIDA TERRESTRE

Sendo o CienTec parte de uma área de conservação, estamos inseridos muito fortemente neste objetivo, especialmente no item 15.1, *assegurar a conservação, recuperação e uso sustentável de ecossistemas terrestres e de água doce interiores e seus serviços*, em especial, no caso do CienTec, as florestas.

Indicadores

Um primeiro e importante indicativo de impacto é o número total de visitas, que superou os patamares do período pré-pandemia (Quadro 1). No entanto, julgamos que apenas esse indicador quantitativo não é suficiente para análises mais amplas. O Parque disponibiliza aos visitantes um questionário, respondido por todos os responsáveis de grupo que participam de atividades. Para o público espontâneo, a avaliação não é sistemática, mas realizada pelos retornos das pessoas ao Parque, o que é constatado pelos registros escritos em nossos canais de comunicação virtuais (*site* e redes sociais Facebook e Instagram), bem como via telefone ou *e-mail*, no setor de agendamentos do Parque.

No geral, a avaliação dos visitantes é muito positiva quanto aos seguintes indicadores: qualidade de mediação (rigor conceitual, empenho e cordialidade da equipe, adaptação à faixa etária dos visitantes), variedade de atividades, possibilidade de contato com área verde e oferecimento de eventos especiais temáticos nos finais de semana. As sessões do Planetário são um ponto de destaque positivo muito frequente. A avaliação é geralmente negativa em relação ao estado geral de conservação do Parque, especialmente das edificações, mas também de pavimentos e de alguns equipamentos específicos. A ausência de oferecimento de alimentação é outra questão recorrente entre os pontos a serem melhorados.

AValiação GERAL

Principais Desafios

Conforme pontuado ao longo do texto, enfrentamos desafios de diversas naturezas durante a gestão. No entanto, apontamos duas problemáticas como as que mais se destacam. Uma delas é a necessidade de melhoria da infraestrutura geral, enfocando-se desde aspectos básicos (como esgoto), até a reforma e restauração de edifícios, bem como a necessidade de acessibilidade nas instalações do CienTec. Ainda, os efeitos de eventos climáticos extremos têm sido sentidos de forma cada vez mais acentuada no Parque (como as constantes quedas de árvores), e será necessário buscar formas de mitigar seus efeitos.

Um segundo ponto crítico é a ausência de servidores especialistas em algumas áreas de conhecimentos relevantes para o Parque, como Astronomia, que seria a área ideal de um responsável pelo Planetário. Atualmente, o equipamento é operado por servidores não especialistas e por mediadores preparados para essa tarefa.

O mesmo cenário se apresentava em relação à Biologia e ao Laboratório de Microscopia. No entanto, a recente transferência de uma servidora de nível superior na área trouxe uma resolução positiva para a situação. O número de terceirizados no setor de manutenção também é outro desafio, pois prejudica os cuidados gerais com o Parque (questões de jardinagem, limpeza), algumas outras atividades específicas e a segurança.

Oportunidade de Inovação e Propostas de Melhorias

Algumas iniciativas de inovação possíveis parecem promissoras para a promoção do aprimoramento das ações do Parque, como *I.* participação efetiva em redes nacionais e internacionais de espaços de educação não formal; *II.* realização de exposições de alta qualidade e atrativas aos visitantes; *III.* desenvolvimento de um programa robusto para formação de professores na área de Educação Científica e Ambiental; e *IV.* parcerias com órgão governamentais. Durante esta gestão, foi realizado um estudo aprofundado, pela Superintendência de Espaços Físicos da USP (SEF) e pela Pró-Reitoria de Cultura e Extensão Universitária, visando a aprimorar a utilização das instalações do Parque. A criação de um moderno museu sobre evolução humana nas dependências do CienTec também foi objeto de discussões e projetos. Tais propostas não foram colocadas em prática devido a um cenário complexo de fatores. No entanto, o estudo pode representar uma oportunidade de inovação na ocupação de espaços do CienTec e, como consequência, em sua gestão e atuação junto ao público.

Sem a pretensão de esgotar a discussão, apresentamos algumas propostas pontuais para o futuro próximo, que possam auxiliar de forma prática no funcionamento do Parque. A propósito de parcerias, sugere-se o estreitamento de relações com unidades da USP, especialmente com o Instituto de Química e a Escola Politécnica, que poderão abordar temas ainda pouco explorados no Parque. Consideramos que a relação com a Vila Fachini, hoje concretizada pelo projeto da horta comunitária, deve ser mantida e ampliada, caminhando para uma troca de saberes cada vez mais significativa.

Sobre a interação da equipe de servidores do Parque, é necessário intensificar o estímulo às reuniões e atividades de integração dentro de cada setor, entre representantes desses diferentes setores e desses com a direção. Reuniões gerais e *workshops* temáticos têm potencial para unir e estimular a equipe. Parte desses encontros pode ser mediada por agentes externos ao Parque, que possam abordar com propriedade temas como governança, comunicação não violenta, combate ao assédio, entre outros. A transparência nas atribuições e a divisão de tarefas efi-

ciente em todos os níveis é outro ponto a ser destacado. A avaliação e busca por melhores formas de organização e procedimentos deve ser constante.

Quanto às atividades educacionais, temos um rico repertório oferecido atualmente aos visitantes do Parque. Devemos continuar desenvolvendo um processo constante de avaliação e aprimoramento. Nessa perspectiva, podemos incorporando aspectos mais investigativos aos roteiros já existentes ou ampliar discussões que abranjam aspectos sociocientíficos relevantes da atualidade. Assim, atividades multidisciplinares devem ser desenvolvidas, retomando aspectos já discutidos desde a fundação do Parque, como energia renovável. A educação inclusiva também deve ser um ponto central das atividades. A formação de mediadores pode incorporar o desenvolvimento do Conhecimento Pedagógico do Conteúdo como um de seus pilares, ampliando os processos formativos já realizados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O CienTec percorreu uma jornada de superação de vários desafios no período pós-pandemia, passando do fechamento do Parque e da aceleração da degradação da infraestrutura para uma situação em que todas as atividades foram retomadas, com ampliação da qualidade e do repertório oferecido, bem como com aumento do público total atendido para patamares maiores do que os verificados antes da pandemia. Superada essa fase inicial de retomada, o Parque tem condições de buscar novas alternativas de atuação, inclusive de um modelo de divulgação científica e educação não formal baseado em iniciativas cada vez mais dialogadas com a sociedade e não apenas focadas em um modelo de transferência de conhecimento. O órgão tem um potencial enorme, e esperamos que as reflexões aqui apresentadas possam contribuir para o planejamento e as ações futuras.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BRASIL. *Base Nacional Comum Curricular: Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio*. Brasília, MEC/Secretaria de Educação Básica, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em 30 mar. 2025.
- BUSCH, K. C.; KUDUMU, M. & PARK, S. "Pedagogical Content Knowledge for Informal Science Educators: Development of the ISE-PCK Framework". *Research in Science Education*, vol. 53, n. 2, pp. 253-274, 2023. DOI: <https://doi.org/10.1007/s11165-022-10055-9>.
- CARVALHO, A. L.; NASCIMENTO, Y. & SÁ, D. M. C. "Caixa Entomológica como Recurso Didático para Aulas sobre a Classe Insecta". *Diversitas Journal*, vol. 7, n. 1, pp. 0449-0462, 2022. DOI: <https://doi.org/10.48017/dj.v7i1.1848>.

- FICHEMAN, I. K. *et al.* “Uma Aventura no Espaço com a Nave Mário Schenberg: Ambiente Colaborativo em Realidade Virtual para Aprendizagem de Ciências”. In: *Anais do XIX Simpósio Brasileiro de Informática na Educação*. Fortaleza, 2008, pp. 746-755. Disponível em: <http://milanesa.ime.usp.br/rbie/index.php/sbie/article/download/763/749>. Acesso em 30 mar. 2025.
- HURD, P. D. “Scientific Literacy: New Minds for a Changing World”. *Science Education*, vol. 82, n. 3, pp. 407-416, 1998. DOI: [https://doi.org/10.1002/\(SICI\)1098-237X\(199806\)82:3<407::AID-SC66>3.0.CO;2-G](https://doi.org/10.1002/(SICI)1098-237X(199806)82:3<407::AID-SC66>3.0.CO;2-G).
- MANTOVANI, M. S. M. *Ciência e Tecnologia no Parque*. São Paulo, Edusp, 2004.
- _____.; GLEZER, R. & MASSABKI, P. H. B. “Laboratório a Céu Aberto – O Parque CienTec/USP”. In: MANTOVANI, M. S. M. & GLEZER, R. (orgs.). *Parques Urbanos e Lazer nas Áreas Públicas*. São Paulo, Planetaterra, 2009, pp. 156-171.
- MANTOVANI, M. S. M. & MASSAMBANI, O. *Parque Cientec – Parque de Ciência e Tecnologia da USP: Restauração do Conjunto Arquitetônico de Importância Histórica para Abrigar Atividades de Difusão da Ciência e da Tecnologia*. São Paulo, Edusp, 2004.
- MARINHO, L. C. *et al.* “Brazilian Botanists Flirting with Arts: Valuing the Multicultural Heritage”. *American Journal of Botany*, vol. 69, Special Issue *Art and the Botanical Sciences: Past, Present, and Future*, pp. 182-185, 2023. Disponível em: https://botany.org/userdata/IssueArchive/issues/originalfile/WebPSB_69_3_2023.pdf. Acesso em 30 mar. 2025.
- OTTRA, J. H. L. E. *et al.* *Plantas Notáveis do Parque CienTec*. São Paulo, Edusp, 2024.
- SILVA, R. L. F. & CAMPINA, N. N. “Concepções de Educação Ambiental na Mídia e em Práticas Escolares: Contribuições de uma Tipologia”. *Pesquisa em Educação Ambiental*, vol. 6, n. 1, pp. 29-46, 2011. DOI: <https://doi.org/10.18675/2177-580X.vol6.n1.p29-46>.
- SILVA, S. M. & ROSA, A. R. “O Impacto da Covid-19 na Saúde Mental dos Estudantes e o Papel das Instituições de Ensino como Fator de Promoção e Proteção”. *Revista Práxis*, vol. 2, pp. 189-206, 2021. DOI: <https://doi.org/10.25112/rpr.v2io.2446>.
- TASKAN, B. *et al.* “Clarifying the Conceptual Map of VUCA: A Systematic Review”. *International Journal of Organizational Analysis*, vol. 30, n. 7, pp. 196-217, 2022. DOI: <https://doi.org/10.1108/IJOA-02-2022-3136>.
- URSI, S.; AMARAL, D. & CESQUIM, T. “Exposição ‘Tramas da Vida – Arte e Botânica’: Encantamento e Conhecimento no Parque CienTec da USP”. In: CERQUEIRA, B. R. S. *et al.* (orgs.). *E a Vida Continua: Vazios e Esperanças no Ensino de Ciências e de Biologia: Coletânea de Trabalhos do v Erebio-R1*. São Paulo, Pimenta Cultural, 2023, pp. 263-272. Disponível em: <https://www.pimentacultural.com/livro/vida-continua/>. Acesso em 30 mar. 2025.
- URSI, S.; BARBOSA, P. P.; SANO, P. T. & BERCHEZ, F. A. S. “Ensino de Botânica: Conhecimento e Encantamento na Educação Científica”. *Estudos Avançados*, vol. 32, n. 94, pp. 7-24, 2018. DOI: <https://doi.org/10.1590/s0103-40142018.3294.0002>.
- URSI, S. & GENTILE, C. “Abordagem da Botânica em Espaços de Educação Não Formal: Conhecimento Pedagógico do Conteúdo de Mediadores do Parque CienTec”. In: *Anais do IX Encontro Nacional de Ensino de Biologia*. Belo Horizonte, no prelo.
- URSI, S.; SALATINO, A. “Nota Científica – É Tempo de Superar Termos Capacitistas no Ensino de Biologia: Impercepção Botânica como Alternativa para ‘Cegueira Botânica’”. *Boletim de Botânica da Universidade de São Paulo*, vol. 39, pp. 1-4, 2022. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9052.v39p1-4>.
- WANDERSEE, J. H. & SCHUSSLER, E. E. “Toward a Theory of Plant Blindness”. *Plant Science Bulletin*, vol. 47, pp. 2-9, 2001. Disponível em: https://www.botany.org/userdata/IssueArchive/issues/originalfile/PSB_2001_47_1.pdf. Acesso em 30 mar. 2025.

CAPÍTULO 12

ESTAÇÃO CIÊNCIA: Educação Científica e Reativação Social

ASTOLFO GOMES DE MELLO ARAUJO¹

MERCEDES OKUMURA²

PATRÍCIA MOURAD³

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Histórico e Contexto

A Estação Ciência é um centro de difusão científica, tecnológico e cultural da Universidade de São Paulo. Sua existência cumpre uma das três principais missões da Universidade, que é promover para a sociedade o acesso à toda ciência nela desenvolvida, de modo facilitado e inteligível. O acesso à educação e ao conhecimento científico é o principal caminho para o desenvolvimento de uma sociedade mais justa, inclusiva e sustentável.

A Estação Ciência foi originalmente fundada pelo CNPq em 1987, passando a ser parte da USP em 1990. Era um museu dedicado à divulgação dos aspectos da ciência, tecnologia e indústria. Atendia anualmente trezentas mil pessoas, número extremamente expressivo, além de ter recebido vários prêmios, dentre eles o Prêmio José Reis de Divulgação Científica e o Premio Latinoamericano de Popularización de Ciencia y Tecnología – RedPOP/Unesco⁴. Relacionava-se ao conceito de “museu de tecnologia”, aplicado em vários países do mundo a partir dos anos 1970.

Em 2013 o prédio foi fechado para reforma e, finalmente, em 2016, foi devolvido para o Governo do Estado.

1. Professor do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo (MAE/USP), diretor da Estação Ciência.

2. Professora do Instituto de Biociências da Universidade de São Paulo (IB/USP), vice-diretora da Estação Ciência.

3. Assistente de Relações Institucionais da Universidade de São Paulo.

4. Ver: <https://www.fea.usp.br/cultura-e-extensao/programas-e-projetos-usp/estacao-ciencia>.

O *Jornal da USP* anunciava, em maio de 2016, que seria organizado um

[...] grupo de trabalho com os diretores do Museu de Ciências e Parque CienTec na elaboração das políticas de difusão científica da PRCEU. “O que também vai dar base a um novo projeto para a Estação Ciência, inclusive definindo a futura concepção museológica, mais atualizada e eficaz na comunicação com o público”, segundo a assessoria.

Entre 2016 e 2018 o acervo expositivo da Estação Ciência foi transferido para outros espaços da USP, como o Parque CienTec, a Escola de Engenharia de Lorena (EEL), a Escola de Artes, Ciências e Humanidades (EACH) e o Centro de Difusão Científica e Cultural de São Carlos (CDCC)⁵.

A Estação Ciência ficou inativa até 2022, quando a atual gestão nomeou o Professor Luiz Eduardo Anelli, do Instituto de Geociências, como diretor. A proposta da Estação Ciência foi bastante modificada, tomando um aspecto muito mais voltado à divulgação da Teoria da Evolução do que de Ciência e Tecnologia, tendo em vista não só o desmonte da estrutura original, como o fato de que o Parque CienTec está desempenhando esse papel de maneira ativa.

Durante boa parte do ano de 2022 a diretoria da Estação Ciência focou seus esforços na concepção de uma exposição de grande porte que seria montada em um prédio novo, a ser construído nas dependências do Parque CienTec. Infelizmente esse projeto não foi adiante, e com isso as atividades de extroversão mais tradicionais foram retomadas de maneira um pouco tardia, mas ainda assim se mostraram bastante profícuas.

MISSÃO E FINALIDADE: A Estação Ciência da USP tem por missão oferecer educação científica e prática que proporciona a crianças, jovens e adultos o desenvolvimento de um interesse genuíno pela ciência e pela compreensão do mundo à sua volta.

RELEVÂNCIA: A existência de um órgão que se dedique a divulgar e valorizar o ensino da ciência em suas mais diversas modalidades é uma atividade de enorme relevância, sem a qual a Universidade não alcançaria de maneira plena sua missão.

Estrutura e Operacionalização

a) **ORGANIZAÇÃO INTERNA:** A Estação Ciência conta atualmente com o diretor (Professor Astolfo Araujo – MAE/USP), a vice-diretora (Professora Mer-

5. Ver: <https://jornal.usp.br/universidade/estacao-ciencia-nao-voltara-para-antigo-predio-e-equipamentos-sao-distribuidos/>.

cedes Okumura – IB/USP) e a assistente técnica (Patrícia Mourad). Além disso, conta com um estagiário em regime de trinta horas semanais.

- b) **PARCERIAS E COLABORAÇÕES:** A Estação Ciência desenvolveu, nos últimos três anos, diversas parcerias com o objetivo de promover atividades de divulgação. As principais entidades parceiras são Sesc, Sesi, Fundação Casa Osasco, Fundação Casa Guarujá, Centro de Difusão Científica e Cultural de São Carlos, Unesp de Rio Claro, Museu Magma de Botucatu e Museu de Paleontologia de Taubaté.
- c) **RECURSOS:** A principal fonte de financiamento é a PRCEU.

ATIVIDADES REALIZADAS

Projetos e Programas

A principal atividade realizada pela Estação Ciência são as Oficinas de Réplicas. Tais oficinas são um grande sucesso junto ao público interno e externo à Universidade e permitem o contato dos participantes com diferentes formas de vida representadas por fósseis. Cada fóssil apresentado é alvo de explicações, e os participantes aprendem a fazer moldes dos mesmos.

Eventos

Os principais eventos organizados pela Estação Ciência foram:

- Exposição *Patagotitan – O Maior do Mundo* (Figuras 1 e 2). Foi uma exposição dividida em módulos agrupados em três tópicos básicos, centrados nas três grandes linhagens de dinossauros. Por meio delas, o público conheceu os maiores e alguns dos menores dinossauros já encontrados. Mais do que apenas um passeio, a mostra é também uma aula rica em conceitos ligados às ciências da Terra e à biologia. Através de vídeos e estações modernas e interativas, os visitantes foram apresentados aos principais conceitos de geologia, tempo geológico, paleogeografia e o método científico.
São Paulo: set. 2022 a nov. 2022 – 104 895 pessoas.
Rio de Janeiro: 22 jan. a 30 abr. 2023 – 79 172 pessoas.
- Palestra para os menores infratores em regime socioeducativo da Fundação Casa: cinquenta jovens (Figura 3). O objetivo foi uma conversa informal com os alunos sobre dinossauros a fim de responder as curiosidades; mos-



Figura 1. Cartaz da exposição *Patagotitan*.



Figura 2. Aspecto da exposição *Patagotitan*. Foto: Acervo Estação Ciência.

trar réplicas de dinossauros; mostrar a importância da biologia, geografia, paleontologia e de todas as áreas do conhecimento; apresentar o universo diferente, encantador e apaixonante da educação e da cultura e principalmente a importância do estudo; plantar a semente da curiosidade.

- Palestra na Feira das Profissões USP.
- Feira de Ciências 2022: Ciência, Tecnologia e Sociedade – O Papel da Escola na Leitura do Mundo. Alunos e professores de 56 escolas, totalizando mais de 1600 alunos da rede municipal de Osasco (Figura 4). Objetivos: disseminar a ciência; sair do lugar comum de um projeto isolado e descontextualizado; resgatar o prazer de aprender; instrumentalizar o professor, estimulando o desenvolvimento de ideias com propostas possíveis de intervenção; desenvolver autonomia e a capacidade de leitura crítica; aplicar situações dinâmicas e exequíveis na realidade das escolas.
- Palestra para alunos do Sesi: trezentos alunos.
- Projeto Trilha dos Dinossauros Estação Ciência:



Figura 3. Palestra para menores da Fundação Casa. Foto: Acervo Estação Ciência (esq.).



Figura 4. Palestra para alunos da rede municipal de Osasco. Foto: Acervo Estação Ciência (dir.).



Figura 5. Oficina de réplicas no Engenho dos Erasmos, Santos, São Paulo. Foto: Acervo Estação Ciência (esq.).



Figura 6. Oficina de réplicas na Fundação Casa, Guarujá, São Paulo. Foto: Acervo Estação Ciência (dir.).

Fase I: 10 a 27 abr. 2023. Nove cidades visitadas; oito escolas para seis museus; quinze palestras realizadas; duas visitas guiadas. Público total: 1 585 alunos, professores e visitantes.

Fase II: 6 a 23 de maio de 2023. Dez cidades visitadas; seis escolas; quatro universidades; seis museus; catorze palestras realizadas. Público total: 1 332 alunos, professores e visitantes.

- Capacitação de professores da rede pública, Sesc Campinas. 160 professores.
- Evento Pergunte ao Cientista, Sesc Paulista.

Foi atendido um público espontâneo, em uma conversa informal sobre biologia, geografia, geologia, evolução e dinossauros. Público estimado: quinhentas pessoas.



Figura 7. Oficina de réplicas no Museu Magma, Botucatu, São Paulo. Foto: Acervo Estação Ciência (*esq.*).

Figura 8. Oficina de réplicas em Rio Claro, São Paulo. Foto: Acervo Estação Ciência (*dir.*).



Figura 9. Oficina de réplicas em São Carlos, São Paulo. Foto: Acervo Estação Ciência (*esq.*).

Figura 10. Oficina de réplicas em Taubaté, São Paulo. Foto: Acervo Estação Ciência (*dir.*).

- Oficinas de Réplicas: Foram realizadas oficinas de réplicas de fósseis em várias instituições do Estado de São Paulo. As oficinas atraem um público extremamente variado, desde crianças pequenas até idosos (Figuras 5 a 10).

IMPACTO E AVALIAÇÃO

Impacto Interno

As atividades da Estação Ciência, em especial a Oficina de Réplicas, têm um impacto considerável na comunidade USP. Foram realizadas duas oficinas recentemente, uma no Museu de Arqueologia e Etnologia e outra no âmbito da recepção aos calouros, no Cepe/USP. As métricas utilizadas para avaliar o sucesso se referem ao número de participantes.

Impacto Externo

A principal área de atuação da Estação Ciência se dá no âmbito extramuros, seja por meio de exposições, palestras ou da realização da Oficina de Réplicas, conforme apresentado acima.

Indicadores e Métricas

Até o momento os indicadores utilizados se referem ao número de pessoas presentes nas atividades. Como não temos página na Internet ou em redes sociais, não há como mensurar o impacto das atividades nesses termos.

AVALIAÇÃO GERAL

Principais Desafios

Conforme exposto inicialmente, a Estação Ciência perdeu seu prédio em 2013 e foi efetivamente desmontada entre 2016 e 2018⁶. Houve, portanto, um hiato de quatro anos em suas atividades, que só começou a ser revertido a partir de 2022.

As limitações para o funcionamento adequado deste órgão são, principalmente, a ausência de uma sede que permita a montagem de exposições e de auditório para a realização de palestras; o corpo funcional reduzido, com apenas uma assistente técnica e um estagiário; e a invisibilidade nas redes sociais.

6. Ironicamente, o mesmo ano do falecimento do Professor Ernst Hamburger, um dos principais expoentes da academia brasileira e diretor da Estação Ciência entre 1994 e 2003.

Oportunidades de Inovação

Estamos propondo um espaço para uma exposição permanente com a apresentação do *conceito de evolução em todas as suas manifestações*: biológica, humana, cultural. Entendemos que essa ideia é realmente inovadora e colocaria o Brasil, e mais especificamente a USP, na vanguarda da divulgação científica. Não propomos um museu de História Natural, ao menos nos moldes já conhecidos, porque não trataremos da evolução apenas em termos biológicos; não será tampouco um museu de evolução humana ou arqueologia. A ideia é tratar a evolução como conceito e, portanto, apresentá-lo em termos teóricos, gerais, para depois demonstrar, por meio de vários exemplos divididos em módulos, como esse conceito permeia toda a vida na Terra, incluindo assuntos humanos. Até onde sabemos, não existe no mundo um museu ou exposição permanente com esse foco. Assim como a antiga proposta da Estação Ciência se tornou modelo e foi implementada em outros locais do Brasil, entendemos que esta nova proposta se configura inédita, com potencial para servir de modelo para outras instituições, inclusive em outros países do mundo. As instâncias de museus com o nome “Museu da Evolução” ou algo similar ocorrem apenas na Europa (Polônia, Dinamarca e Suécia), mas em todos os casos trata-se de museus de História Natural ou apenas focados em fósseis.

Atrelados à exposição, queremos realizar ciclos de palestras sobre ciência para o público interno e externo à Universidade, convidando especialistas das mais diversas áreas.

No tocante às Oficinas de Réplicas, começaremos a incluir também material arqueológico, tornando as atividades educativas mais amplas e angariando um público ainda maior.

Propostas de Melhoria

Com relação à sede, estamos trabalhando para que um dos espaços existentes nas Colmeias seja readequado para uso expositivo. Ao lado do espaço que pleiteamos há um auditório que, apesar de necessitar reparos, adequa-se perfeitamente à realização de palestras.

No tocante à Oficina de Réplicas, estamos pleiteando o aumento do número de estagiários para que as ações sejam mais frequentes e efetivas.

Estamos trabalhando para que seja aberto um *site* da Estação Ciência, assim como sua inserção em redes sociais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar da exiguidade de recursos humanos e da ausência de uma sede física, não seria exagero afirmar que a Estação Ciência tem cumprido seu papel de maneira exemplar.

As métricas apresentadas permitem avaliar o impacto que uma equipe tão pequena foi capaz de gerar em um intervalo de tempo relativamente curto, ainda mais se descontarmos boa parte do ano de 2022, considerando a exposição que não ocorreu.

Temos o objetivo de trabalhar incansavelmente para a divulgação do conhecimento científico, e com isto herdamos a missão original da Estação Ciência, seguindo os passos do professor Ernst Hamburger, ainda que com a atenção voltada para as questões evolutivas, que é a área do conhecimento científico sob maior risco de ataque na atualidade.

Enfim...

MARLI QUADROS LEITE

Ao concluir este livro, reafirmamos a cultura e a extensão universitária como dimensões indissociáveis do projeto público da Universidade de São Paulo. Cultura, como aqui compreendida, é o conhecimento que nos move. Extensão é o ato de partilhar, dialogar e transformar esse conhecimento em prática social.

Cada capítulo desta obra revela como diferentes núcleos da USP têm-se empenhado em construir conexões firmes entre a universidade e a sociedade, promovendo experiências que não apenas transmitem saberes, mas que também os ressignificam em diálogo com a diversidade de vozes e demandas do mundo contemporâneo.

A cultura e a extensão, quando compreendidas como comunicação e, portanto, ações transformadoras, não são acessórios da vida universitária: são sua própria razão de ser em uma sociedade livre e plural. O impacto transformador das ações aqui descritas confirma que o conhecimento, quando compartilhado com generosidade, rigor e responsabilidade social, amplia horizontes, enriquece trajetórias e constrói futuro mais promissor.

Este livro é, portanto, um convite à continuidade crítica do trabalho que foi desenvolvido na gestão 2022-2026: fortalecer a cultura como produtora de conhecimento e sentido; avançar na consolidação da extensão como eixo formativo e transformador da sociedade; e reafirmar a universidade pública como espaço de diálogo, criação de futuro mais justo para todos.

Que a reflexão aqui provocada inspire novas práticas, novas ideias e novas formas de tornar a USP cada vez mais aberta, plural e comprometida com o seu tempo e com o seu povo.

ÓRGÃOS DE CULTURA E EXTENSÃO

BBM – Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin

Diretor: Prof. Dr. Alexandre Macchione Saes

Vice-Diretor: Prof. Dr. Hélio de Seixas Guimarães

- Rua da Biblioteca, s/n — Cidade Universitária | São Paulo
- (11) 2648-0310 | bbm@usp.br | <http://bbm.usp.br/>

CPC – Centro de Preservação Cultural — Casa de Dona Yayá

Diretora: Prof.^a Dr.^a Flávia Brito do Nascimento

Vice-Diretora: Prof.^a Dr.^a Joana Mello de Carvalho e Silva

- Rua Major Diogo, 353 — Bela Vista | São Paulo
- (11) 2648-1501 | cpcadm@usp.br | <https://cpc.webhostusp.sti.usp.br/>

Cinusp – Cinema da Universidade de São Paulo – Paulo Emilio

Diretor: Prof. Dr. Eduardo Victorio Morettin

Vice-Diretor: Prof. Dr. Henri Pierre Arraes de Alencar Gervaiseau

- Centro Cultural Camargo Guarnieri – Rua do Anfiteatro, 109 – Cidade Universitária | São Paulo
- (11) 3091-3540 | cinusp@usp.br | <https://cinusp.webhostusp.sti.usp.br/>

Coralusp – Coral da Universidade de São Paulo

Diretora: Márcia Hentschel

Vice-Diretora: Elisabeth Amin

- Centro Cultural Camargo Guarnieri – Rua do Anfiteatro, 109 – Cidade Universitária | São Paulo
- (11) 3091-3930 | coralusp@usp.br | <https://coralusp.prceu.usp.br/>

Resje – Monumento Nacional Ruínas Engenho São Jorge dos Erasmos

Diretor: Prof. Dr. Yuri Tavares Rocha

Vice-Diretora: Olga Maurício Mendonça

- Rua Alan Ciber Pinto, 96 – Vila São Jorge | Santos
- (13) 3229-2703 | ruinasengenho@usp.br | <http://www.engenho.prceu.usp.br/>

Ceuma – Centro Universitário Maria Antonia

Diretora: Prof.^a Dr.^a Ana Castro

Vice-Diretor: Prof. Dr. Ivo Giroto

- Rua Maria Antonia, 258 e 294 – Vila Buarque | São Paulo
 - (11) 3123-5202 | secretariama@usp.br | <https://www.mariantonia.prceu.usp.br>
-

Osusp – Orquestra Sinfônica da Universidade de São Paulo

Diretora: Prof.^a Dr.^a Cássia Carrascoza Bomfim

Vice-Diretora: Mayra Moraes

- Centro Cultural Camargo Guarnieri – Rua do Anfitheatro, 109 – Cidade Universitária | São Paulo
- (11) 3091-3000 | sinfonica@usp.br | <https://osusp.prceu.usp.br/>

Parque CienTec – Parque de Ciência e Tecnologia

Diretor: Prof.^a Dr.^a Suzana Ursi

Vice-Diretor: Prof.^a Dr.^a Juliana Hanna Leite El Ottra

- Avenida Miguel Stéfano, 4200 — Água Funda | São Paulo
- (11) 2648-4300/4311 /4312 | parquecientec@usp.br | <https://parquecientec.usp.br/>

Tusp – Teatro da Universidade de São Paulo

Diretor: Prof. Dr. Luís Fernando Ramos

Vice-Diretor: José Fernando Peixoto de Azevedo

- Rua Maria Antonia, 294 — Vila Buarque | São Paulo
- (11) 3123-5233 | tuspadm@usp.br | <https://www.usp.br/tusp/>

Estação Ciência

Diretor: Prof. Dr. Astolfo G. Mello Araujo

Vice-Diretora: Prof.^a Dr.^a Mercedes Okumura

- Rua do Anfitheatro, 181, Colmeias, Favo 3, Sala 4 – Cidade Universitária | São Paulo
- estacao.ciencia@usp.br | <https://prceu.usp.br/centro/estacao-ciencia/>

Cursos e Atividades de Extensão

Escritório de Valorização da Extensão – Evex

Difusão; Aperfeiçoamento; Atualização; Especialização; Formação Profissional; Prática Profissionalizante; Programa de Atualização; Residências Uni e Multiprofissionais

- Rua da Reitoria, 374, 3º andar – Cidade Universitária | São Paulo
 - (11) 2648-0691 | evex@usp.br | <https://uspex.usp.br>
 - Resp. Técnico: Leandro Silva
 - Sobre oferecimento dos cursos: <https://uspex.com.br>
-

PROGRAMAS DE CULTURA E EXTENSÃO

USP Aproxima Escola

Integra escolas públicas e privadas à Universidade, promovendo atividades formativas e visitas.

Coord. Geral: Prof. Dr. Mauro Bertotti

Desenvolve-se em duas fases:

- USP Escola – Coord.: Prof. Dr. Eduardo Giroto
- USP.comVc – Coord.: Prof.^a Dr.^a Viviana Giampaoli
- (11) 3091-3513 | usp.aproxima.escola@usp.br

Resp. Técnica: Anna Maria Campos

USP e as Profissões

Auxilia na escolha da carreira profissional. Oferece orientação vocacional para estudantes do ensino médio.

Coord.: Prof.^a Dr.^a Paula da Cunha Corrêa

Desenvolve-se em três fases:

- De volta à escola: Eu na USP
- Visitas monitoradas
- Feira USP e as Profissões
- (11) 3091-3511 | uspprofi@usp.br

Resp. Técnica: Divisão de Ação Cultural

USP Aberta à Terceira Idade (USP 60+)

Disponibiliza atividades acadêmicas e culturais para pessoas com 60 anos ou mais.

Coord.: Dr. Egídio Dórea

- (11) 3091-9183 | usp60@usp.br

Resp. Técnica: Kátia Oliveira

USP Aproxima-Ação

Promove projetos de extensão voltados à inclusão social e impacto comunitário, junto às comunidades do entorno da USP e, em especial, mantém forte diálogo e interação com a comunidade São Remo, localizada atrás do Hospital Universitário.

Coord.: Prof.^a Dr.^a Yeda Aparecida de Oliveira Duarte

- (11) 3091-9182

Resp. Técnica: Divisão de Ação Cultural

Giro Cultural USP

Organiza visitas guiadas no *campus* Butantã da USP.

Coord.: Prof. Dr. Ricardo Ricci Uvinha

End.: Rua do Anfiteatro, 181, Colmeias, Favo 3

• (11) 3091-1190 | girocultural@usp.br

Resp. Técnica: Cássia Maria dos Santos

Nascente USP

Premia e estimula a produção artística e cultural de estudantes da USP.

Coord.: Prof. Dr. Emerson Inácio

End.: Rua do Anfiteatro, 109

• (11) 3091-3277 | nascente@usp.br

Resp. Técnico: Rodrigo Medeiros

Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares (ITCP-USP)

Apoia o desenvolvimento de cooperativas e empreendimentos econômicos solidários.

Coord.: Prof. Dr. Reinaldo Pacheco da Costa

End.: Rua do Anfiteatro, 181, Colmeias, Favo 37

• (11) 3091-4400 | itcp@usp.br

Resp. Técnica: Beatriz Rocha

Cursos e Atividades de Extensão

Escritório de Valorização da Extensão – Evex

Difusão • Aperfeiçoamento • Atualização • Especialização

Formação Profissional • Prática Profissionalizante • Programa de Atualização

Residências Uni e Multiprofissionais

End.: Rua da Reitoria, 374, 3º andar

(11) 2648-0691 | evex@usp.br | uspex.usp.br

Resp. Técnico: Leandro Silva

AGRADECIMENTOS

À equipe da Pró-Reitoria de Cultura e Extensão Universitária da Universidade de São Paulo, e aos assessores, deixo registrado meu sincero agradecimento.

Ao longo desta gestão, enfrentamos desafios complexos, que exigiram não apenas competência técnica, mas também escuta, paciência, criatividade e generosidade. Agradeço, de modo especial, às assistentes e ao assistente, cuja presença cotidiana, atenção aos detalhes e dedicação silenciosa sustentaram muito do que aqui se realizou.

Estendo minha gratidão àqueles que, em diferentes funções no gabinete, contribuíram ativamente para a consolidação das ações que compõem esta obra.

Dirijo também um agradecimento especial aos(as) Diretores(as) e Vice-Diretores(as) dos dez órgãos vinculados à prceu, cuja interlocução permanente, compromisso com a cultura e a extensão universitária, e generosa disposição para o diálogo tornaram possível uma construção conjunta, crítica e propositiva.

Finalmente, rendo meus agradecimentos à Graciele, à Isabella e ao Plínio, pelo esforço e competência com toda a edição deste livro.

*Não encontro caminhos
fáceis de andar.
Meu rosto vário desorienta as firmes pedras
que não sabem de água e ar.*

Cecília Meireles, *Mar Absoluto e Outros Poemas*, em
Obra Poética. Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1987, p. 278.

<i>Título</i>	<i>Cultura e Extensão na USP: Reflexões e Impactos</i>
<i>Organização</i>	Marli Quadros Leite
<i>Editor</i>	Plinio Martins Filho
<i>Projeto Gráfico e Capa</i>	Negrito Produção Editorial
<i>Editores Eletrônicos</i>	Negrito Produção Editorial
<i>Preparação de Texto</i>	Carolina Bednarek
<i>Revisão de Provas</i>	Graciele Carnevale
<i>Formato</i>	18 × 25,5 cm
<i>Tipografia</i>	Minion Pro 11/15 pt
<i>Papel Certificado FSC®</i>	Off-set 90 g/m² (miolo)
	Cartão Duo Design 250 g/m² (capa)
<i>Número de Páginas</i>	320
<i>Tiragem</i>	500
<i>Impressão e Acabamento</i>	Lis Gráfica



Cultura e Extensão na usp: Reflexões e Impactos, organizado por Marli Quadros Leite, apresenta um panorama crítico das ações da Pró-Reitoria de Cultura e Extensão Universitária da usp. A obra traça o perfil histórico da PRCEU e propõe uma leitura conceitual da cultura e da extensão, com foco em diretrizes que articulam essas dimensões sob o eixo do conhecimento. Reúne capítulos escritos por diretores dos dez órgãos vinculados à PRCEU, analisando suas histórias, práticas e perspectivas. Mais que um registro de atividades, o livro afirma a indissociabilidade entre cultura e extensão como pilares da missão universitária. A partir de áreas como artes, patrimônio, crítica social e difusão científica, os textos mostram como o conhecimento gerado na USP se converte em impacto social, ampliando o acesso, promovendo a cidadania e fortalecendo direitos. Ao sistematizar experiências e projetar caminhos, a obra é um instrumento estratégico para a gestão universitária e a formulação de políticas públicas.

